



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
DOUTORADO EM HISTÓRIA

MARA LÍGIA FERNANDES COSTA

**AS FACES DO DESEJO: HISTÓRIA, LITERATURA E PSICANÁLISE NA  
FICÇÃO DE CLODOALDO FREITAS  
(1880-1924)**

Recife  
2021

MARA LÍGIA FERNANDES COSTA

**AS FACES DO DESEJO: HISTÓRIA, LITERATURA E PSICANÁLISE NA  
FICÇÃO DE CLODOALDO FREITAS  
(1880-1924)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de doutora em História.  
Área de concentração: Sociedade, Culturas e Poderes.

Orientação: Prof. Dr. Flávio Weinstein Teixeira  
Coorientação: Prof. Dr. Antônio Jorge de Siqueira.

Recife  
2021

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Valdicea Alves Silva, CRB4-1260

C837f Costa, Mara Lúcia Fernandes.  
As faces do desejo: história, literatura e psicanálise na ficção de Clodoaldo Freitas (1880-1924) / Mara Lúcia Fernandes Costa – 2021  
207 f.: il.; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Weinstein Teixeira.  
Coorientação: Prof. Dr. Antônio Jorge de Siqueira.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.  
Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2021.  
Inclui referências.

1. História. 2. Ficção histórica. 3. Literatura erótica. 4. Pessoas-  
Conhecimentos literários. 5. Formas literárias. 6. Psicologia I. Teixeira,  
Flávio Weinstein(Orientador).II.Siqueira, Antônio Jorge de (Coorientação).  
III. Título.

981.34 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2021-182)

MARA LÍGIA FERNANDES COSTA

**AS FACES DO DESEJO: HISTÓRIA, LITERATURA E PSICANÁLISE NA  
FICÇÃO DE CLODOALDO FREITAS  
(1880-1924)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de doutora em História.

Área de concentração: Sociedade, Culturas e Poderes.  
Linha de Pesquisa: Cultura e Memória.

Aprovado (a) \_\_/\_\_/\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Flávio Weinstein Teixeira  
Universidade Federal de Pernambuco  
(Orientador)

---

Prof. Dr. Antônio Jorge de Siqueira  
Universidade Federal de Pernambuco  
(Coorientador)

---

Prof. Dr. Antônio Paulo de Moraes Rezende  
Universidade Federal de Pernambuco  
(Examinador)

---

Prof. Dr. Paulo Marcondes Ferreira Soares  
Universidade Federal de Pernambuco  
(Examinador)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz  
Universidade Federal do Piauí  
(Examinadora)

---

Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco  
Universidade Federal do Piauí  
(Examinador)

---

Prof. Dr. Augusto César Acioly Paz Silva  
Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde  
(Suplente Externo)

*À minha amada mãe,  
Maria das Mercês Costa Fernandes  
(In Memoriam)*

## AGRADECIMENTOS

A primeira pessoa a quem eu dirijo minha gratidão por essa tese concluída se chama Maria das Mercês Costa Fernandes. Além de ser minha mãe, ela foi a maior incentivadora da minha carreira profissional. Como professora aposentada, e, mãe coruja que era, um dos seus sonhos era ver sua filha obter o título de doutorado. Infelizmente o destino impediu Dona Mercês de testemunhar esse episódio da minha vida, uma vez que deixou prematuramente a vida terrena em maio de 2019. Prosseguir com esse projeto – que fora sonhado junto com ela – pareceu por um momento algo impossível, mas o seu legado de amor garantiu forças suficientes para concluir minhas pesquisas. Obrigada Mamãe, por me apresentar o amor ao magistério, por apoiar todos os meus projetos de vida e por me ensinar a correr atrás de todos os meus sonhos.

A jornada foi encerrada. Intensa, difícil, mas não menos prazerosa. Àqueles que estiveram junto a mim e acompanharam esses meus dias de doutorado eu deixo registrado meus sinceros agradecimentos pela paciência para ouvir minhas ideias e queixas enquanto confeccionava estas páginas. Meu pai Manoel, meu irmão Marcos e minha cunhada Mizabela, eu agradeço especialmente por serem meu porto seguro. No abraço de vocês eu me apoiei e sem vocês eu não chegaria inteira até aqui.

Minhas queridas Jeane, Gislane, Regianny, Iara e Carla Daniela, irmãs de coração que a vida me deu. Obrigada por não soltarem a minha mão e por tornarem meus dias mais felizes.

Nesse doutorado eu recebi um novo orientador e ganhei também um novo amigo. Meu querido mestre prof. Antônio Jorge de Siqueira, obrigada por me receber carinhosamente. Suas leituras e suas críticas foram fundamentais para a produção do meu texto. Serei profundamente grata também pelo incentivo nos dias de incerteza.

Meus companheiros de Recife: Aryanny, Renato, Deise, Denise, Karlene, Arthur, Maxsuel, Rafaela e Leidson. Obrigada por tornar minha temporada na UFPE tão prazerosa. Foi uma honra ter a companhia de vocês.

Um agradecimento especial à Catherine Napoleão pela escuta paciente e pelas provocações oportunas.

A temporada pela Pós-Graduação em História foi repleta de muitos aprendizados, mas também de afetos. Sou grata aos professores Antônio Paulo Rezende, Flávio

Weinstein, Isabel Guillen, Cristiano Christillino e Duval Muniz de Albuquerque Junior pelas generosas contribuições.

Meu muito obrigada também às secretárias da Pós-Graduação em História, Sandra Regina e Maria Carolina. Do começo ao fim deste doutorado, elas sempre foram muito gentis, atenciosas e me esclareceram todas as questões burocráticas da pós-graduação.

Agradeço às instituições de pesquisa Arquivo Público Casa Anísio Brito, Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional, Biblioteca Pública Benedito Leite (acervo digital) e Companhia Editora de Pernambuco (acervo digital), que permitiram o acesso a seus respectivos acervos e tornaram possível reunir as fontes encontradas nesta pesquisa. Demonstro também minha gratidão à professora Teresinha Queiroz por permitir o acesso a seu acervo particular de pesquisa.

Meus agradecimentos à Universidade Estadual do Piauí por permitir o investimento em minha pós-graduação ao conceder o afastamento das minhas atividades docentes. Também agradeço à Universidade Federal de Pernambuco por oferecer toda a estrutura que tornou possível o meu curso de doutorado. A universidade pública é um patrimônio inestimável e espero retribuir à altura com o meu trabalho tudo o que essas instituições me ofereceram.

Agradeço imensamente aos professores examinadores da banca de defesa: Antônio Jorge Ferreira, Pedro Vilarinho Castelo Branco, Paulo Marcondes e Teresinha Queiroz. Obrigada pelas contribuições oferecidas e pela leitura atenta. O professor Paulo Marcondes além de professor da UFPE (Departamento de Sociologia) também é um grande poeta e no dia da defesa desta tese ofereceu os seguintes versos que merecem ser compartilhados. Mais uma vez professor Paulo, muito obrigada. Seguem os versos:

Fortuna crítica  
(Paulo Marcondes)

para Mara

Quis dizer da obra qual o autor.  
Percorri labirintos da escrita,  
Modos do dizer a coisa dita,  
O inconsciente político do texto,  
O inconsciente estético.  
Reflexos, mediações,  
Desejos, sublimações.  
Regimes de historicidades  
da vida burguesa do romance,  
Sociologia, psicanálise, filosofia.  
Categorias de classe e gênero e etnias.

Lugares de fala, dialogismo, alegoria.  
Pus tudo sobre a escrivantina,  
todos os possíveis,  
todas as pistas.  
Mas cada pista era em si escapista.

Da razão é lei sublime  
O que manda a natureza  
Não se pode chamar crime  
O céu mesmo é quem imprime  
Em nosso peito esse almo ardor  
Longe o fanático horror  
Que a tantos povos ilude  
Não é crime, antes virtude  
O crime que causa amor.

(FREITAS, Clodoaldo. Os Burgos. *Litericultura*, Teresina, ano 1, n.4, p.20, 1912)

## RESUMO

A tese apresenta um estudo da produção literária piauiense a partir do romance-folhetim, designado como uma produção escrita que conquistou popularidade no decorrer do século XIX. Lançada inicialmente na imprensa francesa o romance-folhetim alcançou o restante da Europa e também o Brasil, ao mesmo tempo em que cooptava uma quantidade significativa de autores interessados em conquistar uma fama literária. Ainda no início do século XX, o modelo literário do romance-folhetim também foi explorado por autores piauienses, especialmente o literato Clodoaldo Freitas (1855-1924) e foi justamente uma parcela desse conjunto ficcional que este estudo se propôs a compreender de que maneira a produção folhetinesca foi vivenciada na imprensa piauiense, o quanto foi cooptada pela literatura estrangeira e nacional, o quanto o folhetim se transformou em espaço para a deflagração de embates ideológicos, políticos, e, especialmente, mensurar o alcance do romance-folhetim como um interlocutor de determinadas perspectivas culturais. Dividida em três capítulos a tese, inicialmente apresenta as configurações do campo literário no qual Clodoaldo Freitas fez parte. A análise contemplou o processo de construção de Freitas como um intelectual, desde a sua formação escolar até os arranjos sociais no meio literário piauiense e maranhense. Em um segundo momento, o estudo optou por realizar uma análise da imprensa piauiense ao destacar as incursões de diferentes grupos intelectuais em constituir uma imprensa de viés literário. Ao considerar a localização da obra ficcional de Clodoaldo Freitas no período analisado foi possível contemplar análise das relações de gêneros, uma vez que o conjunto literário apresenta modelos de feminilidade ideais que tentavam reforçar aos seus leitores experiências desejáveis moralmente no que diz respeito aos papéis familiares. Em sua parte final, a proposta de análise contempla aspectos mais introspectivos dos romances-folhetins, à medida que o autor elege temas como a sexualidade e as perversões sexuais. Para efetivar tal análise, recorro a um diálogo com as contribuições teóricas de Michel Certeau, Roger Chartier, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Joan Scott, Guacira Lopes Louro, Sigmund Freud e Elizabeth Roudinesco. A tese apresenta o conjunto literário de Clodoaldo Freitas composto por romances, contos, novelas, além de incluir na análise crônicas e artigos de crítica, publicados nos principais veículos de imprensa das cidades de Teresina (PI) e São Luís (MA). Subsidiarão também o corpus documental deste estudo biografias, memórias, e, principalmente fontes hemerográficas do período contemplado em análise.

**Palavras-chave:** história; literatura; intelectuais; relações de gênero; psicanálise.

## ABSTRACT

This dissertation presents a study of literary production in Piauí based on serial novels, regarded as a written production that gained popularity during the nineteenth century. Initially launched in the French press, serial novels reached the rest of Europe and Brazil, while co-opting a significant number of authors interested in achieving literary fame. Still in the beginning of the 20th century, the serial novel literary model was also explored by authors from Piauí, especially by author Clodoaldo Freitas (1855-1924) and it was precisely a portion of this fictional set that this study aimed to understand how its production was experienced in the Piauí press, how it was adopted by foreign and national literature, to what extent serial novels became a space for the outbreak of ideological and political clashes, and, especially, to measure the reach of the serial novel as an interlocutor of certain cultural perspectives. Divided into three chapters, this dissertation initially presents the configurations of the literary field in which Clodoaldo Freitas took part in. The analysis contemplated Freitas's construction process as an intellectual, from his school education to the social arrangements in the literary environment of Piauí and Maranhão. Further, the study chose to carry out an analysis of the Piauí press by highlighting the incursions of different intellectual groups in constituting a literary biased press. Considering the localization of Clodoaldo Freitas's fictional work in the analyzed period, it was possible to contemplate the analysis of gender relations, since the literary set presents ideal femininity models that tried to reinforce morally desirable experiences regarding family roles to its readers. At its final part, the analysis proposal contemplates more serial novels' introspective aspects, as the author chooses themes such as sexuality and sexual perversions. To carry out this analysis, I resort to a dialogue with the theoretical contributions of Michel Certeau, Roger Chartier, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Joan Scott, Guacira Lopes Louro, Sigmund Freud and Elizabeth Roudinesco. The thesis presents Clodoaldo Freitas' literary set composed of novels, short stories, romance novels, in addition to chronicles and critical articles published in the main press vehicles in Teresina, in Piauí state, and São Luís, in Maranhão state. Biographies, memoirs, and especially hemerographic sources from the period under analysis also subsidize the documental corpus of this study.

**Keywords:** history; literature; intellectuals; gender relations; psychoanalysis.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>UM BACHAREL NO MUNDO DAS LETRAS: A ELITE INTELECTUAL PIAUIENSE .....</b>	<b>26</b>
2.1	Clodoaldo Freitas: os caminhos de um bacharel .....	27
2.2	Clodoaldo Freitas e a Academia: percursos de um literato .....	53
<b>3</b>	<b>O CORPO E A ESCRITA: A ESCRITA PRESCRITIVA DE CLODOALDO FREITAS.....</b>	<b>78</b>
3.1	Imprensa: Palco da literatura piauiense .....	79
3.2	As faces do feminino na literatura de Clodoaldo Freitas .....	104
<b>4</b>	<b>A NATUREZA HUMANA E A SUBVERSÃO DOS COSTUMES: PSICANÁLISE E ESTUDOS DE GÊNERO .....</b>	<b>139</b>
4.1	O desejo na ficção: o controle do corpo .....	143
4.2	O lugar da perversão: o desejo externado.....	161
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>184</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>195</b>

## 1 INTRODUÇÃO

“[...] Ele a beijou até ela achar que desmaiaria de desejo. Ele a beijou até ela achar que desmaiaria de falta de ar. Ele a beijou até que ela não conseguisse pensar em nada além dele, não conseguisse ver nada além do rosto dele em sua mente e até que não quisesse mais nada além do sabor dele em seus lábios... para sempre”.<sup>1</sup>

Esta sempre foi uma fórmula literária de sucesso entre o público consumidor de ficção: enredos açucarados, somados a tramas rocambolescas, casais perdidamente apaixonados e histórias situadas em um contexto histórico que remetem à vida burguesa do século XIX. Entretanto, o que torna mais instigante essa intensa relação de consumo construída entre obra, autor e leitor é que ele está ambientado no século XXI. O trecho do romance citado anteriormente integra a obra *Nada escapa a Lady Whistledown*,<sup>2</sup> escrito pela norte-americana Julia Quinn,<sup>3</sup> cuja fama literária se deve ao expressivo número de mais de 10 milhões de exemplares vendidos pelo mundo. No Brasil, a fama dos romances da autora é igualmente impressionante. Para se ter uma ideia, em fins do ano de 2020, Quinn possuía três livros de sua autoria na lista dos mais vendidos no país.<sup>4</sup>

Lembro que estamos falando de um mundo marcado pelo impacto em que que as mídias digitais possuem no cotidiano dos indivíduos, no qual as principais formas de lazer constituem as redes sociais, os jogos on-line e as plataformas *streamings* de música e vídeos. Estas alternativas ocupam um espaço considerável de tempo entre os indivíduos por serem cada vez mais atrativas e acessíveis pelas telas de um simples *smartphone*.

---

<sup>1</sup> QUINN, Julia. *Nada escapa a Lady Whistledown*. São Paulo: Arqueiro, 2018.

<sup>2</sup> Antologia de contos publicada pela primeira vez em 2004. A obra reúne as autoras Mia Ryan, Karen Hawkins, Suzanne Enoch e Julia Quinn para apresentar quatro contos (O primeiro beijo, A última tentativa, O melhor dos dois mundos e O único para mim) que possuem como fio condutor o roubo de uma joia narrada pela célebre personagem Lady Whistledown.

<sup>3</sup> Julie Pottinger adotou o pseudônimo Julia Quinn para escrever seus livros. A autora nasceu em Nova York em 12 de janeiro de 1970. Formou-se em História da Arte, mas optou por investir na carreira de romancista. A partir do ano 2000 obteve êxito em seu percurso literário, conquistando prêmios e uma elevada quantidade de publicações. No Brasil *O duque e eu* (2000), *Lady Whistledown contra-ataca* (2004), *Uma dama fora dos padrões* (2016), *Para Sir Phillip com amor* (2003) e *O visconde que me amava* (2000) figuram entre os livros mais vendidos pela autora.

<sup>4</sup> CARNEIRO, Raquel. *Entrevista. Julia Quinn*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/julia-quinn-nao-vejo-apelo-em-personagens-que-tratam-a-mulher-como-lixo/>. Acesso em 31 dez. 2020.

Todavia, ao que parece, ainda há espaço para um interesse literário de uma forma de escrita que teoricamente teria esgotado todo o seu potencial para prender o leitor na contemporaneidade. Mocinhas ruborizadas, protagonistas embevecidos de paixão, uma sociedade carregada de preceitos morais e tramas sedutoras que prendem a atenção do leitor a cada página são alguns dos elementos que demonstram a força e a perenidade desse modelo literário. O romance de folhetim, do qual a escritora contemporânea Julia Quinn buscou inspiração, marcou gerações de leitores entre os séculos XIX e XX, moldando gostos literários, encantando com suas tramas escapistas e formando uma geração de leitores cada vez mais ávidos por boas histórias.

Vale a pena fazer uma releitura do passado e observar o cenário literário brasileiro em fins do século XIX e início do século XX. Diante do universo temático que diz respeito ao assunto, opto por concentrar a análise sobre uma forma específica de ficção e a atuação do seu autor no meio literário em que estava inserido. Meu objeto de predileção nas páginas a seguir diz respeito a estudar o romance-folhetim, todavia a análise vai muito além de enumerar obras e autores. Trata-se de tentar compreender todo um horizonte cultural constituído por uma determinada sociedade em que a obra de ficção nos permite refletir. Trata-se de vislumbrar o lugar social ocupado por autores e como estes se relacionam com a sociedade literária a qual tentam pertencer e, também, diz muito sobre o público-leitor a quem se destina a referida obra.

Esta tese teve como proposta central estudar a produção folhetinesca de Clodoaldo Severo Conrado de Freitas com a intenção de compreender como se construiu a figura de um intelectual piauiense ao tempo em que contemplo análise acerca de uma parcela do conjunto ficcional que circulava na imprensa periódica das primeiras décadas do século XX. O interesse por esta pesquisa surgiu no ano de 2007 ao entrar em contato com o acervo de pesquisa da professora Teresinha Queiroz, que possuía uma larga experiência com o estudo da elite intelectual piauiense.<sup>5</sup> Ao acessar a lista de folhetins publicados por Clodoaldo Freitas, constatei um significativo número de narrativas que podiam ser usadas como fontes de pesquisa com o fim de ampliar os estudos acerca dos valores sociais e das

---

<sup>5</sup> No início da década de 1990 a prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Teresinha Queiroz desenvolveu uma pesquisa de doutorado na Universidade de São Paulo sobre o movimento de jovens piauienses em busca de formação intelectual e a atuação destes recém-formados bacharéis para ingressar no mundo do trabalho, da política e das letras na virada do final do século XIX para o início do século XX. Para maiores detalhes confira: QUEIROZ, Teresinha. *Os Literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo*. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011.

representações culturais de um determinado grupo social que vivenciou um período marcado por permanências e rupturas de um Brasil que chegava ao início do século XX.

Identifiquei a importância que aquele tipo de produto ficcional possuía naquele contexto social, o que me permitiu produzir a dissertação *A Escrita e o Desejo*: as relações de gênero na produção literária de Clodoaldo Freitas<sup>6</sup>. Entretanto, aquele estudo que fora concluído no ano de 2010 não refletia o esgotamento das minhas questões relacionadas a esta temática. Na ocasião, a dissertação apresentou uma análise que se concentrou em cerca de doze romances-folhetins, ficando de fora do estudo mais algumas dezenas de textos.

Creio que seja válido neste momento fazer uma breve descrição dessa minha primeira experiência de pesquisa que resultou em um estudo que estabeleceu possibilidades de interpretação do que se compreende como relações de gêneros no início do século XX. Em meio à consolidação de uma cultura burguesa, a escrita de um intelectual piauiense se somou a uma vontade coletiva de construir uma sociedade dita civilizada e preparada para a nova ordem que acabara de ser instalada. Do ponto de vista dos papéis sociais, aquela dissertação optou por tentar sistematizar modelos de masculinidade e de feminilidade ideais encontrados na produção ficcional de Clodoaldo Freitas. O resultado dessa imersão no mundo folhetinesco foi encontrar uma escrita literária marcada pelo esforço de prescrever condutas, desejos e sentimentos para o seu público leitor. Consequentemente, algumas práticas discursivas eram privilegiadas, em detrimento daqueles discursos que eram considerados inadequados, do ponto de vista do olhar do autor para o momento em questão.

A despeito das reflexões teóricas acerca das formas de masculinidade e de feminilidade identificadas nos personagens de Freitas e das particularidades das relações familiares que o autor trazia à luz para análise de uma sociedade da qual ele fazia parte, ainda se fez necessário prosseguir com uma investigação que contemplasse Clodoaldo Freitas e sua obra, partindo do pressuposto de que a literatura pode ser concebida como um produto criativo que está essencialmente conectado ao momento histórico de seu autor. Do ponto de vista teórico e metodológico, a pesquisa histórica permite refletir sobre como um texto literário pode apresentar aspectos pelos quais um autor se liga ao mundo

---

<sup>6</sup> Dissertação orientada pelo Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco e defendida no Programa de Pós-Graduação em História do Brasil na Universidade Federal do Piauí. Cf.: COSTA, Mara Lúcia Fernandes. *A Escrita e o Desejo*: as relações de gênero na produção literária de Clodoaldo Freitas. Dissertação. 2010. Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina. 2010.

social, de como a escrita pode estar atravessada de elementos políticos, ideológicos, e culturais de uma determinada sociedade e, também, entender a historicidade de um autor a partir do momento em que ele constrói em seu texto um momento histórico específico.<sup>7</sup>

A intenção para o atual trabalho não é esgotar análise de todo o conteúdo ficcional de Clodoaldo Freitas, mas sim propor metas possíveis de serem alcançadas nesta tese. O contato com algumas disciplinas durante o curso do doutorado ampliou o meu olhar para algumas questões pertinentes, que somadas à leitura de determinadas obras permitiu elaborar perguntas que me proponho a tentar respondê-las. Durante o curso de História Cultural, História da Cultura: Leituras<sup>8</sup> posso destacar dois pontos cruciais para a elaboração da tese: o debate historiográfico que compõe as dimensões teóricas e metodológicas das produções culturais e de seus respectivos produtores e consumidores dessa cultura. O encontro com esse repositório de pesquisas históricas ampliou minha visão sobre as temáticas culturais, especificamente sobre as dimensões da escrita e sua relação com o autor.<sup>9</sup> Quando me refiro a escrita estou indo muito mais além do que descrever uma mera formalização, de um registro gráfico do oral. Problematizar a escrita significa ter a ciência de que o ato de escriturar pode ser interpretado como um registro da experiência do inconsciente de um indivíduo.<sup>10</sup>

Escrever também pode ser visto como um ato político, um ato social, porque quem escreve, alimenta a expectativa – mesmo que não reconheça publicamente – que o seu escrito seja lido. E aí, entramos em outro universo de questões: qual o lugar da escrita na relação do autor com a sociedade? Qual a intencionalidade de um determinado autor ao escrever um texto? Escrever literatura é diferente de escrever um texto não-literário? A posição social do sujeito na hora da escrita altera o resultado do texto? Estas são algumas das hipóteses levantadas que foram formuladas durante a produção desta pesquisa e que tento responder ao longo dos capítulos. Destaco com semelhante importância para o

---

<sup>7</sup> CERTEAU, Michel de. *A Cultura no Plural*. Campinas: Papirus, 1995.

<sup>8</sup> Disciplina ministrada pelo Prof. Dr. Flávio Weinstein Teixeira no ano de 2016 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco.

<sup>9</sup> Momentaneamente destaco as seguintes obras: BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. 11. ed. Campinas: Papirus, 2011; CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 2002; CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996; SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René. (Org.) *Por uma história política*. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-269; WILLIAMS, Raymond. A fração *Bloomsbury*. *Plural-Sociologia USP*. São Paulo, n. 06, 1999.

<sup>10</sup> FREUD, Sigmund. *Obra Completa*. Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade. Análise Fragmentária de uma Histeria (“O Caso Dora”) e Outros Textos. (1901-1905). São Paulo: Companhia das Letras, 2016. v. 6.

desenvolvimento da tese as leituras realizadas durante a disciplina História: Cultura, Exílio, Descolonização.<sup>11</sup> Além de contemplar análise sobre o indivíduo e sua relação com a sociedade contemporânea no que diz respeito aos seus anseios, seus diálogos e os seus desamparos, uma temática em específico acenou como uma possibilidade de análise que merecia maior atenção: os sentimentos “indizíveis” que atravessam as sociedades ocidentais ao longo dos tempos.<sup>12</sup> O trabalho de Elisabeth Roudinesco, em especial, causou um impacto muito significativo, uma vez que esta é uma das poucas obras que contemplam o universo dos chamados perversos – indivíduos definidos como figuras infames que atravessam o limite entre o que é patológico e o animalesco. *A Parte Obscura de Nós Mesmos* seria a primeira produção na área da História a contemplar especificamente a vida dos perversos, historicizando personagens que sempre estiveram presentes na história da humanidade, mas que são constantemente relegados ao nível do abjeto, daquilo que desperta o horror e que por isso mesmo deveria se manter isolado, silenciado. Tal leitura afetou as reflexões acerca de determinadas temáticas levantadas por Clodoaldo Freitas em algumas de suas produções literárias, a exemplo do personagem Burgos que manteve durante anos uma relação incestuosa com a própria irmã.<sup>13</sup> O romance-folhetim *Os Burgos* circulou em Teresina no ano de 1912 e pode ser elencado entre os exemplos de formas de perversões que Freitas insere em algumas de suas obras e nos faz questionar a razão dessa investida em um estilo literário mais realista que flerta com o delituoso, com o lascivo, com o bárbaro. Longe de querer adentrar na seara da crítica literária, este trabalho não possui a ambição de classificar gêneros e subgêneros literários dos romance-folhetins analisados e nem tão pouco atribuir algum conceito de qualidade literária a esse material ficcional. Essas responsabilidades ficam reservadas à crítica literária.

O compromisso desta tese está vinculado à História Cultural<sup>14</sup> e o universo dos romances de folhetim, um mundo de possibilidades no qual levanto minhas hipóteses e lanço algumas respostas. Para efeito de comparação é plausível associar o objeto dessa pesquisa a um espetáculo, cujo palco são os jornais e as revistas que faziam circular as

---

<sup>11</sup> Disciplina ministrada pelos Prof. Dr. Antônio Paulo Rezende e Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Cibele Barros durante o ano de 2017 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco.

<sup>12</sup> HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2017; ROUDINESCO, Elisabeth. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008; TODOROV, Tzevetan. *As Estruturas Narrativas*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

<sup>13</sup> Freitas, Clodoaldo. *Os Burgos*. *Litericultura*. Teresina, ano 1, n.1, 1912.

<sup>14</sup> BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

produções folhetinescas; os atores são os intelectuais, representados durante a maior parte do tempo neste texto por Clodoaldo Freitas, e, por fim, a plateia, representada pelo universo de leitores que, nesse caso não são apenas o público comum, mas também os próprios intelectuais daquele período que podem ser interpretados não apenas como produtores culturais mas também como consumidores, uma vez que ajudam a definir o que é literatura e aquilo que não é.

Para uma melhor compreensão dos caminhos cruzados entre História e Literatura faz-se necessário fazer breves considerações. Toda obra escrita está inevitavelmente conectada ao seu criador. O autor possui papel fundamental, uma vez que sua identidade, sua formação, suas concepções políticas, filosóficas e religiosas e suas leituras integram elementos essenciais para interpretar uma obra literária. As investidas de Roger Chartier<sup>15</sup> sobre a história dos livros e da leitura foram decisivas para construir uma linha interpretativa para entender a escrita de um autor e a produção de uma obra literária. Ao voltar nosso olhar para o conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas percebi a escrita não apenas do ponto de vista imaginativo, mas também a partir de seus fortes traços de intencionalidade. A escrita de Freitas não se aproxima de algo aleatório, pelo contrário, imprime uma ideia de comprometimento com o momento histórico do qual faz parte, uma vez que, seus textos literários se lançam em estilos de escrita pedagógica que buscam delimitar os papéis moralmente adequados para a sociedade.

Existe uma vasta produção acadêmica sobre Clodoaldo Freitas que contempla sua dimensão histórica, jogando luzes sobre a figura do político, do jornalista, do historiador, do literato, do funcionário público e do jurista. A produção histórica em torno deste intelectual facilita organizar o estudo, mas, ao mesmo tempo, torna complexa a construção de qualquer projeto de pesquisa. Afinal, como superar toda uma produção histórica já apresentada? Acredito que o propósito aqui não é fazer uma disputa, mas, sim, me ater a quais problemas eu desejei contemplar na minha pesquisa. Desta forma, percebi que uma das questões que deveriam ser contempladas era entender como se operava a dimensão da figura do homem de letras Clodoaldo Freitas e de que maneira o seu conjunto ficcional ajudam a pensar e construir essa figura intelectual. Estas foram algumas das questões tratadas no primeiro capítulo.

---

<sup>15</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 2002; CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

Em *Um Bacharel no Mundo das Letras: uma Interpretação Elite Intelectual Piauiense*, apresento o quadro social no qual Clodoaldo Freitas se insere com a apresentação de um grupo social específico que deseja formar para si a ideia de uma geração de intelectuais. Faço uma referência aos jovens estudantes piauienses que se esforçavam em obter diplomas de bacharéis ao mesmo tempo em que construíram a formação de uma elite intelectual. O foco deste capítulo é entender essa composição de rede de intelectuais e como eles se articulavam em outros setores da sociedade. Para finalizar, destaco o esforço de construir um lugar de memória para os intelectuais em questão. O receio daqueles homens de letras não era apenas fracassar profissionalmente naquele tempo presente como intelectual, também era ter seu nome esquecido como um homem de letras. Nesse caso, a fundação da Academia Piauiense de Letras funcionaria como espaço reservado para guardar a própria memória dos fundadores daquela instituição.

Em *O Corpo e a Escrita: a Escrita Prescritiva de Clodoaldo Freitas com uma análise sobre o universo dos romances-folhetins*, ao tempo em que identifico jornais e revistas que inseriram esse produto ficcional em suas páginas. Importante definir a trajetória do romance-folhetim para entender o seu efeito na literatura piauiense. Produto francês criado ainda em fins do século XVIII o romance-folhetim chega a imprensa brasileira com grande prestígio: primeiro com a tradução de grandes clássicos da literatura, tais como, Alexandre Dumas, Souliè, Paul Fèval, Poson Du Terrail, Montépin, e, na sequência, com a circulação de romances assinados por autores brasileiros, a exemplo de José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo.

Para finalizar, encerro o capítulo com discussão sobre a construção e o reforço de papéis de gênero<sup>16</sup> na obra ficcional de Freitas. Entendo que o autor ao fabricar suas narrativas acaba formulando elementos específicos que são atribuídos a cada gênero. Clodoaldo Freitas pensa de maneira diferente ao compor personagens femininos e personagens masculinos. Baseado em estereótipos historicamente construídos, o autor desenha figuras femininas com características que induzem a imagem de que a mulher é

---

<sup>16</sup> Compreendo gênero como um termo resultante de interpretações pós-estruturalistas, no qual o gênero é pensado como uma categoria de análise que possibilita o entendimento do processo de construção social dos indivíduos baseado em elementos historicamente e culturalmente construídos. Essencialmente, o gênero é pensado e reproduzido a partir de uma estrutura binária: o masculino e o feminino. Mais detalhes: SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, n 16, v 2, jul./ dez. 1990; BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

um ser facilmente influenciável, que a sua própria natureza implicaria em lhe transformar em um ser suscetível facilmente influenciada pelas emoções, enquanto que as construções dos perfis masculinos são marcados pelo protagonismo das narrativas e a inteligência dos seus personagens homens. Nesse momento, discuto as escolhas temáticas para as suas narrativas e a possibilidade de construir algum perfil literário dentro de seus romances. Freitas não era exclusivamente um profissional de letras, exercia outros cargos profissionais enquanto escrevia e publicava e, esta experiência profissional pôde ter afetado as suas escolhas na hora de escrever.

No último capítulo *A Natureza Humana e a Subversão dos Costumes: psicanálise e estudos de gênero*, a tese se aprofunda ainda mais no universo dos romances “ao pé de página”. Levanto observações em torno do elemento sobrenatural na narrativa de Freitas. Se de um lado temos um escritor com viés realista, também se apresenta um autor que escolheu ousar em suas narrativas. Em seu universo ficcional, Clodoaldo Freitas faz uma introdução de elementos incomuns para o estilo literário da época: o incesto, o amor homossexual, o poliamor, a necrofilia e a sensualidade excessiva podem ser elencados como registros de exemplos de uma libido dentro da ficção. É mais do que válido tentar compreender as aventuras do autor piauiense em torno do que se chama literatura erótica.<sup>17</sup> Entretanto, a intenção da análise não diz respeito a uma tentativa de enquadrar o que seria normal e o anormal na sexualidade desenhada por Clodoaldo Freitas. Em uma sociedade cujos silêncios se sobrepõem ao enunciar dos desejos sexuais, é interessante compreender quando o desejo do sujeito pode ser colocado em análise, o quanto as fantasias podem ser uma possibilidade de interpretar em que medida os personagens podem ser atravessados pelo desejo e como o autor poderia usar a sua escrita literária para exprimir formas inconscientes de desejo.<sup>18</sup> Por fim, concluo esta tese tecendo considerações acerca da dimensão da vida burguesa ao tentar entender o lugar do prazer dentro da literatura de Clodoaldo Freitas. Em momento anterior já havia mencionado o caráter pedagógico dos romances em questão, no entanto, chama a atenção a maneira como são inseridos na narrativa os prazeres sexuais. Seja do ponto de vista feminino, seja do masculino, seja de maneira sutil ou até mesmo banal, o gozo integra parcela importante da literatura de Freitas que merece uma análise à luz da psicanálise.

---

<sup>17</sup> TODOROV, Tzevetan. *As Estruturas Narrativas*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. p.156.

<sup>18</sup> BIRMAN, Joel. *Cartografias do Averso: escrita, ficção e estética de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

Clodoaldo Freitas está inserido num universo literário que transforma os romances numa perspectiva que vai para além do artístico: o romance-folhetim ganha contornos de instrumento pedagógico através da trajetória das personagens, especialmente as mulheres.<sup>19</sup> Em pesquisa anterior, já havia identificado esse caráter prescritivo de Freitas, mas acrescento que a composição dos personagens em Freitas também é atravessada pela noção de tipos sociais construídos pela lógica do gênero. É importante estabelecer uma reflexão no que se refere às produções discursivas e os papéis de gênero. A aliança feita entre História e Gênero permitiu que pesquisadores avançassem na interpretação da divisão binária de papéis sociais a partir de elementos referentes à identidade sexual de cada sujeito. Isto posto, o discurso pode ser elencado como componente essencial para compreender de que maneira uma concepção dominante na cultura ocidental – a exemplo de como homens e mulheres são comumente caracterizados por comportamentos que seriam próprias ao seu sexo biológico – foi definida como algo natural. O discurso executado por Clodoaldo Freitas entre seus personagens para reforçar determinados papéis sexuais não se refere a um reflexo das relações sociais vigentes, pelo contrário, esses discursos podem ser pensados como maneiras de produzir e instituir o real daquela sociedade que ele tenta apresentar em sua ficção. Portanto, quando faço referência neste estudo às representações masculinas e femininas, considero que estas são feitas a partir de uma construção social e cultural. Ao analisar conceitos como os de masculinidade e de feminilidade nos personagens citados esta tese observa que existe um jogo de relações sociais, práticas disciplinadoras e formas específicas de discurso que constroem e reforçam a maneira como os papéis sexuais são interpretados na sociedade.<sup>20</sup>

No que se refere ao aporte documental, este foi montado a partir de um grande desafio: como contemplar análise na produção de um autor que possui publicações de seu trabalho em mais de uma cidade e em estados diferentes? Clodoaldo Freitas nasceu em 1855 na cidade de Oeiras, sertão do Piauí, estudou no Seminário das Mercês em São Luís, mas, optou por cursar Direito na Faculdade de Recife. Bacharel em 1891, ele assumiu diversos cargos em órgãos públicos (chefe de polícia, juiz de direito, promotor público)

---

<sup>19</sup> SANTOS, Cristian. *Devotos e Devassos: Representação dos padres e beatas na literatura anticlerical brasileira*. São Paulo: EDUSP, 2014; SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. *Moça Educada, Mulher Civilizada, Esposa Feliz: relações de gênero e história em José de Alencar*. Bauru: EDUSC, 2012.

<sup>20</sup> RAGO, Margareth. Epistemologia Feminista, Gênero e História. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (Orgs.) *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Mulheres, 1998. p. 25-37.

em diferentes estados brasileiros (Mato Grosso, Maranhão, Amazonas, Piauí e Pará). Por onde passou, Clodoaldo Freitas continua a ter um envolvimento com a imprensa, iniciado ainda na época de estudante. Acabou se destacando como escritor de matérias, crônicas de diversos temas e um grande editor de jornais. Está aí o elemento chave que promove a circulação dos textos ficcionais de Freitas com maior facilidade: ao acumular o cargo de editor e de funcionário público, Clodoaldo assumia também o seu papel como escritor. Existem pelo menos oitocentos textos assinados por Freitas entre o final do século XIX e o início do século XX, entretanto, nesta pesquisa me atenho a alguns de seus textos ficcionais publicados como romance-folhetins. O critério de seleção leva em consideração o teor destes textos ficcionais, por isso foram escolhidas narrativas que contemplem elementos que dão conta de um universo social a qual o autor nos permite conhecer colocando o foco nas relações familiares, nas relações de gênero e na sexualidade. Para tal, enumero no decorrer deste estudo os seguintes romances de Clodoaldo Freitas: *A Predestinação* (1903), *A Besta Humana* (1908), *Memórias de um velho* (1905-1906), *Coisas da vida* (1908-1909), *A beata* (1909), *As Taras* (1912) e *Os Burgos* (1912).<sup>21</sup>

Ao realizar a pesquisa encontrei alguns títulos de romances-folhetins de autoria de escritores desconhecidos e também traduções de obras estrangeiras. Considero válido incluir estes textos na análise porque esta é uma forma de entender como o romance-folhetim foi consumido por jornais daquele período.<sup>22</sup> Quais traduções chegaram aos jornais locais? Essas narrativas seguem um mesmo tipo de gênero literário? É possível mensurar o valor do romance-folhetim para o seu público leitor? Estas são algumas das perguntas que tento responder ao longo da tese.

Em sua grande maioria a pesquisa foi realizada a partir dos acervos de jornais digitalizados de diferentes instituições do país. A saber: Arquivo Público Casa Anísio Brito (Teresina-PI), Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional (acervo digital), Biblioteca Pública Benedito Leite (acervo digital), Companhia Editora de Pernambuco (acervo digital).

Foram acessados exemplares dos seguintes periódicos: *Jornal do Recife*, *Jornal Pequeno* (Recife-PE), *Pacotilha*, *Diário de São Luís*, *O Imparcial*, *Folha do Povo*, *O*

---

<sup>21</sup> Romances-folhetins publicados nos seguintes jornais e nas respectivas cidades: *Revista Piauiense*, *Pátria*, *Litericultura* e *Jornal de Notícias* (Teresina-PI); *Diário do Maranhão* (São Luís-MA).

<sup>22</sup> A título de informação temos os seguintes folhetins: Theresina, A emparedada da Rua Nova, Um delito e A Condessa de Charny.

*Jornal* (São Luís-MA), *Pátria*, *Jornal de Notícias*, *Litericultura*, *Revista da Academia Piauiense de Letras* (Teresina-PI).<sup>23</sup> Nestes materiais a pretensão foi analisar o percurso de Clodoaldo Freitas como intelectual. Mesmo intercalando as cidades onde residia, é perceptível o esforço de Freitas em estabelecer uma relação social com outros intelectuais formando, desta maneira, uma rede de intelectuais que possuíam uma mesma ambição: formar e/ou fortalecer a imagem de homens de letras.

No que diz respeito a relação entre História e Literatura, cabe aqui algumas considerações iniciais. O autor não tem o compromisso de fazer explicações de nada de seu tempo com a ambição de fazer da sua obra um quadro explicativo da sua sociedade, entretanto, o escritor acaba revelando aspectos do passado daquele grupo social já que o autor é filho de seu tempo. A Literatura se constitui como campo autônomo, um mundo sem fronteiras com o real e o imaginário. Acredito que a Literatura não almeja reconstituir o real ou até mesmo interpretar esse real. Na verdade, a literatura não constitui o real, e sim uma possibilidade de alcançar a realidade. No entanto, o indivíduo que escreve está inserido num contexto social que possui seus códigos éticos, seus valores morais, suas visões políticas, enfim, elementos que interferem diretamente na produção da narrativa.<sup>24</sup> Evito o reducionismo de querer transformar literatura em mero objeto de análise sociológica e/ou histórica. O que se passa na cabeça de um autor é inalcançável, afinal, nem todos os textos foram feitos para serem decifrados, mas a literatura se expressa através de signos numa relação composta por objeto, significante e significado. Os símbolos existentes na literatura ficcional de Clodoaldo Freitas constituem uma função particular, que remetem a outros signos que se comunicam e são identificados pelo leitor – este possui mecanismos para compreender a partir da decifração do mundo real. Se a linguagem encontrada nos romances-folhetim fosse realmente incompreensível essa literatura analisada não se comunicaria com outras obras, não se conectaria outras realidades, não se constituiria como um sistema literário, que existe entre a obra, público e leitor.<sup>25</sup>

Essas considerações representam o ponto de partida desta tese. Ao problematizar, ao investigar sobre as principais personagens que teceram a trama daqueles folhetins,

---

<sup>23</sup> Infelizmente não é possível ter acesso a todos os números e anos dos jornais, uma vez que parcela significativa deste material não está acessível para pesquisadores ou nem mesmo os arquivos e bibliotecas dispõem desse material.

<sup>24</sup> CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

<sup>25</sup> BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007; BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. 11. ed. Campinas: Papyrus, 2011.

descubro a possibilidade de alcançar um universo das letras que é permitido enxergar. A obra literária de Clodoaldo Freitas funciona como um fio condutor para chegar a um universo mental e cultural das elites intelectuais das primeiras décadas do século XX.

## 2 UM BACHAREL NO MUNDO DAS LETRAS: A ELITE INTELECTUAL PIAUIENSE

Esta pesquisa assumiu o desafio de compreender uma parcela do universo intelectual piauiense durante as primeiras décadas do século XX. A análise realizada se propôs a ir além de uma simples classificação da origem social, da função ideológica ou da atuação política dos intelectuais relacionados ao longo deste capítulo. Escolher este caminho me conduziria ao risco do reducionismo, no qual uma abordagem individual poderia se sobrepôr – mesmo que não intencionalmente – em relação a atuação de um movimento coletivo. Uma forma de interpretação como essa sobre o mundo dos literatos poderia causar uma leitura equivocada, romantizada ou até mesmo heroica acerca das personalidades literárias por mim relacionadas. Para evitar tal apreciação opto por aplicar uma interpretação que considere a diversidade de fatores que devem ser ponderados no que se refere às escolhas pessoais, no engajamento político e ideológico ou, ainda em um possível desinteresse de quaisquer formas de mobilização política destes atores sociais.

A leitura sobre a elite intelectual piauiense foi feita a partir das concepções de Pierre Bourdieu no que diz respeito ao campo cultural, cuja abordagem permite refletir apropriadamente acerca das definições de cultura e sociedade, composta por mundos sociais distintos.<sup>26</sup> O campo cultural no qual concentro a análise é formado por agentes e instituições sociais: escritores, críticos literatos, jornalistas, bacharéis, intelectuais, produtores culturais, historiadores, biógrafos, professores, estudantes, agremiações literárias, tipografias e imprensa. Cada um desses elementos mencionados atuou em sua respectiva realidade social integrando jogos de interesse que interferiram e modelaram o seu mundo social. Seria prudente afirmar que os agentes sociais também são responsáveis pela produção de capital simbólico que não necessariamente pode estar associado a algum tipo de capital monetário. Os bens simbólicos predominantes que constantemente foram

---

<sup>26</sup> A realidade social é constituída por três campos principais: político, econômico e cultural ou da produção simbólica. Estes são campos independentes, mas interseccionados. Os campos devem ainda ser compreendidos como afetados por relações de força e lutas sociais que resultam em acúmulos de capitais gerados pelos respectivos campos. É a propriedade do capital que delimita a posição entre dominantes e dominados e o exercício de poder. Para maiores informações ver: BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007; BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. 11 ed. Campinas: Papirus, 2011.

identificados no decorrer da pesquisa se referiram ao prestígio literário, ao reconhecimento social e ao poder de autoridade em determinada área cultural.

São as atuações dos intelectuais dentro dessa rede de relações que constituem a ideia principal deste momento do estudo. A análise foi realizada especialmente sobre as formas de engajamento, as maneiras como suas ações impactam em seu meio social e os modos de designação e representação desses intelectuais. A compreensão destes elementos, foi possível a partir de uma tentativa de reconstituição da rede de relações entre os grupos e o espaço social do qual fazem parte.<sup>27</sup> Desta maneira, foi plausível associar uma análise individual – Clodoaldo Freitas – a uma abordagem coletiva compreendendo plenamente os modos de compromisso dos intelectuais em sua dada conjuntura histórica. Para melhor compreensão, o capítulo se dividiu em três grandes momentos: educação, trabalho e mundo das letras.

## 2.1 Clodoaldo Freitas: os caminhos de um bacharel

Antes de aprofundar sobre a construção de uma elite intelectual piauiense, é necessário ponderar em relação ao quadro social no qual este meio intelectual estava inserido. Um olhar geral sobre o aspecto socioeconômico ajuda a entender o lugar social dos homens de letra naquele momento, elemento chave para a construção de uma definição do que esta pesquisa compreende como aquilo que seria um intelectual.

Estado localizado na região nordeste do país, o Piauí teve a sua economia impulsionada, até pelo menos o final do século XIX, pela pecuária. A estrutura econômica e social desta província possuía sua trajetória marcada pela influência da pecuária extensiva, que instalou com êxito um numeroso rebanho pastoril, fornecedor de matérias primas que abastecia não apenas outras regiões do país como também o mercado internacional.<sup>28</sup>

O peso da pecuária extensiva ressignificou as relações sociais e econômicas do território piauiense, com destaque para o surgimento de uma sociedade caracterizada pela

---

<sup>27</sup> BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. 11 ed. Campinas: Papirus, 2011.

<sup>28</sup> A pecuária no Piauí obteve grande produção desde o final do século XVIII e primeira metade do século XIX. Os produtos abasteciam cidades no Maranhão, Ceará, Pará, Bahia, Pernambuco e até mesmo a Guiana Francesa. Cf.: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. *Evolução Histórica da Economia Piauiense*. 2 ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2001.

concentração de terras e de poder. A consequência desse cenário foi uma trajetória socioeconômica marcada por conflitos sociais, resultante da presença de uma mão de obra baseada em trabalho escravo, de uma agricultura de subsistência, da presença de uma sólida oligarquia – acompanhada de constantes disputas políticas que conturbaram o poder local – e de uma permanente concentração de terras e de renda.<sup>29</sup> Para além disso, o elemento que deve ser destacado é a dificuldade de expansão de uma classe média no Piauí. Numa sociedade rural, baseada no poder econômico de algumas grandes famílias, as possibilidades de ascensão social eram reduzidas, uma vez que essa sociedade se dividia em dois grupos: os latifundiários e, do outro lado, uma população escrava somada a uma parcela de indivíduos livres e pobres. Ao redor dos grandes proprietários gravitavam ainda um pequeno número de comerciantes, funcionários públicos, profissionais liberais e membros da Igreja Católica. Não por acaso, essa pequena classe média estava ligada às ricas famílias por relações familiares e de compadrio.<sup>30</sup>

No Piauí a situação de estabilidade financeira não resiste ao fim da escravidão e à Proclamação da República. O cenário econômico, que já era afetado por momentos intercalados entre prosperidade e estagnação provocadas pelo declínio da economia pecuária e pelo surgimento da atividade extrativista durante o decorrer da primeira metade do século XX, seguiu em uma fase instável.<sup>31</sup> Destarte, com os setores agrícolas enfrentando perspectivas diminutas de crescimento e com a sazonalidade do setor extrativista, que não consegue manter o ritmo de resultados positivos durante o período entreguerras, a economia piauiense constituiu no decorrer de todo o século XX sua vocação para a dependência no aparelho burocrático do Estado.

No que diz respeito ao ponto de vista demográfico, os números são um reflexo da situação econômica do estado. O quadro estava longe de ser próspero. O Piauí era dependente financeiramente de recursos da União para desenvolver a sua infraestrutura. Com uma agricultura de subsistência de baixo investimento, a província possuía acentuada emigração, concentração demográfica maior na região norte, especificamente nas chamadas cidades comerciais, enquanto que a região sul permanecia com estagnação

---

<sup>29</sup> QUEIROZ, Teresinha. *Economia Piauiense: da Pecuária ao Extrativismo*. 3 ed. Teresina: EDUFPI, 2006.

<sup>30</sup> BRANDÃO, Tânia Maria Pires. *A Elite Colonial Piauiense: Família e Poder*. 2 ed. Recife: EDUFPE, 2012.

<sup>31</sup> QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011.

no seu crescimento demográfico.<sup>32</sup> Os números oficiais apontavam o Piauí com uma população total de 334.328 habitantes em 1900.<sup>33</sup> Para efeito comparativo, no mesmo período, estados vizinhos possuíam um número populacional bem mais expressivo, sendo o Maranhão com o total de 499.308 e o Ceará com 2.117.936 habitantes. Do ponto de vista populacional, o Piauí possuía, em linhas gerais, uma distribuição irregular de sua população em todo o seu território. Mais uma evidência de que a gestão pública teria um longo caminho para avançar economicamente e, posteriormente começar a investir em um pretenso processo de urbanização.

A despeito dos percalços econômicos enfrentados pela administração pública que isoladamente merecem uma esmerada análise, opto por destacar um ponto que é essencial para este estudo: a educação. Os dados relacionados anteriormente ajudam a entender o contexto social do período em questão. O Piauí seguia o perfil do Brasil no que diz respeito ao sistema educacional. Uma estrutura econômica frágil que refletia igualmente no quesito instrução escolar. O quadro educacional revelava uma estrutura escolar ineficiente que atingia ambas as classes sociais: ricos, pobres, homens, mulheres, negros e indígenas, todos enfrentavam a ausência de instituições escolares regulares gratuitas para as primeiras letras. Foi somente na fase imperial que o governo brasileiro se dispôs a colocar em sua constituição a garantia do ensino primário gratuito para todos os brasileiros, todavia, os discursos em prol de uma instrução gratuita e acessível a todos os cidadãos em idade escolar ficaram apenas na teoria. As dificuldades financeiras, a falta de estrutura, os atrasos nos pagamentos dos professores eram algumas das barreiras a serem superadas. Apesar das preocupações recentes na administração pública com o intento de corrigir o baixo índice de indivíduos escolarizados, dados da época apontavam que o número total de pessoas alfabetizadas se aproximava de apenas 1,8% da população de brasileiros.<sup>34</sup> Para a sociedade brasileira, a ampliação do acesso à instrução, seja ela pública ou de iniciativa privada, era um assunto difícil de ser solucionado em fins do século XIX.

---

<sup>32</sup> A referência é em torno das cidades de Parnaíba e Teresina localizadas às margens do rio Parnaíba, principal via de comunicação do estado a partir da navegação comercial. Cf. QUEIROZ, 2011.

<sup>33</sup> BRASIL. Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas. Diretoria Geral de Estatística. *Sinopse do Recenseamento de 31 de dezembro de 1900*. Rio de Janeiro: Tipografia da Estatística, 1905.

<sup>34</sup> ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *Instrução pública no Brasil (1500-1889)*. 2 ed. São Paulo: EDUC, 2000.

A história da educação brasileira é marcada pela falta de interesse por parte das autoridades públicas em assumir o efetivo desenvolvimento do sistema escolar.<sup>35</sup> Desde o período colonial, o que se destaca é o desinteresse em ofertar escolas gratuitas e em contratar professores de primeiras letras para atender crianças, jovens e adultos. Os maiores afetados por essa ineficiência de ensino foram os grupos mais carentes financeiramente, uma vez que homens e mulheres pobres teriam chances mínimas de receber instrução de forma gratuita. Até mesmo para as famílias abastadas o acesso a instrução não era algo simples, demandava significativo investimento para trazer mestres às residências dessas famílias para aulas particulares ou para enviar os filhos para estudar fora do país. Até meados do século XX o que predomina no cenário brasileiro de maneira geral é o que se pode definir como uma aristocratização do ensino, haja vista que especialmente o acesso à educação superior era um privilégio para os filhos do sexo masculino pertencentes a famílias abastadas.

Clodoaldo Freitas faz parte de uma geração de bacharéis intelectuais que marcou a sociedade daquele período. Mas o que deve ser ressaltado também é o fato de que Clodoaldo é filho desse tempo desfavorável à educação. Ainda que possuísse origem em uma família remediada, Freitas pode manter relações de parentesco com pessoas de grande poder aquisitivo, o que tornou possível moldar sua trajetória rumo à elite intelectual. Freitas conseguiu não apenas o acesso a instrução primária, mas também alcançou o ponto mais alto de um sistema educacional hierárquico: o diploma de bacharelado em um país de analfabetos.

Nos registros de memórias é possível encontrar a trajetória da formação desse “doutor”.<sup>36</sup> Nascido em Oeiras no ano de 1855, Clodoaldo Freitas era filho do capitão Belisário da Silva Conrado Freitas<sup>37</sup> e da professora de primeiras letras Antônia Rosa Dias de Freitas.<sup>38</sup> Esse matrimônio teve uma duração breve de pouco menos de dez anos,

---

<sup>35</sup> TOBIAS, José Antônio. *História da Educação Brasileira*. 2 ed. São Paulo: Juriscred, 1979.

<sup>36</sup> CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas (sua vida e sua obra). *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, n. 8, p. 28-54, dez 1924.

<sup>37</sup> Belisário da Silva Conrado Freitas era filho do capitão Francisco José da Silva Conrado e Ana Leonor da Silva Conrado, pelo lado paterno, Clodoaldo Freitas possuía origem de tradicional família oeirense. FREITAS, Clodoaldo. O desembargador José Manoel de Freitas. In: FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses: apontamentos biográficos*. 2 ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p.15-53.

<sup>38</sup> Antônia Rosa Dias de Freitas era professora de primeiras letras em Oeiras e possuía origem familiar igualmente importante com membros que integravam o funcionalismo público e lideranças políticas da segunda metade do século XIX. FREITAS, 1998, p. 15-53.

período este marcado por conflitos domésticos entre o casal e finalizado com o abandono de lar pelo capitão para constituir outra família na cidade de Jerumenha (PI).<sup>39</sup>

Antônia Rosa ficou sem o marido, despojada de seus bens e com uma criança pequena aos seus cuidados. Em uma situação como esta, o apoio incondicional da família representava uma saída possível para preservar a honra e o sustento econômico que estavam comprometidos. Sob a proteção de familiares próximos, a senhora Antônia Rosa constituiu Francisco Martins da Fonseca como seu advogado e apresentou o libelo de divórcio perpétuo junto à Igreja, acusando o seu cônjuge de sevícias, adultério e abandono de lar.<sup>40</sup>

A palavra divórcio não possui naquele contexto oitocentista similar sentido que apresenta atualmente do ponto de vista jurídico. Esta era uma ação processual realizada dentro da instituição católica que objetivava solucionar possíveis impasses entre cônjuges, sobretudo para determinar os destinos dos bens de um casal que não mais conviviam maritalmente. Ações como estas somente eram enviadas para análise quando havia indícios concretos de abandono de lar, sevícias e/ou adultério, mas em nenhum momento ocorria a anulação do matrimônio.<sup>41</sup>

O fato é que o abandono paterno poderia ter sido um impedimento para o menino Clodoaldo Freitas alcançar alguma projeção social, uma vez que a ausência de uma tutela familiar poderia deslocar o destino daquele menino para uma rotina fora da vida escolar. Todavia, o cuidado materno e o apadrinhamento familiar encaminharam o pequeno Clodoaldo para sua instrução inicial ainda criança. Ao que tudo indica, a senhora Antônia Rosa possuía uma situação financeira muito boa antes do casamento. Constam no processo de divórcio a posse de animais, escravos e joias dados como herança familiar de Antônia Rosa e que teriam sido liquidados pelo então marido durante o casamento. De

---

<sup>39</sup> (AUTOS DO DIVÓRCIO) *Processo Antônia Roza contra seu marido Belizario Conrado Freitas*. Arquivo Público do Maranhão, Arquivo da Arquidiocese – São Luís / MA, caixa: 135, maço: 628, documento: 4486, 1863.

<sup>40</sup> (AUTOS DO DIVÓRCIO) *Processo Antônia Roza contra seu marido Belizario Conrado Freitas*. Arquivo Público do Maranhão, Arquivo da Arquidiocese – São Luís / MA, caixa: 135, maço: 628, documento: 4486, 1863.

<sup>41</sup> Processos como estes foram recorrentes em várias províncias, para mais detalhes confira: SOARES, Ubirathan Rogerio. *Os Processos de Divórcio Perpétuo nos séculos XVIII e XIX: entre o sistema de alianças e o regime de sexualidade*. Tese. Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006. 313f.; SILVEIRA, Mona Ayala Saraiva da. O cotidiano das relações conjugais no Piauí Oitocentista por meio de processos judiciais. In: II Simpósio de História do Maranhão Oitocentista. Disputas Políticas e Práticas de Poder. *Anais...* Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, junho 2011.

fato, ao reportar as memórias de seu tio materno, José Manoel de Freitas, Clodoaldo Freitas descreve a trajetória da sua linhagem familiar como “[...] descendente de uma série de homens afeitos ao trabalho, probos, profundamente amantes da ordem, valentes, oriundo de Províncias diferentes [...]”<sup>42</sup> Eram homens ricos, proprietários de terras e que atuavam também nos mais diferentes cargos burocráticos. Além disso, o fato de a mãe de Clodoaldo Freitas ter exercido o cargo de professora primária também ajuda a comprovar a sua origem social de família nobre, uma vez que raras eram as mulheres que conseguiam instrução escolar durante o século XIX.

As dificuldades mencionadas anteriormente para adquirir instrução escolar se agravavam nos sertões do país. Ao observar os registros de memória da família Freitas, é possível entender o quanto poderia ser dispendioso adquirir o mínimo de instrução escolar.<sup>43</sup> A infância de Clodoaldo ocorreu na região de Oeiras, intercalando temporadas entre Jaicós (PI) – vila na qual sua mãe atuava como professora primária – e Oeiras – lugar onde residiam familiares do lado materno que o receberam para estudar na escola primária ali existente. Primeira capital da província do Piauí, Oeiras era um pequeno núcleo urbano rodeado por inúmeras fazendas. Foi nesses rincões, que o menino frequentou aulas de mestre-escola, um modelo alternativo de instrução sob responsabilidade das famílias de uma determinada região. Nesse modelo de ensino, as aulas eram executadas dentro de um espaço doméstico – fazendas, vilas e/ou em casas dos professores ou de alguma pessoa de prestígio social naquele meio – por pessoas letradas. Nesses casos, a responsabilidade pela instrução era realizada por mestres contratados, religiosos e até mesmo familiares letrados.<sup>44</sup>

Em uma educação com viés familiar, na qual, não havia ainda uma organização, uma legislação e uma fiscalização que contemplasse a estrutura escolar, o conteúdo das aulas era o mais variado dependendo do mestre que estava lecionando as aulas. Some-se a isso o fato de que não havia uma segregação entre alunos que estavam em nível primário e entre aqueles que estavam com os estudos mais avançados. Em geral, para ambos os estágios de experiência escolar, as aulas eram as mesmas. No Piauí, a oferta do ensino primário, mesmo em instituições particulares, não era permanente. Escolas privadas também abriam e fechavam suas portas ainda que houvesse uma demanda a ser

---

<sup>42</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses: apontamentos biográficos*. 2 ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p.17.

<sup>43</sup> FREITAS, 1998.

<sup>44</sup> SOUSA NETO, Marcelo de. *Entre Vaqueiros e Fidalgos: sociedade, política e educação no Piauí (1820-1850)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2013.

contemplada. A solução mais comum para atender os alunos de primeiras letras era mesmo a contratação de aulas particulares. Os conteúdos nesse nível de ensino eram os mais variados e a oferta dependia do professor que lecionava as aulas.

Clodoaldo Freitas completou o ensino primário em Jaicós, sendo que passou uma curta temporada em Oeiras cursando aulas com o seu tio materno José Dias de Freitas.<sup>45</sup> A primeira instituição pública de ensino secundário do Piauí foi criada em 1845 em Oeiras, intitulada de Liceu Provincial. Apesar das dificuldades, a escola funcionou até o ano de 1852, data da transferência da capital para Teresina. Após a transferência a escola passou a ser chamada de Liceu Piauiense, mas funcionava precariamente sem prédio próprio, sendo que as aulas eram ministradas nas residências dos próprios professores. Nessa primeira fase da vida escolar, Clodoaldo teve aulas de latim e francês. Para os que desejavam prosseguir com os estudos, a alternativa mais viável era se deslocar para outras províncias, uma vez que a existência de ensino secundário no Piauí era dificultada pela vacância constante das cadeiras das instituições públicas e privadas que tentavam se firmar.<sup>46</sup> A escolha do jovem Clodoaldo Freitas foi seguir para a cidade de São Luís no Maranhão, ingressando primeiramente no Seminário das Mercês e concluindo o ensino secundário no Liceu Maranhense no ano de 1870.<sup>47</sup>

Sua mudança para outra província se deve a presença de membros familiares residentes em São Luís. Sua avó materna, Raimunda Dias Ferreira, e outros familiares acolheram o jovem Clodoaldo em sua nova jornada na educação. Note-se que no decorrer da vida, Freitas conseguiu manter uma formação escolar que era uma exceção para os homens daquele período.<sup>48</sup>

Em 1876, Clodoaldo Freitas desembarca na capital de Pernambuco, para iniciar o curso de Direito na tradicional Faculdade de Recife.<sup>49</sup> Clodoaldo Freitas chega a Recife em vapor trazendo consigo um escravo pessoal para a nova rotina de vida e de estudos. O jovem não dispunha de recursos financeiros, mas a sua origem familiar proporcionava ao estudante uma situação confortável enviando a ele uma mesada para custear a vida de estudante em uma República. O apoio familiar permanece o mesmo para iniciar sua

---

<sup>45</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>46</sup> COSTA FILHO, Alcebíades. *A Escola do Sertão: ensino e sociedade no Piauí, 1950-1899*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006.

<sup>47</sup> COELHO, Celso Barros. Clodoaldo Freitas: Inteligência Superior. In: ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS. *Os fundadores*. 2 ed. Teresina: Piauí, 2018. p.83-100.

<sup>48</sup> COELHO, 2018.

<sup>49</sup> PASSAGEIROS. *Jornal do Recife*. Recife, 23 mar. 1876, ano 19, n. 68, p.1.

formação superior. Seu tio materno, José Manoel de Freitas, uma grande liderança do partido liberal da época, foi apontado nas memórias de Clodoaldo como um dos seus grandes incentivadores a quem elogiava por sua “bondade paterna”.<sup>50</sup> Frequentemente o tio auxiliava o jovem estudante com os custos de uma vida acadêmica longe de sua terra natal. Clodoaldo Freitas constitui grandes amigos e encontrou na faculdade pernambucana uma ruidosa movimentação estudantil. Falavam-se em novos tempos para um novo momento que estava a desenrolar. O cearense Clóvis Bevilacqua<sup>51</sup> e o pernambucano José Isidoro Martins Junior<sup>52</sup> – também filhos de famílias tradicionais – foram alguns dos seus companheiros que assim como ele, se afeiçoaram das ideias novas correntes, abraçando o evolucionismo e divulgando o cientificismo de Spencer, Darwin e Littré.<sup>53</sup>

A educação conquista uma visão mais democrática com a chegada da República. Pelo menos do ponto de vista do discurso existia uma mobilização para fortalecer a ideia de que o país deveria avançar mais na ampliação dos serviços educacionais para atingir um status de grande nação. Entretanto, o predomínio de uma perspectiva de cunho aristocrático ainda perdurava no Brasil e atingia igualmente o seu sistema educacional.

A República substituiu a Monarquia, mas as raízes de uma sociedade patriarcal eram profundas demais para serem superadas apenas com uma mudança de regime político. No que se refere à mobilidade social, a linhagem familiar nobre continuava a exercer um peso sobre a manutenção ou não de possíveis arranjos sociais. No entanto, a influência não era mais a mesma. Associado à tradição familiar, outro valor social fora elencado como elemento de distinção social: a educação. Apesar da obrigatoriedade constituída na forma da lei, a instrução, era um domínio quase que exclusivo das elites pelas razões expostas anteriormente. A formação escolar atravessa o século XX como um

---

<sup>50</sup> José Manoel de Freitas (nasceu em 14/03/1832 e morreu em 10/11/1888) cursou a Faculdade de Direito em Olinda, foi advogado, chefe de polícia e desembargador. Teve uma brilhante carreira política atuando em jornais do Partido Liberal, assumiu os cargos de deputado provincial, vice-presidente da Província do Piauí e chegou a ser nomeado Presidente das Províncias do Piauí, Maranhão e de Pernambuco. FREITAS, 1998.

<sup>51</sup> Clóvis Bevilacqua (nasceu em 04/10/1859 e morreu em 26/07/1944). Natural de Viçosa (CE), estudou na Faculdade de Direito do Recife e sempre teve uma brilhante carreira na área jurídica. Jurista, professor, autor do primeiro projeto de Código Civil Brasileiro de 1900. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

<sup>52</sup> José Isidoro Martins Junior (nasceu em 24/11/1860 e faleceu em 22/08/1904). Nascido em Recife (PE) foi um brilhante jurista e professor. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife e jornalista. Foi fundador da Academia Pernambucana de Letras.

<sup>53</sup> BRAGA, Flávia Bruna Ribeiro da Silva. “*Ditadura, Abolição e República: A propaganda da geração positivista em Pernambuco (1857-1889)*” Dissertação. Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2017.

fenômeno que remete a noção de exclusividade de uma parcela privilegiada da população brasileira. O fato ajuda a compreender a formação e a permanência do que é definido como elite intelectual, uma vez que se a instrução era para poucos, o acesso à educação se constituiu socialmente como um espaço para “doutores”. “Educar é doutorar-se [...]”<sup>54</sup> como afirmava Antonio Tobias ao refletir sobre a história da educação no país.

É nesse cenário que uma elite intelectual foi ao longo dos anos desenhada. E o acesso a ela pode ser compreendido como mais restritivo ainda se forem somados mais dois critérios: a preferência pessoal no seio familiar e o gênero. Em um primeiro aspecto, os investimentos para envio e manutenção de um jovem em um curso superior eram consideráveis. Não era uma regra, mesmo que a família tivesse boas condições financeiras manter todos os filhos estudando, afinal, por uma questão de organização social, as crianças e os jovens também eram requeridos para auxiliar os pais nas atividades domésticas e na administração dos bens da família. Ingressar e permanecer na escola naquele contexto social era mesmo “coisa pra doutor” e, por mais que houvesse alguma chance de ingressar em uma escola, a possibilidade de seguir com os estudos diminuía cada vez mais com o passar dos anos.<sup>55</sup>

Também é necessário afirmar que a educação superior era negada também às filhas mulheres por razões culturais. Ainda no século XVIII, discursos sobre a “natureza feminina” se firmaram na sociedade ocidental, definindo o papel da mulher associado sempre a ideia de cuidado, fragilidade e de maternidade.<sup>56</sup> A erudição feminina era desejada, mas apenas enquanto estivesse associada ao âmbito privado. Em geral, as moças desde a mais tenra idade eram instruídas a executar prendas domésticas e, quando conseguiam obter domínio de leitura, acessavam aquilo que era moralmente permitidas tais como romances – previamente selecionados –, folhetins, livros de etiqueta e de catecismo. O destino das mulheres no mundo das letras acabava se tornando incerto, à medida que essa situação de ignorância as prendiam em um círculo vicioso: se não possuíam instrução, não eram autorizadas a participar de uma vida pública, mas como acessariam, tal qual os homens esse mundo da elite intelectual, se lhe eram negadas uma educação escolar mínima?

---

<sup>54</sup> TOBIAS, 1979, p 281.

<sup>55</sup> TOBIAS, 1979.

<sup>56</sup> SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. *Moça Educada, Mulher Civilizada, Esposa Feliz: relações de gênero e história* em José de Alencar. Bauru: EDUSC, 2012.

É possível pensar a escrita como um feito pessoal, algo que possibilita que o escritor revele seus anseios íntimos e que, por consequência, alcance a sua mensagem um público leitor específico. Clodoaldo Freitas foi um homem que marcou seu nome na trajetória do mundo das letras no Piauí da virada do século XIX para o século XX. Refletia que escrever poderia ser um exercício inato para alguns sujeitos sociais, muito embora, tal prática acabava sendo apreciada para alguns como uma função social.<sup>57</sup> Clodoaldo Freitas era bacharel em Direito, exerceu alguns cargos públicos, mas também atuou como jornalista, professor, contista, poeta e foi um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras. Freitas seria o que se comumente nomeia como um homem de letras para o seu tempo.

Esse fazer intelectual é o próximo ponto a ser aprofundado em análise. Trata-se do desejo de compreender o percurso intelectual de um determinado grupo social no mundo das letras: a tentativa de construção de uma fama literária de bacharéis piauienses na virada do século XIX para o início do século XX. Para alcançar tal proposta, opto por aprofundar análise sobre o percurso intelectual de Clodoaldo Freitas, uma vez que repousam sobre a sua trajetória de vida elementos que ajudam a pensar como foi possível construir uma noção de elite intelectual em Teresina no início do século XX.

Para alcançar o seu objetivo, este estudo contemplou uma análise minuciosa sobre o que se pode definir como um sonho coletivo: a construção de uma carreira literária para aqueles que se definiam como integrantes de uma camada intelectual. Nesse caso, a intenção é perscrutar de que maneira determinados indivíduos constroem uma ideia de pertencimento a uma elite intelectual, redefinindo o espaço social vigente e assumindo posição de classe detentora da produção cultural e intelectual do estado.

Antes de prosseguir com a análise do objeto, é interessante traçar uma definição para o que se chama de intelectual. A produção historiográfica já consagrou um espaço específico para a história dos intelectuais por ser um campo que permite vislumbrar um grupo social que se ampliou numericamente desde o século XIX e que tem como principal característica o aspecto polimorfo do grupo. O termo pode ter significado tão extenso que ameaça conduzir a pesquisa a uma análise rasa, entretanto, é possível seguir a proposta

---

<sup>57</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

de compreensão da noção de intelectuais feita por Jean-François Sirinelli.<sup>58</sup> Este apresenta que o termo intelectual pode corresponder a dois sentidos: um amplo e outro mais estreito.

No primeiro caso, estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito. Nos degraus que levam a esse primeiro conjunto postam-se uma parte dos estudantes, criadores ou ‘mediadores’ em potencial, e ainda outras categorias de receptores da cultura.<sup>59</sup>

É evidente que esta supõe apenas uma possibilidade de interpretação. A história dos intelectuais prossegue em ampliar os objetos de análise, suas metodologias para contemplar devidamente cada grupo em seu meio social.<sup>60</sup> O fato é que este objeto ambiciona contribuir não apenas para uma identificação desse grupo de literatos piauienses, mas também lançar questões sobre suas ideias, atividades – explícitas e implícitas – que revelam o lugar-comum ocupado por aqueles letrados na sociedade.

Este estudo recorreu a uma análise de jornais e revistas do final do século XIX e início do século XX para mensurar os caminhos feitos por sujeitos que se notabilizaram por sua produção intelectual. Usando como suporte metodológico a prosopografia<sup>61</sup>, a meta foi além de uma observação sobre um único homem, mas analisou vários sujeitos de um mesmo recorte temporal e social, e confrontou as suas notícias biográficas. A intenção era compreender o indivíduo nas suas relações com o conjunto, especificamente como percebemos um literato piauiense em função da totalidade da qual ele integra. Neithard Bulst assevera que:

De uma maneira geral, podemos dizer que as estruturas políticas e sociais de certos grupos, fenômenos, como a continuidade e a descontinuidade, a ascensão e o declínio dos sistemas políticos, de instituições eclesiásticas ou seculares, a ação política, a mobilidade social, a transformação social e tantos outros, não podem ser analisados

<sup>58</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René. (Org.). *Por uma história política*. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-269.

<sup>59</sup> SIRINELLI, 2003, p. 242.

<sup>60</sup> WILLIAMS, Raymond. A fração *Bloomsbury*. *Plural-Sociologia USP*. São Paulo, n. 06, 1999.

<sup>61</sup> Também chamada de Biografia Coletiva, a Prosopografia é uma metodologia que realiza uma análise de características comuns do passado de um grupo de sujeitos sociais realizando um estudo coletivo de suas vidas. A meta é coletar dados como nascimento, formação escolar, profissão, orientação política, posição social, informações de for íntimos, dentre outras informações. Os elementos enumerados são correlacionados para identificar possíveis formas de comportamento e ações sociais. Neste estudo, o método combina perfeitamente com a intenção de analisar a classe de intelectuais piauienses na cidade de Teresina no início do século XX. BULST, Neithard. Sobre o Objeto e o Método da Prosopografia. *Politeia: História e Sociedade*. Vitória da Conquista, v.5, n.1, p.47-67, 2005

com precisão sem o conhecimento prévio das pessoas. É apenas graças a esse conhecimento que é possível relacionar diferentes grupos, considerando que certos indivíduos se encontram frequentemente no campo de ação mais de um grupo. O fato de que, neste contexto, as pessoas tenham moldado as instituições e tenham sido também por elas impregnadas (ainda que de maneiras bem diversas), deve ser levado em consideração em cada análise prosopográfica.<sup>62</sup>

Para Pierre Bourdieu a concepção de intelectual transita dentro de uma abordagem pautada numa sociologia histórica dos intelectuais. Essa seria uma discussão extensa, mas para contemplar esta análise importa destacar a ideia principal cujo esforço de construir uma definição acerca dos intelectuais é atravessada por um cotejamento entre os campos literário, cultural e político. É possível examinar o percurso desse sentido se considerarmos em análise a posição do conceito de intelectual no interior do espaço global do campo do poder do seu tempo, especialmente no que se refere à sua autonomia no espaço social. O intelectual seria, desse modo, uma figura que atravessa as relações entre a cultura e as elites e estaria sempre tentando atuar no processo de dominação e reprodução do social.<sup>63</sup>

Inserido em um campo de poder, o intelectual aprendeu a jogar com o capital simbólico e político, mas também adquiriu a capacidade de mobilizar outros capitais simbólicos cujas origens podem estar associadas às heranças e/ou terem sido resultado de seus acumulados na dinâmica de seus esforços e conquistas pessoais. Por fim, para Bourdieu o intelectual é uma figura que, partindo de uma autoridade específica – que foi adquirida nas lutas internas ao campo intelectual, artístico, literário, segundo os valores inerentes a esses universos relativamente autônomos –, intervém no campo político. O intelectual somente consegue adentrar nesse meio porque está legitimado por essa autoridade, por virtudes morais, por uma determinada competência e/ou por méritos pessoais.<sup>64</sup>

Para Elisabeth Badinter<sup>65</sup> os intelectuais representam um grupo que merece especial atenção pela sua trajetória peculiar ao longo dos séculos. Na sociedade ocidental, o

---

<sup>62</sup> BULST, Neitnhard. Sobre o Objeto e o Método da Prosopografia. *Politeia: História e Sociedade*. Vitória da Conquista, v.5, n.1, p.47-67, 2005. p.58.

<sup>63</sup> BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. 11 ed. Campinas: Papyrus, 2011.

<sup>64</sup> BOURDIEU, Pierre. *Sobre o Estado: Cursos no Collège de France (1989-1992)* São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

<sup>65</sup> BADINTER, Elisabeth. *As Paixões Intelectuais: desejo de glória (1735-1751)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v.1.

domínio do saber pertencia quase que com exclusividade aos clérigos durante a Idade Média. As atividades intelectuais eram, então, exercidas dentro de uma ordem clerical que exigia o silêncio, o isolamento e a modéstia. Cercados por um ambiente moral aqueles que se mobilizavam no mundo do pensamento tinham reduzidas as chances de obter algum tipo de reconhecimento social. Esta postura austera limitaria o desenvolvimento das “paixões humanas”,<sup>66</sup> uma vez que cultivavam a ideia do anonimato e da amizade entre seus pares e evitaria qualquer tipo de rivalidade e ambições pessoais. Somente quando há um ambiente favorável para o advento do humanismo e do Renascimento o saber deixou de ser apanágio exclusivo dos teólogos. Uma revolução intelectual se configurou a partir daí e a animação causada pela expansão da ciência moderna possibilitou o arrefecimento da teologia e o progressivo interesse pelas descobertas da científicas e técnicas. Nessa perspectiva, o Estado percebeu que apoiar financeiramente o desenvolvimento das ciências poderia conceder vantagens, especialmente no que diz respeito aos estudos da astronomia, elemento essencial para o progresso das navegações.

Até o século XVIII não havia distinção entre o homem de ciências e o homem de letras; entre erudito e filósofo. Esses dois últimos termos eram apresentados como sinônimos, quase sempre associado à ideia de homem do conhecimento. Todavia, esse indivíduo não era definido como alguém que fosse especialista em determinada disciplina, como tão comumente nos referimos nos dias de hoje. Até o final do século XIX não existiam duas culturas distintas como conhecemos atualmente graças à especialização do saber científico. O mundo da cultura científica e da cultura literária era definido como um só.

Por fim, cabe ressaltar que lançar o olhar sobre determinado grupo social permite efetuar questões sobre o perfil e atuação de cada indivíduo. Dessa forma, faz-se uma análise global que se aproxima de uma avaliação profunda e contribui para as pesquisas do que é chamado de História Cultural, uma vez que o estudo se enquadra na história das ideias e dos intelectuais.

É interessante destacar as razões para selecionar o recorte mencionado. Estas remetem a elementos peculiares que surgem naquele contexto social. Teresinha Queiroz chega a nomear como surto o progressivo interesse de uma parcela de piauienses em fazer expandir o gosto pela literatura. Contudo, não significa afirmar que inexistia uma

---

<sup>66</sup> BADINTER, Elisabeth. *As Paixões Intelectuais: desejo de glória (1735-1751)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v.1. p.11.

produção literária até então, uma vez que na primeira metade do século XIX a literatura piauiense viu surgir a consolidação de nomes como Leonardo de Nossa Senhora das Dores Castelo Branco,<sup>67</sup> Hermínio de Carvalho Castelo Branco,<sup>68</sup> Davi Moreira Caldas,<sup>69</sup> José Coriolano de Sousa Lima<sup>70</sup> e Licurgo José Henrique de Paiva<sup>71</sup> como referências na prosa e na poesia. O fato é que nesse momento não ocorreu o que pode ser chamado de um movimento. Estes literatos citados produziam romance, poesia, crítica literária e política de forma isolada e conquistaram pouco destaque no mundo das letras em vida. Somente a partir do final do século XIX outra geração de intelectuais vai lhes fazer o devido reconhecimento para a construção de uma noção de literatura piauiense.

O que faz alterar esse cenário cultural de um estágio de sobriedade para uma fase de efervescência intelectual é a soma de vários elementos, dentre eles: o desenvolvimento do extrativismo, que aquece significativamente a economia piauiense, a expansão das comunicações, o início do processo de industrialização do país e, sobretudo, o alargamento da escolarização em todos os níveis: o crescente número de indivíduos alfabetizados e o progressivo aumento do número de cursos de ensino técnico e superior, assim como também um tímido crescimento de faculdades. No Piauí, o ensino superior chegou apenas no início do século XX.<sup>72</sup> Até esse momento, àqueles que aspiravam assumir uma vaga em faculdade precisavam se deslocar para outros estados.

No final do século XIX, os estudantes piauienses deslocavam-se com mais facilidade para seminários católicos, escolas militares, cujo ensino se concentrava em ensino técnico e científico, e, em alguns casos, também ingressavam nas faculdades. No ensino superior, o atrativo menor era medicina, uma vez que nada despertava interesse tão forte entre os moços da época como a carreira jurídica. Esta estava consolidada como

---

<sup>67</sup> Leonardo de Nossa Senhora das Dores Castelo Branco (1789-1873). Grande personalidade da primeira metade do século XIX ao se dedicar ao progresso da ciência. Publicou os livros de poesia *O Santíssimo Milagre* (1839) e *A Criação Universal* (1856)

<sup>68</sup> Hermínio de Carvalho Castelo Branco (20/05/1851-06/1889). Militar, jornalista e militante do Partido Liberal. Obteve destaque com a sua poesia nos livros: *Lira Sertaneja* e *Harpa do Caçador*.

<sup>69</sup> Davi Moreira Caldas (22/05/1836-03/01/1872). Bacharel em Direito, promotor público, deputado provincial, jornalista e professor. Teve grande destaque na imprensa ao redigir *A Imprensa* e fundar o seu próprio jornal *O Amigo do Povo*.

<sup>70</sup> José Coriolano de Sousa Lima (29/10/1829-25/08/1869). Nascido em Crateús (CE) foi jurista e político. Estudou na Faculdade de Direito do Recife, exerceu cargo de deputado provincial, promotor público e juiz de direito. Publicou o livro de poesias *Impressões e gemidos* em 1870. Para alguns biógrafos é considerado o “Príncipe dos poetas piauienses”

<sup>71</sup> Licurgo José Henrique de Paiva (18/03/1842-19/12/1888). Nascido em Oeiras (PI) foi jornalista e escritor. Autor do livro de poesias *Flores da Noite* (1866) muito prestigiado na época.

<sup>72</sup> Primeira instituição de ensino superior do Piauí é a Faculdade de Direito do Piauí fundada em Teresina, em 25 de março de 1931.

a mais almejada entre as elites no Brasil e a sociedade piauiense não fugia desse anseio. As cidades de São Paulo<sup>73</sup> e Recife<sup>74</sup> receberam as primeiras faculdades de ciências jurídicas que formavam novos bacharéis em Direito do Brasil. Pela proximidade geográfica, Recife acabou se transformando no destino mais frequente de jovens piauienses oriundos de famílias de médio e alto poder aquisitivo.

A formação elementar no Piauí, seja ela escola pública ou de iniciativa privada, foi historicamente alvo de críticas pela sua qualidade. Para Marcelo de Sousa Neto,<sup>75</sup> foi somente durante a Primeira República que a capital piauiense conseguiu obter um ensino primário e secundário de qualidade. Durante o decorrer dos séculos XVIII e XIX, os estudantes recorriam ao ensino privado – mestres-escolas e raras instituições particulares – e escolas públicas, que não conseguiam se manter em funcionamento por muito tempo.<sup>76</sup> As razões para tal desvalorização do ensino eram inúmeras: a falta de professores, a baixa remuneração dos mestres contratados, a evasão escolar e a ausência de investimentos públicos para manter as escolas do governo funcionando regularmente com uma infraestrutura mínima. Na maior parte dos casos os estudantes recorriam a professores particulares ou migravam para outros centros urbanos maiores, a exemplo de São Luís (MA) e Fortaleza (CE), para concluírem seus estudos e prestar exames preparatórios. Uma parcela destes ambicionavam concorrer a uma vaga no curso de Direito. Geralmente aqueles estudantes com algum poder aquisitivo conseguiam avançar nos estudos e chegar à faculdade.

Clodoaldo Freitas está incluído entre estes sujeitos que deixaram o sertão piauiense para prosseguir com os estudos. Sua chegada em São Luís (MA) representa um marco para a sua carreira intelectual, uma vez que o jovem entrou em contato pela primeira vez com um grande centro urbano cultural do Norte do Brasil. O ano era 1870 e a capital da província do Maranhão havia conquistado fama nacional pelo seu comprometimento em

---

<sup>73</sup> Atendendo uma demanda crescente, D. Pedro II cria em 1827 dois Cursos de Ciências Jurídicas e Sociais um sediado na cidade de São Paulo (SP) e o outro na cidade de Olinda (PE). CARVALHO, 2003.

<sup>74</sup> No ano de 1854 a Faculdade de Olinda se muda para a cidade de Recife.

<sup>75</sup> SOUSA NETO, Marcelo de. *Entre Vaqueiros e Fidalgos: sociedade, política e educação no Piauí (1820-1850)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2013.

<sup>76</sup> COSTA FILHO, Alcebíades. *A Escola do Sertão: ensino e sociedade no Piauí, 1950-1899*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006.

manter uma efervescência cultural que alcançava as ciências, as letras, o teatro e a música.<sup>77</sup>

A explicação para essa peculiar relação da cidade de São Luís com a cultura está associada ao quadro socioeconômico do Maranhão no decorrer dos séculos XVIII e XIX, beneficiado especialmente com os lucros da exportação do arroz e do algodão. Esta próspera vida econômica dos grandes proprietários permitiu a fomentação da riqueza material e cultural da província, que, aliada a proximidade geográfica de São Luís com Lisboa a partir do porto marítimo impulsionou as ligações das tradicionais famílias ludovicenses com a cultura europeia. O viajante francês Alcide Dessalines d'Orbigny, ao incursionar pela cidade na década de 1850, oferece um registro da singular São Luís daquele período que ajuda a compreender a constituição dessa metrópole cultural no Brasil:

Notável por sua elegância e suas maneiras e por sua fineza. A riqueza do país, o desejo de imitar os costumes europeus popularizados por uma infinidade de casas francesas e inglesas, mas sobretudo a liberdade, a perfeita educação, os modos delicados e suaves das mulheres do Maranhão contribuíram para fazer desta cidade um dos lugares mais agradáveis de se viver no Brasil. Em suas maiorias criadas em Portugal, as jovens senhoritas da região traziam consigo o gosto pelo trabalho e pela ordem, recato e comportamento geralmente alheios às nativas... quanto aos rapazes, quase todos vão estudar nos melhores colégios da França ou da Inglaterra.<sup>78</sup>

Esse dinamismo cultural de São Luís impulsionou não apenas os modos dos cidadãos, mas também afetou a própria estrutura urbana com a instalação de espaços culturais para atender a demanda dos moradores. Teatro, imprensas, clubes, associações culturais e bibliotecas ajudaram a dar o tom dessa cidade tão promissora do ponto de vista cultural.

Provavelmente o jovem Clodoaldo ficou encantado com a nova cidade e, de fato razões não lhe faltaram. As opções de lazer eram muitas, a exemplo do teatro, onde se apresentavam as mais variadas companhias teatrais europeias.<sup>79</sup> Some-se a isso ao fato de

---

<sup>77</sup> GOUVEIA NETO, João Costa. *Ao som de pianos, flautas e rabecas...* Estudo das vivências musicais das elites na São Luís da segunda metade do século XIX. Dissertação. Programa de Pós-graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

<sup>78</sup> D'ORBIGNY, Alcides Dessalines. *Viagem pitoresca através do Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1976. p.13 apud BORRALHO, José Henrique de Paula. *Terra e céu de nostalgia: tradição e identidade em São Luís do Maranhão*. São Luís: n.d, 2000. p.39.

<sup>79</sup> Em 1816 começava a funcionar o Teatro União, posteriormente, em 1852 recebeu o nome de São Luís. Atualmente se chama Teatro Arthur Azevedo.

que a existência de uma agenda regular de peças teatrais, apresentações musicais, óperas e afins estimulavam uma vida social não apenas no espaço delimitado ao teatro, mas também em ruas adjacentes, o que aproximava São Luís cada vez mais de uma metrópole europeia.

A existência de gráficas modernas na capital maranhense permitiu a criação e manutenção regular a dezenas de títulos de jornais literários e políticos cuja circulação semanal ou quinzenal contava com um número significativo de assinantes. Por fim, a presença de um parque gráfico ajudava a abastecer o gosto pela leitura entre ludovicenses, que recorriam às várias livrarias que comercializavam especialmente a produção literária portuguesa e francesa. Para os estudantes de baixo poder aquisitivo, a inauguração da Biblioteca Pública (1829) e do Gabinete Português de Leitura (1852) atendiam com seus respectivos acervos aqueles leitores que não podiam adquirir seus próprios livros.<sup>80</sup>

É nesse ambiente propício que surge em São Luís a alcunha de “Atenas Brasileira”. O codinome é resultado da atuação de um grupo de poetas, jornalistas, romancistas, teatrólogos, biógrafos, historiadores e demais intelectuais.<sup>81</sup> São estes homens talhados pela vivência de uma cultura das letras que proporcionaram a cidade de São Luís a fama de ser um berço da cultura ímpar que persiste até os dias atuais, ainda que o quadro econômico não tenha permanecido o mesmo no final do século XIX com a queda das exportações e conseqüente declínio econômico dos grandes proprietários.<sup>82</sup>

Apesar da evidente efervescência cultural, a cidade de São Luís vai receber sua primeira instituição de ensino superior apenas em 1918, com a fundação da Faculdade de Direito do Maranhão.<sup>83</sup> Diante da inexistência de tal instituição, os filhos das famílias

---

<sup>80</sup> BORRALHO, José Henrique de Paula. *Terra e céu de nostalgia: tradição e identidade em São Luís do Maranhão*. São Luís: [n.d.], 2000.

<sup>81</sup> No decorrer do século XIX apresentaram-se dois grupos de intelectuais. O primeiro denominado “Grupo Maranhense” atuou entre 1832 e 1868. Seus integrantes foram: Manuel Odorico Mendes, Francisco Sotero dos Reis, Joao Francisco Lisboa, Trajano Galvão de Carvalho, Antonio Gonçalves Dias, Antonio Henrique Leal, Joaquim Gomes de Sousa, Joaquim de Sousa Andrade (Sousândrade) e Cesar Augusto Marques. A cidade ainda presenciou a formação de um segundo grupo formado por: Celso da Cunha Magalhaes, Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo, Raimundo da Mota de Azevedo Correia, Arthur Nabantino Gonçalves de Azevedo, Teófilo Dias de Mesquita, Adelino Fontoura Chaves, Henrique Maximiliano Coelho Neto, José Pereira da Graça Aranha, Raimundo Nina Rodrigues, Raimundo Teixeira Mendes, Antônio Barbosa de Godois, José Ribeiro do Amaral e João Dunshee de Moura. Ambos os grupos de intelectuais obtiveram projeção além das fronteiras maranhenses. Cf.: BORRALHO, 2010, p.43.

<sup>82</sup> TORRES, Milton. *O Maranhão e o Piauí no espaço colonial*. São Luís: Instituto Geia, 2006.

<sup>83</sup> NOTÍCIAS. *A Pacotilha*. São Luís, ano 4, 29 abr. 1918. A instituição de origem privada teve sua criação idealizada por Domingos de Castro Perdigão, Alfredo de Assis, Almeida Nunes, Antônio Lopes e Fran Paxeco mas o seu efetivo funcionamento aconteceu somente em 1924.

tradicionais ludovicenses e demais estudantes – a exemplo de Clodoaldo Freitas –, que, migraram de cidades menores para ingressar em alguma faculdade, ao concluírem o ensino secundário optavam por deslocar para faculdades existentes situadas em Recife, em São Paulo, e, caso os recursos financeiros familiares permitissem, as lusitanas Coimbra e Porto também eram opções a serem consideradas.

No cenário nacional, quando se refere ao ensino superior as possibilidades mais atrativas repousavam sobre o bacharelado em Direito, todavia deve-se ressaltar também a importância dos cursos de medicina. Em 1808, ocasião da vinda da Família Real ao Brasil, D. João VI autorizou a fundação de dois cursos médicos em território brasileiro, localizados nas cidades de Salvador (BA) e do Rio de Janeiro (RJ).<sup>84</sup> A primeira escola de medicina em Salvador foi denominada inicialmente de Escola de Cirurgia da Bahia – em 1891, a instituição teve seu nome alterado para Faculdade de Medicina, Farmácia, e Odontologia. Já no Rio de Janeiro ocorreu a criação da Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro, que recebeu ao longo dos anos várias denominações, até chegar à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.<sup>85</sup>

Estas instituições representaram, a seu tempo centros de estudos respeitados pelas suas respectivas sociedades, entretanto eram sempre equiparadas às academias de medicina estrangeiras por sua qualidade de ensino, especialmente a faculdade baiana, constantemente denunciada pelos próprios alunos e professores como uma instituição que possuía uma infraestrutura vergonhosa para a prática médica, com uma biblioteca insuficiente, baixo nível científico e falta de credibilidade nos exames preparatórios. A situação do curso de medicina no Rio de Janeiro era mais confortável, haja vista os recursos financeiros oriundos da administração central para equipar e manter a faculdade carioca. Entretanto, a chegada da República faz estes mesmos recursos minguarem e a qualidade do ensino acaba declinando. O resultado não poderia ser outro: “[...] O interesse

---

<sup>84</sup> SÁ, Dominich Miranda de. *A Ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006; ENGEL, Magali G. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

<sup>85</sup> Ambas as instituições seguiam um programa de seis anos divididos em séries de exames e não em semestres, a saber: “[...]1ª série: Física Médica, Química Mineral e Mineralogia Médicas, Botânica e Zoologia Médicas. 2ª série: Anatomia Descritiva, Histologia Teórica e Prática, Química Orgânica e Biológica. 3ª série: Fisiologia Teórica e experimental, Anatomia e Fisiologia Patológicas, Patologia Geral. 4ª série: Patologia Médica, Patologia Cirúrgica, Matéria Médica e Terapêutica especialmente a brasileira. 5ª série: Obstetrícia, Anatomia Cirúrgica, Medicina Operatória e Aparelhos, Farmacologia e Arte de Formular. 6ª série: Higiene e História da Medicina, Medicina Legal e Toxicologia, 7ª série: Clínica Médica de Adultos, Clínica Obstétrica e Ginecológica.” Cf.: ABREU JUNIOR, José Maria; MIRANDA, Aristóteles G. Camilo Salgado e suas três faculdades de medicina. *Revista Pan-Amaz Saúde*, v.5, n.4, 2014, p.13.

entre os estudantes diminuiu e a faculdade carioca, que contava em 1882 com 1.590 alunos matriculados tinha, em 1894, pouco mais de 500.”<sup>86</sup>

Fundar e administrar uma faculdade de ciências jurídicas exigia menores investimentos financeiros do que os cursos de medicina, haja vista a necessidade de corpo docente especializado, laboratórios equipados e clínicas médicas para efetivar as aulas práticas dos discentes. Os fatores mencionados ajudam a entender as barreiras impostas para consolidar um regular funcionamento das faculdades médicas no Brasil, ao contrário das faculdades de Direito que a cada ano letivo eram cada vez mais desejadas pelos filhos das famílias tradicionais.

Com uma localização geográfica favorável para as províncias do Norte do país, a Faculdade de Direito de Olinda representava uma escolha promissora para os aspirantes a bacharéis. De acordo com Clóvis Beviláqua,<sup>87</sup> a presença de piauienses integrando turmas na Faculdade de Direito do Recife era constante. A primeira turma de bacharéis, quando o curso ainda era sediado em Olinda, já contava com um piauiense: Francisco de Sousa Martins.<sup>88</sup> Filho de uma das mais tradicionais e ricas famílias do sul piauiense, Martins se formou como bacharel e atuou como advogado em sua cidade natal, Oeiras. Concentrado em investir em uma carreira política, seguindo os passos da tradição familiar, o jovem Francisco Martins foi eleito consecutivamente para os cargos de juiz de direito e de deputado geral, tendo como ápice da sua carreira as nomeações para o exercício nos cargos de presidente de província, primeiro na Bahia e, posteriormente, no Ceará.

Nesse período em que Francisco de Sousa Martins retorna ao Piauí e inicia sua carreira profissional, a figura do bacharel ainda não estava associada ao mundo das letras. Mesmo ocorrendo isoladamente a produção literária entre estes profissionais, escrever não era em si um elemento de distinção, de demarcação da existência de uma possível classe intelectual. O que pode ser enunciado como uma onda intelectual entre bacharéis só começa a tomar corpo nos anos finais daquele século. Entretanto, uma questão se

---

<sup>86</sup> ABREU JUNIOR; MIRANDA, 2014, p.16.

<sup>87</sup> BEVILÁQUA, 2012.

<sup>88</sup> Nascido no ano de 1805, na Fazenda Canabrava, município de Oeiras, era filho de Joaquim de Sousa Martins e de Teresa de Jesus Maria. Era também sobrinho do Visconde da Parnaíba – Manuel de Sousa Martins, rico proprietário e um dos mais respeitados líderes políticos, que, ao lado de aliados, proclama a Independência do Piauí em 1823. Antes de estudar em Recife, Francisco de Sousa Martins chegou a cursar o primeiro ano na Academia Militar do Rio de Janeiro e dois anos na Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra. Faleceu em Oeiras no ano de 1857.

levanta: o que faz aquele grupo de bacharéis tomar gosto pelo mundo das letras? Teresinha Queiroz traça uma resposta para a questão da origem desse fenômeno:

Seria talvez possível identificá-la desde o final do século XIX, quando se encontram sonhando e trabalhando várias gerações de literatos vindos em sua maioria do século anterior. No final de 1917, quando é fundada a Academia Piauiense de Letras, eles estão entre pouco mais de 20 e mais de 60 anos. Esse encontro fertilizador abarca homens de letras nascidos entre a década de 1850 e o início do século XX, reunindo pelo menos três gerações diferentes. O que esse grupo tem de igual é a esperança e a expectativa da mudança social por intermédio da literatura. O que eles desejam em comum é vergastar a sociedade e seus costumes a partir de seus escritos.<sup>89</sup>

No contexto literário piauiense é possível falar de uma produção literária engajada, cujos sujeitos sociais ensinam uma sociedade marcada pelo desejo de mudança. A passagem de alguns destes jovens pela Faculdade de Direito do Recife teria sido um dos elementos definidores responsáveis por essa mudança de comportamento. A experiência de vivenciar uma atmosfera cultural em uma grande cidade pode ter animado os jovens estudantes para constituir uma projeção social que não estivesse necessariamente ligada à carreira jurídica. Higino Cunha era um daqueles estudantes que deixou a cidade de Teresina e experimentou aquele cenário do bacharelismo. Em seus registros de memória é visível compreender o impacto causado pelo espaço acadêmico de Recife:

Essas ‘ideias novas’ eram tributárias de um pensamento que, ancorado na confiança, na razão, ciência e progresso europeus, condenava a religião, a metafísica e o clericalismo. Baseada na valorização do método científico, essa geração iria difundir e defender novas correntes de pensamento com o positivismo de Comte, o biologismo de Darwin, o evolucionismo de Spencer e o determinismo de Taine. O ‘bando de ideias novas’ tornou-se referencial importante para se pensar o Brasil e seus graves problemas. [...] Um dos maiores impasses enfrentados pela ‘Geração de 1870’ foi o de tentar conciliar os pressupostos teóricos europeus, marcados pelo racismo e pela avaliação negativa das possibilidades de civilização em países periféricos, com uma realidade tropical e uma sociedade miscigenada, muito diversa em termos sociais e étnicos. Os desafios dessa geração não foram pequenos. Envolvem o encaminhamento da abolição da escravidão, a reorganização do mercado disciplinado de trabalho, a diversificação social, principalmente nas cidades, e o estabelecimento de uma nova ordem política e social para a nação que se pretendia fundar.<sup>90</sup>

---

<sup>89</sup> QUEIROZ, 1998, p. 104-105.

<sup>90</sup> CUNHA, Higino. *Memórias*: traços autobiográficos. Teresina: Imprensa Oficial, 1939.

Outras motivações também podem ser elencadas como responsáveis por impulsionar o gosto por uma cultura letrada, tais como: a abertura das primeiras tipografias de Teresina – que possibilitam economicamente a publicação de livros e revistas –, a expansão de novos periódicos na cidade e o encantamento com a ascensão literária de alguns nomes na cidade do Rio de Janeiro, tida então como uma capital cultural. Todavia, o que deve realmente ser destacado como elemento definidor para a eclosão de um movimento intelectual é a formação acadêmica destes sujeitos.

A fim de compreender a inserção dos bacharéis no mundo do trabalho é importante considerar a trama de interesses políticos e pessoais que envolve a carreira jurídica na sociedade brasileira. A percepção contemporânea de uma atuação jurídica pautada no conhecimento técnico e no investimento do estudo das ciências jurídicas com o fim de ampliar o conceito e o alcance da justiça para todos os cidadãos não configurava o cenário da vivência de um magistrado no decorrer do século XIX. O ingresso de bacharéis no espaço da magistratura brasileira ocorria após a escolha do Ministro da Justiça. Entretanto, esta convocação era resultante de um processo de seleção no qual critérios técnicos eram minimizados e o que prevalecia era o peso dos laços pessoais. As ligações sociais com grupos de elite política agiam com grande vigor e exigiam que o recém bacharel soubesse reconhecer de que maneira iria atuar dentro do sistema político brasileiro. As aptidões e o saber técnico-jurídico adquiridos nos anos de bacharelado em Direito eram colocados a segundo plano. O que possuía naquele momento realmente algum valor para garantir a sua nomeação era a sua competência para se portar como representante da Coroa nas diferentes províncias do território nacional.

Durante o período imperial, o Estado brasileiro se preocupou em construir uma sociedade que garantisse a constituição e a preservação de uma unidade nacional. Isto posto, cursos de Direito em Olinda e em São Paulo foram criados com o objetivo de firmar uma nova elite. Para José Murilo de Carvalho, os bacharéis tiveram uma significativa importância na formação do Estado nacional, visto que a formação intelectual homogênea criada nas faculdades possibilitou a consolidação de uma ideologia comum sob o total controle do governo. Nessas instituições de ciências jurídicas o “[...] efeito homogeneizante da educação formava alunos vinculados a um estilo de vida que distante da população reforçava a noção de que era um grupo destinado a governar.”<sup>91</sup>

---

<sup>91</sup> CARVALHO, 2003, p.88.

Após o término dos seus estudos, o novo bacharel geralmente projetava a atividade política como caminho a ser trilhado. Durante todo o período imperial a escolha pela magistratura se fundamentou como um passo obrigatório para aqueles que almejavam ascender às funções burocráticas mais importantes do Estado brasileiro. Muito embora esse lugar a ser ocupado pelos futuros magistrados tivesse um preço alto a ser considerado, uma vez que mesmo após o ingresso na carreira pública, o controle sobre a forma de atuação do bacharel persistia por causa da constante ameaça de remoção para postos de menos destaque no interior das províncias.

É válido tecer breves considerações sobre a estrutura burocrática existente no poder judiciário no decorrer do século XIX para uma compreensão mais adequada do que seria uma carreira judiciária em período contemporâneo ao de Clodoaldo Freitas. Quando então o novo império tentava se legitimar o governo brasileiro outorgou a Constituição de 1824.<sup>92</sup> Em linhas gerais, a carta estabelecia a existência de quatro poderes: legislativo, moderador executivo e judicial. Este último seria na forma da lei um poder independente, todavia, essa parte da legislação jamais foi concretizada na ordem política e social do Império, uma vez que a escolha dos juízes e o seu progresso na carreira como magistrado estava totalmente dependente das vontades pessoais e atribuições em torno do Imperador e do Ministro da Justiça.

No que se refere a constituição estrutural integravam o poder judiciário: os jurados (entre aqueles que poderiam ser eleitores para compor o júri de acusação e o júri de julgamento), o juiz de direito (deveria ser bacharel em direito, sua nomeação era atribuição do Ministro da Justiça, o cargo era perpétuo mas passível de remoção, julgava crimes e resolução de conflitos de direito privado, subordinado ao presidente da província) e o juiz de paz (eleito, não era obrigatória formação jurídica para ocupar este cargo, possuía competência judicial e policial). No ano de 1841 foi implantada uma reforma no Poder Judiciário. Esta reformulação trouxe o seguinte quadro: um juiz municipal, um conselho de jurados, um Promotor Público, um escrivão das execuções, oficiais da justiça, e, segundo Victor Leal Nunes, em cada comarca deveria existir um juiz de direito, podendo chegar a três, sendo que um deles ocuparia o cargo de chefe de polícia. Haveria em cada

---

<sup>92</sup> IMPÉRIO DO BRASIL. Constituição Política do Império do Brasil. Brasília: Planalto do Governo. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao24.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm). Acesso em 09 mar. 2020.

distrito um juiz de paz eleito, além de um escrivão, um oficial de justiça e inspetores de quartirão.<sup>93</sup>

Em 1871, uma nova reforma no judiciário se propôs a separar as funções policiais e judiciais. A nova estrutura do poder judiciário ficou distribuída da seguinte maneira: Supremo Tribunal de Justiça, Relações da Corte, um juiz de direito em cada comarca, juízes substitutos, juízes municipais, juízes de paz e tribunal do Júri.

A carreira dos bacharéis dentro do poder público se iniciava quase sempre no cargo de juiz municipal, mediante nomeação do Ministro da Justiça. Após a colação de grau, o bacharel que comprovasse pelo menos um ano de prática forense poderia ser nomeado para o cargo de juiz municipal, por um período de quatro anos podendo ser renovado por igual período.<sup>94</sup> Na sequência, dependendo de como administrou seu prestígio político no lugar onde fora lotado, o magistrado poderia conquistar uma nomeação para o cargo de juiz de direito, para isso deveria comprovar sua fidelidade partidária. Nesse momento, o magistrado poderia facilmente postular um cargo eletivo para Assembleia Provincial ou para a Câmara na Corte. Se eleito, acumulava o cargo junto com o juiz de direito.<sup>95</sup>

José Murilo de Carvalho,<sup>96</sup> ao realizar uma análise sobre a administração do Brasil nas últimas décadas do século XIX apresenta um cenário no qual a economia do país estava essencialmente vinculada às atividades agropecuárias. Fora desse setor, as possibilidades de se inserir em um mercado de trabalho estavam praticamente reduzidas a cargos burocráticos. Em linhas gerais, os dados mostram que a base da estrutura administrativa estava em cargos relacionados ao Governo Central – que dispunha ainda de vagas no Senado, na Câmara, no Exército, no setor eclesiástico, nas faculdades de Direito e nas demais repartições públicas – aos governos provinciais e às câmaras municipais. Ainda segundo Carvalho, mesmo que houvesse uma diversidade de ocupações em cargos públicos as vagas disponíveis comportavam apenas uma quantidade pequena de funcionários, contrariando o discurso tradicional de que haveria um setor burocrático numericamente inchado que dificultava as finanças do Estado.<sup>97</sup> Na verdade,

---

<sup>93</sup> LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976. p. 193.

<sup>94</sup> Juiz municipal e de direito eram remunerados pelo governo central e mediante cobrança de custas e emolumentos. Juízes leigos recebiam somente custas.

<sup>95</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem: a elite política imperial/ Teatro das Sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

<sup>96</sup> CARVALHO, 2003.

<sup>97</sup> Em uma população estimada em 9.930.478 de pessoas, haviam 54.372 de funcionários públicos em todo o país no ano de 1877. Esses dados correspondem a menos de 0,55% da população geral.

o que chama a atenção desse quadro é o lugar do clientelismo na relação construída entre o governo central e as elites locais. Desconsiderando ideologias políticas de seus respectivos partidos, as famílias disputavam espaços de poder que pudessem ajudar a manter os arranjos políticos locais e definir aqueles que seriam contemplados e os que seriam alijados do poder local, e, por consequência dos limitados cargos públicos disponíveis.

Em novembro de 1880, Clodoaldo Freitas conclui o curso de bacharel em Direito, na cidade de Recife e retornou ao Piauí. Suas relações familiares influenciaram os trâmites para sua rápida inserção na carreira jurídica e nos quadros do funcionalismo público, uma vez que em janeiro de 1881 ele assumiu o cargo de Promotor Público em Teresina. Sua família possuía boas relações com os liberais que assumiram o poder da província naquele mesmo período e, não por acaso, Freitas filia-se ao Partido Liberal logo após à sua chegada à capital piauiense.<sup>98</sup>

No ano seguinte, uma nova nomeação: Juiz Municipal e de Órfãos da cidade de Valença (localizada no sul do Piauí).<sup>99</sup> Após cumprir pouco mais de um ano em exercício naquela pequena cidade, sua remoção para a capital do Piauí é concedida. Nesse intervalo de tempo, Freitas se desdobrava ocupando cargo na magistratura e na docência, ao ocupar também o cargo de lente interino do Liceu Piauiense em Teresina. Essa rotina de trabalho segue até meados de 1885, quando os liberais sofrem derrota nas eleições e o Partido Conservador assume o governo. Enquanto o grupo político no qual Clodoaldo Freitas pertencia se mantinha no poder, a ocupação de cargos no funcionalismo público era facilitada, entretanto, quando os conservadores ocupavam o poder aqueles que seriam seus rivais amargavam exclusões nos quadros administrativos. Convém afirmar se acaso a postura política de Clodoaldo Freitas fosse inversa, vinculado ao Partido Conservador, as agruras para conseguir se acomodar em cargos públicos seriam a mesma. Estas eram as regras do jogo do poder no Brasil oitocentista. O destino de Clodoaldo Freitas, naquela ocasião, sem o peso das influências políticas para se manter nos cargos, foi assumir o exercício da advocacia atuando nas províncias do Piauí e do Maranhão.

No decorrer de sua carreira profissional Clodoaldo Freitas estabeleceu residência, em diferentes momentos, fora do Piauí, fato comum para época, uma vez que as

---

Ver: CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial/ Teatro das sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

<sup>98</sup> NOTÍCIAS políticas. *Jornal do Recife*. Recife, ano 33, n. 164, 20 jul. 1890, p.1.

<sup>99</sup> MINISTÉRIO da Justiça. *Jornal do Recife*. Recife, ano 33, n. 125, 3 jun. 1890, p.2; MINISTÉRIO da Justiça. *Jornal do Recife*. Recife, ano 33, n. 92, 24 abr. 1890, p.1.

possibilidades de exercer cargo público através de nomeação dentro Império eram maiores devido às boas relações construídas durante os estudos em Recife. Enquanto os conservadores se mantiveram no poder, Clodoaldo Freitas viveu períodos de dificuldades financeiras, sendo forçado a se deslocar para regiões mais distantes da sua família. Nesse intervalo de tempo, Clodoaldo já não era mais um homem solteiro. Contraíra matrimônio com a jovem Corina e as responsabilidades de chefe de família aumentaram ainda mais com a chegada dos primeiros filhos desse casamento. Entre 1888 e 1894, Freitas se viu obrigado a partir para Santa Filomena (MA), como juiz municipal, e para distante Lábrea (AM), para exercer o cargo de inspetor escolar.<sup>100</sup>

Os anos iniciais do século XX continuaram difíceis para Clodoaldo Freitas obter nomeações em cargos públicos dentro do Piauí. Após breves temporadas em Teresina trabalhando como advogado, chefe de polícia e procurador geral, Freitas volta a se deslocar para fora do estado, ocupando o cargo de lente da Faculdade de Direito do Pará e no Ginásio Paes de Carvalho em Belém.<sup>101</sup>

Em 1906, Freitas volta ao Maranhão. Naquela ocasião Benedito Leite, seu antigo colega de turma na Faculdade de Direito de Recife, com quem manteve vínculos pessoais, assumiu o poder do Estado.<sup>102</sup> Os dias oportunos pareciam que finalmente haviam chegado. As possibilidades de ingressar nos quadros públicos foram melhores para Freitas, e ele consegue intercalar atividade na docência com nomeações no funcionalismo público maranhense. Nessa temporada em terras maranhenses, Clodoaldo Freitas conseguiu ocupar os cargos de inspetor escolar, auxiliar do Diretor da Escola Normal de São Luís, fiscal orçamentário e analista de tributação municipal, professor provisório da cadeira de História Universal e do Brasil no Liceu Maranhense, juiz em disponibilidade do Tribunal de Justiça do Maranhão, professor secundário no Colégio Maranhense e Procurador Geral Interino do Estado do Maranhão.<sup>103</sup> Na década de 1910, Clodoaldo

---

<sup>100</sup> QUEIROZ, Teresinha. *Os Literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo*. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011. p.126.

<sup>101</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>102</sup> Benedito Pereira Leite (4/10/1857-6/03/1909) Bacharel em Direito, promotor público, juiz municipal, jornalista, deputado federal, senador, fundou os jornais *O Nacional* e *O Federalista*. Governou o Maranhão entre os anos de 1906 e 1908. Cf.: LEITE NETO, Leonardo. *Catálogo biográfico dos senadores brasileiros: de 1826 a 1986*. Brasília: Senado Federal, 1986. p. 441-442.

<sup>103</sup> TELEGRAMA... *Jornal Pequeno*, Recife, ano 11, n. 207, 15 set. 1909, p.3; PELO FORO. *Pacotilha*, São Luís, ano 30, n.245, 14 out. 1930; PARTIDAS e chegadas. *Pacotilha*, São Luís, anos 30, n. 166, 16 jul. 1910, p.1.

Freitas intercala o seu trabalho como advogado e com nomeações no Piauí (diretor do Arquivo Público) e no Maranhão (Diretor da Imprensa Oficial).<sup>104</sup>

Em 1916, o governador Miguel Rosa nomeia Clodoaldo Freitas para o cargo de desembargador do Tribunal de Justiça do Piauí. Freitas já contava nessa época com 60 anos de idade. Esta colocação permitiu que Freitas fixasse residência em Teresina e essa estabilidade profissional proporcionou mais tempo livre para Clodoaldo Freitas consolidar outros projetos pessoais face ao movimento intelectual que despontava em Teresina. Sua intenção era fortalecer suas relações sociais com outros intelectuais locais e, finalmente, abraçar com maior liberdade a carreira literária que até aquele momento disputava sua atenção com as suas tentativas de garantir o sustento familiar com o trabalho no âmbito do funcionalismo público e na carreira jurídica. Como desembargador, Clodoaldo Freitas permaneceu no cargo até a sua morte no ano de 1924.<sup>105</sup>

Ainda que tivesse um acentuado investimento em sua formação escolar, proporcionando uma incorporação aos campos de saber e de poder, não é possível reduzir a designação da figura de intelectual a tão somente à sua carreira jurídica. É preciso ampliar o olhar para as demais conjunturas que integram a noção de intelectual. Na transição do século XIX para o século XX, o que predomina é uma forma de conceituar que elenca o caráter singular de investir em instrução escolar em um país com visíveis barreiras educacionais, o fato de se inserir em uma carreira jurídica ambicionada socialmente pelo restante do conjunto social e pelas imprevisíveis relações de poder que permeiam as disputas por cargos públicos. A jornada de Clodoaldo Freitas nesse campo intelectual é atravessada por todos esses elementos que ajudam a consolidar a complexa definição de conceitos que envolvem o ser/fazer intelectual

A atividade regular nos veículos de imprensa também se constituía como uma opção para os egressos da faculdade, uma vez que a proliferação de equipamentos de imprensa nas demais cidades brasileiras estabeleceu uma demanda por intelectuais que atuassem nas redações desta crescente imprensa periódica, abastecendo os leitores com

---

<sup>104</sup> PELO governo. *Pacotilha*, São Luís, ano 26, n. 110, 10 maio 1906; FOI CONCEDIDO. *Diário do Maranhão*. São Luís, ano 37, n. 9.930, p.2, 22 maio 1906; COLÉGIO Maranhense. *Pacotilha*, São Luís, ano 27, n.21, p.2, 24 jan. 1907; PARA Substituir. *Pacotilha*, São Luís, ano 27, n. 124, p.2, 25 maio 1907; NOVO Instituto. *Diário do Maranhão*, São Luís, ano 39, n.10434, p.2, 30 abr. 1908; QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e República: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: EDUFPI, 2011.

<sup>105</sup> CLODOALDO Freitas. *Diário de São Luís*, São Luís, ano 4, n. 137, 30 jun. 1924, p.1; DESEMBARGADOR Clodoaldo Freitas. *Folha do Povo*, São Luís, ano 2, n. 154, p.2, 30 jun. 1924; O ENTERRO... *Folha do Povo*, São Luís, ano 2, n.155, p.2, 1 jul. 1924.

artigos de cunho político, filosófico e literário. Uma análise dessa experiência singular pode ser conferida na sequência desta tese.

## 2.2 Clodoaldo Freitas e a Academia: percursos de um literato

Compreender a complexidade dos universos culturais tem sido uma das ambições conceituais e metodológicas proporcionada pela Nova História Cultural,<sup>106</sup> ancorada em uma abordagem cujo principal objetivo é identificar a maneira como em diferentes espaços e contextos históricos uma determinada realidade social é construída e interpretada. Essa vertente historiográfica ajuda a refletir sobre o modo como as percepções do social foram delimitadas a partir de discursos e representações do real sem deixar de considerar a existência da pluralidade de um sistema de pensamentos e ideias que coexistem em uma mesma cultura.

É dentro dessa vertente historiográfica que a história dos intelectuais voltou a encontrar um terreno fértil para tratar seus objetos. A trajetória desse domínio da História percorreu todo o século XX, mas entrecortada por períodos de ostracismo por parte dos historiadores. Os estudos desenvolvidos acerca das atividades intelectuais e de sujeitos ligados às mesmas ideias, assim como também suas ações no meio social, sempre tiveram espaço reservado na pesquisa histórica. Entretanto, o surgimento do movimento liderado por Lucien Febvre e Marc Bloch<sup>107</sup> impactou diretamente no que se compreendia em relação à História disciplina e no percurso empreendido por historiadores que desejavam pesquisar a história das ideias e dos intelectuais.<sup>108</sup> As ideias principais dos historiadores da primeira geração dos *Annales* gravitavam em torno da substituição da tradicional história da narrativa dos acontecimentos – generalizada em torno do político – por uma

---

<sup>106</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. 2 ed. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 2002; VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro Flamarion. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. p. 127-162; HARLAN, David. A história intelectual e o retorno da literatura. In: RAGO, Margareth. (Org.). *Narrar o passado, repensar a História*. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2014. p.13-60.

<sup>107</sup> Marc Bloch e Lucien Febvre representam a primeira geração desses historiadores ligados à Escola dos *Annales*. A atuação deles refere-se aos anos de 1929 a 1945.

<sup>108</sup> Os historiadores criaram a famosa revista francesa *Annales d'Historie Économique et Sociale* em 1929, posteriormente o periódico recebeu outras nomenclaturas tais como: *Annales. Economies. Sociétés. Civilisations*. (1946). Atualmente, recebe o título de *Annales: Histoire, Sciences Sociales*. (1989) Cf.: BURKE, Peter. *A Escola dos Annales 1929-1989: a revolução francesa da historiografia*. 3 ed. São Paulo: UNESP, 1991.

narrativa histórica baseada na ideia da história-problema, mais atenta a todas as ações do homem no tempo e essencialmente interdisciplinar. Essa forma de abordagem afastou o interesse dos historiadores por temas associados às figuras intelectuais que, quase sempre, estavam diretamente ligadas às relações de poder. Essa fase mais inóspita para os estudos sobre os intelectuais predominou na historiografia até o final da década de 1960, quando emergiu a chamada terceira geração dos Annales, cuja forma de fazer história estava pautada no desenvolvimento de uma história das mentalidades – posteriormente passou a ser nomeada de história cultural – e de uma história social.<sup>109</sup> As mudanças teórico-metodológicas causadas por essa vertente historiográfica foram efetuadas pela influência direta da etno-história, da antropologia histórica e da captura de referências produzidos por Pierre Bourdieu, Michel Foucault e Michel de Certeau. Deste modo, foi possível construir entre os historiadores uma reabilitação dessa história das ideias e dessa história intelectual ao trazer para a cena acadêmica o interesse por pesquisas associadas a biografia, aos intelectuais, a movimentos coletivos, e, à própria história política.

Ao longo do curso do século XX, esse campo da História foi apresentado em análise a partir de diferentes concepções, a saber: história das mentalidades, história das ideias e, mais recentemente, o que tem prevalecido é a denominação de história intelectual.<sup>110</sup>

Contemporaneamente, o cenário da história dos intelectuais se associa a uma proposta que uniu o político e o cultural. Esse domínio da história pode ser revigorado graças às novas abordagens proporcionadas pelo surgimento da Nova História Política e pela Nova História Cultural.<sup>111</sup> O fato é que a história dos intelectuais foi progressivamente conquistando espaço próprio entre os historiadores, constituindo como objeto histórico fundamental as ideias, as crenças, os valores e as representações próprias de um grupo social. Para Roger Chartier, ao tentar inserir o estudo das ideias e atitudes no conjunto das práticas sociais, a história intelectual deslocou os limites disciplinares estabelecidos, reunindo em análise códigos e comportamentos próprios dos intelectuais.<sup>112</sup>

---

<sup>109</sup> A terceira geração dos Annales foi representada por Jacques Le Goff, Pierre Nora e Pierre Chanu, mais precisamente entre os anos de 1968 a 1989. Cf.: BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. *As Escolas Históricas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

<sup>110</sup> FALCON, Francisco. História das ideias. In: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro Flamarion. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. p. 91-125.

<sup>111</sup> BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

<sup>112</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. 2 ed. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 2002.

A constituição de uma história dos intelectuais permitiu o estabelecimento de uma alternativa à abordagem da historiografia tradicional – pautada em sua maioria em temas políticos e econômicos –, comprometida com análise das concepções individuais e dos movimentos coletivos, mas alicerçada em conceitos inovadores como utensilagem mental, formas de pensamento e atitudes mentais.<sup>113</sup> Ao mensurar a escrita histórica recente é possível perceber que houve um esforço para pensar a relação das ideias cruzada com a realidade social. Os enfoques são diversificados, elegendo como objetos de pesquisa os escritores, os jornalistas, os críticos intelectuais, os poetas, os romancistas, os tipógrafos, os editores, os livreiros, os artistas, os atores, os produtores culturais, os músicos, os estudantes e, também o crescente público consumidor, a exemplo dos fiéis leitores e também aqueles que podem ser enquadrados como leitores de ocasião. Todos estes que simpatizavam com as ações da prática intelectual mencionados asseveraram através de suas mentalidades coletivas, de suas atitudes individuais e de suas obras em geral, a consciência do grupo ou dos grupos de que fazem parte. No caso específico das elites letradas, que é objeto deste estudo, ressalto o quanto estes literatos podem estar unidos por uma mesma leitura que se faz do grupo social a qual pertencem. Em alguns casos, é possível que, orientados por práticas discursivas específicas, essa seja também a mesma leitura partilhada por toda uma sociedade.

Esta pesquisa seguiu o curso construído pelo campo da história intelectual, cujas reflexões se concentram nessas diversas formas de crenças e nessas opiniões não cristalizadas que remetem a um mesmo grupo de sujeitos em um determinado recorte espaço-temporal. Compreender o universo cultural dos intelectuais em Teresina no início do século XX em função das condições de formação intelectual de determinadas representações coletivas configura-se como preocupação principal deste momento do estudo.

Além de olhar a trajetória literária de Clodoaldo Freitas, faz-se necessário somar a esta análise o perfil de outros literatos. Foco em quatro bacharéis oriundos da Faculdade de Direito de Recife que retornam a terra natal para desenvolver sua carreira profissional: Higino Cunha, Felon Castelo Branco, Abdias Neves e Edison da Paz Cunha. Vale destacar que estes homens possuíam idades diferentes, não pertenceram às mesmas turmas da faculdade e, portanto, não estudaram juntos. Nesse caso, o que faz deles um

---

<sup>113</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. 2 ed. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 2002.

grupo intelectual coeso então? O fato de todos residirem na mesma cidade não seria o bastante para esta reflexão. A resposta para aquela pergunta pode estar pautada no gosto comum que os bachareis demonstravam pelas letras, mas some-se a isso o fato destes intelectuais citados serem responsáveis por um dos mais importantes episódios da história da cultura piauiense: a fundação da Academia Piauiense de Letras (APL), ocorrida no ano de 1917.<sup>114</sup>

Os quatro bachareis citados acima integraram o elenco de fundadores e primeiros integrantes ativos da APL. Considero perfeitamente possível efetuar uma análise sobre cada perfil para entender as razões dessa união em prol da fundação da Academia Piauiense de Letras, que deve ser vista não apenas como uma mera formação de mais uma associação literária/recreativa, mas como uma estratégia dos intelectuais para consolidar seu nome, seu poder e a sua memória. Todavia, é importante registrar que essa ação de criar uma instituição própria com o fim de resguardar a sua própria memória não é necessariamente uma ação proposital por parte daqueles homens de letras.<sup>115</sup> O fato é que uma das ambições finais de um intelectual geralmente é conseguir registrar seu nome para a posteridade. Nesse caso, desenvolver uma respeitável carreira literária, conseguir a simpatia de seus pares sobre a sua posição intelectual e conquistar a opinião pública são apenas etapas em direção a esta “louca esperança”: tornar-se um imortal!<sup>116</sup>

A análise sobre a trajetória dos intelectuais selecionados neste estudo começa por Higino Cícero da Cunha (1858-1943). Higino Cunha nasceu em Flores (MA)<sup>117</sup> mas sempre residiu em Teresina. No ano de 1885 se forma bacharel em Direito e em seguida exerce os cargos de jornalista, professor e promotor. Foi considerado um grande mestre de seu tempo e atuou no Liceu Piauiense, Escola Normal Oficial e na Faculdade de Direito do Piauí. Seu êxito maior foi na imprensa atuando fortemente nas causas abolicionistas e republicanas. Considerado um homem culto em diferentes áreas Higino Cunha destacou-

---

<sup>114</sup> A ideia de criar a Academia Piauiense de Letras foi amadurecida durante as inúmeras reuniões de intelectuais piauienses promovidas por Clodoaldo Freitas em sua residência. Somente em 30 de dezembro de 1917 os senhores Clodoaldo Freitas, Higino Cunha, João Pinheiro, Édison Cunha, Lucídio Freitas, Jônatas Batista, Celso Pinheiro, Antônio Chaves, Benedito Aurélio de Freitas e Felon Castelo Branco reuniram-se no salão nobre do Conselho Municipal de Teresina para fundar um grêmio literário seguindo os passos da Academia Brasileira de Letras. FREITAS, Clodoaldo. Expediente: ata da primeira reunião da Academia. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 1, v. 1, n. 1, p. 55-56, jun. 1918.

<sup>115</sup> BADINTER, Elisabeth. *As Paixões Intelectuais: desejo de glória (1735-1751)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v.1.

<sup>116</sup> BADINTER, 2007. v.1. p.16.

<sup>117</sup> Flores é o primeiro nome de Timon (MA), localidade vizinha a cidade de Teresina distanciadas apenas pelo Rio Parnaíba.

se também ao dissertar sobre temas filosóficos, políticos e religiosos. Como maçom, protagonizou vários embates com a imprensa católica ao redigir *O Reator* (1884) veículo noticioso e anticlerical. Da sua produção intelectual, Higinio Cunha chegou a se arriscar na poesia, mas obteve reconhecimento de seus pares com *O Idealismo filosófico e o Ideal Artístico* – ensaio filosófico – e diversos folhetos literários que contemplam a vida cultural da capital piauiense.

Juntamente com Clodoaldo Freiras, foi um dos idealizadores da Academia Piauiense de Letras e sua residência também foi palco de regulares reuniões de literatos. Nelas realizavam-se saraus, declamações de poesias, concertos musicais e animadas conversas que avançavam pela noite. Importante lembrar que no início do século XX, estes membros das elites intelectuais, quando mergulhavam no mundo das letras, ajudavam a adensar um número maior de indivíduos que viessem a formar novas gerações de leitores. Avaliando o que podemos chamar de uma história do ler,<sup>118</sup> é possível apontar pelo menos dois novos elementos: o surgimento de uma crítica literária regular e uma quantidade maior de mulheres leitoras no Piauí, uma vez que nessas reuniões a presença feminina era sempre registrada.

Fenelon Ferreira Castelo Branco (1874-1925) nasceu em Barras, interior do Piauí e pertencia a uma das famílias mais tradicionais do estado. Iniciou os estudos com professores particulares e, posteriormente, seguiu para Recife para obter o diploma de bacharel, se formando no ano de 1894. Exerceu o cargo de promotor público e de juiz de direito em cidades do interior do Piauí e do Maranhão. No mundo das letras investiu na poesia, tendo como tema principal o sertão, contudo, sua produção poética não era a das mais elogiadas pela crítica da época, restringindo as suas publicações aos periódicos que circulavam na época. Como também era educador e grande entusiasta da poesia, não foi excluído do movimento intelectual que fundou a APL.

Abdias da Costa Neves (1876-1928), nasceu na capital piauiense e foi um dos literatos mais elogiados de sua época pela sua obra mais famosa, *Um Manicaca* (1909). Formado em direito no ano de 1898, Abdias Neves atuou como jornalista, promotor, historiador e romancista. Com forte atuação no jornalismo ajudou a fundar diferentes periódicos e publicou artigos de destaque nas áreas da religião, política e história do Piauí, mas foi na crítica anticlerical que Abdias Neves obteve maior respaldo de seus pares no meio intelectual. O romance *Um manicaca*, cuja temática são os costumes e tipos

---

<sup>118</sup> CHARTIER, 2011.

piauienses, somente foi publicado por incentivo dos colegas de letras que leram o manuscrito e consideraram um desperdício não editar o romance. O texto é considerado pela crítica literária atual o primeiro romance escrito por um piauiense pela sua qualidade textual.

Edison da Paz Cunha (1871-1973), nascido em Teresina e filho de Higino Cunha. Finaliza o curso de direito no ano de 1912 e atuou como advogado, promotor e jornalista. Colabora em quase todos os órgãos da imprensa do estado, tais como *O Piauí*, *A Pátria*, *Correio de Teresina* e o *Almanaque da Parnaíba*. Sua produção intelectual se destaca por um pequeno número de poesias, entretanto, sua contribuição está nas críticas literárias e biografias publicadas nos periódicos de Teresina.

Por fim, o dileto homem de letras desta tese, Clodoaldo Severo Conrado de Freitas. O intelectual é novamente reportado para melhor compreensão dessa rede de sociabilidades formada na capital piauiense. Freitas pertenceu a uma das famílias mais nobres e tradicionais do sertão piauiense, entretanto não é possível defini-lo como um homem de posses. Na verdade, sua carreira profissional estava suscetível aos ditames políticos do período que nem sempre estiveram a seu favor.<sup>119</sup> Esta seria, uma das razões de seus inúmeros deslocamentos do Piauí para estados vizinhos, a exemplo do Maranhão e do Pará, e até mesmo mais distantes, como o Rio de Janeiro, o Mato Grosso e o Amazonas, a fim de assumir cargos públicos e a direção de jornais durante a sua carreira profissional.<sup>120</sup> Formou-se bacharel no ano de 1880, exerceu os cargos de juiz, promotor, e chegou a tentar carreira política mas obteve êxito maior como redator dos principais jornais da região.

Até a maturidade, Clodoaldo Freitas preferiu dedicar a sua escrita ao campo da política, da história e da biografia. Contudo, ao chegar aos cinquenta anos, começou a revelar a sua produção literária, iniciada ainda na juventude, mas que somente naquele momento, resolveu publicá-la, a exemplo do conto *A Predestinação*, publicado na *Revista Piauiense*<sup>121</sup> no ano de 1896 em Teresina e, posteriormente, o romance *Memórias de um velho*, publicado em folhetins entre os anos de 1905 e 1906 no jornal *Pátria*, também de

---

<sup>119</sup> CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas (sua vida e sua obra). *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, n. 8, p. 28-54, dez 1924.

<sup>120</sup> Clodoaldo Freitas ajuda a fundar órgãos noticiosos no Piauí, como *O Reator* e *A Reforma*; colabora com *A Imprensa*, *Jornal do Comércio* (Rio de Janeiro), *O Diário*, *O Democrata*, *República*, *Pátria*, *Diário do Piauí* e ainda dirigiu como redator *O Monitor* e *O Piauí*.

<sup>121</sup> FREITAS, Clodoaldo. *A Predestinação*. *Revista Piauiense*, Teresina, ano 1, n. 1, jul. 1896.

Teresina.<sup>122</sup> Nesse momento da vida, Clodoaldo Freitas despontava como intelectual de referência.

Devidamente fixado em Teresina, no início do século XX a casa do literato se transformou aos poucos num lugar de encontro de intelectuais com a realização de constantes saraus todas as semanas. As reuniões também eram animadas pela presença dos filhos de Clodoaldo Freitas. Lucídio<sup>123</sup> e Alcides,<sup>124</sup> assim como o pai, se envolveram ativamente no mundo das letras, desde a mais tenra idade, chegando a escrever jornais manuscritos como o *Cri-Cri* e o *Orvalho*.<sup>125</sup> Os irmãos alcançaram destaque especialmente na poesia, ao colaborarem, no decorrer da vida adulta, em vários jornais e revistas e, também, por trabalharem em parceria na produção do *Alexandrinos*.<sup>126</sup> Esta última obra fora muito celebrada a nível nacional entre seus pares intelectuais pela qualidade das poesias. Todavia, os filhos de Freitas não puderam gozar devidamente o reconhecimento de suas conquistas literárias pela morte precoce dos dois poetas. Em momentos diferentes da vida, Clodoaldo Freitas experimentou a amarga perda de um filho que possuía inúmeras qualidades para brilhar ainda mais em uma possível carreira literária – Alcides falecera aos 23 anos de idade e Lucídio aos 28 anos.

Assim como Clodoaldo Freitas e Higino Cunha e outros que possuíam a maturidade a seu favor nesse jogo de reconhecimento social, a mocidade local também despontava como promessa de ilustre figura no mundo das letras nas mais diferentes ocasiões. A

---

<sup>122</sup> O romance foi publicado ao longo de 43 edições do periódico, publicados entre novembro de 1905 e fevereiro de 1906. FREITAS, Clodoaldo. Memórias de um velho. *Pátria*, Teresina, ano 4, n.221, p.2, 30 nov. 1905. FREITAS, Clodoaldo. Memórias de um velho. *Pátria*, Teresina, ano 4, n.272, p.2, 09 fev. 1906.

<sup>123</sup> Lucídio Freitas nascido em Teresina (05.04.1894). Formou-se bacharel na Faculdade de Direito do Recife com apenas 19 anos de idade. Iniciou sua atividade profissional no Pará, onde atuou como professor, magistrado, poeta e jornalista. Publicou as obras de poesia *Vida Obscura* e *Minha Terra*. Foi um dos fundadores da APL. Faleceu em consequência de uma tuberculose em Teresina (14.05.1921). Ver: BRITO, Nercinda. *O experienciar da morte: comportamentos frente à finitude em Teresina de 1900 a 1930*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012. f.21.

<sup>124</sup> Alcides Freitas nascido em Teresina (04.06.1890). Médico formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, atuou também como jornalista, poeta, cronista político. Junto com o irmão Lucídio escreveu *Alexandrinos* (1912) e publicou no mesmo ano também sua tese de fisiopsicologia intitulada *Da Lágrima*. Para homenagear a sua figura intelectual, seu pai e seus amigos o nomeiam patrono da cadeira nove da Academia Piauiense de Letras. Faleceu vitimado por tuberculose na cidade piauiense de Campo Maior (06.05.1912). SOARES, Nildomar Silveira. (Org.). *Livro do Centenário da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2017. p. 96.

<sup>125</sup> GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Antologia da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: Halley, 2007.

<sup>126</sup> GONÇALVES, 2007.

Teresina da qual esta pesquisa se reporta é uma cidade que já registrava numerosos eventos envolvendo figuras intelectuais de diferentes gerações, como podemos observar nos registros de memória de Zito Batista,<sup>127</sup> estimado companheiro dos irmãos Freitas.

[...] Uma noite (23 de novembro do ano passado) [1913], às 11 ½, de volta do teatro, entendemos nós, eu e um grupo seletivo de *intelectuais amigos*, entendemos nós que devíamos solenizar, de qualquer forma, o aniversário de Celso Pinheiro, a 24, ou melhor, dali a meia hora. Ficou logo combinado a realização de uma ceia lauta e animada no restaurante próximo. No jardim, onde nos encontrávamos, então, ficamos a esperar a primeira pancada de bronze anunciando a hora solene, todos palestrando, rindo, numa deliciosa alegria de gente moça...  
O grupo escolhido: Antonio Chaves, Heli Castelo Branco, Lucídio e Alcides Freitas, Oscar Couto, Álvaro Freire, Celso – o festejado, o autor humilde desta palestra e outros, de cujos nomes me não recordo agora. Pois bem, – a ceia realizou-se, de facto, uma ceia esplêndida, alegre e, sobretudo, uma *legítima festa intelectual*... Falou-se de versos, de música, de coisas de arte, de amor... e de política, tudo no meio do mais vivo entusiasmo [...] <sup>128</sup> [grifos meus]

Nesse registro de memória de uma geração que havia ficado no passado, o autor se esforça em inculcar uma ideia fixa: não falava apenas de uma mocidade que seria igual a outras pela sua expansiva energia, mas se reportava aos “amigos intelectuais”. A necessidade de enfatizar a ideia de representantes originais daquela sociedade das letras reforçava o lugar social daqueles jovens como detentores do conhecimento, mas também reafirma o autor dessas memórias como integrante de uma tradição de intelectuais.

Essas experiências se repetiam constantemente na vida pública, mas também atingiam o ambiente privado. A residência de Clodoaldo Freitas seria igualmente um espaço dileto para a vivência no mundo das letras e das ciências, no qual debatiam-se por horas os mais diferentes temas relacionados à filosofia, política, literatura, poesia, história, religião e artes em geral. Foi durante essas frequentes reuniões, saraus e encontros de eruditos na casa Freitas que surgiu a ideia da criação de uma academia de

---

<sup>127</sup> O piauiense Raimundo Zito Batista (1887-1926) nasceu no povoado Natal (atual município de Monsenhor Gil). Em Teresina, fazia parte do mesmo círculo literário que o irmão Jônatas Batista (teatrólogo), Antônio Chaves, Celso Pinheiro e Alcides Freitas. Professor, cronista, poeta e jornalista também fundou as revistas literárias *Cidade Verde* e *Alvorada* (1912). Editor do *O Jornal* do Rio de Janeiro. Autor das obras de poesia: *Almas Irmãs*, *Chama Extinta*, e *Harmonia Dolorosa*. Primeiro ocupante da cadeira de nº16 da Academia Piauiense de Letras. Cf.: SOARES, Nildomar Silveira. (Org.). *Livro do Centenário da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2017; GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Antologia da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: Halley, 2007.

<sup>128</sup> BATISTA, Zito. Alcides Freitas. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 19, n.15, 1939, p.146-147.

letras. Clodoaldo Freitas pode ser apontado como a liderança principal para a realização deste feito sendo um dos grandes responsáveis pelas ações conjuntas e sistemáticas daqueles intelectuais para fundar movimentos e instituições literárias com o fim disseminar o gosto pelas letras e de prestar serviço à sociedade piauiense.

A experiência no mundo das letras de Clodoaldo Freitas foi marcada, em grande medida, também por suas inúmeras passagens pelos diferentes estados do país. Especificamente, é preciso fazer referência às incursões de Clodoaldo Freitas no campo literário maranhense quando a sua permanência na cidade de São Luís se tornou mais regular para atender as atividades dos cargos públicos para os quais fora nomeado durante a década de 1900. Por si só, essas relações afetuosas entre os intelectuais merecem as devidas observações sobre a sua complexidade. Para uma melhor compreensão da história literária maranhense é preciso reconhecer primeiramente a presença de três fases distintas, protagonizadas por homens de letras em suas respectivas épocas. A primeira ficou conhecida como Grupo Maranhense (1832-1868), formada por intelectuais filhos de senhores rurais. Na sequência, temos a fase Ateniense (1868-1894) e, por último, a que ficou conhecida como Decadentismo (1894-1932), constituída por um grupo de intelectuais que se concentraram no resgate de um prestígio literário que o primeiro grupo havia conquistado no século XIX.<sup>129</sup>

Esta fase final da história da literatura do Maranhão foi caracterizada pela crítica literária a partir de uma ideia de que haveria a predominância de uma letargia na produção maranhense naquele início de século XX. Essas impressões eram resultado das comparações feitas entre o momento áureo da proeminência de vários filhos da terra alcançando fama literária a nível nacional<sup>130</sup> – a exemplo de Gonçalves Dias, Antônio Francisco Lisboa, Sousândrade, Arthur Azevedo, Aluísio de Azevedo, dentre outros – e pelo momento marcado pela ausência de literatos morando no Maranhão, uma vez que era comum os intelectuais se deslocarem para outras regiões do país em busca de oportunidades de trabalho e reconhecimento literário. Os intelectuais que permaneceram em São Luís se organizaram para reagir àquela situação de marasmo articulando a criação

---

<sup>129</sup> ARAÚJO, Adriana Gama de. *Em nome da cidade vencida: a São Luís republicana* em José do Nascimento Moraes (1889 a 1920). Dissertação. Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2011. 134f.

<sup>130</sup> Essa fase auspiciosa da literatura maranhense produziu um epíteto para a cidade de São Luís de Atenas Brasileira. Discurso esse que possui grande carga simbólica e identitária para os maranhenses até os dias atuais.

de movimentos que pudessem acolher os espíritos animados pelas ciências e pelas letras e que estivessem dispostos a guardar a memória das glórias do passado.

Dentro do decadentismo se apresentou um grupo denominado de novos atenienses, interessado em resgatar o prestígio literário perdido que o Maranhão havia conquistado graças ao empenho daqueles que pertenciam ao chamado Grupo Maranhense. Recolocar o Maranhão no cenário brasileiro como em lugar propício para o nascimento de intelectuais com projeção nacional seria, então, uma das principais ambições dos novos atenienses.

Nesse afã de reviver os tempos gloriosos da literatura maranhense, alguns intelectuais se organizaram para escrever uma nova história literária que fizesse justiça às conquistas do passado. Em 1900 houve a fundação do grêmio literário Oficina dos Novos, uma das primeiras iniciativas para tornar possível que os jovens letrados maranhenses efetivamente pudessem conquistar reconhecimento no mundo das letras a partir da organização de associações literárias que pudessem divulgar suas produções.<sup>131</sup>

Deste modo, ao estabelecer uma rotina permanente de encontros, conferências, publicações literárias, os novos atenienses se permitiram investir na criação de uma instituição que pudesse salvaguardar do esquecimento a tradição literária maranhense e que, ao mesmo tempo, oportunizasse um espaço para a divulgação das produções intelectuais que eram feitas naquele momento. Fundada em 10 de agosto de 1908, a Academia Maranhense de Letras materializava o sonho de criação de mais uma instituição de saber. A imprensa da cidade de São Luís registrou esse momento de empenho dos intelectuais em estabelecer um espaço para garantir a preservação da memória daqueles que se propuseram a dedicar a vida para o mundo das letras.

Na reunião convocada para Biblioteca Pública, ficou fundada a Academia Maranhense, de que fazem parte, como fundadores os drs. José Ribeiro do Amaral, Clodoaldo Freitas, I. Xavier Carvalho, Barbosa de Godóis e Godofredo Viana, e Antonio Lobo, Fran Paxeco, Alfredo de Assis, Vieira da Silva, Astolfo Marques, Domingos Barbosa e Corrêa Araújo.<sup>132</sup>

Clodoaldo Freitas estava também entre os idealizadores dessa academia. Naquele momento, o nome do literato era figura comum na imprensa ao atuar como editor e

<sup>131</sup> ARAÚJO, Adriana Gama de. *Em nome da cidade vencida: a São Luís republicana em José do Nascimento Moraes (1889 a 1920)*. Dissertação. Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2011. p.29.

<sup>132</sup> NA REUNIÃO... *A Pacotilha. São Luís*, 11 ago. 1908. p.1.

colaborador em diferentes jornais que circulavam na cidade de São Luís. Sua produção folhetinesca era apresentada aos leitores maranhenses com regularidade a exemplo de Celuta (*Diário do Maranhão*, 1907), O divórcio (Pacotilha, 1907), Um Segredo de Família (*Diário do Maranhão*, 1907), Um Coração de Mulher (Pacotilha, 1907), O Bequimão (*Diário do Maranhão*, 1908), Coisas da vida (*Diário do Maranhão*, 1908-1909), O Dedo de Deus (*Diário do Maranhão*, 1909), O Testador (*Diário do Maranhão*, 1909), A Beata (*Diário do Maranhão*, 1909), A Iniciação (*Diário do Maranhão*, 1909), O Sonâmbulo (*Diário do Maranhão*, 1909), o Palácio das Lágrimas (*Diário do Maranhão*, 1910), além de assinar as crônicas da sua coluna fixa no jornal *A Notícia* (1906) chamada Em Roda dos Fatos. De fato, a regularidade das suas publicações literárias validava a sua imagem de intelectual que integrava o movimento dos novos atenienses.

Além de compor os 12 fundadores da Academia Maranhense de Letras, Clodoaldo Freitas também fora eleito junto com Godofredo Vianna e Xavier de Carvalho, para organizar os respectivos estatutos para o funcionamento da instituição, eleição de novos sócios efetivos e criação de publicações próprias.<sup>133</sup> Na composição daquela academia haviam homens que exerciam as mais diversas funções sociais, tais como, bacharéis egressos da Faculdade de Direito do Recife e da Faculdade de Direito de Salvador, além de funcionários públicos, professores, jornalistas e políticos.<sup>134</sup> A atuação de Clodoaldo Freitas na AML segue sem intercorrência até 1916, quando ocorre uma alteração nos estatutos e o literato, junto com alguns outros acadêmicos, passa de membro efetivo, para sócio correspondente da Academia Maranhense de Letras. Lembrar que nessa época Clodoaldo Freitas já havia fixado residência em Teresina permanentemente quando assumira o posto de desembargador.

A Academia Maranhense de Letras seguia o modelo da *Academie Française*<sup>135</sup>, uma vez que havia consistentes laços afetivos entre ludovicenses e Paris. A cultura

<sup>133</sup> PELOS Estados. Maranhão. *Jornal do Recife*, Recife, ano 51, n.199, 2 set. 1908. p.1.

<sup>134</sup> Inácio Xavier de Carvalho, Clodoaldo Severo Conrado de Freitas, Raimundo Corrêa de Araújo, Antonio Batista Barbosa de Godóis, Alfredo de Assis Castro e Armando Vieira da Silva, Godofredo Mendes Viana, Domingos Quadros Barbosa Álvares, José Ribeiro do Amaral, Antônio Francisco Leal Lobo e Manuel Francisco Pacheco são os fundadores da Academia Maranhense de Letras. Cf.: BORRALHO, José Henrique de Paula. *Terra e céu de nostalgia: tradição e identidade em São Luís do Maranhão*. São Luís: n.d, 2000.

<sup>135</sup> Ainda no século XVII, a França testemunhou um movimento ímpar no qual homens das ciências e das letras emergiram com grande destaque no meio social. Ao tempo em que esta promissora elite intelectual conseguia comprovar a importância de seus estudos e descobertas buscava também certa notoriedade na sociedade e conseguia alcançar essa ambição em grande medida pela criação das academias que agregavam uma série de indivíduos comprometidos com o desenvolvimento do saber. Destaco especialmente a Academia Francesa (1634), cuja principal

francesa sempre se configurou como uma referência para os maranhenses, uma vez que esta última, era destino frequente dos filhos dos ricos produtores de algodão durante o século XVIII. Estes, retornavam de sua experiência francesa carregando ideias de civilidade para a capital maranhense e a cultura das academias literárias e científicas seria uma delas. Todavia, os maranhenses não eram os únicos a seguirem essa forma de disseminação das atividades literárias. O modelo de academia também era repetido em diferentes pontos do país e a influência da fundação no Rio de Janeiro da Academia Brasileira de Letras no ano de 1899<sup>136</sup> agiu de maneira decisiva para a criação de academias regionais em diferentes pontos do país.

A Academia Brasileira de Letras foi criada com o objetivo de preservar o prestígio da língua portuguesa e aglutinar todos aqueles que se consideravam artistas da palavra escrita. A instituição tentava seguir os passos da Academia Francesa, cuja ambição maior era regular a língua francesa e produzir um dicionário que preservasse a pureza e a eloquência da língua.<sup>137</sup>

Um dos elementos que se destacam na história desses literatos e da formação de suas instituições é a tentativa de construção dos rituais de consagração. As primeiras organizações literárias possuíam uma estrutura de patronos, fundadores e ocupantes que era repetida nas academias que iam sendo fundadas com o mesmo fim. Nessas instituições havia o estabelecimento do que pode ser chamado de uma genealogia intelectual entre o patrono, o fundador da cadeira e os ocupantes posteriores. A academia elaborava uma estratégia para controlar o processo de transmissão dessa tão laureada herança simbólica que era concretizada na cadeira do imortal. A ocupação daquela vaga simbolizava uma ligação sacralizada entre a glória do passado – o patrono homenageado – e os espíritos literários do presente.

O exemplo da Academia Piauiense de Letras ajuda a compreender o vínculo produzido entre passado e presente no mundo das letras. Nas três primeiras décadas do

---

proposta era redigir o *Dicionário de Língua Francesa*, a Academia de Inscrições e Belas Artes (1663) que se dedicava ao estudo de trabalhos históricos e arqueológicos, e, por fim, a Academia Real das Ciências (1666) que estimulava o desenvolvimento das demais academias e ainda assessorava o Estado sobre problemas técnicos. Ver: BADINTER, Elisabeth. *As Paixões Intelectuais: desejo de glória (1735-1751)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v.1. p. 12.

<sup>136</sup> ABREU, Regina. *A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Lapa/Rocco, 1996.

<sup>137</sup> EL FAR, Alessandra. Ao gosto do povo: as edições baratíssimas de finais do século XIX. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: UNESP, 2010.

século XX, os intelectuais no Piauí se esforçaram em estabelecer uma produção literária minimamente regular e estiveram diretamente envolvidos na criação e manutenção de instituições que se tornaram importantes para a vida intelectual local, dentre elas a própria APL. Em 1901 houve uma primeira mobilização para a fundação de uma sociedade que reuniria o movimento intelectual piauiense.<sup>138</sup> Todavia, as ações para o que seria chamado de Academia Piauiense se resumiram a apenas a conversas informais e uma reunião sediada na residência de João Pinheiro para debater sobre a eleição de uma mesa diretora e a convocação de uma comissão para elaborar os estatutos daquela associação. João Pinheiro, Higino Cunha, Arquelau de Sousa Mendes, Luiz Evandro Teixeira, Domingos Monteiro, João Pinheiro, Antonino Freire da Silva, Clodoaldo Freitas, Manoel Lopes Correia Lima, Joao José Pinheiro e Poncion Caldas marcaram presença nesse encontro que parecia muito promissor ao se propor como uma associação que iria atuar pelo desenvolvimento e divulgação de autores e obras piauienses.

Apesar do aparente arrefecimento do movimento das letras, surgiram nos anos subsequentes outras agremiações literárias, de curta e longa duração, que conseguiram manter acesa a ambição de fazer progredir cada vez mais o movimento intelectual, literário e científico entre os homens da terra.<sup>139</sup> Além disso, a expansão de novos veículos da imprensa escrita oportunizavam a disseminação das letras piauienses. Órgãos noticiosos como *Correio de Teresina*, *O Monitor*, *Pátria* e *Diário do Piauí* eram editados e recebiam colaborações regulares de intelectuais piauienses.<sup>140</sup> Havia uma demanda de produções culturais a ser divulgada e periódicos como *O Artista* (1902), *Andorinha* (1905-1906), *Litericultura* (1912), *A Alvorada* (1912), *Cidade Verde* (1912) e *Chapada do Corisco* (1918) concentravam em suas páginas uma produção literária cada vez mais crescente com a divulgação de poetas, cronistas, romancistas, contistas e críticos literários.<sup>141</sup>

Estas eram publicações que aqueceram a imprensa local e contemplaram as expectativas de um público leitores que não parava de crescer. Todavia, as percepções de

---

<sup>138</sup> SOARES, Nildomar Silveira. (Org.). *Livro do Centenário da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2017.p.46.

<sup>139</sup> Dentre as agremiações estudantis e associações é possível destacar a Oficina Literária José Coriolano (1902), o Amarantino, o Clube 12 de Outubro (1904), a Arcádia dos Novos (1910), o Cenáculo Piauiense de Letras, dentre outros. Ver: CIARLINI, Daniel Castelo Branco. *Imprensa e Literatura Piauiense na República Velha: gênese de um campo e circuitos literários*. (Tese) Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019. p.240-243.

<sup>140</sup> PINHEIRO FILHO, Celso. *História da Imprensa no Piauí*. 3 ed. Teresina: Zodiaco, 2007.

<sup>141</sup> PINHEIRO FILHO, 2007.

intelectual não se resumem apenas às relações construídas entre produtores e consumidores de bens simbólicos. Existe também a esfera da sacralização do nome do intelectual que passa necessariamente por construções simbólicas. Órgãos oficiais que detêm prestígio e vinculam a imagem do intelectual à ideia de imortalidade.

É possível apontar outro elemento que ajuda a entender as estratégias que os intelectuais utilizavam para construir ou reafirmar um discurso de que eram detentores exclusivos de um saber e que existiria uma distinção a ser respeitada pelo meio social. A imprensa era constantemente usada para dar vazão às empreitadas dos homens de letras na perspectiva de construir uma fama literária. Chamo atenção para um episódio particular que mobilizou a cena literária piauiense: a coluna “O Piauí intelectual” de Lucídio Freitas, publicada no jornal *Diário do Piauí* no ano de 1912. Ao longo de 22 questionários respondidos por personalidades intelectuais da terra,<sup>142</sup> o jovem bacharel mostrou sua preocupação com os rumos que as letras piauienses estavam tomando naquele momento, ao mesmo tempo em que estimulava uma reflexão sobre o passado literário que marcava a memória daqueles intelectuais.

Muito provavelmente, essa jornada de Lucídio Freitas para interpretar a imagem que o campo literário piauiense apresentava ao país fora instigada pelas suas passagens em outros circuitos das letras. O jovem bacharel havia tido uma intensa experiência em grandes capitais como Rio de Janeiro<sup>143</sup> e Belém.<sup>144</sup> Se uniu a diferentes intelectuais em grêmios literários e em outros tradicionais círculos literários daquelas cidades. Em ambos

---

<sup>142</sup> Estes são os nomes dos intelectuais que aceitaram responder o questionário de Lucídio Freitas: José Euclides de Miranda, Josino Ferreira, Odilo Costa, Luís Correia, Corinto Andrade, Eudócio Neves, Mário José Batista, Antônio Chaves, Clodoaldo Freitas, Higino Cunha, Nilo Brito, Otávio Falcão, Luiz e Silva, Honório Parentes, Valdivino Tito, Arimathéa Tito, Abdias Neves, Francisco Parentes, Zito Batista, Felon Castelo Branco, Silva Mendes e Jônatas Batista. Cf: QUEIROZ, Teresinha. *Os Literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3 ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p.212.

<sup>143</sup> Durante a temporada carioca Lucídio Freitas fez consistentes amizades com os influentes Mario Pederneiras e Olegário Mariano. Também se juntou a outros escritores para editar o jornal *Folha do Norte* que seria escrito para divulgar toda a potencialidade dos intelectuais dessa região do país. Juntos nessa empreitada estavam Coelho Neto, Luciano Pereira, Lauro Sodré, Carvalho Guimarães, Torquato Moreira, Júlio Leite, Joaquim Pires, Leoncio Mousinho, Oscar Lopes, Goulart de Andrade, Hermes Fontes e Augusto dos Anjos. Ver: CIARLINI, Daniel Castelo Branco. *Imprensa e Literatura Piauiense na República Velha: gênese de um campo e circuitos literários*. (Tese) Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019, f.248.

<sup>144</sup> Em terras paraenses colaborou na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*, exerceu cargo de primeiro secretário da Sociedade dos Homens de Letras e fundou a revista *Efemeris* (1919-1920). Ver: CIARLINI, Daniel Castelo Branco. *Imprensa e Literatura Piauiense na República Velha: gênese de um campo e circuitos literários*. (Tese) Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019, f.248.

os centros urbanos, Lucídio Freitas pode não apenas construir relações de amizade como também compartilhou suas produções poéticas, recebendo imediato reconhecimento entre grandes nomes da literatura brasileira do período.<sup>145</sup> O fato é que ao retornar para sua terra natal, Lucídio Freitas sentiu-se impelido a refletir sobre qual campo literário o Piauí construiu e o que ele apresentava de produção para as demais regiões do país. A ideia era promover um debate sobre o tema com vinte intelectuais do estado. Para tal, Lucídio Freitas elaborou uma série de questionamentos que foram enviadas a seus destinatários. As respostas colhidas eram a tentativa de compreender qual era a participação do Piauí no cenário geral das letras brasileiras.

Em análise a esta experiência realizada em 1912, Teresinha Queiroz destaca os critérios de escolha dos participantes dos questionários, que não eram apenas homens de letras, mas intelectuais das mais variadas áreas – professores, escritores, políticos, juristas e médicos.<sup>146</sup> A ampla área de profissionais consultados pode revelar que provavelmente o interesse não era resumir o debate apenas às opiniões de homens ligados às letras, mas expandir a discussão entre diferentes áreas de interesse e, assim, demonstrar o quanto literatura do Piauí seria de interesse coletivo.

Quanto às perguntas remetidas aos intelectuais por Lucídio Freitas, elas remetem à uma tentativa de interpretação da história literária piauiense até àquele momento presente. Para isso, foram formulados questionamentos sobre quais seriam os nomes daqueles que deveriam ser lembrados como grandes contribuintes para as letras piauienses – “[...] 2. Que papel representa o Piauí no momento literário do país? [...]”<sup>147</sup> – e quem seriam efetivamente aqueles que estavam trabalhando para elevar o nome do Piauí na produção literária nacional – “[...] 4. É promissora a nova geração? Quais os seus principais representantes? [...] 5. Atravessamos uma época de estacionamento intelectual? [...]”<sup>148</sup> Essas interrogações induzem a lembrar das reflexões produzidas por Reinhart Koselleck ao falar da maneira como os tempos históricos podem ser compreendidos, propondo as

---

<sup>145</sup> Suas boas articulações levaram Lucídio a publicar em periódicos de renome nacional como *Fon Fon!*, *Ilustração Carioca* e *Revista das Revistas*.

<sup>146</sup> QUEIROZ, Teresinha. *Os Literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3 ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p.181.

<sup>147</sup> FREITAS, Lucídio. O Piauí intelectual. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 2, n. 35, 15 fev. 1912, p.1

<sup>148</sup> FREITAS, Lucídio. O Piauí intelectual. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 2, n. 35, 15 fev. 1912, p.1

concepções de “espaço de experiências” e “horizonte de expectativas”.<sup>149</sup> São questões que contemplam intrinsecamente duas temporalidades.

Em resumo, o conceito espaço de experiência diz respeito ao passado atual que se relaciona com as experiências ressignificadas. Nesse caso, o passado não é pensado como uma categoria acabada, ele está sendo sempre atualizado no presente em tensão com os projetos de futuro, resultando em um entrelaçamento total dos tempos. O presente também está constantemente reatualizando as experiências vividas, as ressignificando. Sendo assim, o presente e as expectativas futuras seguem na construção de novos espaços de experiência. Já o horizonte de expectativas diz respeito aquilo que não foi experimentado, mais precisamente trata-se de uma ideia de projeto de futuro. Ao mesmo tempo não se refere a uma concretização, na realidade ultrapassa infinitas possibilidades de expectativas em relação ao futuro.<sup>150</sup>

Mas o que essas reflexões sobre a tensão existente entre expectativa e experiência tem a ver com os intelectuais piauienses? As contribuições teóricas de Reinhardt Koselleck ajudam numa tentativa de compreender sobre o uso dos tempos históricos nas práticas discursivas daqueles intelectuais. As interlocuções publicadas na coluna O Piauí Intelectual, evidenciam a construção de uma narrativa para a história literária piauiense. Lucídio Freitas estimulava os participantes da coluna e os demais integrantes daquele campo intelectual a olharem para o passado, sem deixar de olhar para o futuro que estava ali colocado. Enalteciam figuras que teriam engrandecido a cultura literária e projetavam o nome daqueles que exerciam o papel de novos intelectuais. Nesse caso, há uma constante reatualização do significado de cultura literária piauiense, sacralizando a imagem de intelectuais como Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e Abdias Neves e também estabelecendo que naquele meio intelectual haveria força suficiente para a construção de uma nova geração de vultos piauienses.<sup>151</sup>

Lucídio Freitas acabou assumindo o papel de protagonista nesses novos capítulos da história literária piauiense. Sua vivência em um meio intelectual mais desenvolvido, na cidade do Rio de Janeiro, fez com que em seu retorno ao Piauí, o jovem intelectual

---

<sup>149</sup> KOSELLECK, Reinhardt. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas. In: KOSELLECK, Reinhardt. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 305-327.

<sup>150</sup> KOSELLECK, Reinhardt. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 305-327.

<sup>151</sup> Os nomes destes literatos foram os mais citados pelos entrevistados entre os autores vivos piauienses que mais contribuíram para o progresso das letras local.

colocasse em ação o projeto de uma reunião dos homens de letras de sua terra em torno da fundação de uma academia de Letras. A ideia principal era estabelecer um meio intelectual, suficientemente respeitado para o desenvolvimento pleno de uma vida social e literária para o Piauí e, somado a isso, a intenção de que os frutos dessa empreitada pudessem alcançar o restante do país, elevando, dessa maneira, o Piauí na república das letras.

De passagem por Teresina, Lucídio Freitas provocou os companheiros de letras para dar início à uma nova associação. Fundada em dezembro de 1917, durante reunião no salão nobre do conselho municipal da cidade de Teresina, a Academia Piauiense de Letras finalmente emergiu do sonho coletivo de intelectuais que animavam a cena cultural piauiense daquele momento.<sup>152</sup> O encontro presidido por Lucídio Freitas contou com a presença de Higino Cunha, Clodoaldo Freitas, João Pinheiro, Fenelon Castelo Branco, Jônatas Batista, Edison Cunha, Antônio Chaves, Benedito Aurélio Freitas e Celso Pinheiro.<sup>153</sup>

A ideia de instalação de uma instituição que seguia os passos das academias existentes pelo mundo conseguiu animar os intelectuais do período e, ao contrário da experiência de 1901, que infelizmente se dispersou em outras agremiações literárias existentes, a Academia de Letras Piauiense assumiu passos firmes rumo à sua efetivação. Logo na primeira reunião foram efetuadas uma série de resoluções para materializar a instituição daquela academia: eleição da mesa diretora, leitura dos projetos de estatutos e regimento da academia para serem devidamente aprovados, a escolha dos patronos dos acadêmicos fundadores e a eleição dos sócios efetivos da instituição.

[...] Terminada a leitura e aprovados [...], referidos estatutos e regimento, determinou ainda o sr. presidente que os acadêmicos escolhessem seus patronos, os quais foram os seguintes: Clodoaldo Freitas – José Manuel de Freitas; João Pinheiro – Hermínio Castelo Branco; Fenelon Ferreira Castelo Branco – Joaquim Sampaio Castelo Branco – Jonatas Batista – David Moreira Caldas; Edison Cunha – Areolino de Abreu; Benedito Aurélio de Freitas – Theodoro Carvalho Castelo Branco – Higino Cunha – Anísio de Abreu; Antônio Chaves – José Coriolano de Sousa Lima; Lucídio Freitas – Alcides Freitas; e Celso Pinheiro – Lycurgo de Paiva.

<sup>152</sup> EXPEDIENTE. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 1, n.1, dez. 1918, p.55-56.

<sup>153</sup> CASTELO BRANCO, Fenelon Ferreira. Memória Histórica da Academia Piauiense de Letras durante ao ano de 1918. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 1, n.1, dez. 1918, p.221.

Em linhas gerais, este ato mencionado anteriormente revela um significativo avanço para as condições de consagração do intelectual tornado fundador. A instituição APL funcionava como mais um tipo de instância de consagração do trabalho intelectual. Uma vez instituída, a academia agregava elementos para o desenvolvimento de uma genealogia intelectual ritualizada. Isso significa que há uma forma de apropriação do capital simbólico deixada pelo patrono numa perspectiva de herança cultural e também há a reafirmação constante dos laços intelectuais entre patronos, fundadores e membros da academia dentro de um mesmo campo intelectual. As formas de transmissão dessa suposta herança intelectual se fazem simbolicamente a partir de rituais como a instalação de uma cadeira, a eleição de fundadores, a indicação de patronos, a celebração de recepção aos novos membros, dentre outros ritos que vão sendo reproduzidos no ambiente acadêmico.

Ainda sobre a noção de campo intelectual, tão cara para a interpretação das relações criadas entre acadêmicos e sociedade, Pierre de Bourdieu ajuda a compreender como pode ser construído esse campo, partindo da perspectiva que o campo intelectual é pensado como um espaço social específico de relações dinâmicas, em que os agentes se posicionam, influenciando-se reciprocamente e sendo influenciados pelas relações em seu conjunto. Destarte, toda produção intelectual merece ser analisada para apreender as relações possíveis entre o conteúdo textual e contexto social como polos, e, que entre eles é possível identificar um campo literário, imbricado por uma complexidade de agentes sociais e instituições que produzem literatura.<sup>154</sup>

O fato é que os trabalhos na Academia Piauiense de Letras não cessaram em seus anos iniciais apesar das recorrentes queixas pela falta de recursos e apoio governamental para o financiamento da revista da academia e demais serviços tipográficos que precisavam ser feitos. Ao fim de um ano, os acadêmicos ao celebrarem o primeiro aniversário da fundação refletem sobre as possíveis conquistas que poderiam ser colhidas

---

<sup>154</sup> Assim Pierre Bourdieu se refere as relações entre produção textual, contexto social e campo intelectual: “Minha hipótese consiste em supor que, entre esses dois polos muito distanciados, entre os quais se supõe, um pouco imprudentemente, que a ligação possa se fazer, existe um universo intermediário que chamo *o campo literário, artístico, jurídico, ou científico*, isto é, o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem, ou difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas obedece a leis sociais mais ou menos específicas.” [Grifos do autor] Cf.: BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência*. Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004. p. 20.

nos próximos anos. A ideia de consagração da memória destes intelectuais é bem evidente nesse discurso proferido por Clodoaldo Freitas em 1918.

[...] Só o tempo e a distância, certamente, sangram os homens e as cousas. *Major et lengiqua reverentia.*

Nós temos apenas um ano de existência e o nimbo da lenda ainda não adensou sobre nós.

O tempo se encarregará disto, como sempre procede, levando templos ao lado dos que se desmoronam, divindades em substituição de outras que ficam esquecidas, imortalidade no lugar de outras que morrem. É o grande fluxo e refluxo eterno da vida imortal sempre produtiva e rejuvenescida na sua misteriosa e divina fecundidade.

Obscuros pioneiros, nós, sem encarar sacrifícios, sem temer apodos, sem medir o peso das responsabilidades que tomamos, sem estardalhaço, modestamente, com convém a nossa fraqueza, vamos levando pra frente a nossa obra patriótica e altruística, convencidos que, dessas sementes, que lançamos no eito, surgirá um dia remoto embora a floresta rumorosa e frondejante, onde irão gozar sereno conforto as gerações que nos sucederam para levar avante, mais perfeita e já santificada pelo tempo, a obra que iniciamos e sustentamos, confiados sinceramente que não será infecundo o nosso esforço para o desenvolvimento intelectual do nosso sempre querido Piauí.<sup>155</sup>

É possível observar que o registro de Clodoaldo Freitas remete à duas ideias opostas: a expectativa da glória e o discurso de uma abnegação. Enquanto se espera as honrarias advindas da vida acadêmica, Freitas e outros intelectuais tentam aparentar que os esforços empreendidos para o desenvolvimento e divulgação das letras são encobertos por uma perspectiva puramente altruísta para benefício coletivo. Todavia, a construção discursiva de um trabalho essencialmente nacionalista não consegue sustentação pela própria origem do formato acadêmico. Uma vez ocupante da cadeira, o indivíduo está permanentemente vinculado àquela instituição e nem mesmo a morte retiraria a ligação que fora estabelecida em vida. Isso ajuda a entender melhor a imortalidade. A ideia do imortal carrega consigo um valor simbólico tão forte que acaba emudecendo o termo escritor, no meio social, ao se fazer referência aos membros ocupantes de uma cadeira da academia.

Os intelectuais consideravam importante que se produzisse uma memória das letras para o Piauí e isso se torna possível com a fundação de instituições como a academia. O que se apresenta nesse cenário é a ideia de que a construção e a legitimação de uma

---

<sup>155</sup> FREITAS, Clodoaldo. Sessão magna comemorativa do 1º aniversário da fundação da Academia Piauiense de Letras, em 30 de dezembro de 1918. (Discurso proferido pelo presidente sr. Clodoaldo Freitas. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 1, n.1, dez. 1918, p. 220.

memória intelectual, cultural, artística e histórica poderiam ser igualmente interessantes para a administração pública, uma vez que os grupos detentores de poder, além de assumirem as vezes de mecenas dos acadêmicos, selecionavam aqueles que podiam, ou não, cair no esquecimento da sociedade. Sobre a relevância da memória, Jacques Le Goff considera que:

[...] a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas.<sup>156</sup>

Ao seguir o exemplo das instituições antecedentes, a Academia Piauiense de Letras supera a ideia inicial de salvaguardar a língua portuguesa, também se comprometia a reunir notáveis intelectuais que contribuiriam para o progresso das ciências, artes e letras, e, dava visibilidade aos ocupantes das suas cadeiras. Na realidade, a APL assumia um lugar social maior, e, se configurava como um abrigo à memória literária piauiense. Acolhimento este que salvava do temido esquecimento que sempre estava à espreita dos intelectuais. O anseio desses homens de letras de não receber ao menos uma simples recordação após à morte era uma angústia constante entre os intelectuais. Em seus últimos dias de vida, Alcides Freitas suplicava ao irmão Lucídio Freitas: “[...] Eu, logo, morrerei. [...] Salva do esquecimento o meu pobre nome; levanta-o do olvido em que ele por acaso possa a vir a desaparecer [...]”.<sup>157</sup> O clamor era de um jovem poeta que já imaginava que os seus dias na vida terrena estavam próximos do fim. Ao solicitar auxílio ao irmão, Alcides intencionava permanecer, ainda que no âmbito da memória, entre os vivos. Ser lembrado pela posteridade pelos seus escritos era uma possibilidade real que estes intelectuais tentavam alcançar constantemente.

Ao olhar sobre o perfil dos literatos citados acima, é possível identificar que os mecanismos de projeção no mundo das letras podem ser os mais diversificados. Ao lado de talentosos ficcionalistas como Clodoaldo Freitas e Abdias Neves temos jornalistas de menor peso intelectual, como Fenelon Castelo Branco e Edison Cunha. Enquanto alguns exerciam o protagonismo no mundo das letras outros desempenhavam papéis menores e apenas se ajustavam ao cenário intelectual como colaboradores. Todavia, é necessário

<sup>156</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5 ed. Campinas: UNICAMP, 2003. p. 422.

<sup>157</sup> As súplicas de Alcides Freitas foram feitas por carta destinada ao irmão mais novo Lucídio Freitas. Cf.: BATISTA, Zito. *Alcides Freitas*. Teresina: Imprensa Oficial, 1913, p. 19.

ressaltar o peso desses intelectuais-jornalistas ao atuarem como críticos literários, uma vez que ajudavam a reforçar os nomes de seus respectivos colegas que tentavam fixar suas identidades no que se pode chamar de círculo de fama literária.

Outro elemento que deve ser considerado é a relação dessa elite intelectual com a política. No início do século XX o letrado continua ou pelo menos tenta se firmar como uma figura da cena política, uma vez que a sobrevivência exercendo exclusivamente a função de intelectual era algo impossível, seja qual fosse o sucesso literário obtido. O que se percebe é que não há um desligamento da esfera do poder político, mesmo porque pertenciam a uma oligarquia política que percorria várias gerações da história do Piauí. Sair dessa esfera de poder familiar implicaria em um fatal problema financeiro, uma vez que as indicações para cargos no sistema judiciário, no sistema educacional e, de uma maneira geral, no funcionalismo público dependiam necessariamente de decisões de foro privado.

É possível tomar o exemplo da trajetória profissional de Clodoaldo Freitas para compreender melhor as estratégias de poder exercidas sobre as relações de trabalho dos intelectuais. Freitas era descrito por seus contemporâneos como um homem de “elevado espírito a serviço de um temperamento revolucionário”.<sup>158</sup> Não foram poucas as ocasiões em que se encontrava em cenário de disputas políticas. As mais célebres dão conta das suas consecutivas contendas com o jornalista conservador Antônio Coelho Rodrigues.<sup>159</sup> Em razão de suas escolhas políticas que não estavam alinhadas ao governo local do período, Clodoaldo Freitas acabava sendo destituído de cargos públicos por ele ocupados.<sup>160</sup> Os jornais da época noticiavam as inúmeras nomeações e revogações dos mesmos cargos, acompanhadas também dos registros de suas atuações políticas, seja discursando em assembleia contra determinado governo, seja atacando através da imprensa seus opositores políticos. O certo é que Clodoaldo sofria com o seu temperamento e, por isso mesmo, experimentou o alijamento político em várias ocasiões da sua vida, o que de certa forma atrapalhou sua carreira na política não obtendo êxito nas eleições para Deputado Federal, uma de suas maiores pretensões.

---

<sup>158</sup> MARTINS JUNIOR apud COELHO, p.87.

<sup>159</sup> Nascido em 4 de abril de 1846 e falecido em 1 de abril de 1912. Bacharel em direito, professor, jornalista, deputado geral, senador e prefeito do Distrito Federal. Fundador do jornal *O Piauí* era um dos grandes nomes da política conservadora.

<sup>160</sup> MINISTÉRIO da Justiça. *Jornal do Recife*, Recife, ano 34, n. 99, 3 maio 1891, p.2; MINISTÉRIO da Justiça. *Jornal do Recife*, Recife, ano 33, n. 125, 3 jun. 1890, p.2; MINISTÉRIO da Justiça. *Jornal do Recife*, Recife, ano 33, n. 92, 24 abr. 1890, p.1; TELEGRAMAS. *Jornal Pequeno*, Recife, ano 18, n. 228, 5 out. 1916, p.3.

Apesar do desapontamento com a política Clodoaldo Freitas pode ser descrito como um crítico ácido de seus opositores, mas que sabia sobreviver dentro dos arranjos políticos. Sua sobrevivência material – nomeações a cargos públicos – estava diretamente ligada ao grupo político-familiar<sup>161</sup> do qual fazia parte, o que permitia se deslocar para ocupação de outros cargos públicos mais distantes da capital piauiense e até mesmo fora do estado do Piauí. Ao rememorar a trajetória do tio José Manuel de Freitas e as inúmeras contendas políticas, Clodoaldo Freitas revela os ressentimentos adquiridos na vida política:

[...] a eleição geral, essa vergonhosa mascarada, em que o governo sempre vencida, sofismando, com ostensivo escândalo, as leis e garantias constitucionais. O voto era um nome que significava o lápis da polícia, pois, em definitivo, era a polícia, como hoje, a única eleitora dos deputados. Mas, apesar disso, todas as eleições se revestiam de certo aparato; os partidos tocavam reunir e se colocavam em linha de combate no dia fatal. O sangue muitas vezes regava as urnas. Era o melhor dos troféus. [...]

Campo de batalha coberto de lama, onde as armas são o insulto mais reles e a calúnia infamante, a negra injúria, os remoques vilíssimos, a política é uma fonte perene de amargores para aqueles que não sabem transigir ou vencer seus amigos pelos afagos dos adversários.<sup>162</sup>

Em vários momentos da vida, Clodoaldo Freitas viu seus parentes, amigos próximos e ele próprio serem afetados com escolhas políticas. Permanecer na oposição a um determinado governo poderia significar perseguições, demissões, remoção de cargo público para municípios mais distantes da capital do estado, campanhas difamatórias via imprensa e, em casos mais graves, ameaças físicas, agressões e assassinatos.

A ligação da classe intelectual com a política ajuda a desenhar o perfil destes letrados: sujeitos sociais que dependem financeiramente desses cargos burocráticos. Neste ponto, os intelectuais não se distanciam do restante da população, acabam se configurando como um reflexo dela. É possível definir as elites não apenas pelo seu poder

---

<sup>161</sup> Durante o Império Clodoaldo Freitas se alinha aos liberais por influência de José Manuel de Freitas – presidente das províncias de Pernambuco e do Piauí. Com a chegada da República, Freitas ganha a proteção de Mariano Gil Castelo Branco. É graças a essa ligação com a família Castelo Branco que ele consegue no ano de 1916 uma nomeação como desembargador e se instala até o fim da vida em Teresina. Cf: QUEIROZ, 2011, p. 301-367.

<sup>162</sup> FREITAS, Clodoaldo. O desembargador José Manoel de Freitas. In: FREITAS, Clodoaldo. *Vultos Piauienses: apontamentos biográficos*. 2 ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p. 31-32.

e pelas suas redes de influência, é perceptível descrevê-las também pela própria imagem que elas produzem.<sup>163</sup>

Da mesma maneira que os intelectuais citados ao longo do capítulo, vários foram os indivíduos pertencentes a grupos altos e médios da sociedade piauiense, nascidos num meio tradicional, que saíram do lar paterno para alcançar a formação intelectual e voltaram imbuídos por uma cultura letrada que possibilitava a configuração de um novo tipo de sujeito social, o homem de letras. Esse modelo se caracteriza com o perfil de um homem moderno, devidamente ilustrado e refinado que propunha o uso de novos hábitos e costumes para aquele meio social que havia deixado, quando ia estudar fora. Nesse caso, o fruto principal dessa atuação literária não foi apenas animar um movimento cultural na cidade, mas deixar um legado cultural para a história do estado com a fundação de uma academia de letras. O sujeito social, desde o seu nascimento, está inserido em uma estrutura sociofamiliar que determina sua identidade, mas também proporciona a socialização de um conjunto de capitais<sup>164</sup> que podem ser aproveitados na constituição do seu Eu enquanto sujeito social.

O perfil dos intelectuais analisados neste estudo possibilitou identificar traços característicos que corroboram para o que se pode chamar de uma elite intelectual e burocrática. Elementos em comum que se fazem presentes naquelas biografias individuais dizem respeito a alguns fatores, tais quais: a uma frequente atuação política e cultural, a uma colaboração contínua nos principais órgãos de imprensa – sobretudo os oficiais –, a ocupação de cargos de confiança no poder executivo e o fato de monopolizarem disciplinas nos estabelecimentos de ensino oficiais. Essas consistentes relações entre elite intelectual e o poder levam a crer que ainda se sobrepõem na Primeira República interesses e laços clientelísticos que permitem a estabilização financeira e social da figura do chamado funcionário-escritor, que acaba alcançando “trânsito livre pelas principais instâncias do sistema e poder”.<sup>165</sup> Entender como esses homens de letras articularam o jogo de poder é perceber que essa forma de articulação não era uma exclusividade de uma determinada região: vários pontos do país eram igualmente

---

<sup>163</sup> SIRINELLI, 1998.

<sup>164</sup> Capital na acepção econômica, cultural, social e simbólica. É dessa relação de capitais que se constitui o ser social. Cf: BOURDIEU, 2011.

<sup>165</sup> MICELI, 2001, p. 210.

atravessadas por essas estratégias de cooptação ao poder e o desfrutar dos seus benefícios pelos intelectuais.<sup>166</sup>

Outro elemento que deve ser considerado na perspectiva de analisar a formação dessa classe intelectual se refere a relação construída entre essa elite e a imprensa. Este é um aspecto que será alvo de maior observação no próximo momento deste estudo, mas por enquanto é válido afirmar que estes elementos, intelectuais e imprensa, agem de maneira mútua, atuando na consolidação de seus respectivos interesses como destaca Augusto César Acioly Paz Silva<sup>167</sup> sobre as complexas relações entre órgãos de imprensa e determinadas elites intelectuais. A primeira funciona como uma divulgadora destas ideias, enquanto os intelectuais se afirmam como os responsáveis por refletir os aspectos de uma determinada realidade social.

Nesse sentido, a escrita destes bachareis-literatos piauienses apresenta-se como uma estratégia que viabilizava a formação do indivíduo moderno. Numa sociedade que tentava se aproximar da ideia de civilidade, o ato de escrever conquista o significado de ordenar e de orientar as práticas sociais que estavam sendo desenvolvidas, a partir de um saber que se idealizava como legítimo. Para exercer a escrita como uma prática que buscava transformar o social – se aplicarmos a noção de economia escriturística de Michel de Certeau<sup>168</sup> – esses membros dessa elite intelectual souberam privilegiar o espaço conquistado por eles na imprensa para expressarem as suas ideias e consolidar seu status social se definindo como representantes de uma elite intelectual. Desta forma, o Bacharelismo significava um elemento de peso, mas não exclusivo, para iniciar a carreira no mundo das letras.<sup>169</sup>

O panorama delineado até este momento da tese, ainda que muito breve, permite divisar as grandes linhas de força do campo literário. É possível agora juntar os fios da meada: reforçar a ideia de que o campo intelectual pode ser, antes de tudo, lugar de

---

<sup>166</sup> Sobre a perpetuação da memória dos intelectuais e a elite política regional consultar: BORRALHO, José Henrique de Paula. *Terra e céu de nostalgia: tradição e identidade em São Luís do Maranhão*. São Luís: n.d, 2000.

<sup>167</sup> SILVA, Augusto César Acioly Paz. *Maçonaria e República: confrontos, conflitos, tensões e atuação sociopolítica de maçons em Pernambuco nas Décadas de 1930 e 1940*. Tese. Programa de Pós-Graduação em História. Doutorado em História, Recife, 2013. 227f.

<sup>168</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2005. v. 1.

<sup>169</sup> A Academia Piauiense de Letras foi fundada em 17 de dezembro de 1917 por dez intelectuais. Além dos sujeitos citados neste estudo temos ainda João Pinheiro (formado em Odontologia na Bahia), Lucídio Freitas (bacharel em Direito pela Faculdade do Rio de Janeiro), e, ainda três letrados: Jônatas Batista, Baurélio Freitas e Antonio Chaves. Estes últimos, não fizeram curso superior, mas possuíam significativa obra literária no teatro e na poesia. Cf: QUEIROZ, 2011.

fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo que é um espaço intenso de sociabilidades.

### 3 O CORPO E A ESCRITA: A ESCRITA PRESCRITIVA DE CLODOALDO FREITAS

Em linhas gerais, este capítulo objetiva discutir o espaço conquistado pelos folhetins de Clodoaldo Freitas nos jornais. Inicialmente, buscou-se compreender a estrutura da imprensa piauiense e compará-la às experiências da produção jornalística no Nordeste e no Brasil. A intenção foi entender possíveis semelhanças e peculiaridades dos folhetins que circularam na imprensa piauienses e uma contribuição sobre o estudo da produção literária piauiense a partir do romance-folhetim. Produção popular no período correspondente ao fim do século XIX e início do século XX, o folhetim também foi explorado por autores piauienses e foi possível compreender de que maneira a produção folhetinesca foi vivenciada na imprensa piauiense, o quanto foi cooptada pela literatura estrangeira e nacional, o quanto o folhetim se transformou em espaço para a deflagração de embates ideológicos, políticos e religiosos. Para finalizar essa análise acerca das experiências de Clodoaldo Freitas no mundo da imprensa, inclui-se considerações pertinentes à face não-ficcional do intelectual, ainda que brevemente.

Em um segundo momento, a intenção deste capítulo é entender a construção dos papéis de gênero na obra ficcional de Freitas. Ao fabricar suas narrativas literárias Clodoaldo Freitas delineia modelos específicos que são atribuídos a cada gênero. A categoria gênero é utilizada nesta análise para consolidar a desnaturalização dos comportamentos e interpretações em torno do sexo masculino e feminino. Ao longo da história, determinadas construções sociais agiram para definir os papéis sociais e os espaços sociais permitidos para atuação de homens e mulheres reforçando uma divisão binária entre os sexos no meio social. Dessa maneira, entendo que especialmente as formas de feminidade pensadas por Freitas não devem ser interpretadas como produtos de uma possível natureza feminina, mas como representações formuladas a partir de construções socioculturais.<sup>170</sup>

Ao final, empreendo uma análise sobre as formas de feminilidade encontradas na produção ficcional de Clodoaldo Freitas. O autor pensa de maneira diferente ao compor personagens femininos e personagens masculinos, baseado em estereótipos

---

<sup>170</sup> BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

historicamente construídos o autor desenha figuras femininas com características que induzem a imagem de que a mulher é um ser mutável. Nesse caso, a própria natureza feminina implicaria em lhe transformar em um ser suscetível facilmente influenciada pelas emoções, enquanto as construções dos perfis masculinos são marcadas pelo protagonismo das narrativas e a inteligência dos seus personagens homens.

### 3.1 Imprensa: Palco da Literatura Piauiense

A proposta desta análise foi tentar entender a trajetória de Clodoaldo Freitas como um folhetinista. Para tal, estabeleci uma observação sobre a trajetória dos impressos no Brasil. O resultado foi um esforço para compreender a maneira como a imprensa conseguiu se constituir como principal meio de comunicação. Nessa perspectiva, identifiquei os caminhos percorridos para que o romance-folhetim se configurasse como um grande influenciador de determinados consumos culturais em um contexto oitocentista e novecentista.

O advento e a expansão da imprensa possuem papel relevante para a história do romance folhetim, uma vez que, foi através do jornal que a literatura encontrou espaço para a sua veiculação. Roger Chartier enfatiza que os avanços proporcionados pelo desenvolvimento e expansão das tecnologias tipográficas ofereceram a popularização da escrita. Conseqüentemente, foi possível estabelecer mudanças significativas para a história da leitura uma vez que mais pessoas conseguiram ter acesso à cultura escrita através da imprensa.<sup>171</sup> Ao oferecer a possibilidade de imprimir uma quantidade cada vez maior de textos, a expansão da tipografia foi um fenômeno que ajudou a reduzir os custos de fabricação e, principalmente, ampliar o número de pessoas contempladas com a escrita, já que a criação e a popularização de um mercado de produção literária passa a emergir a partir do século XVIII na Europa e mais tardiamente no Brasil, no decorrer do século XIX. Nesse caso, o cenário nacional consegue ser ainda mais peculiar, porque ao mesmo tempo surgiu o mercado tipográfico e um mercado de leitores.<sup>172</sup>

Não seria apropriado afirmar que havia um cenário social em que predominava a inexistência de leitores apenas porque o surgimento da imprensa proporcionou a

---

<sup>171</sup> CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

<sup>172</sup> CIARLINI, Daniel C. B. *Literatura, Imprensa e Vida Literária em Parnaíba*. Parnaíba: SIEART, 2016.

circulação de textos escritos com maior facilidade. Realmente existe um progresso adquirido com as inovações tipográficas, mas é preciso ressaltar a importância do manuscrito em um contexto em que a imprensa já existia. Não houve uma substituição automática, mas sim uma coexistência entre formas manuscritas e formas impressas. Roger Chartier na obra *A mão do autor e a mente do editor*<sup>173</sup> ajuda a refletir sobre esse processo.

A impressão multiplicou objetos que eram desconhecidos ou pouco familiares na era do manuscrito e os tornou familiares. Nas cidades, pelo menos, a escrita impressa tomou conta dos muros, colocando material de leitura em espaços públicos, e transformou as práticas administrativas e comerciais. Mas precisamos também reformular a oposição entre ‘cultura escríbal’ e ‘cultura impressa’ e examinar mais de perto o manuscrito da era da impressão. Depois do surgimento de obras dedicadas à publicação manuscrita da Inglaterra, na Espanha e na França, hoje ninguém afirmaria que ‘isto’ (a prensa de impressão) matou ‘aquilo’ (o manuscrito). Muitos gêneros escritos (antologias poéticas, tratados políticos instruções nobiliárias, *nouvelle à la main* – folhas de notícias –, textos libertinos e heterodoxos, partituras musicais e mais) eram distribuídos em cópias manuscritas. As razões variavam: o custo menor das cópias manuscritas; o desejo de evitar censura oficial; preferência por uma circulação limitada; ou a maleabilidade da forma manuscrita, que permitia acréscimos e revisões. Portanto, a impressão pelo menos nos quatro primeiros séculos de sua existência, não causou o desaparecimento nem da comunicação manuscrita nem da publicação manuscrita.<sup>174</sup>

No Brasil, por questões político-econômicas, a implantação e expansão de aparelhos tipográficos ocorre mais tardiamente, mas o fato não foi um empecilho para a disseminação de uma cultura letrada ainda no Brasil Colônia. Registros mostram que o hábito de ler era prática frequente para aqueles que possuíam acesso à leitura e o gênero romance ocupava, com destaque, desde o início da história da leitura no Brasil um espaço de importância entre a cultura letrada.<sup>175</sup> Até o ano de 1808 era restrita a permissão de

<sup>173</sup> CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: UNESP, 2014.

<sup>174</sup> CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: UNESP, 2014. p. 104-105.

<sup>175</sup> Segundo Hebe Cristina da Silva a entrada de livros na América Portuguesa se dava por meio de autorização, cujos dados apontados pela Mesa Censória de Lisboa e pela Mesa do Desembargo do Paço do Rio de Janeiro, revelaram significativa quantidade de romances entre os títulos solicitados entre os anos de 1769 e 1826. Dentre os romances mais solicitados, o mais requisitado de todos pelos leitores foi *As Aventuras de Telêmaco*, de Fenélon. Ver: SILVA, Hebe Cristina da. *A Ascensão do Romance no Brasil – considerações acerca da presença do gênero em anúncios do Jornal do Comércio*. In: ABREU, Márcia. (Org.). *Trajatória do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: FAPESP, 2008.

imprimir no Brasil e a imprensa da Colônia era atendida exclusivamente por tipografias em Portugal que reproduziam folhas noticiosas e revistas literárias que, por sua vez, eram vendidas no Brasil. Somente após a chegada da Família Real surge a Impressão Régia do Rio de Janeiro, instituição que deteve durante alguns anos o monopólio da atividade tipográfica na América portuguesa.<sup>176</sup>

Antes disso, a Impressão Régia de Lisboa era o órgão oficial responsável por todas as demandas de impressão da Corte. Suas principais competências eram de natureza tipográfica e editorial referentes à impressão de toda legislação e papéis diplomáticos oriundos das repartições do governo português, a compilação de textos e traduções de obras em línguas estrangeira. A partir de 1808, quando todo o aparato tipográfico da então Impressão Régia de Lisboa é transportada para o Rio de Janeiro, a Impressão Régia passa a funcionar tendo como suas atribuições atender as demandas burocráticas do império português, a averiguação de todo o conteúdo que seria publicado e a regulação de todo o aparato censório.<sup>177</sup>

A Impressão Régia, deste modo, assumia um papel predominantemente regulador. O órgão teria o poder de restringir a impressão de papeis e livros cujo conteúdo fosse contrário ao governo, a fé cristã e os bons costumes. A inexistência de outras tipografias no território da colônia, repassava para Impressão Régia a atribuição de imprimir outras obras de interesse dos leitores nativos. Esta concessão poderia ser feita desde que a tarefa de publicar todos os atos oficiais do governo já tivesse sido cumprida.<sup>178</sup> Ainda que permanecessem restrições, somente em 1821 foi abolida a censura prévia para a imprensa geral. Essa maior flexibilização tipográfica permitiu o aumento gradativo de tipografias particulares e, por consequência, um processo gradativo de expansão em todo o território brasileiro.

Inicialmente, os impressos eram restritos à cidade do Rio de Janeiro. Todavia, as primeiras solicitações para instalação de tipografias em outras regiões do país foram atendidas. Em 1817 Ricardo Fernandes Castanho obteve autorização para instalar uma

---

<sup>176</sup> BARRA, Sérgio Hamilton da Silva. A Impressão Régia do Rio de Janeiro e a Criação do Novo Império Português na América. *Revista História*, São Paulo, n.173, p.253-276, jul.-dez., 2015.

<sup>177</sup> EL FAR, Alessandra. Ao gosto do povo: as edições baratíssimas de finais do século XIX. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: UNESP, 2010. p.89-99.

<sup>178</sup> A Impressão Régia foi responsável pela publicação do primeiro periódico da Colônia, o *Gazeta do Rio de Janeiro*. Órgão noticioso de caráter oficial, divulgava atos oficiais, calendário ritual da Corte, notícias extraídas de periódicos europeus e outras notas que davam conta da produção de obras e estudos de conteúdo científico.

tipografia em Pernambuco. Mais adiante, em 1821, as tipografias começam a funcionar efetivamente em diferentes pontos do país, a exemplo de Felipe Patroni que trouxe de Portugal o equipamento da primeira tipografia que funcionou em Belém. Antes disso, Patroni já havia feito circular *O Gazeta do Pará* em Lisboa, periódico que chegou a circular também em Belém.<sup>179</sup>

Desde o século XVIII havia uma predileção dos leitores brasileiros para o gênero romance. Títulos estrangeiros integravam a rotina dos leitores bem antes da implantação da Imprensa Régia do Rio de Janeiro. Quando a imprensa oficial finalmente se estabeleceu a reprodução de títulos de romances estrangeiros, seguiu uma constância maior do número de impressões. Na sequência, a instalação de outras imprensas particulares tornou o gosto do leitor brasileiro pela prosa de ficção cada vez mais visível. Hebe Cristina da Silva<sup>180</sup> destaca que no decorrer do século XIX essas publicações possuíam as mais variadas características, formatos e origens, uma vez que foram registradas frequentes menções de anúncios de livros veiculados na imprensa oitocentista, como *O Diabo Coxo* de Lesage,<sup>181</sup> *Paulo e Virgínia* e *A Choupana indiana* de Saint-Pierre,<sup>182</sup> *As Duas Desafortunadas e Belisário* de Marmontel,<sup>183</sup> *Atala ou Amores de Dois Selvagens* de Chateaubriand,<sup>184</sup> *Viagens de Gulliver* de Jonathan Swift,<sup>185</sup> *Vida e Aventuras Admiráveis de Robinson Crusoe* de Daniel Defoe.<sup>186</sup> A quantidade e a regularidade de anúncios ajuda a entender a oferta regular de obras estrangeiras como também a presença de uma cultura letrada que

---

<sup>179</sup> Felipe Patroni traz de Portugal equipamentos e tipógrafos para o seu empreendimento. Somente em 22 de maio de 1822 ele lança *O Paraense*. O periódico teve no total 22 edições. Ver: MENDONÇA, Simone Cristina. *Letras e Livros em Belém (1822-1850)*. São Paulo: Scortecci, 2016.

<sup>180</sup> SILVA, Hebe Cristina da. A Ascensão do Romance no Brasil – considerações acerca da presença do gênero em anúncios do *Jornal do Comércio*. In: ABREU, Márcia. (Org.) *Trajatória do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: FAPESP, 2008.

<sup>181</sup> O primeiro romance publicado no Brasil (1810), escrito pelo francês Alain-René Lesage em 1707.

<sup>182</sup> Jacques-Henri Bernardine de Saint Pierre (1737-1814). O romance *Paulo e Virgínia* (1788) é com toda certeza a obra mais famosa do escritor francês, traduzida para diferentes línguas.

<sup>183</sup> Jean François Marmontel (1723-1799), participa da *Enciclopédia* e da Academia Francesa. *Belisário* (1767) é um romance pseudobiográfico para divulgar a doutrinas dos filósofos. Cf.: BADINTER, Elisabeth. *As Paixões Intelectuais*. Vontade de poder. (1762-1778). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. v.3. p.101-120.

<sup>184</sup> O francês Auguste de Chateaubriand (1768-1848) publicou a novela em 1801 e obteve sucesso estrondoso entre leitores brasileiros do século XIX.

<sup>185</sup> O irlandês Jonathan Swift (1667-1745) publicou a obra pela primeira vez em 1726. Ainda é considerada um clássico da literatura infanto-juvenil.

<sup>186</sup> Romancista inglês, Daniel Defoe (1660-1731), publica o seu mais famoso romance em 1719.

não apenas consumia romances, mas que igualmente conseguia identificar os títulos mais famosos e os autores de prestígio da época.<sup>187</sup>

Graças a popularidade dessas publicações de romances modernos estrangeiros no Brasil, o folhetim teve sua inserção entre os jornais da época sem maiores dificuldades. O costume de consumir romances permitiu a abertura de um mercado de ávido leitores e ouvintes de narrativas estrangeiras. Destarte, os jornais cediam de maneira mais frequente espaço para a publicação de romance-folhetim com o fim de contemplar a expectativa de seus leitores e, conseqüentemente, manter a venda de seus impressos. Essa disseminação de textos literários na imprensa era fórmula comum. A estratégia consistia em fazer circular a produção literária, publicando principalmente em jornais e revistas obras ficcionais que os autores não conseguiam, por diversos motivos, apresentar ao público na forma de livro. Apesar de parecer uma estratégia de divulgação atribuída principalmente a questões econômicas, os chamados romances-folhetins já eram usados com bastante evidência, desde que a imprensa passou a se desenvolver tecnicamente com produção em grande escala.<sup>188</sup>

A popularidade do romance-folhetim surgiu inicialmente na Europa durante a década de 1830, como uma estratégia dos jornais do período para aumentar o número de exemplares vendidos.<sup>189</sup> Ocorre que, enquanto as tiragens cresciam gradativamente, a imprensa impulsionava a construção e a consolidação da fama de romancistas em proporções continentais. O folhetim tornou-se uma das principais oportunidades para tornar o romance de um escritor anônimo ser reconhecido por um maior número de leitores.<sup>190</sup> Posteriormente, a publicação deste material até conseguia se transformar em livro, mas durante muitas décadas os leitores preservaram o hábito de colecionar folhetins para seu próprio deleite, consumindo-os de maneira coletiva ou individual.

Assim como nos demais países latino-americanos, o modelo de romance-folhetim francês foi importado para ser aplicado ao cenário literário brasileiro. Destarte, essa fórmula usada pela imprensa obteve semelhante sucesso, uma vez que grandes

---

<sup>187</sup> SILVA, Hebe Cristina da. A Ascensão do Romance no Brasil – considerações acerca da presença do gênero em anúncios do *Jornal do Comércio*. In: ABREU, Márcia. (Org.) *Trajatória do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: FAPESP, 2008.

<sup>188</sup> TINHORÃO, José Ramos. *Os Romances em Folhetins no Brasil: 1830 à atualidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1994.

<sup>189</sup> MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>190</sup> No cenário mundial – tais como Eugène Sue, Alexandre Dumas, Souliè, Paul Fèval, Poson Du Terrail, Montépin, dentre outros. Cf.: MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.59.

romancistas brasileiros do período, como Joaquim Manuel de Macedo,<sup>191</sup> José de Alencar,<sup>192</sup> Lima Barreto<sup>193</sup> e Machado de Assis<sup>194</sup> tiveram a sua produção ficcional publicada primeiramente nas páginas dos jornais da época antes de conquistarem a fama literária.<sup>195</sup> No entanto, o fato de alcançarem um sucesso literário entre a opinião pública e entre seus pares intelectuais, não se descartava a possibilidade de prosseguir publicando em folhetins. Até pelo menos a década de 1920, aquela era uma fórmula de publicação desejada e respeitada no campo literário brasileiro. Se atualmente o tempo permitiu conservar apenas alguns nomes e títulos, é preciso destacar que existiram também nesse circuito numerosos escritores e seus produtos folhetinescos, o que ajuda a dimensionar a extensão da demanda de vorazes consumidores, sempre à espera do próximo número a ser publicado.<sup>196</sup>

---

<sup>191</sup> Joaquim Manoel de Macedo nasceu em Itaboraí (RJ) no dia 24 de junho de 1820 e faleceu em 11 de abril de 1882 na cidade do Rio de Janeiro. Médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, professor de história e geografia do Colégio Pedro II, jornalista, Deputado Provincial e Deputado Geral. A crítica literária o considera o fundador do romantismo brasileiro. Suas principais obras são: *A moreninha* (1844), *O moço loiro* (1845) e *Memórias da Rua do Ouvidor* (1871). Cf.: MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

<sup>192</sup> José Martiniano de Alencar nasceu em Mecejena (CE) no dia 1 de maio de 1820 e faleceu na cidade do Rio de Janeiro (RJ) em 12 de dezembro de 1877. Foi jornalista, político, advogado, orador, crítico, polemista, mas ficou conhecido como um dos grandes romancistas brasileiros. José de Alencar iniciou atividade literária através dos jornais *Correio Mercantil* e *Diário* da cidade do Rio de Janeiro. *Lucíola* (1862), *Diva* (1864), *Iracema* (1865) e *Senhora* (1875) são algumas das suas principais obras. Ver: MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1978. p.15-17.

<sup>193</sup> Afonso Henrique de Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro em 13 de maio de 1881 e faleceu na mesma cidade em 01 de novembro de 1922. Cursou até o terceiro ano do curso de engenharia da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, funcionário concursado do Ministério da Guerra e jornalista. Mulato e de família humilde enfrentou preconceitos raciais e sociais no decorrer da vida e que por consequência vão impactar diretamente na sua obra. Principais publicações: *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909), *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915), *Numas e ninfas* (1915), *Os Bruzundangas* (1923) e *Clara dos Anjos* (1948). Cf.: SCHWARTZ, Lilia Moritz. *Triste Visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

<sup>194</sup> Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 21 de junho de 1839 no Rio de Janeiro e faleceu em 29 de setembro de 1908 na mesma cidade. Jornalista, funcionário público, poeta, romancista, contista, foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. A crítica literária o considera como fundador do realismo brasileiro. Principais romances: *Ressurreição* (1872), *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891) e *Dom Casmurro* (1899). Cf.: RIBEIRO, Luís Felipe. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária/ Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

<sup>195</sup> Segundo Brito Broca o *Jornal do Comércio* da cidade do Rio de Janeiro era um dos grandes veículos de imprensa que remuneravam os literatos, na qual intelectuais de sucesso conseguiam receber de 30\$00 a 60\$00 mil-réis por colaboração. Ver: BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil: 1900*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio/Academia Brasileira de Letras, 2005. p. 285.

<sup>196</sup> MEYER, Marlyse. *Folhetim: Uma História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 32.

A leitura era um fenômeno em expansão no Brasil e é justamente esse um dos fatores que colaboram para o êxito da fórmula do romance folhetinesco brasileiro. Para Marlyse Meyer o primeiro título de um romance-folhetim a circular na imprensa brasileira foi *O Capitão Paulo* em 1838 publicado pelo *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro.<sup>197</sup> Apesar do número ainda inexpressivo de leitores, o lento desenvolvimento do sistema educacional permitiu que mais pessoas tivessem acesso à leitura através da abertura de instituições de ensino públicas e particulares. Não se deve desconsiderar também que houve aumento na demanda por instrução feminina regular e que as mulheres se transformaram em público-alvo de boa parte daquelas produções literárias. O resultado dessas transformações foi a predominância, por várias décadas, dos folhetins diários ou semanais dentro da rotina do lar burguês, tornando os seus autores e suas obras célebres não apenas nos círculos intelectuais, mas também na opinião pública letrada.

O produto ficcional de Clodoaldo Freitas se aproxima muito da escrita de romancistas brasileiros do século XIX. Nesse campo literário, no qual Freitas apresenta a sua ficção, existe um tipo específico de vertente literária. Esta é uma escrita endereçada a um público leitor específico formado em grande medida por estudantes, professores, intelectuais e, progressivamente, ingressam nesse meio de consumidores também jovens solteiras e senhoras casadas, que receberam instrução adequada e viviam em um meio social em que o hábito de leitura era significado como uma expressão de refinamento cultural para ambos os sexos.<sup>198</sup>

No Piauí, o cenário de desenvolvimento da imprensa não se distanciava do restante do país. Data de 1824 a instalação da primeira tipografia em Oeiras, então capital da província. Antonio Fernandes da Silveira fundou a Tipografia Silveira e Companhia e até o ano da transferência da capital, 1852, a tipografia havia realizado a impressão de 13 títulos noticiosos. A mudança da capital levou todo o aparelho burocrático para Teresina. Destarte, para atender a demanda do mais novo centro urbano, o serviço tipográfico se expandiu e, por volta de 1889, Teresina registrou a existência de pelo menos 20 tipografias para atender a imprensa e o mercado literário da época.<sup>199</sup>

---

<sup>197</sup> MEYER, Marlyse. *Folhetim: Uma História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 60.

<sup>198</sup> RIBEIRO, Luís Felipe. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária/ Fundação Biblioteca Nacional, 2008. p. 50-51.

<sup>199</sup> RÊGO, Ana Regina Barros Leal. *Imprensa Piauiense: atuação política no século XIX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001; PINHEIRO FILHO, Celso. *História da Imprensa no Piauí*. 3 ed. Teresina: Zodiaco, 2007.

A partir da segunda metade do século XIX a imprensa incorpora de forma crescente a participação efetiva de intelectuais entre colaboradores e redatores. Até aquele momento, o espaço preenchido dos jornais era dedicado a informes do serviço público e às infinitas contendas políticas entre conservadores e republicanos. A imprensa abriu progressivamente espaço para matérias que atendiam de maneira mais completa o público leitor. Temas ligados à política e a economia ainda prevaleciam, mas passaram a dividir espaço com matérias religiosas, temas literários e publicações destinadas exclusivamente para o público feminino.

A Tipografia Silveira e Companhia foi a responsável pela produção do primeiro jornal a ser editado e produzido no Piauí. Tratava-se d'*O Piauiense*. Periódico semanal lançado em 15 de agosto de 1832, redigido pelo professor de latim Amaro Gomes dos Santos e pelo padre Antônio Pereira Pinto do Lago. Naquele ano, o jornal *Aurora Fluminense* do Rio de Janeiro, fez o registro do ocorrido:

Nas províncias do Norte do Brasil vai tendo rápidos progressos a imprensa periódica. Algumas que ainda não conheciam praticamente este meio de espalhar por entre o povo as doutrinas políticas, esta grande alavanca da civilização progressista, vão tendo suas imprensas e jornais. Mencionaremos particularmente *O Recompilador Sergipano*, em Sergipe, e, no Piauí, *O Piauiense*. Ambos estes periódicos são escritos com dignidade, boa frase e em sentido constitucional. Nem a retrogradação nem a violência encontram aí culpadas apologias. São eles uma verdadeira aquisição para povos que poderiam facilmente ser desviados, no caso que maus condutores se apresentassem ao leme da imprensa, e dessem nos seus escritos, em vez de suas doutrinas, ódios e particulares interesses.<sup>200</sup>

A notícia de que a editoração de diferentes títulos de jornais estava atingindo todas as regiões Brasil era celebrada com entusiasmo pela imprensa existente. Apesar da aparelhagem rudimentar para produção de veículos noticiosos e do reduzido número de indivíduos alfabetizados, a expansão dos jornais era um fenômeno a ser celebrado. Significava a inegável pujança da cultura dos periódicos e a criação de novas oportunidades de trabalho para os intelectuais: tipógrafos, editores, redatores e colaboradores fixos foram cada vez mais requisitados para manter a rotina de edição desta imprensa crescente.

---

<sup>200</sup> NAS PROVÍNCIAS... *Aurora Fluminense*. Rio de Janeiro, n.689, 17 out. 1832 apud PINHEIRO FILHO, Celso. *História da Imprensa no Piauí*. 3 ed. Teresina: Zodiaco, 2007.

Nesse contexto, surgem em todo o país um número cada vez maior de jornais literários e científicos, apesar das polêmicas políticas continuarem a aquecer a produção jornalística nas demais províncias. A expansão do número de jornais de cunho literário e científico na segunda metade do século XIX, é acompanhada de um significativo aumento do número de assinantes. A título de exemplo, temos no Rio de Janeiro o *Jornal do Comércio* que reunia 4 mil assinantes em 1846. Contudo, números tão expressivos não representam a realidade de outros pontos do país. Em Oeiras, *O Telégrafo* (1839) contava com uma tiragem mais modesta: 100 exemplares.<sup>201</sup> Fatores como quantidade de leitores, instalação de equipamentos tipográficos e a presença de atividade jornalística permanente afetam diretamente a amplitude que uma folha noticiosa poderia alcançar.<sup>202</sup>

De volta ao cenário piauiense, existiu um ambiente no qual a imprensa conseguiu se desenvolver apesar das dificuldades financeiras e técnicas (a aparelhagem das tipografias em geral era muito rudimentar, dificultando a composição e a impressão), como a folha noticiosa de *O Piauiense*, cujo primeiro número saía em 1832, circulava semanalmente em Oeiras. No entanto, suas páginas se limitavam a publicação de atos oficiais da província.<sup>203</sup> Em 1839 aparece *O Telégrafo*, periódico que assumiu mais precisamente o papel de noticioso na província de registrar os acontecimentos da Balaiada (1839-1841) no Piauí e no Maranhão.<sup>204</sup>

Até a transferência da capital da província de Oeiras para Teresina (1852), a formação de uma história da imprensa piauiense prosseguiu, ainda com alguns percalços. O predomínio era de linhas editoriais essencialmente políticas, com alternância entre partidos liberais e partidos conservadores.<sup>205</sup> *O Recreio Literário* teria sido, nessa primeira fase do jornalismo piauiense, o único veículo a assumir uma proposta editorial no campo literário, contudo sem ter passado de uma única edição feita em 1851.<sup>206</sup> Fixada

---

<sup>201</sup> CHAVES, Joaquim (Mons.). *Obra Completa*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2007. p. 50.

<sup>202</sup> COSTA, Carlos. *A revista no Brasil do século XIX*. A história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro. São Paulo: Alameda, 2012.

<sup>203</sup> O jornal *Piauiense* era redigido pelo professor de latim Amaro Gomes dos Santos e editado na Tipografia Silveira e Cia. PINHEIRO FILHO, Celso. *História da Imprensa no Piauí*. 3 ed. Teresina: Zodíaco, 2007.p.24-25.

<sup>204</sup> NUNES, Odilon. *Pesquisas para a História do Piauí*. A independência do Brasil, especialmente no Piauí. Manifestações republicanas. A ordem. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2007. v.2.

<sup>205</sup> RÊGO, Ana Regina Barros Leal. *Imprensa Piauiense: atuação política no século XIX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.

<sup>206</sup> Constam no conselho editorial d'*O Recreio Literário* os nomes de José Sérvio Pereira, Carlos Sousa Martins e José Martins Pereira de Alencastre. p.21-22.

em nova capital, os periódicos piauienses vivenciaram a experiência da chegada de novos equipamentos tipográficos e lançamento de novos títulos. Contudo, o elemento que se destaca é a ausência de longevidade da maior parte das publicações. Os títulos que surgiam, em sua maioria, desapareciam após a edição de algumas publicações. Essa constante efemeridade dos veículos de imprensa, ainda que comum também em outras províncias, provoca discontinuidades no processo de consolidação de um público leitor que não encontrava estímulo necessário na deficiente oferta de jornais e revistas.

As razões para a brevidade na existência de títulos noticiosos, ou não, dizem respeito às dificuldades orçamentárias para a manutenção das tiragens. Levando em conta que geralmente os jornais eram semanais, as chances de um periódico obter margens significativas de lucro eram menores, e o mais comum era que os ganhos adquiridos pela venda dos exemplares apenas sustentassem, ainda que com deficiência, os custos para a produção e impressão da folha. Campanhas de assinaturas anuais eram promovidas para convidar os leitores a integrarem o projeto do jornal e, desse modo, manter a existência da folha, mas nem sempre estes artifícios para garantir a perenidade do periódico surtiam efeito.

As razões para o predomínio de jornais políticos no século XIX também estão vinculadas a escassez de produções literárias produzidas por escritores da terra e ao fato de que os redatores geralmente estavam totalmente envolvidos com questões de cunho político e mantinham posições partidárias definidas que eram perpassadas para as páginas dos jornais. Logicamente o fato não anulava, mas, desestimulava a produção e publicação de textos de ordem filosófica, científica e literária. Ana Regina Rêgo, ao analisar a trajetória destes veículos de imprensa piauienses, lembra que parte dos escritores tinham grande simpatia por temas ligados à política, além de que foram os bachareis, com sua formação específica em oratória e jurisprudência que assumiram a edição de quase todos os títulos que iam surgindo.<sup>207</sup>

No início do século XX, os periódicos literários ocupam um espaço cada vez maior, apesar da persistente efemeridade e do reduzido círculo de consumo – geralmente entre grupos de intelectuais e estudantes. Cabe destacar estes: *Andorinha* (1905), *Borboleta*

---

<sup>207</sup> RÊGO, Ana Regina Barros Leal. *Imprensa Piauiense: atuação política no século XIX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001. p. 77.

(1906)<sup>208</sup>, *Alvorada* (1909),<sup>209</sup> *Litericultura* (1912),<sup>210</sup> e *Revista da Academia Piauiense de Letras* (1918),<sup>211</sup> que marcaram a história da imprensa piauiense ao descolar totalmente do tradicional viés político e manterem em seu editorial a ideia principal de divulgar as letras de autores da terra e de demais colaboradores de outras regiões.<sup>212</sup> Daniel Castelo Branco Ciarlini<sup>213</sup> consegue apresentar um painel da história imprensa piauiense, especificamente no que diz respeito aos projetos de periódicos literários.

Nos primeiros 30 anos do século XX, dos 308 periódicos fundados, somente 33 se ocuparam estritamente com a causa literária, e do restante, 73 divulgavam a literatura de maneira muito esporádica, quase sempre pra fechar lacunas de diagramação, e 202 centravam-se em causas outras, como a política, o noticiário, a religião, o anticlericalismo, o esporte, o comércio, o humor e o espiritismo. Apesar dos dois primeiros decênios não legarem sequer 50% do periodismo à literatura, o número de folhas eminentemente literárias foi uma constante, de 12 anos de 1900 e 12, nos de 1910, concentrados, sobretudo em Teresina. O último decênio, porém, representa uma fase de declínio, já que somente 7, dos 95 periódicos fundado nos anos 1920, eram literários, enquanto outros 21 apenas admitiam em suas páginas a literatura. Somados os ‘literários’ e os ‘mistos’, não representavam 30% do periodismo do período.<sup>214</sup>

Foram também destaques na imprensa periódica teresinense do início do século XX, as jornalistas Helena M. Burlamaqui, Maria Amélia Rubim e Alaíde M. Burlamaqui, na direção do jornal *Borboleta*.<sup>215</sup> O veículo literário e noticioso era mensal e trazia como objetivo promover o acesso à educação de todas as mulheres como um direito a ser cumprido. É precipitado considerar que a atuação das jornalistas piauienses se classificasse como integrada a qualquer tipo de movimento feminista ou aproximava-se de alguma experiência política mais radical adotada em outras cidades do país e do

<sup>208</sup> O jornal *Borboleta* seria o primeiro veículo piauiense escrito e dirigido por mulheres.

<sup>209</sup> A revista *Alvorada* era quinzenal. Entre seus redatores estavam Zito Batista, Jônatas Batista, Antonio Chaves, Pedro Borges e Celso Pinheiro.

<sup>210</sup> A revista *Litericultura* era editada por Abdias Neves, Matias Olímpio, e Simplicio Mendes.

<sup>211</sup> Criada pela recém fundada APL, a revista era editada na Tipografia do *Jornal de Notícias*.

<sup>212</sup> Em menores tiragens e/ou de breve duração podemos destacar ainda os periódicos *O Livro* (1901), *A Pena* (1902), *Esperança* (1903), *A Letra* (1911), *Cidade Verde* (1912), *O Arrebol* (1915) e *Chapada do Corisco* (1918).

<sup>213</sup> CIARLINI, Daniel Castelo Branco. *Imprensa e Literatura Piauiense na República Velha: gênese de um campo e circuitos literários*. (Tese) Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019.

<sup>214</sup> CIARLINI, 2019, f.166.

<sup>215</sup> CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres Plurais: a condição feminina em Teresina na Primeira República*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996. p. 94.

mundo.<sup>216</sup> Na realidade, a escrita do *Borboleta* caracterizava-se por certo conservadorismo ao não abordar dentro dos seus escritos a reivindicação pelo sufrágio feminino, pelo exercício de direitos civis, e pela igualdade salarial no trabalho.

O fato é que a produção do *Borboleta* estava voltada pela defesa de uma escolarização feminina que proporcionasse o desenvolvimento pleno do papel de mãe pelas teresinenses. A maternidade segundo as redatoras, transcendia uma função familiar, seria uma obrigação patriótica. Nessa perspectiva, a educação feminina estaria diretamente ligada à criação dos futuros cidadãos, por isso tornara-se imprescindível instruir cada vez mais a mulher para desempenhar o seu papel de mãe.

[...] E quanto é belo uma senhora ilustrada, bem educada e inteligente, dirigir seu lar doméstico. [...] A mulher ignorante não pode ser educadora daqueles que para o futuro hão de exercer importante papel na sociedade. Senhoritas, lembrai-vos que a vossa pátria em vós, põe toda a esperança, afim de que para o futuro possais exercer a nobre missão de educadora, dando à sociedade homens ilustrados que encham de orgulho vosso estremecido Piauí e o nosso caro Brasil.<sup>217</sup>

As jornalistas seguiam uma ideia central de que a educação seria benéfica ao sexo feminino, ao auxiliar na formação de futuras mães. A maternidade aqui ganha status patriótico, na medida em que ela ofereceria para a sociedade futuros “homens ilustrados”. Embora a presença feminina no *Borboleta* fosse uma realidade, não é possível dizer que este era um jornal exclusivamente escrito por mulheres. Jônatas Batista, Esmaragdo de Freitas, Abdias Neves e Totó Rodrigues eram colaboradores frequentes da folha. Apesar da aceitação da inserção gradual da mulher no campo literário, ainda havia resistência sobre essa experiência feminina fora do ambiente doméstico e familiar. O mundo das letras era masculino, e poucas foram as mulheres que conseguiram transpor essa barreira – invisível – masculina para acessar o glorioso domínio dos homens de letras.<sup>218</sup> Até mesmo para os intelectuais a mulher ainda era considerada um ser de mente infantil, que

---

<sup>216</sup> RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997; GONÇALVES, Andréa Lisly. *História e gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

<sup>217</sup> EM PROL da educação. *Borboleta*, Teresina, ano 1, n. 16, 29 dez. 1905, p. 1.

<sup>218</sup> As poetisas Luísa Amélia de Queiroz (1846-1898), autora de *Flores Incultas* (1875) e Maria Amélia de Freitas Bevilacqua (1860-1946) autora de *Alcyone* (1902), *Açucena* (1902), *Jeannete* (1923) foram as raras mulheres escritoras piauienses a ganhar reconhecimento pela sua produção literária, mas nada que fosse igualmente celebrado como seus colegas do sexo masculino.

precisaria, tanto quanto uma criança, de orientações que a direcionassem no cumprimento de suas funções “naturais” no seio familiar: o papel de esposa e mãe.<sup>219</sup>

Os temas abordados pelos intelectuais na imprensa iam muito além dos limites da literatura como mencionado. Falavam também de notícias gerais, política, história, filosofia, economia, religião, educação, comportamento, música, teatro, cinema e os demais lazeres que agitavam a capital piauiense.

Em momento posterior desta tese analiso a maneira como Clodoaldo Freitas explorou as páginas de jornais e revistas para a publicação de seus textos literários. No entanto, é oportuno também destacar, ainda que brevemente, a performance do intelectual explorando outras áreas. A despeito de análise aponto apenas, dentro de um universo de diferentes temáticas, as suas apreciações sobre história e ainda acerca aspectos urbanos da capital piauiense.

A circulação de textos históricos na imprensa piauiense ocorre desde meados do século XIX. Ainda que incipiente, a produção histórica do Piauí foi desenvolvida à medida que o interesse pela história do Piauí ganhava mais atenção. Paulo Gutemberg de Carvalho Sousa<sup>220</sup> ao fazer uma densa análise sobre os percursos da pesquisa e da escrita histórica piauiense durante o século XIX e as primeiras décadas do século XX apontou os primeiros intelectuais que se lançaram no que pode ser chamado de uma fundação da cultura histórica: José Maria Pereira de Alencastre,<sup>221</sup> David Moreira Caldas,<sup>222</sup> Miguel

---

<sup>219</sup> COSTA, Mara Lúcia Fernandes. *A Escrita e o Desejo: as relações de gênero na produção literária de Clodoaldo Freitas*. Dissertação. 2010. Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina. 2010.

<sup>220</sup> SOUSA, Paulo Gutemberg de Carvalho. *História e Identidade: as narrativas de piauiensidade*. Teresina: EDUFPI, 2010.

<sup>221</sup> José Pereira Martins de Alencastre (1831-1871). Pernambucano, bacharel, funcionário de alto escalão do Império, jornalista, auxiliar de Conselheiro Saraiva – presidente responsável pela transferência da capital piauiense em 1852, organizou os arquivos da Província do Piauí. “Memória Cronológica, histórica e corográfica do Piauí” – apresentada em 1857 na *Revista do IHGB* – foi a única produção histórica do Piauí publicada no século XIX. Ainda escreve *Notas diárias sobre a revolta que teve lugar nas Províncias do Maranhão, Piauí e Ceará pelos anos de 1839, 1840 e 1841*, escritas em 1854, à vista de documentos oficiais, sobre o movimento da Balaiada. Cf.: SOUSA, Paulo Gutemberg de Carvalho. *História e Identidade: as narrativas de piauiensidade*. Teresina: EDUFPI, 2010.

<sup>222</sup> David Moreira Caldas (1836-1879). Professor, funcionário público, deputado provincial e jornalista. Colaborou e foi editor de vários periódicos piauienses: *Liga e Progresso*, *A Imprensa*, *Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove*. Os seus biógrafos são unânimes em ressaltar a contribuição de Caldas para a história, mas, sobretudo para geografia do Piauí. Publicou “Relatório de viagem feita de Teresina à Parnaíba, pelo rio do mesmo nome, inclusive todo o seu delta, por ordem do exmo. Sr. Dr. Adelino Luna Freire, Presidente do Piauí, de 1867” e “Introdução feita por um dos mais obscuros amigos do poeta” (prefácio do livro de José Coriolano, *Impressões e gemidos*). Deixou inédito o livro: *Dicionário Histórico e Geográfico do Piauí*. Cf.: SOUSA, Paulo

Borges,<sup>223</sup> Pereira da Costa,<sup>224</sup> Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e Abdias Neves corresponderiam aos nomes que contribuíram de forma consistente para a construção de uma história do Piauí. Esse esforço de pioneirismo da pesquisa e da escrita da história destes intelectuais pode ser acessada em quase sua totalidade a partir da imprensa. Era através dela que artigos históricos e biográficos puderam ser apresentados para um maior público, que sempre usando de espaços dentro dos periódicos, permitiam a vulgarização do conhecimento que havia construído em torno dos estudos históricos.

Essa apreciação pela história enquanto ciência é em grande medida tributária da movimentação em torno da disseminação da própria cultura da escrita histórica no decorrer do século XIX, como também pelo processo de construção de uma consciência de nacionalidade vivenciada por uma nação que tentava definir sua própria identidade. Nesse caso, a escrita histórica acaba sendo usada para dar vazão a esse sentimento de unidade nacional entre as províncias. Uma das instituições usadas para materializar o projeto de construção de uma história nacional era o Instituto de Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB), no qual reunia os mais diferentes intelectuais de diferentes partes do país com o intuito principal de integrar às histórias provinciais para construir a identidade cultural do Império. O IHGB não apenas incentivava a pesquisa nos arquivos públicos provinciais como também convocava os historiadores a dar visibilidade a este trabalho através da publicação na íntegra de documentos inéditos correspondentes à história brasileira e a escritura de uma história regional e nacional a partir das pesquisas realizadas.

---

Gutemberg de Carvalho. *História e Identidade: as narrativas de piauiensidade*. Teresina: EDUFPI, 2010.p.71;79.

<sup>223</sup> Miguel de Sousa Leal Borges Castelo Branco (1836-1877). Professor, jornalista, biógrafo e deputado provincial. Em 1879 publicou a obra considerada como pioneira dos estudos históricos no Piauí o *Apontamentos biográficos de alguns piauienses ilustres e outras pessoas notáveis que ocuparam cargos de importância na Província do Piauí*. Borges apresentou ao todo 28 biografias de personalidades, publicadas primeiro em jornais da época. Ao receber mais informações e/ou correções dos leitores sobre os seus artigos, reescrevia-os para deixar a biografia mais completa até a sua versão final que resultou no livro. Também foi o editor do *Almanaque Piauiense (1880,1881 e 1883)*. SOUSA, 2010, p.81-82.

<sup>224</sup> Francisco Augusto Pereira da Costa (1851-1923). Ocupou o cargo de secretário da província e pode ter acesso a documentos oficiais inéditos até então para a história do Piauí. O historiador pernambucano conquistou notoriedade com suas pesquisas. Em 1884 publica no jornal *A Imprensa* de Teresina “História do Piauí - As Lutas da Independência”, e no ano seguinte, em 1885, publica o artigo “Uma página de história – O dia 24 de janeiro de 1823”; em 1891 na *Revista Mensal da Sociedade União Piauiense* apresenta o texto “Piauí Republicano: a adesão à Confederação do Equador em 1824”.

No Piauí essa historiografia possui como marco inicial a participação de intelectuais-historiadores como redatores, diretores e colaboradores em diferentes jornais, revistas e almanaques editados no Piauí e também fora da província.<sup>225</sup> Mais jornalística do que comprometida com componente teórico-metodológicos que dominavam a História enquanto ciência, a escrita destes primeiros historiadores foi politizada e comprometida em grande medida com a construção da memória dos mais notáveis filhos da terra. Na maior parte dos casos existia uma visível preocupação com o desenvolvimento de uma narrativa histórica de forte teor nacionalista.

A despeito das incursões de Clodoaldo Freitas enquanto historiador cabe destacar que seu trabalho histórico segue – assim como os intelectuais que lhe antecederam – a aproximação com os acervos documentais.<sup>226</sup> Entretanto, seu foco principal era propagar uma interlocução dessa narrativa histórica através de sua escrita divulgada em artigos de periódicos, folhetins, folhetos avulsos e publicação de livros.

As contribuições de Clodoaldo Freitas para a escrita histórica têm seu início ainda no final do século XIX com a publicação de conferências ministradas pelo intelectual entre os seus pares. Os temas dizem respeito à uma história geral do Piauí, mas atravessada por aspectos de um ressentimento político ocasionado pelas frustrações de um ideário republicano que foi sonhado, mas não realizado do ponto de vista ideológico.<sup>227</sup> Nessa fase inaugural do historiador Clodoaldo Freitas destacam-se *Os fatores do coelhado*<sup>228</sup> e *História do Piauí: sinopse*.<sup>229</sup> Essas foram produções históricas que ajudaram a movimentar o cenário intelectual pela primazia de escrever uma história do Piauí e pela própria escrita crítica de Clodoaldo Freitas.

---

<sup>225</sup> A exemplo de publicações feitas para a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*.

<sup>226</sup> No ano de 1911 Clodoaldo Freitas assume o cargo de diretor do Arquivo Público Piauiense. SILVA, Antonino Freire da Silva *Mensagem apresentada à Câmara Legislativa pelo Exmo. Sr. Dr. Antonino Freire da Silva, governador do Estado no dia 1º de junho de 1911*. Teresina, 1911.

<sup>227</sup> QUEIROZ, Teresinha. *Os Literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo*. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011.

<sup>228</sup> Nessa obra o autor disserta sobre o surgimento da República e seus impactos na política piauiense. O livro registra seus ressentimentos com determinadas personalidades históricas (Coelho Rodrigues e Campos Salles) e as suas derrotas em um cenário republicano. *Os fatores do coelhado* foi editado pela Tipografia do jornal *Democrata*, na cidade de Teresina em 1892. QUEIROZ, 2011.

<sup>229</sup> Clodoaldo Freitas apresenta em 1902 uma conferência pública, na qual faz um resumo sobre a história do Piauí. Em linhas gerais o autor traça uma narrativa histórica da colonização das terras piauienses e conclui sua análise com a transferência da capital de Oeiras para Teresina, ressaltando que o fato simbolizaria uma modernização do Piauí. Cf.: SOUSA, Paulo Gutemberg de Carvalho. *História e Identidade: as narrativas de piauiensidade*. Teresina: EDUFPI, 2010. p.218-219.

Além destes, seguiram outros escritos, que, em geral possuíam o mesmo propósito: confeccionar uma inédita história local. Chamo atenção ainda para uma modalidade frequente na escrita de Clodoaldo Freitas: textos não-ficcionais publicados em folhetins. Nesse caso, o modelo apresenta artigos de crítica, crônicas, biografias e textos históricos com os mais variados temas, mas sempre publicados em sequência, dentro de periódicos em que Freitas colaborava ou participava como editor. *Vultos piauienses*: apontamentos biográficos,<sup>230</sup> *Em rodas dos fatos*<sup>231</sup> e *História de Teresina*<sup>232</sup> se enquadram nesse fazer historiográfico de Clodoaldo Freitas que se caracterizou por uma escrita visivelmente comprometida em compor uma tradição de escrita histórica, à medida que se propôs como um texto revisionista, articulando a sua escrita contemporânea a uma historiografia que o antecederam.<sup>233</sup>

Freitas deve ser lembrado também por ter reforçado a ideia de uma escrita histórica com o propósito principal de ser uma reparação histórica: escrevendo uma história do Piauí e enaltecendo nomes de personalidades históricas que, em sua concepção pessoal, de alguma maneira foram injustiçadas ou sofreram com o esquecimento e a falta de reconhecimento pela contribuição que ofereceram à imagem do Piauí.

Para a análise desta parte do capítulo opto por dedicar um olhar mais atento para a obra *Vultos piauienses*: apontamentos biográficos.<sup>234</sup> A biografia foi usada por Freitas como instrumento para construir uma narrativa histórica de personalidades piauienses do século XIX e ao mesmo tempo estabelece uma crítica literária do que se produziu no campo literário piauiense até àquele momento. Os artigos elaborados por Clodoaldo Freitas foram inicialmente publicados em periódicos e posteriormente reunidos e editados

---

<sup>230</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses*: apontamentos biográficos. Teresina: Tipografia d'O Estado, 1903.

<sup>231</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. Teresina: Tipografia Paz, 1911.

<sup>232</sup> Clodoaldo Freitas usou documentos oficiais para compor a sua pesquisa sobre a capital piauiense. O resultado dessa pesquisa foi uma série de artigos publicados no jornal *Diário do Piauí* de Teresina, e, posteriormente Clodoaldo Freitas reúne os textos para a publicação do livro *História de Teresina* em 1911.

<sup>233</sup> A produção histórica de Clodoaldo Freitas conta com quatro livros publicados – *Os fatores do coelhado*, *História do Piauí: sinopse*, *Em roda dos fatos* e *História de Teresina* – e mais de 20 artigos históricos, com destaque para: *História do Piauí: as lutas da independência* (1885), *Um patriota piauiense* (1912), *Contribuições para a História do Piauí* (1913), *Leonardo de Nossa Senhora das Dores Castelo Branco, como poeta e inventor* (1923) *O Fidié* (1923) e *Nosso mártir: Antônio Maria Caú* (1923). Para uma análise mais completa ver: SOUSA, Paulo Gutemberg de Carvalho. *História e Identidade*: as narrativas de piauiensidade. Teresina: EDUFPI, 2010.

<sup>234</sup> Esta tese prefere usar em suas referências a segunda edição do livro *Vultos Piauienses* publicada no ano de 1998. A escolha pela edição atualizada não altera as análises realizadas na obra biográfica.

para serem apresentados em *Vultos piauienses*. Lançada pela primeira vez no ano de 1903, a obra conta com a reunião de dez personalidades que alcançaram, na perspectiva de Freitas, destaque pelas suas contribuições em suas respectivas áreas. Professores, poetas, políticos, jornalistas e amantes das ciências, estas, foram as figuras escolhidas para construir uma forma de narrativa, o gênero biográfico, que era muito comum em um contexto historiográfico novecentista.

Antes de prosseguir é importante considerar que o modelo de biografia de Clodoaldo Freitas não se aproxima das interpretações contemporâneas deste gênero narrativo. No contexto atual, os historiadores reproduzem uma biografia que é pensada como um produto marcado pela pluralidade, cuja, identidade biográfica está sujeita a ininterruptas mutações ao longo do tempo. Desta maneira, prevalece na narrativa biográfica contemporânea o afastamento de um lugar identitário fixo e permanente em determinado recorte espaço temporal.<sup>235</sup>

A narrativa produzida por Clodoaldo Freitas se caracteriza por ser uma literatura de introspecção. O autor que escreve a narrativa faz uma reflexão sobre as experiências pessoais do biografado com o sentido próprio de exaltar aquelas que seriam trajetórias de vida singulares. Dentro desse campo literário a função da escrita ganha uma função prescritiva, na qual, as narrativas biográficas, uma vez apresentadas ao público leitor, suscitam uma noção de identificação e de imitação. As contribuições de Michel de Certeau são essenciais para a compreensão de um caráter ordenador das narrativas biográficas uma vez que a referida produção textual é capaz de suscitar a inventividade do seu leitor. Para Certeau o processo de formação dos sujeitos não ocorre a partir de um consumo passivo dos discursos apresentados, mas se apresentam de uma maneira mais complexa, pois os indivíduos, após receberem o produto da prática escriturística, também o transformam, para que ele possa ser usado no meio em que vivem.<sup>236</sup>

As biografias apresentadas por Clodoaldo Freitas podem ser interpretadas como uma narrativa na qual há um esforço de exploração da subjetividade, um mergulho nas experiências da vida pública de um sujeito com a intenção não apenas de enumerar dados pessoais, mas também emitir uma opinião acerca do talento literário dos biografados. Desta forma, Freitas elege ao todo dez personalidades do século XIX para enaltecer o

---

<sup>235</sup> DOSSE, François. A biografia à prova da identidade narrativa. *Escritas do Tempo*. Marabá (PA), v.2, n.4, mar./jun. 2020.

<sup>236</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. v. 1. p. 226.

legado cultural que estas figuras públicas deixaram para o Piauí. Chamo a atenção para dois nomes dessa relação de biografados: Deolindo Mendes da Silva Moura (tio-avô de Clodoaldo Freitas, político, integrante do Partido Liberal) e José Araújo Costa (notável figura política, integrante do Partido liberal e rico comerciante). Estes representam a exceção na tentativa de identificar qual seria a literatura produzida no Piauí até aquele momento. O espaço que Clodoaldo Freitas reservou aos políticos Deolindo Moura e José Araújo Costa está relacionado às memórias pessoais do autor em relação às disputas entre liberais e conservadores no Piauí, no qual narra nostalgicamente a fase em que os liberais assumiram o poder.<sup>237</sup>

Enquanto aos outros biografados, Clodoaldo Freitas propõe uma crítica literária em relação a escritores e suas respectivas obras. O fato dá ao texto em questão uma singularidade ainda maior por se configurar como uma das primeiras propostas de interpretação de uma identidade literária piauiense.<sup>238</sup> Analisadas coletivamente, as narrativas biográficas suscitam uma possível história literária piauiense e reforçam o lugar de Freitas dentro desse campo intelectual à medida que ao lançar sua opinião crítica também constrói a imagem de um homem de letras, e mais do que isso, a imagem de um intelectual que possui autoridade suficiente para determinar o que poderia ser enaltecido. Não por acaso, sete dos oito biografados apontados como figuras notáveis da história literária piauiense foram anos mais tarde escolhidos como patronos da Academia Piauiense de Letras. São eles: José Manoel de Freitas,<sup>239</sup> Luiza Amélia de Queiros

---

<sup>237</sup> QUEIROZ, Teresinha. *Os Literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011.

<sup>238</sup> MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Literatura Piauiense*: horizontes de leitura e crítica: 1900-1930. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

<sup>239</sup> José Manoel de Freitas (1832-1877). Magistrado, jornalista político e poeta. Segundo Clodoaldo Freitas, José Manoel era um jovem mas morreu precocemente e não teve a oportunidade de apresentar todo o seu talento enquanto poeta. Patrono da Cadeira nº 1 da APL, escolhido por Clodoaldo Freitas, seu primo. FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses*: apontamentos biográficos. 2. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p.11-53.

Brandão,<sup>240</sup> Licurgo de Paiva,<sup>241</sup> José Coriolano,<sup>242</sup> João Alfredo de Freitas,<sup>243</sup> Miguel de Sousa Borges Leal Castelo Branco,<sup>244</sup> e Teodoro de Carvalho Castelo Branco.<sup>245</sup>

Quanto ao biografado Leonardo Castelo Branco,<sup>246</sup> Clodoaldo Freitas lhe reservou um lugar de referência por seus trabalhos literários e científicos, pois considerava que seus esforços sediciosos durante as lutas de independência não mereceram o devido reconhecimento da sociedade e das autoridades brasileiras. Mais do que simplesmente relatar suas experiências diante da repressão portuguesa, Clodoaldo Freitas ambicionava honrar a memória de um patriota piauiense.<sup>247</sup>

A ideia de dívida que a sociedade teria com os homenageados por Clodoaldo Freitas se repete entre todos os seus biografados. Ao relatar as experiências individuais e as benesses obtidas pelo trabalho intelectual de seus objetos de estudo, Freitas se esforça em apontar o pioneirismo e a relevância que aquelas poesias, contos, biografias e estudos científicos representavam para o engrandecimento do campo intelectual piauiense, ainda

---

<sup>240</sup> Luiza Amélia de Queiros Brandão (1838-1898). Poetisa, autora de *Flores incultas* (1875) e *Georgina ou Efeitos do amor* (1899). Patrona da cadeira de nº 28 da APL. FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses: apontamentos biográficos*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p.105-115.

<sup>241</sup> Licurgo José Henrique de Paiva (1842-1877). Poeta, jornalista e dramaturgo. Autor de *Flores da Noite* (1866). Patrono da cadeira nº 10 da APL. FREITAS, 1998, p.117-128.

<sup>242</sup> José Coriolano de Sousa Lima (1829-1869). Magistrado, político, jornalista e poeta. Deixou inédito seu livro de poesias, *Impressões e gemidos*, publicado em 1870 para homenageá-lo. Patrono da cadeira nº 08 da APL. FREITAS, 1998, p.129-142.

<sup>243</sup> João Alfredo de Freitas (1862-1891). Magistrado, professor, jornalista, contista e folclorista. Ganhou destaque por *Contetos* (1883), *Lendas e superstições do Norte* (1884) e *Excursão pelos domínios da entomologia* (obra científica). Patrono da cadeira nº 11 da APL. FREITAS, 1998, p.55-67.

<sup>244</sup> Miguel de Sousa Borges Leal Castelo Branco (1836-1877). Professor, jornalista e historiador. Autor da primeira produção historiográfica escrita por um piauiense, *Apontamentos biográficos de alguns piauienses ilustres e de outras pessoas notáveis que ocuparam cargos de importância na Província do Piauí* (1878). Patrono da cadeira nº 22 da APL. FREITAS, 1998, p.143-150.

<sup>245</sup> Teodoro de Carvalho e Silva Castelo Branco (1829-1891) Poeta e autor do pequeno livro de poesias a *Harpa do caçador* (1884). Patrono da cadeira nº 06 da APL. FREITAS, 1998, p.161-172.

<sup>246</sup> Leonardo de Nossa Senhora das Dores Castelo Branco (1789-1873). Poeta, atuou nas lutas de independência no Piauí. Preso por tropas portuguesas no Maranhão foi enviado para Lisboa por crime de sedição, onde fica em reclusão por seis meses. Amante das ciências, dedicou parte da sua vida no desenvolvimento uma máquina de madeira, o moto-contínuo, que não obteve resultados esperados. Todavia, seus anos dedicados aos estudos permitiu a publicação de *A criação universal*, *Os milagres de Santarém* e *Mecânica-astronômica Leonardiana*. FREITAS, 1998, p.89-104.

<sup>247</sup> No ano de 1912, Clodoaldo Freitas volta a dedicar sua escrita à Leonardo Castelo Branco ao apresentar documentos oficiais que revelam o percurso de Leonardo como preso. Cf.: FREITAS, Clodoaldo. Um patriota piauiense. *Litericultura*, Teresina ano 1, n. 6, p. 45-53, jun. 1912.

muito carente de sujeitos e obras em uma sociedade que sofria com certa estagnação no que diz respeito às produções culturais.

Ao se referir à Luíza Amélia de Queirós Brandão, Clodoaldo Freitas enaltece a sua figura e enquadra a qualidade da sua poesia dentro de um padrão de obras que mereciam receber justos elogios pela sua qualidade. Rompendo o domínio masculino no mundo das letras, Luíza Amélia, de família respeitável de Piracuruca (PI) teve a chance de apresentar seus poemas por diferentes personalidades intelectuais, inclusive Clodoaldo Freitas e também a distinção de ver alguns dos seus versos publicados em jornais da província. Embora em alguns momentos, Freitas minimize a potência de sua obra poética pelo fato de ser mulher, por não experienciar as agruras da vida, por estar sempre protegida em seu lar, o que poderia lhe proporcionar maior inspiração para a escrita, Freitas enaltece sua obra, uma vez que as limitações de seu sexo tolhiam o seu talento, mas não a impediram de compor encantadores versos.

[...] Desde pequena, D. Luiza Amélia dedicou-se às letras, alimentando, como a casta vestal antiga, o sagrado fogo da poesia.

Apesar das deficiências de sua educação, que não passou dos primeiros rudimentos primários, a vocação a impediu para o estudo, com que ela pôde, pelo esforço de uma vontade de que só as grandes inteligências são capazes, ilustrar-se, elevar-se a um alto degrau de instrução, suficiente para dar tão brilhante irradiação a seu estro. [...] Na *Georgina* o gênio da nossa ilustre poetisa chegou à culminância da sua maturação e força. É o seu mais seguro e belo título da glória e lhe dá direito a um lugar de honra no parnaso brasileiro.<sup>248</sup>

A fórmula tradicional da biografia está comprometida com a exaltação – preferencialmente os heróis nacionais. Para além de uma escrita analítica, o propósito principal de Clodoaldo Freitas como biógrafo é ensinar os leitores os caminhos percorridos por homens e mulheres de destaque. Aparentemente ao compor as biografias o autor transparece uma necessidade de retribuição. Na biografia de Licurgo de Paiva, Clodoaldo Freitas não esconde os problemas de saúde do distinto poeta, associado ao alcoolismo, contudo procura honrar sua memória pela poesia ímpar que havia produzido. Licurgo de Paiva teria produzido versos patrióticos para ocasiões especiais, a exemplo das vitórias brasileiras empreendidas na Guerra do Paraguai e em seus poemas laudatórios dedicados à celebração da comemoração da data de independência no Piauí. Aos olhos de

---

<sup>248</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses*: apontamentos biográficos. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p.106;115.

Clodoaldo Freitas, Licurgo de Paiva foi muito celebrado por essa fase poética, mas teve seus últimos dias de vida marcados pelo sofrimento e não recebeu da sociedade o reconhecimento devido:

[...] O espírito, aquele valente espírito tão promissor, há muito que se atufara nas brumas desse não ser misterioso para onde o poeta, no seu martírio infinito, levantava os olhos rorejados de lágrimas, como uma prece pelo eterno repouso, a única consolação que lhe restava no meio das suas atribulações e desesperanças.

O governo do Piauí devia conseguir uma verba para mandar recolher os restos de Licurgo de Paiva e depositá-los em um modesto túmulo, que mostrasse aos pósteros a nossa gratidão por um homem de mérito, um dos poucos que trabalharam pelo nosso engrandecimento e morreu lutando com heroica tenacidade pela nossa glória.<sup>249</sup>

Outra biografia enaltecadora de exemplos é a do professor e historiador Miguel de Sousa Borges Leal Castelo Branco. Clodoaldo Freitas destacou sua contribuição para o desenvolvimento do sistema educacional, mas principalmente pela primazia de se lançar no projeto do que seria a primeira publicação de uma pesquisa histórica por um piauiense: *Apontamentos biográficos de alguns piauienses ilustres e de outras pessoas notáveis que ocuparam cargos de importância na Província do Piauí*. Não bastava a sua dedicação na tentativa de expandir e investir no ínfimo sistema educacional em Teresina, Miguel Borges se lançou e brilhou como um historiador. Dessa última aventura, Borges conseguiu não somente o resultado positivo de sua publicação, mas também suscitou o interesse por outros intelectuais em seguir com os investimentos na escrita histórica no Piauí. Segundo Clodoaldo Freitas:

[...] O seu trabalho capital, embora incompleto, é a coleção de biografias, apontamentos valiosos para o estudo dos nossos ilustres antepassados, cuja memória feneceria sem o seu monumento.

Suas biografias, escritas com a paixão com que encarava as coisas piauienses, são um pecúlio de informações preciosas, de dados verídicos. Miguel Borges não era um literato.

A grande inteligência de que era dotado supria as lacunas da sua educação. Viveu grande parte de sua vida entre os afazeres comerciais e os das Secretarias e pouco tempo lhe restava para o cultivo das letras. Assim mesmo escreveu livros e arquitetou essas biografias tão singelas e tão abundantes em notícias que perpetuarão o seu nome.

Ele fez quanto pôde por esta nossa terra piauiense e só deixou a luta quando forças superiores às suas lhe arrebataram as armas das mãos

---

<sup>249</sup> FREITAS, 1998, p.128.

amortecidas. Quem mais do que ele procurou honrar o nome piauiense?<sup>250</sup>

Clodoaldo Freitas compôs as suas narrativas biográficas a partir de notícias de jornais e da busca e cotejamento de memórias. O resultado é uma escrita histórica própria de seu tempo na qual predominava a *Historia magistra vitae*: uma História que exerce a função de uma escola ao apresentar o passado com a perspectiva de uma lição de vida.<sup>251</sup> Ao produzirem esse tipo de escrita os historiadores, contemporâneos a Freitas, construíram uma narrativa na qual prevalece a exaltação a um modelo de vida exemplar. Nessa perspectiva, o gênero biográfico representava uma fonte de inspiração para o leitor à medida que o personagem construído naquela narrativa acaba sendo caracterizado como um herói, um santo, um ser inalcançável.<sup>252</sup>

Ainda é possível registrar Clodoaldo Freitas desempenhando papel de historiador em outras ocasiões no decorrer da sua vida. Ao acessar registros oficiais e pesquisas em periódicos Freitas conseguiu se dedicar também a produzir uma escrita histórica voltada para a capital piauiense. *Histórias de Teresina* (1911) também é resultado de uma série de artigos aplicados à construção de uma narrativa histórica para Teresina. Não deixa de ser atraente a maneira como Clodoaldo Freitas analisa a capital piauiense com expectativas de tentar identificar traços de um grande centro urbano. Para o literato, desde a sua fundação em 1852, Teresina recebia melhoramentos em sua infraestrutura para torná-la não apenas mais aprazível aos seus visitantes como salubre aos seus moradores. Seu principal objetivo quando se dedicava a relatar sobre os aspectos urbanos da cidade era apontar como aquela urbe se aformoseava ao longo dos anos.

O magnífico serviço de encanamento das águas corrigiu o mal da antiga condução das águas para os domicílios em ancoretas, serviço efetivamente repugnante. Teresina tem longos e aprazíveis arrebaldes:

---

<sup>250</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses*: apontamentos biográficos. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p.149.

<sup>251</sup> KOSELLECK, Reinhardt. *Futuro Passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

<sup>252</sup> Segundo François Dosse: “[...] A biografia funcionava então no regime da mesmice, modelo levado a seu paroxismo no século XIX por Taine, segundo uma leitura cientista da identidade pessoal. Taine ambicionava chegar às regras da ‘vegetação humana’. Assim, o biógrafo seria equivalente ao zoólogo ou ao botânico, que elabora suas classificações de espécies em função dos retratos psicológicos que ele constata.” Ver: DOSSE, François. A biografia à prova da identidade narrativa. *Escritas do Tempo*. Marabá (PA), v.2, n.4, mar./jun. 2020. p.8.

as quintas em todo o curso dos rios Parnaíba e Poti, onde os habitantes podem gozar refrigério na estação calmosa.<sup>253</sup>

As comparações entre Teresina e outros centros urbanos, como Rio de Janeiro, São Paulo e Recife eram sempre constantes. Em geral, a imprensa registrava que a cidade permanecia em estado de monotonia geral e seus moradores abandonados às moléstias intermitentes e aos lazeres inexistentes. A capital piauiense e seus moradores também estariam condenados por seus hábitos inadequados, principalmente pelo desleixo com o asseio das ruas e quintais. Periódicos como *Litericultura*, apesar de manterem um perfil literário, não deixavam de expor suas preocupações quanto ao centro urbano, no qual predominavam espaços infectos e enlameados, “donde se exala a morte na figura da tuberculose e outras doenças horrorosas que arrebatam centenas de criancinhas e jovens”.<sup>254</sup>

Teresina, apesar de ser o centro do poder administrativo, teve um crescimento populacional relativamente baixo<sup>255</sup>, quando comparada às outras cidades do estado. A exemplo de outros grandes centros do país, Teresina não pode receber por inteiro toda a infraestrutura que a sua população necessitava. Um exemplo disso é o grande espaço de tempo que se levou para instalar efetivamente alguns serviços públicos, como o abastecimento de água canalizada, os aparelhos telefônicos (que foram instalados apenas no ano de 1906) e a luz elétrica, que começou a ser concretizada em 1904, mas apenas em algumas residências particulares.<sup>256</sup>

Apesar de tímidas, estas eram ações que representavam um avanço para o ideal de progresso da cidade tão divulgado pela imprensa. Estas inovações proporcionaram para os teresinenses, mudanças de hábitos que estavam relacionados ao estilo de vida burguês, mais especificamente àquilo que os cronistas do período conheciam como civilizado. Na verdade, as inserções destas utilidades no cotidiano da população geravam algo a mais do que funcionalidades, resultavam na possibilidade de tornar concreto, para os literatos, um discurso que prescrevia um ideal de civilidade para a população.

É preciso compreender que um serviço como água encanada não apenas livraria as pessoas dos transtornos domésticos causados pela ausência do líquido na residência como

---

<sup>253</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Histórias de Teresina*: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p. 18.

<sup>254</sup> Antônio. Teresina. *Litericultura*, Teresina, ano 1, n. 1, 1 jan. 1912. p. 61.

<sup>255</sup> O número total de habitantes no ano de 1910 não ultrapassava a cifra de 48.614 pessoas. QUEIROZ, 2011, p. 20.

<sup>256</sup> QUEIROZ, 2011, p. 28.

ajudaria a livrar as ruas da cidade da presença dos animais de carga, que distribuía água em ancoretas pelas residências da cidade, que, tanto incomodavam Clodoaldo Freitas. A presença desses animais desvirtuava o espaço urbano, podendo trazer para a cidade a imagem do atraso. Eram constantes, em notas de jornais, críticas à administração municipal pelo descaso com o cuidado com os animais soltos pelas vias públicas.<sup>257</sup>

As narrativas dos intelectuais como Clodoaldo Freitas na imprensa teresinense vistas anteriormente integram um discurso que preconizava um ideal de modernidade. Marshall Berman destacava que no limiar do século XX homens e mulheres do Ocidente, de maneira conjunta vivenciaram uma experiência de tempo, espaço e possibilidades.<sup>258</sup> Conseqüentemente as sociedades construíram uma vivência de transformação, crescimento, progresso e poder, muito embora, simultaneamente, essa mesma vivência também proporcionou um misto de angústias e incertezas em referência a tudo o que se conhecia em relação ao mundo. Essa ambivalência é uma característica inerente da modernidade, cujo entusiasmo pelo novo permitiu o esfacelamento das crenças, tradições e ideologias vigentes, o progresso das ciências naturais e o reordenamento espacial das cidades.

O sentido da modernidade na sociedade e no imaginário do século XX ocuparam um espaço fundamental especialmente no tecido urbano e nas novas formas de constituir uma identidade social. As cidades se transformaram no palco no qual essas representações do mundo moderno seriam registradas, com abertura de ruas e avenidas, com o fluir frenético do tráfego de veículos na cidade e com a implantação da disciplina do tempo do trabalho. Assim como na Europa, as cidades brasileiras vivenciam ou pelo menos tentam assumir essa experiência de modernidade.<sup>259</sup> Teresina se inclui nesse processo da mesma maneira que seus moradores. É possível perceber como essa ânsia pelo novo contaminou os discursos dos intelectuais do período que aproveitavam os espaços ocupados em

---

<sup>257</sup> PELA Cidade. *Gazeta do Piauí*, Teresina, ano 4, n. 145, 6 maio 1908, p. 2.

<sup>258</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo Companhia das Letras, 1986.

<sup>259</sup> Sobre o impacto da modernidade nas cidades brasileiras consultar: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003; SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo. Sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992; REZENDE, Antônio Paulo. *(Des)Encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: EDUFPE, 2016; QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. 2. ed. Teresina/João Pessoa: EDUFPI/EDUFPB, 1998.

veículos da imprensa para reforçar um ideal de cidade moderna alinhada às novas formas de sociabilidades pautadas na cultura e no conhecimento científico.

Além de um debate acerca das transformações urbanas para garantir um espaço para a inserção do mundo moderno existe também a importância da redefinição dos papéis sociais em meio aos avanços do mundo moderno. O processo de urbanização, a consolidação de valores da cultura burguesa, a expansão da instrução escolar e o desenvolvimento dos chamados lazeres modernos são alguns dos elementos que ajudam a compreender a ressignificação dos papéis sociais de homens e mulheres impactados pelas transformações da modernidade. Todavia, ao mesmo tempo em que esses indivíduos desejavam se desvincular de uma tradição rural, provinciana e atrasada intelectualmente, um sentimento de perda identitária era acionada por causa desse distanciamento de um passado recente.

As tentativas de apagamento desse passado estimularam uma resposta àquele novo momento. Intelectuais como Clodoaldo Freitas viram na escrita histórica um elemento chave para reescrever sua identidade e estabelecer uma nova via de reconhecimento social em meio às mudanças empreendidas pelo mundo moderno. Por fim, estes foram alguns discursos que os bacharéis-intelectuais produziam a respeito da cidade de Teresina. Suas narrativas tendem a associar a cidade de Teresina às ideias de civilidade e de progresso. O desejo constante de constituir seu lugar de vivência como um núcleo civilizado, observado na produção literária do período, revela que havia a intenção de reverter o quadro semiurbano que remetia Teresina à imagem de um centro acanhado e provinciano.

É nesse cenário de atuação nos veículos de imprensa do período que os intelectuais construíram sua carreira no mundo das letras. Jornalistas, editores, cronistas, colaboradores, essa variedade de ocupações revela o amplo espaço que literatos como Clodoaldo Freitas conseguiam alcançar atuando na imprensa local. E era justamente nas páginas dessas folhas noticiosas e literárias que o reconhecimento social ia gradualmente sendo conquistado, uma vez que a dificuldade ao acesso a livros era uma limitação difícil de ser superada. Nem mesmo bibliotecas públicas, que poderiam sanar essa demanda, dispunham de uma coleção condizente com a necessidade.

Ainda segundo Clodoaldo Freitas, em *Histórias de Teresina*, no ano de 1874 foi inaugurada a primeira biblioteca pública na capital piauiense, graças ao empenho da Sociedade Promotora da Instrução Pública e o apoio financeiro do governo da província. A instituição possuía um singelo acervo com cerca de 1000 volumes – encadernados e brochuras – e ainda que significasse para os seus fundadores uma ação para benefício

coletivo, a ausência de verbas causou o encerramento de sua atividade em poucos anos.<sup>260</sup> No início do século XX, a situação não sofre grandes alterações: o poder público mantinha uma biblioteca dentro do Liceu Piauiense, mas com um acervo ainda insuficiente e pequeno; por outro lado, havia uma biblioteca melhor equipada na Associação Comercial. Os dois casos, porém, não atendiam a demanda crescente de estudantes, professores e demais interessados no mundo das letras.

Com uma ineficiência na oferta e no acesso a livros, o acesso à leitura e, por consequência, às produções literárias era realizado com maior facilidade através das folhas noticiosas e literárias. É a partir da imprensa que o campo literário se constitui e se expande, agregando cada vez mais integrantes ao mundo das letras e estabelecendo aqueles que assumem o lugar de produtores e o papel de consumidores.

### 3.2 As faces do feminino na literatura de Clodoaldo Freitas

Em fins do século XIX, Clodoaldo Freitas intercalava seu trabalho no funcionalismo público com a responsabilidade pela editoração e colaboração de inúmeros títulos da imprensa do Norte do país. O investimento na construção de uma narrativa ficcional parecia cada vez mais possível e o literato começava naquele momento a expor suas produções. O conto *A predestinação*<sup>261</sup> seria o trabalho de estreia nessa seara das letras, que anos depois se transformaria em uma rotina para Clodoaldo Freitas ao fazer a sua obra literária sempre presente em periódicos que circulavam desde então.

Clodoaldo Freitas apresentou ao campo literário obras ficcionais de gêneros literários distintos, tais como, contos, novelas e romances. Estas são as formas de narrativas que integram a sua obra e oferecem aos seus leitores infinitas possibilidades de reflexão. Antes de prosseguir com as considerações acerca desse conjunto ficcional convém estabelecer, ainda que brevemente, as devidas definições para cada um dos gêneros literários citados.<sup>262</sup> Em geral, os contos são narrativas curtas, com um número restrito de personagens que giram em torno de um único conflito. As novelas tendem a ter poucos personagens e também se destacam por ter uma temática principal única que

<sup>260</sup> FREITAS, Clodoaldo. *História de Teresina*. 2 ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998, p.113.

<sup>261</sup> Conto publicado pela primeira vez na *Revista Piauiense* (Teresina) em 1896. No ano de 1928 a *Revista da Academia Piauiense de Letras* apresenta o conto pela segunda vez.

<sup>262</sup> COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

acompanha o enredo – ainda que isso não seja uma regra –, todavia as novelas são mais extensas do que os contos. Por último, os romances são pontuados pela extensão das suas páginas, pela quantidade maior de personagens, por apresentar vários núcleos narrativos, pela complexidade que os seus personagens podem apresentar e pelo número maior de conflitos dentro do enredo que agitam vários momentos da trama. Estabelecidas as diferenças pontuais dos gêneros narrativos citados, cabe destacar que as ficções apresentadas nas páginas seguintes integram esses modelos narrativos e essa tentativa de caracterização permitem uma análise mais adequada, uma vez que determinadas tramas de Clodoaldo Freitas apresentam uma complexidade maior na elaboração da narrativa, enquanto outras ficções apresentam pontos de conflito com menor elaboração, mas que são igualmente atraentes à leitura.

Um ponto de convergência dos romances de Clodoaldo Freitas, que foi eleito o foco principal desta análise, diz respeito à preocupação persistente do literato em delinear perfis femininos. Nos folhetins de Freitas as personagens femininas ocupam um lugar comum: uma dicotomia entre a imagem da mulher ideal e a representação de uma mulher falha. Ao construir suas narrativas, Freitas acaba repetindo perfis femininos semelhantes em diferentes histórias: românticas, pueris e benévolas de um lado; sensuais, incultas e irascível do outro. Em nenhum momento essas características são colocadas em uma mesma personagem, o que poderia dar uma dimensão fluída e multifacetada ao feminino. Pelo contrário, as atribuições são postas para demarcar qual tipo feminino estava sendo retratado e, conseqüentemente, qual postura poderia ser apresentada como uma resposta de reação àquela representação feminina.

Clodoaldo Freitas escreve dentro de um contexto histórico específico, no qual as impressões em relação ao gênero são resultado de uma construção histórico-cultural pautada em definições de gênero fixas e imutáveis. Nesse contexto, masculino e feminino representam conceitos antagônicos, no que diz respeito aos seus papéis sociais e devem ser interpretados dentro de um longo processo de construção de uma sociedade paternalista. Ao longo dos séculos diferentes filósofos apresentaram à sociedade ocidental reflexões acerca dos papéis sociais desempenhados por homens e mulheres. Em sua quase totalidade houve um predomínio de uma desigualdade entre os sexos baseada especialmente em condições biológicas, em aspectos culturais e considerando também razões de ordem religiosas.

Especificamente sobre o feminino, na virada do final do século XIX para o início do século XX, momento no qual Clodoaldo Freitas elabora seus folhetins, o literato

encontra-se dentro de uma sociedade que delimita os lugares de atuação do sexo feminino primeiramente por razões biológicas. Suas compleições físicas frágeis a impediriam desde cedo de se equiparar aos homens. Além disso, aspectos como a reprodução, a amamentação e a criação dos filhos eram vistas como funções primordiais do feminino, o que faz casamento e a família se transformarem como lugares de atuação do sexo feminino.<sup>263</sup>

Outro aspecto a ser destacado é a religião, a qual igualmente delimitava qual papel social as mulheres deveriam assumir. Dentro da Igreja Católica, a imagem da Virgem Maria serviu como exemplo para as mulheres que desejavam manterem firmes os laços do matrimônio e figurava como padrão moralizador à medida que reforçava as condutas a serem praticadas dentro do casamento. Por sua vez, isso valorizava a manutenção do cerne familiar. Logo, ressaltava-se como virtude feminina a inclinação natural para a obediência, pois se acreditava que “da mulher esperava-se mansidão’, um ser que vivencia de maneira natural o sentido da abnegação ao suportar todos os sacrifícios e sofrimentos impostos, mas com sabedoria necessária para reverter às dificuldades da vida doméstica.”<sup>264</sup>

Conjuntamente a essa construção religiosa é possível apontar ainda o surgimento da cultura burguesa, que soube reforçar esse estereótipo feminino do recato, da docilidade e da submissão. A junção de todos esses aspectos resultou diretamente em uma construção progressiva das idealizações da mulher, sempre associada à figura da esposa, cuja imagem esteve intensamente reforçada por discursos elaborados pela Igreja Católica.<sup>265</sup> Estabeleciavam-se a partir daí também diferenças cruciais entre homens e mulheres que ficavam mais visíveis ao se comparar a inteligência e o caráter de ambos. Destarte, a mulher era geralmente apresentada como um ser infantilizado, regida pela emoção e incapaz de tomar decisões importantes. A figura masculina surgiria para completar esse ser, protegendo-a no âmbito doméstico, sempre amparada pelo pai e posteriormente pelo marido.

---

<sup>263</sup> GONÇALVES, Andréia. Lisly. *História e gênero*. Belo Horizonte: Autêntica. 2006. p. 63.

<sup>264</sup> CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. A Igreja Católica e a redefinição das relações familiares e das identidades de gênero no alvorecer do século XX. In: NASCIMENTO, F. A. VAINFAS, R. *História e historiografia*. Recife: Bagaço. 2006. p. 374.

<sup>265</sup> PERROT, Michelle. A família triunfante. In: PERROT, Michelle (Org.). *História da Vida Privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. v.4 p.70-80.

Para evitar qualquer reducionismo e/ou uma análise que conduza a algum tipo de dicotomia de papéis sociais e sexuais ao abordar as identidades de gênero dentro da produção ficcional de Clodoaldo Freitas, optei por desenvolver a análise usando o gênero como categoria de análise histórica. Os estudos de gênero abrem caminhos para o encontro de dimensões que problematizam a construção das identidades sexuais e as relações de poder. Ambas constituem as relações sociais entre os sexos e contemplam a multiplicação das formas de sexualidade – ampliando a simplória dicotomia existente entre masculino/feminino. Simultaneamente, os estudos de gênero conseguem realizar articulações com temáticas diversas, a exemplo da história das mulheres, da família, da criança, do trabalho da mídia, da literatura, do corpo, da sexualidade, da loucura, dos amores e dos seus sentimentos.<sup>266</sup>

Orientada pela emergência da História Cultural a categoria gênero não apenas, enfatiza o estudo das mulheres como alguns usualmente generalizam, mas também atendem o masculino e a pluralidade sexual dos indivíduos. Não obstante, uma das principais contribuições dessa categoria útil de análise histórica é a percepção relacional entre os papéis sexuais.<sup>267</sup> A noção de que é praticamente impossível pensar em um único gênero sem pensar também no outro, reforçando a ideia de que as relações sociais entre os sexos foram historicamente construídas e se sustentam a partir da dimensão cultural constituída pela própria distinção entre os sexos.<sup>268</sup>

As reflexões resultantes dos estudos de gênero trouxeram a ideia de que as análises históricas deveriam considerar a desconstrução de uma identidade feminina única. Seria inapropriado generalizar as mulheres em torno de um mesmo conceito quando é possível falar simultaneamente em mulheres de classe alta e de camadas populares, de brancas e negras, de solteiras e casadas, das chamadas moças de família a prostitutas, dentre outras conceituações que possam emergir. Os estudos de gênero de fato auxiliaram na instauração de uma postura que ajuda a reforçar a noção da “diferença dentro da diferença” entre os sexos oferecendo um cenário mais consolidado para a possibilidade trazida pela multiplicidade das identidades.<sup>269</sup>

---

<sup>266</sup> DEL PRIORE, Mary. *A mulher na história do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Contexto. 1989.

<sup>267</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*. Porto Alegre, 1990. n. 16. v. 2. p. 19. jul./ dez. 1990.

<sup>268</sup> MATTOS, Maria Izilda. (Org.) *Gênero em debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUSC. 1997. p. 86.

<sup>269</sup> Esta era uma das novas formulações teóricas criadas em meados das décadas de 1960 e 1970. Nesse sentido, teóricos como Jacques Derrida e Michel Foucault contribuíram decisivamente para o surgimento do termo gênero como uma categoria para analisar as relações entre os sexos.

O gênero, enquanto categoria de análise, se tornou uma inovação para a pesquisa em História, pois conseguiu reunir elementos que atribuíram grande influência na construção de novos paradigmas.<sup>270</sup> Sem desejar me estender demais nessa discussão é possível considerar principalmente que houve um deslocamento quanto à maneira de pensar as relações entre os sexos não somente para o passado, como também para o presente. A naturalização foi substituída pela ideia de construção, na qual se ressalta que os papéis sociais são delineados por uma produção cultural baseada especialmente na diferença sexual. Desse modo, as delimitações da ocupação entre espaços público e privado, as qualificações atribuídas ao sexo, geralmente contempladas em torno de oposições dicotômicas como o forte/frágil, razão/emoção e frieza/afetividade perdem força, à medida que se firma a noção de que as diferenças relativas ao gênero, não são algo naturalmente dadas. Some-se a isso a possibilidade de realizar a articulação do gênero com as categorias classe e raça, evidenciando o surgimento de uma nova história que focalizasse o estudo das minorias.<sup>271</sup>

As tentativas de classificar os indivíduos por características particulares, buscando um perfil comum, entre as mulheres especificamente, está relacionado também com o discurso científico do início do século XX. Circulavam em estudos de diferentes intelectuais e em teses médicas as razões para que determinadas mulheres fossem dotadas de vícios e apontava-se, em geral, como uma mera consequência da natureza desviante que algumas poderiam ter. Esses discursos não se limitavam ao campo científico e os debates alcançavam a imprensa e a literatura que se mostraram igualmente envolvidas com a elaboração e divulgação de formas de conceituar as chamadas fraquezas femininas.<sup>272</sup>

---

SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: VAINFAS, Ronaldo. CARDOSO, Ciro F. (Orgs.). *Domínio da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus. 1997. p. 277.

<sup>270</sup> Guacira Lopes Louro ressalta que as concepções tradicionais relativas ao poder foram perturbadas pelas colaborações de Michel Foucault que auxiliou numa revolução teórica, ao redefinir as relações de poder mostrando como elas podem se apresentar de formas múltiplas, principalmente na produção dos comportamentos sociais dos indivíduos. Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e agir, condutas e posturas apropriadas. Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder. Ver: LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Uma perspectiva pós-estruturalista. 5 ed. Petrópolis: Vozes. 2003. p. 41.

<sup>271</sup> SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: VAINFAS, Ronaldo. CARDOSO, Ciro F. (Orgs.). *Domínio da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus. 1997. p. 279.

<sup>272</sup> COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal. 1979. p. 73-74.

Para se compreender como se apresentavam os perfis femininos do período em estudo, basta tomar como exemplo as práticas discursivas que circulavam acerca do tema. Numa tentativa de adequar os indivíduos as identidades de gênero que estavam sendo constituídas, a educação, a literatura e o discurso médico destacavam-se como principais fatores que impulsionavam o debate acerca da definição de quais papéis familiares os indivíduos deveriam assumir. A família burguesa passava por um momento de transição, na qual cada membro era atravessado por discursos que cerceavam as formas de vir a ser de cada familiar. Tornara-se importante saber lidar com as alterações nos hábitos de civilidade destacadas pelos novos lazeres modernos, pelas novas formas de afetividade, pela expansão da educação e pela valorização da racionalidade, representada pelo discurso médico.

Havia a necessidade de receber todas as transformações ditas modernas daquele momento, mas sem esquecer de zelar pelo ordenamento moral da instituição família, concebida como um pilar de sustentação para o progresso de uma nação civilizada. A preocupação com a referida instituição se articulava com a necessidade de reafirmar referências que viessem a direcionar comportamentos específicos e, que por consequência auxiliavam na produção de uma idealização da família que se desejava construir. Essa preocupação foi por diversas vezes ressaltada por alguns membros da imprensa, como Clodoaldo Freitas, por exemplo.

As narrativas ficcionais de Clodoaldo Freitas ajudaram a reforçar essas mudanças nos papéis familiares, pois elas normatizavam uma lógica de que a nova família burguesa somente estaria apta para enfrentar a realidade social urbana que se firmava, buscando a racionalização de suas condutas e o desenvolvimento de uma nova moralização para as relações sociais. Não obstante, cada membro da família recebeu uma redefinição de seu papel social. Aqueles que eram até aquele dado momento ocultados por um cânone familiar tradicionalmente hierárquico, receberam atenção devida. No caso das mulheres, foram alvos de construções discursivas que viabilizaram a construção e a manutenção de modelos femininos ideais.

A construção dessa representação feminina ideal se efetiva desde a infância. A educação das meninas recebeu um cuidado especial que ia além das especialidades em trabalhos manuais como o bordado, na virada do século XIX para o XX. Uma formação ilustrada passava a ser mais requisitada pelas camadas alta e média da sociedade que desejavam ter filhas mais preparadas para participar da vida cultural que estava em evidência naquele momento. Aulas de poesia, música e língua estrangeira foram

adicionadas como necessárias à educação das moças. Clodoaldo Freitas percebia e incentivava essa mudança na instrução feminina. Ao biografar Luísa Amélia de Queiroz Brandão, o literato enaltece o surgimento de uma figura feminina que fugia dos modelos tradicionais ao realizar um investimento em produções poéticas em uma pequena cidade do sertão piauiense em pleno do século XIX. Apesar do reconhecimento de sua produção intelectual Clodoaldo Freitas não a deslocou da imagem da mulher virtuosa ao descrevê-la como uma pessoa “cuja vida serena deslizou no suave aconchego do lar”.<sup>273</sup> Luísa Amélia de Queiroz Brandão era uma poetisa, mas o seu prestígio estava essencialmente ligado ao fato de se manter no gineceu do lar. Para Freitas:

Ao enfrentar-me, hoje, com o vulto ilustre da distinta poetisa das *Flores Incultas*, sinto o duplo sentimento de respeito pela virtude da mulher e de admiração pelo talento da escritora.

É raro, entre nós, vermos um nome feminino subscrevendo um livro qualquer. A mulher piauiense ainda vive entregue ao fetichismo romano, segregada do movimento augusto, que impele todas as inteligências em busca da ciência e da verdade. A primeira piauiense, porém, que se desviou da vulgaridade de seu sexo, exibindo um sucumento atestado da sua proeminência intelectual, foi a ilustre senhora, que motiva este despretensioso estudo.<sup>274</sup>

Outra sinalização de mudança a respeito da educação feminina foi a necessidade constante de instituições escolares voltadas para o público feminino. Apesar das dificuldades para manter a regularidade de funcionamento dos estabelecimentos de ensino, a instrução feminina existia em aulas particulares nas residências das professoras em praticamente todas as cidades do Piauí. Na capital piauiense destacavam-se não apenas esse tipo de ensino doméstico – constantemente divulgado em anúncios da imprensa local – mas também instituições como o Colégio de Nossa Senhora das Dores, durante a década de 1880, e o Colégio Sagrado Coração de Jesus, que a partir de 1906 ajudou a consolidar a educação feminina como uma prática real na sociedade.<sup>275</sup>

O resultado de uma maior escolarização entre as mulheres pode ser percebido nos jornais da época. A imprensa passa a registrar com maior frequência a participação das mulheres em eventos culturais. Elas eram vistas na música, no teatro, em recitais, em grêmios artísticos, em reuniões e em qualquer tipo de evento cultural que estivesse

---

<sup>273</sup> FREITAS, Clodoaldo. Luísa Amélia de Queiroz Brandão. In: FREITAS, Clodoaldo. *Vultos Piauienses: apontamentos biográficos*. 2 ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. p. 105.

<sup>274</sup> FREITAS, 1998, p. 105.

<sup>275</sup> QUEIROZ, Teresinha. *Educação no Piauí (1880-1930) Imperatriz: Ética*, 2008.

acontecendo. Nesse início de século havia um claro descolamento de uma tradição cultural patriarcalista que contemplava uma sociabilidade mais vinculada às relações familiares e eventos religiosos, para um quadro cultural mais próximo de uma chamada vida moderna. A imprensa registrava essa lenta transformação ao destacar os concertos apresentados pelo Clube Lítero-Musical, nos quais as senhoritas Guiomar Oliveira, Maroca Monteiro, Zenaide Cunha, Judith Aguiar e Maria Rubim eram elogiadas pelo desempenho com os instrumentos tocados: o bandolim, a clarineta, o violino e o piano.<sup>276</sup>

Foram também destaques na sociedade teresinense do período, a atuação de Helena M. Burlamaqui, Maria Amélia Rubim e Alaíde M. Burlamaqui, como jornalistas na direção do jornal *Borboleta*.<sup>277</sup> Como destacado em passagem anterior desta tese, o veículo trazia como objetivo promover o acesso à educação de todas as mulheres como um direito a ser cumprido. A produção do *Borboleta* estava voltada para o incentivo de uma escolarização feminina que proporcionasse o desenvolvimento pleno do papel de mãe pelas teresinenses. A maternidade segundo as redatoras, transcendia uma função familiar, seria vista como uma obrigação patriótica. A educação feminina, dessa forma estaria diretamente ligada à criação dos futuros cidadãos, por isso tornara-se imprescindível instruir cada vez mais a mulher para desempenhar o seu papel de mãe.<sup>278</sup>

Dentro desses parâmetros a educação surgiria como mais uma possibilidade de disciplinar a formação da conduta feminina. Apesar da aceitação da inserção gradual da mulher no espaço público, ainda havia receios sobre o quanto a sua vivência fora do ambiente doméstico poderia trazer de consequências para a própria manutenção da sua honra. Isso porque a mulher ainda era considerada um ser de mente infantil, que precisaria, tanto quanto uma criança, de orientações que a direcionassem no cumprimento de suas funções no seio familiar: o papel de esposa e mãe.

---

<sup>276</sup> CONCERTO. *O Piauí*, Teresina, ano 17, n. 922, 28 set. 1907, p. 4.

<sup>277</sup> Uma possível atuação feminista das jornalistas piauienses não pode ser colocada como viável, uma vez que essa imprensa feminina caracterizava-se por certo conservadorismo ao não buscar dentro dos seus escritos a reivindicação pelo divórcio, pela igualdade salarial no trabalho ou pela liberdade sexual feminina. Cf.: CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres Plurais*. A condição feminina em Teresina na Primeira República. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 1996. p. 94.

<sup>278</sup> Essa passagem extraída do periódico ajuda a compreender a imagem que o *Borboleta* desejava passar para suas leitoras: [...] E quanto é belo uma senhora ilustrada, bem educada e inteligente, dirigir seu lar doméstico. [...] A mulher ignorante não pode ser educadora daqueles que para o futuro hão de exercer importante papel na sociedade. Senhoritas, lembrai-vos que a vossa pátria em vós, põe toda a esperança, a fim de que para o futuro possais exercer a nobre missão de educadora, dando à sociedade homens ilustrados que encham de orgulho vosso estremecido Piauí e o nosso caro Brasil.” EM PROL da educação. *Borboleta*, Teresina, ano 1, n. 16, 29 dez. 1905. p. 1.

Quanto maior fosse a dimensão do acompanhamento dado à constituição da conduta feminina, menos seriam os riscos de que a mulher se degradasse moralmente. A mulher era supostamente afetada por exaltada imaginação e, conseqüentemente haveria maiores possibilidades de ter um “natural pendor para o fruto proibido”, como declarava o conservador Elias Martins ao levar para discussão as ameaças que o cinema como invenção moderna poderia levar às famílias.<sup>279</sup> A regulação da conduta feminina passava por essa noção de que individualmente a mulher seria incapaz de proteger a sua própria honra. Daí a necessidade da figura masculina, que não apenas a acompanharia, mas também a orientaria no exercício das funções que eram legitimadas no meio social. Ressalte-se que o exercício do papel feminino dentro do âmbito familiar também estava ligado às noções construídas em torno da figura feminina. Segundo Rachel Soihet, a “fraqueza, a sensibilidade, a doçura, a indulgência, o recato e a submissão” eram virtudes reconhecidas socialmente, como essenciais ao sexo feminino.<sup>280</sup> Essas características contribuíam para a legitimação da relação entre mulher e maternidade, reforçando a noção de que a afirmação da identidade feminina somente ocorreria plenamente dedicando-se à família.

De fato, a educação das mulheres proporcionou alterações na constituição dos papéis sociais femininos, no que diz respeito à visibilidade delas no contexto social. Além do surgimento dos lazeres modernos que tiveram uma participação constante da mulher, a exemplo das salas de cinema, nos cafés, nos passeios públicos e nos bailes, o universo do trabalho também foi afeado por essas transformações culturais.<sup>281</sup> A escolarização feminina não apenas possibilitava um polimento cultural a ser aplicado em suas sociabilidades pelas jovens moças, mas também introduziam as mulheres no campo profissional, já que adquiriam uma formação escolar para se lançarem no desempenho das funções de enfermeira, secretária, funcionária pública, mas, sobretudo como professora de primeiras letras.<sup>282</sup>

No seio familiar de Clodoaldo Freitas, várias figuras femininas atuaram como professoras primárias. Sua avó paterna, Ana Leonor Ferreira da Silva Conrado; suas tias

---

<sup>279</sup> MARTINS, Elias. *Fitas*. Teresina: Tipografia do Jornal de Notícias. 1920. p. 17.

<sup>280</sup> SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana*. (1890-1920). Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1989. SOIHET, 1989, p. 115.

<sup>281</sup> BARROS, Fransuel Lima de. *Teresina Moderna e Civilizada: as sociabilidades teresinenses sob o olhar dos cronistas (1900-1930)*. Teresina: Cancioneiro, 2021.

<sup>282</sup> CARDOSO, Elizângela Barbosa. *Múltiplas e singulares: História e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930-1970)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

paternas, Maria José da Silva Conrado e Rosina Augusta da Silva Conrado e a própria mãe de Clodoaldo, Antônia Rosa de Freitas dedicaram-se ao ensino muito provavelmente para manter o padrão de vida financeiro da família, independentemente de sua condição civil. Segundo Camila Macêdo Oliveira<sup>283</sup> estas mulheres atuavam como professoras particulares, lecionavam em suas próprias residências, ofertavam vagas para meninas em internatos fundados por elas mesmas, e, também assumiam postos como professoras primárias em escolas públicas. Essa ocupação ganhou maior presença de mulheres no início do século XX com o processo de feminização do magistério.<sup>284</sup>

Apesar da experiência familiar de Clodoaldo Freitas de presenciar mulheres próximas a ele em ocupações profissionais como a docência, o literato optou por não explorar essa característica em sua ficção. As suas personagens femininas praticamente não exploram o mundo do trabalho. Em geral, suas atividades são desempenhadas no âmbito doméstico como filhas, mães e esposas. Nesse espaço privado cuidam da casa, dos filhos e administram as atribuições dos criados e escravos com as tarefas domésticas. Fora isso, gastam o tempo com costuras, bordados, tocam piano e fazem leituras de livros de oração, folhetins, romances e de jornais.

Freitas idealiza uma figura feminina próxima de um contexto patriarcal, cujas funções estão direcionadas para a manutenção do lar e cuidados com a família.<sup>285</sup> A exceção em seu mundo ficcional é a professora Etelevina, personagem do conto *A besta humana*.<sup>286</sup> Na trama Etelevina é descrita como uma mulher solteira de mais de trinta anos, formada na Escola Normal de Fortaleza e enviada para a cidade de Parnaíba (PI) para trabalhar na casa do rico comerciante Bernardino, a quem lhe deu a incumbência de educar seus dois filhos pequenos. A descrição física da protagonista merece a devida atenção. Clodoaldo Freitas a descreve como “[...] magra, amorenada e feia, tinha,

---

<sup>283</sup> OLIVEIRA, Camila de Macêdo Nogueira e Martins. *As Representações Femininas na Literatura de Clodoaldo Freitas*. Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Dissertação. Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2019.

<sup>284</sup> LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 443-480.

<sup>285</sup> FALCI, Miridan. Mulheres no sertão nordestino. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

<sup>286</sup> Conto publicado pela primeira vez no volume *Escritos de Clodoaldo Freitas* na cidade de São Luís no ano de 1908. Em 2009 foi relançado dentro da coletânea *Um segredo de família e outros contos* que reúne uma parte do conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas. Ver: FREITAS, Clodoaldo. *A Besta Humana*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2009. p. 45-55. Deste ponto em diante utilizaremos a sua publicação mais recente para fazer referência a esta obra no texto.

entretanto, dons intelectuais e morais que a tornavam mais atraente e simpática. [...].”<sup>287</sup> Diferentemente das outras personagens de seus romances, Etelvina não recebeu atributos de beleza de seu narrador. O lugar ocupado por ela estava destinado ao ato nobre de educar e nesse contexto reforçava-se a ideia de que a profissão docente e a figura materna possuíam as mesmas características: docilidade, paciência e sensibilidade para educar crianças. Nessas condições o exercício do magistério feminino estava essencialmente ligado a uma relação materna, virtude feminina desejável e cultivada na sociedade da época.

Para as mulheres daquele período ingressar no mundo do trabalho seguia valores e normas existentes, de modo que as condutas e as formas de vir a ser estavam associadas a modelos normativos de feminino específicos. Nesse caso, as representações femininas em relação à imagem de professora também se enquadravam nesses termos. Não se deve esquecer que as representações sociais possuem o seu aspecto prescritivo e que a construção das identidades individuais e sociais se processam pelo assujeitamento aos modelos ideais, aos mecanismos regulatórios de normas daquela sociedade e naquela temporalidade. Guacira Lopes Louro ao estudar o ingresso feminino no magistério entre o final do século XIX e o início do século XX apresenta as peculiaridades sobre a maneira vigente de tentar definir um modelo feminino para atuar não apenas no ensino de meninas, mas também no ensino misto. Para Louro:

[...] a docência não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou substituí-la. Para tanto seria importante que o magistério fosse também representado como uma atividade de amor, de entrega e doação. A ele acorreriam aquelas que tivesse ‘vocação’.<sup>288</sup>

Partido dessa perspectiva, observa-se que as características físicas se referem a construções que expressam imagens e valores sociais constitutivas dos modelos que referenciavam o ser e o fazer-se feminino. O discurso normativo estava interessado em construir e reproduzir a imagem da professora distinta, abnegada, disciplinada e assexuada. Qualquer referência que desviasse desse padrão implicaria no rompimento desse padrão feminino moral que se desejava manter.

<sup>287</sup> FREITAS, Clodoaldo. A Besta Humana. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 45.

<sup>288</sup> LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 450.

Ao analisar a maneira como o literato tenta descrever ao seu leitor a figura de Etelvina, percebe-se uma tentativa de retirar daquele corpo feminino qualquer tipo de remissão à sexualidade. Como se aquele corpo funcionasse apenas para cumprir o papel social de ensinar. Michel Foucault em *História da Sexualidade* ajuda a compreender a dimensão que o corpo pode ter de acordo com a força de dispositivos que podem acometer a maneira como cada corpo pode ser apresentado à sociedade.<sup>289</sup>

A imagem do corpo assexuado de uma professora no início do século XX remete ao próprio processo de ingresso das mulheres em atividades docentes. Desde o seu início, a inserção das mulheres no magistério foi cercada por regras e por interdições de forma a enquadrá-las ao padrão de conduta prescrito. A proposta principal era estabelecer um modelo feminino que pudesse atuar no espaço do ensino sem que houvesse uma ameaça aos padrões morais. Ao construir um silêncio sobre a sexualidade de Etelvina, que se aparenta assexuado, Clodoaldo Freitas ajuda a compreender a maneira como ocorre a operacionalidade do controle sobre os sujeitos ao usar a literatura para reforçar as várias formas de exercício de poder e controle sobre os corpos femininos.

A beleza não poderia ser referida para a personagem Etelvina a fim de que o leitor não associe a figura da professora com a de uma mulher comum portadora de belos atributos físicos. A ideia de que apenas a imagem de uma mulher de conduta honesta prevalecesse a qualquer outra que pudesse aparecer configura-se como um dispositivo instaurado pela representação da mulher como um ser dotado de lascívia. Nesse caso, atribuir características físicas a personagem pode ser compreendida como uma forma de estabelecer controle social sobre o corpo da professora. De fato, o enaltecimento da virtude de Etelvina é materializado com o desfecho trágico da personagem ao ser vitimada pelo patrão na tentativa de defender a sua honra das investidas libidinosas de Bernardino. Ela se sacrifica para garantir a preservação da moralidade e estabelece como mensagem final a ideia de que, na pior das circunstâncias, a conduta docente feminina sempre privilegia a honra dos costumes.

O conto mencionado colabora para construir um modelo feminino ideal no qual a atividade docente é vista como uma extensão da maternidade para as mulheres e não como uma possibilidade de carreira profissional como era o caso dos professores homens. A construção da representação da professora como mãe acaba reforçando o magistério

---

<sup>289</sup> FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 19 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

feminino como um sacerdócio, algo associado ao amor que não teria a função principal de adquirir ganhos sobre o trabalho feito.

Uma boa parcela das mulheres ingressavam no magistério não apenas por causa da abertura de vagas para professoras mulheres, quando a administração pública passou a recomendar a ampliação da escolarização para ambos os sexos. Na realidade, a presença da mulher em ocupações profissionais fora do ambiente doméstico ocorria principalmente por questões financeiras. Apesar de estar definido que ao homem caberia a responsabilidade pelo sustento familiar, nem sempre os ganhos do marido ou do pai eram suficientes para prover a família. Sendo assim, mulheres prosseguiram em atividades no magistério como forma de auxiliar, nas despesas domésticas, ainda que a remuneração não fosse equivalente aos valores pagos para os professores homens, exercendo a mesma função.

Para finalizar, reforço como a personagem Etelvina mostra que o autor compunha imagens específicas do feminino e revela os modelos que orientavam o fazer-se das mulheres enquanto professoras, em um contexto histórico constituído pelo esforço de um grupo social em construir e reforçar o ordenamento e controle do corpo social, segundo os padrões referenciadores daquela época. Clodoaldo Freitas, ao referir-se à professora, compartilha e veicula um saber socialmente elaborado acerca de seus corpos, papéis e condutas.

A ausência da figura da mulher professora, da mulher poetisa, da mulher proprietária de escola e até mesmo de mulheres estudantes chamam a atenção na narrativa ficcional de Clodoaldo Freitas. Ainda que convivesse durante a maior parte da vida com professoras em sua família e mesmo tendo contato com figuras femininas, pioneiras no mundo das letras, a exemplo de Luísa Amélia de Queiroz Brandão, a experiência de vida de Freitas aparentemente não afetou a maneira como ele constrói o cenário de vida social e familiar em sua ficção. Embora haja frequente menções a personagens homens descritos como poetas, estudantes, bacharéis, funcionários públicos, ou qualquer tipo de atividade profissional pertencente ao mundo intelectual, sugestivamente na ficção de Clodoaldo Freitas as portas do mundo das letras aparentemente estavam sempre fechadas para as mulheres.

Existe outro modelo feminino encontrado na produção ficcional de Clodoaldo Freitas que deve ser analisado pela frequência em que surge em seus enredos. As beatas configuram-se como escolhas temáticas regulares em suas narrativas e remetem à possibilidade de construção de um perfil literário feminino dentro de seus romances.

Freitas não era exclusivamente um profissional de letras, exercia outros cargos profissionais enquanto escrevia e publicava. Esta experiência profissional pode ter afetado as suas escolhas na hora de escrever. No final do século XIX observa-se no cenário literário brasileiro um significativo número de publicações de cunho antirreligioso. Compreender esse tipo de produção literária e as interlocuções estabelecidas com a literatura de Clodoaldo Freitas é um primeiro passo para entender as formas de apropriações culturais que circulavam naquele contexto. Além disso, a atenção deste estudo também ficou voltada para a maneira pela qual o romance-folhetim foi utilizado como uma ferramenta em uma disputa político e religiosa por determinados grupos intelectuais.

O período em análise pode ser apontado como um momento no qual as relações com as religiões tradicionais são tensionadas e revela o revigoramento das ideias de livre pensamento e antirreligiosas.<sup>290</sup> É exatamente nesse contexto que observo como literatos como Clodoaldo Freitas, ligados às ideias anticlericais, aproveitavam o mundo das letras para inserir discursos favoráveis ao rompimento das relações da sociedade com a Igreja. No decorrer das próximas páginas apresento análise acerca de que maneira o literato tece descrições espinhosas em relação às mulheres religiosas que seriam vítimas fatais do fanatismo religioso e, principalmente, como o seu discurso se inscreve na seara dos ressentimentos construídos entre maçons e Igreja Católica naquele contexto.

Analisei folhetins que possuem como uma das suas características principais conteúdos anticlericais e maçons ao tempo em que se reflete acerca da influência do movimento Naturalista da Literatura no Brasil e no Piauí. Este estudo fez uma avaliação sobre o posicionamento da Igreja Católica na imprensa sobre o movimento anticlerical e a imprensa maçônica, considerando que há uma disputa de poder entre essas duas imprensas. Para esta análise foram selecionados os seguintes romances-folhetins *A predestinação* (1896), *Memórias de um velho* (1905-1906) e *A beata* (1909).

A história da elite intelectual no Brasil pode ser apresentada a partir de um contexto político remissível à fase de consolidação do regime republicano no país. A mudança do sistema político é o reflexo do debate de novas ideias políticas que circulavam com grande ênfase pelo mundo, tais como o positivismo, o liberalismo, o anarquismo e o socialismo.

---

<sup>290</sup> A presença de um pensamento anticlerical acompanha a Igreja Católica desde sua fundação, todavia foram eventos como o Iluminismo e a Revolução Francesa que impulsionaram discursos mais inflamados fora e dentro do clero. Ver: REMOND apud SANTOS, Cristian. *Devotos e Devassos: Representação dos padres e beatas na literatura anticlerical brasileira*. São Paulo: EDUSP, 2014.

Destaco especialmente as ideias advindas da maçonaria e do anticlericalismo que obtiveram apoio significativo graças ao progressivo interesse pelas ideias do pensamento científico, racionalista e materialista que circulavam por toda a Europa e chegam ao Brasil em um momento de redefinição da ordem política, no qual, a presença da Igreja dentro do Estado passava a ser questionada.

Em um primeiro momento, é necessário tecer algumas considerações sobre a polêmica religiosa que fora armada ainda em fins do século XIX. Segundo Renè Remond, as agressões à Igreja Católica integram toda a história dessa instituição. Podemos classificar o discurso anticlerical a partir de dois aspectos principais: internos e externos à instituição. Primeiramente, temos aqueles que são originados do próprio clero – quando uma parcela dos membros da Igreja discorda de seus princípios e ações e se constrói uma tentativa de reencaminhar a Igreja de volta a seus valores originais – e, por último, aquelas críticas que partem do lado de fora da Igreja. Nesse caso, geralmente o discurso oposicionista a vê como uma instituição que merece ter sua importância reduzida ou anulada no que diz respeito a sua relação com o Estado e a sociedade civil.

A literatura anticlerical avaliada neste estudo contempla justamente este último caso, quando uma parcela da sociedade civil começa a tratar a Igreja como uma instituição a ser combatida. Seguindo os passos de autores estrangeiros<sup>291</sup> alguns literatos brasileiros avançaram em publicações que seguiam uma orientação anticlerical que podem ser elencadas como artigos de jornais, panfletos, discursos, folhetins, livros, assim como também produtos ficcionais como romances.<sup>292</sup>

Essas práticas discursivas tomaram fôlego significativo por ocasião da Questão Religiosa<sup>293</sup> e arrefecem no avançar do século XX. No período que corresponde a duração desses embates entre anticlericais e Igreja é possível identificar textos que são resultado dessa disputa entre clero e os chamados livre pensadores. Sobre este último grupo, o produto ficcional se destaca porque nessas obras são reveladas as representações sociais

---

<sup>291</sup> São destaques nesse tipo de romance anticlerical os autores Èmile Zola, Honoré de Balzac, Gustave Flaubert e Eça de Queiroz.

<sup>292</sup> No Brasil o destaque é para o literato maranhense Aluísio de Azevedo com as obras *O Mulato* (1881) e *O Homem* (1887), e, o romancista pernambucano Farias Neves Sobrinho com a obra *Morbus: Romance Patalógico* (1898). No Piauí, Abdias Neves é lembrado como autor de obra anticlerical com o romance *Um Manicaca* (1909).

<sup>293</sup> Embate ente Igreja Católica e Maçonaria iniciado em 1870, ao final, o Superior Tribunal de Justiça condena a prisão dois bispos do Maranhão após longa polêmica com maçons. O caso revela o quão estavam tensionada as relações entre Estado e Igreja antes mesmo do fim da Monarquia. Cf: SANTOS, Cristian. *Devotos e Devassos: Representação dos padres e beatas na literatura anticlerical brasileira*. São Paulo: EDUSP, 2014.

de figuras religiosas integrando o cotidiano, os costumes e as tradições de um Brasil Oitocentista. A beata histórica, a viúva supersticiosa, a solteirona geniosa, o frade glutão, o frei corrupto, o padre libidinoso, enfim, personagens que se apresentam na ficção a partir de uma dupla moral – piedade versus corrupção, indulgência versus dissimulação – e que podem ser significados como leituras plausíveis de uma sociedade que opta por destacar determinados elementos simbólicos em detrimento de outros.<sup>294</sup>

Clodoaldo Freitas representa um grupo de literatos que detectava a sociedade da época impregnada por crenças e enquadrada sob uma moral católica que, a seus olhos era viciada. O esforço quase que exaustivo de traçar personagens ligados ao clero com características propositalmente risíveis e/ou detestáveis pode ser interpretado como um embate de saberes e de poderes.<sup>295</sup> A intenção era demarcar à luz de um discurso positivista e científico os indivíduos que seriam vítimas fatais da influência religiosa e, por consequência deslocados de uma sociedade pautada na razão. Não por acaso, os discursos narrativos em torno da figura religiosa hipócrita são frequentes e foram historicamente construídos na tradição literária ocidental. Segundo Cristian Santos,<sup>296</sup> os primeiros registros de referências à leigos integrando a vida religiosa de maneira intensa remonta ao século XVII. As nomenclaturas são diversas, envolvem os homens beatos, mas em escala maior as mulheres beatas são as mais retratadas na literatura. Beata, beata histórica, beatona, devota, carola, fanática e santanária são alguns dos termos usados para fazer referência a esse tipo social que optava pelo celibato, abandonava ou deixava em segundo plano a vida marital para se dedicar as coisas da religião.<sup>297</sup>

É possível alinhar a postura de Clodoaldo Freitas às condutas anticlericais daquele contexto uma vez que Freitas era membro da maçonaria e, por sua vez, esta era uma instituição que possuía um projeto em comum entre os seus integrantes. Como observa Augusto Silva,<sup>298</sup> ao analisar os maçons pernambucanos no início do século XX, para construir uma identidade em comum, organizavam conjuntamente e/ou isoladamente projetos e debates que os faziam constituir sentimentos de pertencimento com relação à

---

<sup>294</sup> BOURDIEUR, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007.

<sup>295</sup> FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 19 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

<sup>296</sup> SANTOS, Cristian. *Devotos e Devassos: Representação dos padres e beatas na literatura anticlerical brasileira*. São Paulo: EDUSP, 2014.

<sup>297</sup> SANTOS, Cristian. *Devotos e Devassos: Representação dos padres e beatas na literatura anticlerical brasileira*. São Paulo: EDUSP, 2014. p.126.

<sup>298</sup> SILVA, Augusto César Acioly Paz. *Maçonaria e República: confrontos, conflitos, tensões e atuação sociopolítica de maçons em Pernambuco nas Décadas de 1930 e 1940*. Tese. Programa de Pós-Graduação em História. Doutorado em História, Recife, 2013. 227f.

instituição maçônica. Essas ações podem ser apresentadas como: defesas públicas de ideias liberais, críticas à intolerância religiosa da Igreja Católica, defesa de uma educação laica nas escolas públicas e o estímulo de leituras específicas para a compreensão da maçônica como um movimento social e político. Nesse caso, a literatura ficcional atuaria para reforçar a construção de uma identidade negativa para a Igreja Católica, a exemplo da ficção de Clodoaldo Freitas. Nesta narrativa, é visível sua severa crítica ao clero religioso e toda a cultura que este representa como mais uma maneira de combater o obscurantismo que a Igreja Católica imporia à sociedade.

Dentro dessa literatura anticlerical desenhada por Clodoaldo Freitas as mulheres são inúmeras vezes caricaturadas, bem mais do que os personagens masculinos, e, se transformam em alvos corriqueiros dos literatos, num nítido reforço dos papéis de gêneros estabelecidos.<sup>299</sup> Um exemplo de como Clodoaldo Freitas estabelece um perfil feminino moralmente suscetível a influências externas pode ser encontrado no folhetim *A Beata*.<sup>300</sup> Nesse pequeno conto, o protagonista Dr. Armando – um livre pensador declarado – não economiza no ataque às simpatizantes da fé católica, sejam freiras, solteiras ou casadas, a mulher religiosa era uma vítima certa do fanatismo comandado pelo clero. Em *A Beata* toda a narrativa acontece durante uma reunião particular entre famílias distintas da cidade de São Luís. Ao debaterem sobre a recente apresentação teatral baseada no romance de *Amor de Perdição*<sup>301</sup> os presentes acabam abordando temas polêmicos, dentre eles, a interferência religiosa na educação feminina e a suas possíveis consequências para o casamento. O protagonista da trama, Dr. Armando defende suas posições na presença de uma possível pretendente, a jovem religiosa Naninha, a quem tentava esclarecer sobre suas preferências face à Igreja Católica.

Em diferentes momentos da discussão o protagonista apresenta seu ponto de vista em relação às sugestivas influências da religião sobre as mulheres. Primeiramente, ataca

---

<sup>299</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, n 16, v 2, jul./ dez. 1990.

<sup>300</sup> Conto publicado pela primeira vez em folhetins no jornal *Diário do Maranhão* da cidade de São Luís entre os dias 18 e 24 de agosto do ano de 1909. Em 2010 foi relançado dentro da coletânea *Os Burgos e outros contos* que reúne uma parte do conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas. Ver: FREITAS, Clodoaldo. *A Beata*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2010. p. 89-105. Deste ponto em diante utilizaremos a sua publicação mais recente para fazer referência a esta obra no texto.

<sup>301</sup> O romance *Amor de Perdição* foi escrito pelo português Camilo Castelo Branco no ano de 1862. No enredo o casal Simão e Teresa enfrentam a contrariedade das suas famílias para ficarem juntos. Para impedir o relacionamento dos dois o pai de Teresa a envia contra sua vontade para um convento.

os tradicionais centros de recolhimento religiosos, no qual “[...] O convento é um antro de perdição no sentido genuíno e lato da palavra. Aquela cena das freiras no convento de Vizeu, ébrias, maldizentes, hipócritas, manchadas de vícios próprios dos ímpares, tenho como um retrato fiel da vida dos conventos. [...]”<sup>302</sup> Nessa perspectiva, o convento é relegado a um lugar de imoralidade pela maneira como essas instituições recolhiam jovens moças para, na concepção do personagem, as condenarem a todo tipo de iniquidade da condição humana.

Os posicionamentos críticos acerca da educação conventual são resultantes de um processo de desenvolvimento de um discurso científico pautado em ideais oriundos do positivismo e do sanitarismo. No decorrer do século XIX, discursos científicos eram debatidos e divulgados com a intenção de que eles tivessem uma disseminação maior entre a população brasileira. A proposta era esclarecer a sociedade da importância que determinadas instituições, como a Igreja Católica, teriam sobre as pessoas, impedindo-as de se aproximar do conhecimento e da razão por estarem presas a formas de pensamentos que incitam a superstições e a alienação.

O positivismo pode ser definido como um sistema ideológico, sistematizado no decorrer do período oitocentista e que se colocou em oposição direta ao poder eclesiástico.<sup>303</sup> Nesse embate de poderes, os positivistas se propuseram a assumir a defesa de um discurso científico, neutro, capaz de superar as barreiras impostas por um mundo baseado supostamente em superstições e pronto para construir um novo mundo baseado no conhecimento.

A partir da imprensa e da literatura os positivistas puderam estabelecer uma prática discursiva na qual orientavam um saber de que a religião e a instituição clerical concentravam e disseminavam práticas obscuras. Os embates com a Igreja acabaram revelando, especialmente a partir da literatura, uma discussão em torno do corpo religioso. Discursivamente, é possível observar uma dicotomia. De um lado teríamos um corpo devoto, dedicado ao celibato e por isso mesmo definido como sadio, uma vez que estaria espiritualmente preparado para a salvação da alma. Em contraposição a esta forma de pensamento, havia o corpo religioso, patológico por negar a natureza do caráter reprodutivo feminino. Este seria um corpo atravessado por insanidade e alienação. Dentro

---

<sup>302</sup> FREITAS, Clodoaldo. A Beata. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010. p. 90.

<sup>303</sup> BRAGA, Flávia Bruna Ribeiro da Silva. “Ditadura”, Abolição e República: A propaganda da geração positivista em Pernambuco (1857-1889) Dissertação. Programa de Pós-graduação em História. *Dissertação*. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2017.

do discurso positivista, havia uma predisposição para reduzir a beataria à uma patologia, apta à uma análise científica.

A eficiência desse discurso pode ser mensurada não apenas ao se observar o contexto literário brasileiro, mas na literatura ocidental como um todo. A quantidade de personagens caracterizadas como beatas, sempre usando das mesmas características – geniosas, tolas, impiedosas, insuportáveis – diz muito sobre a intensidade com a qual essa concepção positivista foi consumida na realidade social. O que se observa é um fenômeno de naturalização das representações sociais das figuras religiosas manifestadas especialmente nos costumes, nas tradições e nas normas sociais. A noção de *habitus* oferecida por Pierre Bourdieu para interpretar esse quadro social é perfeitamente necessária para entender a figura da beata na literatura. O *habitus* diz respeito a uma noção que contempla o conhecimento obtido e objetivado, tanto no plano individual quanto comunitário. Destarte, o *habitus* pode ser compreendido como um conjunto disposições de ações estabelecidas e apreendidas. Essas disposições integram todas as experiências passadas e fornecem uma matriz de percepções, apreciações e ações. Em outras palavras, o *habitus* assimila a forma como a sociedade se dispõe às pessoas designando formas de pensamento reforçando no presente as experiências passadas.<sup>304</sup>

Em uma perspectiva positivista o problema maior dos conventos seria a associação do celibato forçado com a educação religiosa imposta às mulheres ingênuas. Esta fórmula sugeriria a formação e propagação de um tipo feminino prejudicial à mulher e a sociedade como um todo ao retirar dela a capacidade natural de gerir filhos. Nessa concepção científica isso seria uma característica intrínseca ao corpo feminino, e se a mulher fosse impossibilitada de exercer a maternidade esta poderia sofrer abalos psíquicos e alterações em seu comportamento.<sup>305</sup> Nessa concepção, a Igreja ofereceria um mundo retrógrado e a mulher ocuparia o papel de um sujeito passivo, impelida pelas forças do ambiente e da sociedade. Em outras palavras, a mulher assumiria inevitavelmente o lugar de vítima de um dispositivo de poder, arquitetado por clérigos, que acaba tendo efetivo domínio sobre o seu corpo físico.

Outra possibilidade de perceber o veio anticlerical de Clodoaldo Freitas no conto *A Beata* é a postura de Dr. Armando em relação ao casamento ideal. Entre outros pontos, o personagem segue reforçando as suas contrariedades em relação a um modelo feminino

---

<sup>304</sup> Wacquant. Loic. *Habitus*. In: CATANI, Afrânio Mendes... [et al.]. (Orgs.). *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 213-216.

<sup>305</sup> COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

associado às práticas religiosas. Para Armando “[...] A mulher católica só é boa esposa quando o marido, condescendente, dá-lhe plena liberdade de ação na sua faina religiosa, às voltas com os padres. [...]”.<sup>306</sup> Uma vez talhada desde a tenra idade dentro de uma educação religiosa, não seria mais possível reverter o estado de alienação permanente causado pela Igreja, enquanto instituição influenciadora que tenta fazer as mulheres se dedicarem mais às atividades religiosas do que se ocuparem da sua própria família. Nesse caso, a mulher beata seria um tipo feminino inadequado para o casamento: “A mulher fanatizada não recua mais. O cérebro alumbrado pelo fanatismo religioso não pode mais receber a iluminação da ciência. [...]”<sup>307</sup> Pensada como um ser de natureza inocente, a mulher seria uma vítima fácil para uma instituição supostamente perversora dos costumes.

Ainda que estivesse fora do celibato, a Igreja continuaria representando uma grande ameaça social às mulheres e às famílias pela interferência constante de padres sedutores e corruptos. Usando de mecanismos de poder desenvolvidos na esfera da prática religiosa, os clérigos induziam o comportamento feminino para servir apenas aos seus vis interesses. Uma das estruturas de poder a ser mencionada seria o sacramento da confissão religiosa. Armando segue em suas afirmações em tom de denúncia:

[...] a confissão é a escola da imoralidade, o catecismo do pecado, a escada do adultério, a vergonha, o impudor, a lama da religião. A mulher que se confessa não pertence mais à família; pertence ao confessor. [...] O confessor é o demônio da tentação. Por sua boca falam os vícios e as misérias do pecado. Do confessionário nascem as desgraças e os dramas pungentes do adultério.<sup>308</sup>

Em vários trechos se estabelece a afirmação do lado obscuro da religiosidade feminina. Nesse caso, o corpo feminino é passivo, consome bens simbólicos de uma instituição comandada por homens e se configura em um ser manipulável e doente.<sup>309</sup> Dentro de um discurso racional, este seria o chamado “contra modelo”, aquele corpo que uma vez corrompido deveria ser prontamente negado em favor de uma forma de educação baseada no progresso e na razão.

<sup>306</sup> FREITAS, Clodoaldo. A Beata. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010. p. 95.

<sup>307</sup> FREITAS, Clodoaldo. A Beata. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010. p. 96

<sup>308</sup> FREITAS, Clodoaldo. A Beata. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010. p. FREITAS, 1909, p.101.

<sup>309</sup> COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

Todavia, o fato de o discurso anticlerical condenar a moral religiosa não faz desta uma fala de fato contrária e alternativa. Retira-se o peso da religião na sociedade vislumbrada pelos anticlericais, mas o conservadorismo frente ao feminino permanece. Voltemos à fala do protagonista: “[...] Adoto certos princípios que destoam dos princípios correntes nos centros religiosos [...] Minha mulher só terá de confiar seus casos de consciência à minha ternura ou à minha justiça.”<sup>310</sup> Fica visível no trecho citado a preferência pela submissão feminina, pela passividade, um tipo feminino cerceado pela docilidade. O comportamento feminino sob a ótica do livre pensamento é moldado pela defesa do respeito à natureza feminina que no discurso médico seria a experiência natural da maternidade e da vivência do lar. Isto posto, a religião representaria um grande entrave ao tentar deturpar a natureza feminina com o celibato e demais práticas religiosas.

É possível afirmar que na literatura anticlerical a construção dos personagens apenas reforça papéis sociais femininos respaldados numa filosofia tradicional que pouco se distancia da perspectiva católica. Estava em evidente disputa nestes textos qual moral a sociedade deveria seguir: a religiosa ou anticlerical. Ao elaborar personagens com características vis e promíscuas os livres pensadores almejavam atacar a fé católica e classificá-la como degenerada e propor uma nova forma de construir a sociedade orientada na razão e na filosofia positivista.

No romance *Memórias de um velho* (1905-1906)<sup>311</sup>, Clodoaldo Freitas resgata mais uma vez o tema da mulher beata. Dessa vez, a partir da personagem Guilhermina casada com o protagonista do romance Emílio/Milo. Após uma série de tragédias em sua vida particular, Milo decide refazer sua vida no sertão do Maranhão. Quando alcança a prosperidade como comerciante, Milo conhece a jovem Guilhermina. Inicialmente a união acontece de maneira tranquila, todavia, as diferenças religiosas começaram a minar a estabilidade daquele casamento.

Mais uma vez a literatura de Clodoaldo Freitas foca os possíveis dissabores de uma vida marital com a presença de uma beata. A parte inicial da trama de *Memórias de um velho* revela que Milo teve em sua juventude uma experiência de embates com “a

---

<sup>310</sup> FREITAS, Clodoaldo. A Beata. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010. p. 101.

<sup>311</sup> Romance publicado pela primeira vez em folhetins no jornal *Pátria* da cidade de Teresina entre os dias 30 de novembro de 1905 e 9 de fevereiro de 1906. Deste ponto em diante utilizaremos a sua publicação mais recente para fazer referência a esta obra no texto: FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008.

hipocrisia de padres ignorantes e devassos”.<sup>312</sup> Anos mais tarde, enquanto membro ativo da Maçonaria, o personagem não suportava a ideia de ver sua esposa frequentando o meio religioso. Para demovê-la de suas crenças, o protagonista ataca a honra de Guilhermina com suposições acerca de suas práticas junto à Igreja. Em sua concepção “[...] a mulher, que se confessa, perde a metade do pudor. [...]”.<sup>313</sup> As insinuações funcionariam como um recurso para tentar afastar a esposa das práticas católicas, uma vez que a sociedade burguesa depositava na mulher a guarda da honra do marido e da família.<sup>314</sup> A manutenção do casamento estava efetivamente ameaçada pelas más condutas femininas que, naquele episódio, estariam moralmente comprometidas. O diálogo abaixo revela a articulação do protagonista para reconquistar a obediência de Guilhermina enquanto esposa.

[Milo] – Mas tu ignoras aquela impressão funesta, que exerce esse meio deletério, quanto seduzem essas práticas do fanatismo embrutecedor. Depois, aí vem a exigência da confissão essa bandalheira romana, e a mulher, que se confessa deixa de pertencer à família para pertencer ao padre, seu diretor espiritual. Não achas tu, que é uma pouca vergonha, uma indecência, andar uma senhora a cochichar coisas misteriosas de sua vida com um homem estranho, que a domina pela fé e pela posse de seus segredos e está autorizado a indagar tudo quanto entender?<sup>315</sup>

Mais uma vez a mulher religiosa ocupa um espaço marginal na ficção de Clodoaldo Freitas. Em diferentes momentos do romance *Memórias de um velho* percebe-se uma caricaturização da beata, representada como uma mulher geniosa, cruel e má. Essa descrição também recai sobre um personagem secundário do romance: a mãe da personagem Guilhermina que entra na discussão para apoiar a filha. Clodoaldo Freitas pesa a mão na hora de descrevê-la ao se referir a ela como “[...] uma velha muito magra, muito alta, ruiva, desdentada, uma verdadeira megera. [...]”<sup>316</sup> É possível falar em um ressentimento muito contundente em relação a esse perfil feminino, não apenas pelas suas escolhas religiosas, mas pela postura impassível e afrontosa em relação ao marido.

<sup>312</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008. p.59.

<sup>313</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008. p.71.

<sup>314</sup> SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. *Moça Educada, Mulher Civilizada, Esposa Feliz*: relações de gênero e história em José de Alencar. Bauru: EDUSC, 2012.

<sup>315</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008. p.70.

<sup>316</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008. p. 73.

Peter Gay em *O Cultivo do Ódio*<sup>317</sup> reflete sobre essa possibilidade de sugestivas agressões exercidas durante a era vitoriana ao abordar a formação da experiência burguesa durante o século XIX sob o prisma de suas ambivalências, incertezas e ambiguidades daquele grupo social. O autor aponta que essa sociedade oitocentista nutria o desejo de se afastar de uma cultura tradicional ao constituir sensibilidades específicas para se relacionar no meio social.

É possível também fazer semelhante reflexão ao analisar o conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas quando surgem conflitos resultantes dos avanços da condição feminina durante o século XIX. Na verdade, o literato apresenta uma disputa entre os gêneros, com a prevalência do que pode ser chamado de temores masculinos em relação à mulher.<sup>318</sup> O recorte temporal do qual a ficção é apresentada diz respeito a um momento de gradativas transformações culturais no tocante ao feminino, no qual, a inserção das mulheres na literatura, na política e no meio social como um todo gera sintomas de desconforto e de deslocamento entre os homens, que, até aquele momento dominavam aqueles espaços com exclusividade.

Na ânsia de controlar possíveis mudanças na condição feminina, especialmente no que diz respeito ao papel da esposa no casamento, a crítica e o humor mordaz eram usados como estratégias discursivas para frear qualquer proposta de feminilidade que não estivesse associada à docilidade, obediência e devoção ao marido e à família. Nesse caso, a postura, um tanto cruel, de Clodoaldo Freitas em relação às figuras beatas aproxima-se dessa perspectiva de embate entre os gêneros quando se constata um esforço discursivo na propagação da noção de que a mulher que se portaria de maneira diferente do tradicional – desacatando a autoridade do marido – poderia ser retratada como uma figura desprovida de atributos físicos e de qualidades femininas.

De um modo geral, Freitas tenta por meio da literatura estabelecer os limites dos papéis de gênero, mesmo com a chegada dos costumes modernos. A mulher deveria receber educação para cumprir com sua natureza feminina, relacionada às funções de

---

<sup>317</sup> GAY, Peter. *O cultivo do ódio: a experiência burguesa da Rainha Vitoria a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. v. 3.

<sup>318</sup> Peter Gay considera que esses medos masculinos remontam à Antiguidade, mas foi na época vitoriana que este pavor se acentuou com maior evidência. Especialmente quando o feminismo se ergueu como um movimento que buscava interferir nas legislações que inferiorizavam a condição feminina e tentava quebrar as hierarquias existentes entre os sexos, que privilegiavam, em vários aspectos, o masculino. Os homens por sua vez, trataram de minar a luta promovida pelas feministas lançando chacotas e caricaturas para inferiorizá-las perante a sociedade. Cf.: GAY, Peter. *O cultivo do ódio: a experiência burguesa da Rainha Vitoria a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. v. 3.

esposa e mãe e jamais invadir os papéis destinados aos homens numa tentativa de se masculinizar. Uma possível inversão dos papéis de gêneros para Clodoaldo Freitas, a exemplo de uma mulher assumindo uma postura masculina e fugindo do modelo feminino ideal de mãe e esposa, era interpretado como um desvio moral, não-natural e consequentemente inaceitável para a manutenção das famílias.

Clodoaldo Freitas fala de um lugar no qual a família é interpretada, ou pelo menos prescrita, como fonte de prazeres domésticos. Nesse caso, a mulher religiosa representa uma clara ameaça, especialmente à paz conjugal. Na sequência, em mais um trecho da discussão entre Milo e Guilhermina, o primeiro pressiona a referida beata a seguir seus deveres de esposa e a respeitar o recinto familiar. O marido argumenta:

– Melhor seria que também deixasse o apostolado. Não achas ridículo andarem essas senhoras de faixa encarnada no pescoço, numa exibição teatral, pelas ruas fazendo ostentação devota? Não podes ser crente sem pertencer a semelhante patuscada religiosa, matreiramente explorada pelo clero? Eu temo muito e sempre a intervenção do padre e desconfio sempre da sua intimidade. Quem muito reza e se confessa é por que não tem a consciência pura. E sabes o que querem esses nojentos frades, que tu, e os fanáticos como tu, tem em conta de Deus? O dinheiro dos homens e a honra das mulheres. [...] <sup>319</sup>

As advertências do marido voltam-se para a conduta de Guilhermina fora do lar: ocupada com as obrigações religiosas dentro do ambiente da igreja impostas pelos clérigos e a sua participação em congregações religiosas como o Apostolado Coração de Jesus que geralmente atuavam em prol da caridade e demais atividades da igreja, mas que eram sempre acompanhadas por padres e bispos. Todas aquelas ações contrariavam os preceitos maçônicos do marido e ele se veria desautorizado pela própria esposa diante da sociedade. Com a desarmonia instalada, a manutenção do casamento tornar-se-ia inviável e do ponto de vista das relações familiares, a responsabilidade pela harmonia conjugal era da mulher.

Muito além de pormenorizar as atitudes incorretas da esposa religiosa, Clodoaldo Freitas usa a fala do protagonista para produzir suas observações acerca da essência feminina, explicando ao leitor com base na ciência porque seria tão perniciosa a interferência religiosa sobre a mulher.

---

<sup>319</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008. p. 71-72.

Eu tenho buscado, nos meus estudos, uma notícia exata sobre a mulher, e não a encontrei, nunca. A mulher é um ser impressionável por excelência, e, daí a sua singularidade e daí as incertezas do seu caráter. A natureza fê-la uma porção de carne sem nervos, e colocou, no centro do seu sistema, no útero, a caixa dos seus afetos, a mola dos seus sentimentos. O órgão central irrita-se e a irritação se propaga pelo organismo inteiro. E essa irritação, além da regularidade mensal, pode ser produzida por causas traumáticas, por alteração do regime catamenial, por tudo. Daí a versatilidade do gênio feminino. As alterações da mulher são sempre mórbidas. Ninguém pode tirar de uma, conclusões para outra. Cada mulher tem a suas idiossincrasias. Estas idiossincrasias cada dia tomam uma feição diferente. É por isto que o homem não conhece nunca a mulher com quem vive anos na maior intimidade. Por isto eu não conhecia, não podia conhecer Guilhermina. Os seus desregramentos eram a resultante de uma desintegração moral e intelectual. Era o mais natural. [...].<sup>320</sup>

Nessa longa passagem, o positivismo preside o discurso literário para reforçar a concepção patológica que envolve o corpo feminino. Afetada pelo útero, pelo ciclo menstrual e até pela gravidez, a condição feminina é resumida em um permanente estado de instabilidade emocional. Isto posto, a religião acaba sendo apontada como um potencial elemento deformador da psique humana com suas superstições, crendices e falta de conhecimento. O romance folhetim é essencialmente uma literatura prescritiva dos comportamentos, por seu público leitor se constituir em grande medida pelo sexo feminino. O desfecho dos personagens segue uma dinâmica de ensinamento no qual prevalece uma preocupação com a moralidade que a ficção deseja representar. Diante disso, a intransigência de Guilhermina recebe exemplar punição. Ao escolher a vida religiosa em detrimento da família, Guilhermina acaba abandonada pelo marido. Sozinha, ela perde a sua proteção e repassa todos os seus bens para as obras da caridade da igreja. Tempos depois, ela se entrega ao vício do álcool e perde a lucidez. Clodoaldo Freitas coloca em sua ficção uma moral familiar na qual faz um alerta aos seus leitores afirmando que a ciência condena essas formas de fanatismo religioso, e ainda reforça o lugar natural da mulher no recinto do lar, com as benesses do casamento e da maternidade.

As narrativas ficcionais analisadas mostraram que dentro do campo literário o corpo feminino pode ser interpretado como um verdadeiro campo de batalha, no qual o discurso científico se contraria ao discurso religioso. Nesse caso, a representação negativa de um determinado tipo social dentro de uma narrativa ficcional remete ao campo intelectual do qual o escritor faz parte. É uma reflexão sobre as peculiaridades da ordem

---

<sup>320</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008. p. 69.

social da qual o conjunto literário fala, ou seja, um debate sobre seus valores morais, familiares e os papéis sociais que pretensamente deveriam ser assumidos por cada membro da família.

Escrita por homens e direcionada às mulheres, tanto os folhetins como os romances se caracterizavam pelo sentido pedagógico de seus enredos. A ideia principal girava geralmente em torno do ato de prescrever comportamentos através das letras, ensinando ao seu público leitor – especialmente às mulheres leitoras, o lugar que elas deveriam assumir na sociedade. Ao dar continuidade à análise do corpo feminino na literatura e como as representações dos papéis de gênero eram desenhadas para as mulheres é interessante trazer à luz da discussão o corpo feminino desejado e quando este acaba sendo afetado por práticas discursivas que culminam na docilização dos corpos femininos.<sup>321</sup> Ao fazer referência ao corpo feminino desejado estou delimitando aquilo que a literatura analisada define como ideal, ao que merecia a admiração masculina e, conseqüentemente, o corpo propício para o matrimônio.

Após apontar um tipo feminino indesejável, este estudo explora nas próximas páginas as possibilidades de delimitação do que deveria ser enaltecido em uma figura feminina segundo a escrita prescrita de Clodoaldo Freitas. Ao analisar o romance *Memórias de um velho* destaco dois importantes momentos da trama em que o protagonista Milo conhece em fases distintas da vida, modelos femininos ideais. Ambos contemplados pelas construções culturais vigentes que apontam a ilustração, os talentos domésticos, a docilidade e a beleza física como peculiaridades condizentes com a idealização da mulher. Num primeiro momento, a fase inicial da trama revela o protagonista morando em uma república na cidade de São Luís para estudar no Liceu. No auge da sua juventude Milo se apaixona por Santinha, jovem, bela e rica, a moça assume o lugar de representante do seu amor ideal na concepção do autor-narrador. Nos primeiros encontros, a personagem apresenta um tipo feminino muito bem articulado às prendas domésticas:

[...] Santinha, que não sabia o que fizesse de contente, mostrou-me os álbuns de retratos, os cadernos de música, os quadros, tocou um pouco de piano e quis me mostrar a casa toda, o quintal, os pássaros, o pombal, o galinheiro, tudo, seu quarto de dormir, o oratório, o guarda-louça, a casa toda, sem faltar nada, seus vestidos, suas joias, suas rendas. [...] <sup>322</sup>

<sup>321</sup> FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 19 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

<sup>322</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008. p.14.

Aos olhos do narrador Santinha era um modelo de feminilidade que compete à moça casadoura. A simplicidade do seu modo de vida, o seu envolvimento com as coisas domésticas faz a personagem apresentar a verdadeira felicidade de uma mulher. Ao estabelecer um raciocínio do que seria certo e errado, Freitas sugere às suas leitoras qual modelo de comportamento feminino poderia ser seguido. No caso de Santinha, o autor apresenta um quadro decente e feliz!

A trama do romance torna possível destacar as construções das relações de gênero existentes na ficção de Clodoaldo Freitas deixando visível o caráter pedagógico da sua obra. A maneira como foram sendo estabelecidas as características e os comportamentos femininos de Santinha permitem a construção pelo autor de uma forma de modelo orientador a partir do estilo de vida familiar e harmonioso apresentado. Ao esboçar as minúcias dessa relação amorosa dulçorosa de Santinha com Milo, o autor se esforça para elaborar o espelho no qual o seu leitor deveria olhar-se: um casal jovem, livre de interesses financeiros e carnais e disposto a viver as experiências do amor pleno, mas sempre deixando a relação dentro de uma expectativa matrimonial.

Na sequência, após uma série de desventuras e desencontros – com a morte da família de Milo vitimada por doença, a partida da noiva para Europa e o ingresso de Milo nas tropas para lutar na Guerra do Paraguai – o casal se reencontra para o seu desenlace final: doente em consequência da ausência por anos do seu grande amor, Santinha morre nos braços de Milo. Sua morte deixa aos leitores o exemplo de amor ideal e de modelo feminino a ser seguido. A morte da personagem deve ser interpretada dentro do universo do romance-folhetim que é tradicionalmente composto pelas tramas rocambolescas, na qual o protagonista tem a sua trajetória de vida marcada por imprevistos, tragédias e reviravoltas. É uma particularidade própria dessa narrativa que é lida ao pé da página, por partes, a cada número do jornal, provocando a tensão e a emoção da expectativa do próximo trecho do romance a ser publicado.<sup>323</sup>

Tempos depois o protagonista Milo encontra Josefina, aquela que seria a sua segunda paixão. Também “formosa e ilustrada”,<sup>324</sup> Josefina seria digna de uma paixão irresistível. No entanto, o romance é apresentado com perspectiva distinta ao relacionamento com o amor pueril anterior. Josefina era casada, mas a sua condição não

---

<sup>323</sup> TINHORÃO, José Ramos. *Os Romances em Folhetins no Brasil: 1830 à atualidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1994.

<sup>324</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008. p.19.

a impediu de corresponder àquela paixão nascente. A trama abre espaço para o amor carnal:

[...] Quando nas minhas cismas, volvia ao passado pensava que nunca mais havia de amar, quando, porém, via Josefina com seus longos cabelos pretos perfumosos, com a sua beleza, com a sua rica carnção, me sentia capaz de paixões violentas e que era fraco para resistir a tantas seduções. Que sei eu? Dois meses depois, nosso amor era loucura.  
 [...] Eu dormia sossegadamente, sonhando naturalmente com as delícias do paraíso e ouvindo, embevecido a música dos Serafins. A lua, em pleno azul, quarava pelas vidraças uma claridade mole e voluptuosa, e as auras da noite silenciosa ciciavam no arvoredado, quando acordei aos apertos de uns braços macios, aos beijos de uns lábios quentes, ao contato da epiderme de veludo. Era Josefina. Sentindo-me entre seus braços, enlouqueci. Era preciso ser estátua para não me abalar com a tentadora fascinação dessa beleza de mulher, que se dava. O mais, foi um sonho delicioso.<sup>325</sup>

O corpo de Josefina é um arquétipo feminino voltado para as chamadas paixões violentas. O amor é experienciado integralmente, mas o relacionamento não pode ter vida longa. A moral do romance folhetinesco impede que isso aconteça para que não haja uma má influência. Não por acaso, a relação extraconjugal perde o encanto para o protagonista após o duelo com o marido de Josefina. Jorge perde o embate e é morto por Milo. Nesse ponto não haveria mais impedimentos entre os amantes, mas dias depois Milo decide ir embora por considerar que aquela relação se transformaria em um amor malfadado. A sabedoria do personagem vislumbrava que o relacionamento entre pessoas de condições sociais diferentes seria desafortunado. Ao evitar arrastar Josefina para a pobreza Milo seria justo e bondoso pois permitiria que ela encontrasse outra pessoa com semelhante condição financeira.

É inevitável não destacar o caráter relacional dos papéis de gênero na ficção de Clodoaldo Freitas. Em geral, as personagens femininas são ingênuas, tolas e, em alguns casos ignorantes, enquanto que os personagens masculinos, a exemplo de Milo, recebem do autor as virtudes da inteligência, da sagacidade e da generosidade. Existe aí uma sugestiva noção de que os papéis sociais de gênero teriam uma visível distinção entre si, estabelecendo com clareza que as peculiaridades da masculinidade divergem da feminilidade, não havendo espaço para confusões entre os sexos do ponto de vista discursivo. Analisar um texto literário a partir da categoria de gênero permite pensá-lo como parte de um projeto maior de prática discursiva que visa a construção de modelos

---

<sup>325</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008. p. 38; 39.

e costumes compatíveis às noções de civilidade da época. As diferenças entre os gêneros – feminino e masculino – estão atravessadas por diferentes percepções do social e, conseqüentemente, por se constituir como um processo dinâmico. O gênero é muito mais do que uma identidade pronta e acabada, ele “é uma categoria imersa nas instituições sociais. [...] Em todas essas afirmações está presente, sem dúvida, a ideia de formação, socialização ou educação dos sujeitos”<sup>326</sup> como afirma Guacira Lopes Louro, a qual reflete a complexidade intrínseca do gênero para compreender a construção das estruturas do poder na qual o gênero, enquanto categoria, exerce influência. Dessa maneira, os personagens atuam como modelos orientadores dos gêneros para que seus desejos e comportamentos estivessem em pleno acordo com as expectativas de uma elite social para qual o texto foi direcionado.

Parte da ficção de Clodoaldo Freitas aproximou-se de uma proposta comum na literatura romântica brasileira oitocentista: os personagens femininos enfrentam uma série de desventuras (próprias a esse gênero literário) e à medida que a personagem que cometeu algum erro moral, precisa passar por um processo de purificação para demonstrar aos seus leitores que, apesar dos deslizes porventura cometidos, a mulher continuava a manter intrinsecamente uma pureza de espírito.<sup>327</sup>

Josefina de *Memórias de um velho* só consegue ter um desfecho feliz com Milo anos depois comprovando sua regeneração moral aos olhos do leitor. Ainda que apresentada como vítima de um casamento sem amor com Jorge, Josefina precisava obter uma regeneração pública afinal, estava corrompida por causa do seu adultério. Para resolver esse enredo final, Clodoaldo Freitas coloca a personagem de volta no romance apresentando-a como uma mulher comprometida e resignada em aguardar aquele amor do passado. Após anos de separação Josefina se apresenta a Milo, faz uma declaração de amor ao amado e em seguida é pedida em casamento. Nota-se que a personagem assume uma postura passiva diante do seu pretendente, na narrativa de Freitas há um sugestivo enaltecimento do lugar da mulher na relação: subserviente, mas feliz. Levanto a hipótese de que a composição de personagens masculinos tão carregados de predicados se deve ao impacto que determinados homens causaram à própria experiência pessoal de Clodoaldo

---

<sup>326</sup> LOURO, Guacira Lopes. Gênero, História e Educação. Construção e desconstrução. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, jul./dez. 1995. p. 106.

<sup>327</sup> O tema da mulher prostituída regenerada é frequente na obra de José de Alencar. As protagonistas de *Lucíola* (1862) e *Diva* (1864) representam bem a essa ideia de romance com fins pedagógicos. Mais informações: SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. *Moça Educada, Mulher Civilizada, Esposa Feliz: relações de gênero e história em José de Alencar*. Bauru: EDUSC, 2012.

Freitas. Nesse caso, o ideal de bacharel foi aventado como uma construção cultural específica a ser perseguida em boa parte das narrativas. Somente depois dessa prova de amor Josefina alcança o matrimônio. Uma vez casados, Milo e Josefina decidem deixar São Luís e partir para uma temporada na Europa encerrando o conflituoso romance.

O período correspondente ao final do século XIX e o início do século XX foi marcado por transformações socioeconômicas e culturais. No entanto, a velocidade e a dimensão com que estas mudanças ocorreram foram sentidas de maneiras diferentes em diferentes regiões brasileiras. Em grandes centros urbanos como o Rio de Janeiro havia em certa medida uma pressa para “afrancesar” a capital do país, para dar lugar às reformas arquitetônicas e os novos costumes da cidade.<sup>328</sup> Teresina, que possuía um núcleo urbano proporcionalmente inferior e menor acesso a recursos financeiros, ainda tentava dar os primeiros passos no sentido de construir um refinamento cultural com mudança de hábitos, à medida que havia um gradual abandono de hábitos provincianos para adoção de condutas sociais mais condizentes a um modo de vida burguês.

Novas formas de pensar os comportamentos dos indivíduos foram pensadas e nesse ponto a família foi totalmente atingida. Os papéis familiares foram redefinidos e distinguidos entre si para exercerem uma função para o novo modelo que estava se formando. A infância fora finalmente reconhecida como o momento em que se deveriam recair todas as atenções familiares; a juventude teve também sua fase de reconhecimento, ao receber os olhares dos educadores; os homens foram conduzidos ao lar e lembrados de que havia uma posição de orientador moral a ser exercida; e as mulheres receberam o direito de serem também educadas para exercerem de maneira plena a função materna, que, continuava a ser compreendida como natural ao seu gênero. Segundo Ângela D’Incao:

O processo de mudança na família deve ser explicado dentro dos processos mais gerais em curso durante o século XIX no Brasil. Assim, deve ser dentro do conjunto de valores que moldaram o mundo civilizado, capitalista, cristianizado que deve ter a explicação [...] o

---

<sup>328</sup> No Rio de Janeiro o prefeito Pereira Passos tinha interesse em “afrancesar” a capital do país promovendo uma “limpeza social” que simplesmente despejava os moradores dos cortiços, das casas de cômodos, pensões e prostíbulos do centro urbano, para dar lugar às reformas arquitetônicas que iam modificar profundamente o visual da cidade. Cf.: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

movimento de civilização criou o homem moderno, que se caracteriza especialmente por ser autocontrolado e autorregulado.<sup>329</sup>

Este era um processo iniciado e voltado para a família burguesa como uma forma de distinção social. A literatura recebeu as influências desse reordenamento moral das famílias a partir de outros meios que inseriam as suas práticas sociais no âmbito do que era considerado como inadequado, antinatural ou até mesmo amoral. Apontar as condutas entendidas como desviantes dentro da narrativa literária era mais um dispositivo pedagógico, a fim de enquadrar os indivíduos a papéis familiares moralmente aceitos.

Durante esse processo de adequação de valores morais foi possível entender quais práticas discursivas foram elaboradas. Intelectuais a exemplo de Clodoaldo Freitas transmitiam para a sociedade um saber, uma racionalidade que delineava os limites da normalidade e inscrevia cada indivíduo em padrões modelares a serem seguidos. As mulheres, principalmente, foram atravessadas por discursos que configuravam uma homogeneização da figura feminina e redirecionavam as suas práticas sociais para o âmbito do doméstico, onde a função da esposa/mãe conseguia se desdobrar na imagem feminina que reunia em si os elementos do recato, doçura, fragilidade e submissão. No entanto, quando surgiam personagens que quebravam essa representação do feminino, ao fugir da ideia de um enaltecimento do amor materno e/ou de um desejo de constituir matrimônio, elas eram classificadas em um perfil que se aproximava do anormal, merecedoras de um estudo científico, da mulher que precisava ser colocada à margem da sociedade e vista como um modelo feminino a não ser seguido pelas outras mulheres. É possível compreender o quanto era importante para a constituição de uma nova ordem social o surgimento dessas práticas discursivas que auxiliavam na disciplinarização dos costumes e na redefinição dos papéis familiares.

Outro exemplo dentro da literatura de Clodoaldo Freitas que remete essa ideia de discurso regulador que intencionava instruir os leitores está no pequeno conto *A predestinação*.<sup>330</sup> No enredo, o jovem poeta Alberto se apaixona por Ernestina, que não

---

<sup>329</sup> D'INCAO, Maria Ângela. (Org.). *Amor e Família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989. p.70.

<sup>330</sup> Conto publicado pela primeira vez na *Revista Piauiense* da cidade de Teresina no número 1 do mês de julho de 1896. Em 2009 foi relançado dentro da coletânea *Um segredo de família e outros contos* que reúne uma parte do conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas. Ver: FREITAS, Clodoaldo. *A predestinação*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 7-15. Deste ponto em diante utilizaremos a sua publicação mais recente para fazer referência a esta obra no texto.

corresponde dos mesmos sentimentos. Ernestina representaria o tipo feminino ideal na literatura de Clodoaldo Freitas: moça, bela e ilustrada.

[...] Existia, então, na cidade, uma rapariga, uma dessas criaturas divinas pela beleza, pela inteligência, pela graça, e de virtude inacessível como um rochedo agreste erguido sobranceiro ao meio das solidões tormentosas do oceano.<sup>331</sup>

[...] a diva de seus sonhos, moça que vivia com a mãe, viúva de um oficial morto na guerra do Paraguai, segregada do bulício da cidade, mas frequentando todas as grandes rodas, festejada em todos os círculos pelas suas relações de família, pela sua riqueza, formosura e inteligência. Ernestina, com a educação inglesa que recebera de sua mestra, miss Timyson [...] tinha os modos livres, muita franqueza, alguma desenvoltura, posto que fosse de comportamento irrepreensível, de uma virtude feroz.<sup>332</sup>

A proposta do conto também se enquadra nessa perspectiva prescritiva. Ainda que Ernestina apresentasse todas as qualidades para uma moça dentro de um mercado matrimonial suas atitudes não se adequavam ao que era esperado de uma boa esposa. Ao ser alertada pela mãe, das pretensões amorosas de Alberto, Ernestina decide afastar o jovem poeta de sua convivência. Em uma de suas visitas à casa da amada, Alberto é espezinhado por Ernestina em todos os seus aspectos enquanto homem e enquanto poeta. Apesar da sua beleza natural, de sua educação inglesa e da notável ilustração para a vida social, Ernestina não apresentava um comportamento para uma boa convivência marital no futuro. Seu temperamento forte seria um impeditivo claro, uma vez que ela repelia a posição de subordinada, pretensamente natural ao seu gênero, e romperia a hierarquia das relações que deveria existir entre marido e mulher. Ao não reconhecer a sua posição – passiva e dócil – enquanto futura esposa, Ernestina não estaria apta para o casamento, para profunda decepção de Alberto.

Tradicionalmente dentro da esfera das relações de gênero prevalecia uma hierarquia que favorecia o fortalecimento de uma noção de que haveria uma inferioridade feminina em relação à masculina diante das diferenças naturais existentes nos corpos de homens e mulheres. Essa maneira de pensar a relação entre os sexos integra o universo social no qual a ficção de Clodoaldo Freitas foi desenvolvida. Deste modo, o discurso que aponta

---

<sup>331</sup> FREITAS, Clodoaldo. A predestinação. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 8.

<sup>332</sup> FREITAS, Clodoaldo. A predestinação. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 11.

a posição de superioridade masculina é explicada a partir da ideia de que a natureza constituiu a mulher para a reprodução, o que a torna um símbolo da fragilidade, enquanto o homem ocupa uma função de protetor e orientador, quando na realidade essa diferença entre homens e mulheres é produto da realidade social, construída ao longo do tempo.

Judith Butler lembra que as formas de operar nas relações sociais de poder entre homens e mulheres são resultado de construções culturais e não tributárias de diferenças naturais inerentes aos corpos masculinos e femininos.<sup>333</sup> Nesse sentido, a suposta inferioridade feminina foi e ainda é socialmente construída pela própria humanidade ao longo da história.

Compreender as formas de ser e de se comportar das personagens dos folhetins não se limita a somente identificar algum tipo de transgressão ou de hábitos que escapavam ao que o mundo moderno elaborado pelo discurso de Clodoaldo Freitas vislumbrava. É permissível nesta discussão observar que além da apresentação das tipologias do feminino apresentadas também existe uma construção discursiva intencional do autor. A escrita de Freitas pode ser interpretada pelo viés prescritivo, uma vez que o seu público leitor era formado por mulheres.

O fato dessa ficção conter esse caráter pedagógico não significa que houvesse uma literal apropriação dessas formas de interpretar os papéis de gêneros pelo conjunto social que consumia os romances. Para Michel de Certeau, cada indivíduo da sociedade é visto como um consumidor, que, não é passivo e nem submisso.<sup>334</sup> Este sujeito consegue consumir uma produção cultural de massa sem que ocorra uma interferência total na forma como se comporta no mundo. Os indivíduos usam cada produto partindo do princípio de que consomem o que realmente interessa a eles. Deste modo, a apropriação que o público leitor faz da obra não implica necessariamente em uma absorção integral dos discursos morais apresentados, mas revelam o quanto a produção literária ambicionava prescrever quais condutas morais deveriam ser adotadas pela sociedade.

Este capítulo apresentou o processo histórico referente à inserção dos romance-folhetins no cotidiano da sociedade brasileira a partir da segunda metade do século XIX. Ao serem publicados ao pé da página, a partir de veículos noticiosos e literários, essa forma literária conquistou rápida popularidade e permitiu a construção de uma história literária para diferentes regiões do país. Ainda que fosse dotado de uma imprensa

---

<sup>333</sup> BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

<sup>334</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 11 ed. Petrópolis: Vozes. 2005. p. 38.

considerado pelos contemporâneos como muito incipiente, o Piauí integrou essa tradição ficcional a partir das contribuições de literatos como Clodoaldo Freitas que mergulharam na escrita e na disseminação desse universo de romances rocambolescos.

Muito além do que se inscreverem em um campo literário, os literatos operavam discursos normalizadores para a sociedade daquele período. Em grande medida, os intelectuais exploravam o espaço usado por eles na imprensa para reforçar o papel social que por eles era exercido, incluindo o poder de regular os comportamentos.

As narrativas ficcionais apresentadas – *A Beata e Memórias de um velho* – mostraram o debate sobre a mulher fanatizada com origem em um pensamento positivista, no qual há uma reflexão sobre a mulher e o impacto que a experiência religiosa excessiva poderia impactar negativamente sobre o seu corpo. Corpo feminino esse que seria naturalmente frágil, face à sua própria compleição, se tornaria ainda mais suscetível a patologias próprias do gênero feminino, segundo o discurso médico do período.

É preciso deixar registrado também que Clodoaldo Freitas segue uma peculiaridade inerente à literatura brasileira oitocentista na qual há uma forte tendência a apenas destacar os tipos marginais em detrimento de demonstrar a capacidade representar com maior profundidade a complexidade dos seus personagens. Apesar disso, seus personagens, ainda que em certa medida caricatos, devem ser considerados importantes para a construção do fenômeno anticlerical na literatura brasileira no final do século XIX e no início do século XX.

Em outro aspecto, Freitas se propõe a apresentar o tipo feminino ideal através de algumas de suas personagens – Etelvina de *A Besta Humana*, Santinha de *Memórias de um velho* e Ernestina de *A Predestinação*. Dentro dessa narrativa, o autor não está comprometido em falar de uma mulher real, mas em produzir um arquétipo para compor as relações familiares dentro de padrões considerados civilizados.

A fim de compreender melhor o papel que a narrativa escrita possui entre seus leitores – campo social – é oportuno tecer algumas considerações acerca da forma discursiva e o objeto por ela construído. Ao se falar nas possibilidades de interpretação referentes ao ato da leitura, não se deve ignorar todo um regime de rituais e imposições sociais inerentes ao universo da escrita. Historicamente, o discurso escrito produziu um lugar de autoridade, legitimado pelo Estado, pela ciência, pela escola, que gradualmente foi fragilizando as vozes de uma tradição oral e coletiva em favor de uma forma individual de compartilhar o saber. Michel de Certeau oferece a noção de economia escriturística para ressaltar que houve um ordenamento do dizer, ou seja, uma padronização dos atos

de ler e escrever que tenta estabelecer um modelo próprio e imutável de efetuar uma leitura/interpretação.<sup>335</sup> Nesse caso, há uma legitimação crescente dos discursos científico, político, literário e jurídico que conferem um lugar de autoridade para quem escreve. Este sujeito que escritura manifesta a sua escrita dentro dessa economia escriturística, reduzindo a possibilidade de interpretações alternativas à sua, e prescrevendo as ideias que esse autor considera legítima. Deste modo, essa produção ficcional de Clodoaldo Freitas pode ser compreendida como uma prática escriturística, que representa uma forma de controle dos comportamentos, reforçando uma busca pela padronização da conduta de seus leitores deixando em segundo plano qualquer tentativa de constituir possibilidades de singularização dos indivíduos de interpretarem o mundo à sua maneira.

Estudar a dimensão das representações de gênero, a partir das práticas discursivas produzidas a respeito da literatura de Clodoaldo Freitas, revela a extensão que os discursos moralizadores conseguem afetar essa escrita ficcional, prescrevendo formas de disciplinar condutas para seu público leitor.

---

<sup>335</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2005. v. 1.

#### **4 A NATUREZA HUMANA E A SUBVERSÃO DOS COSTUMES: PSICANÁLISE E ESTUDOS DE GÊNERO**

As páginas seguintes oferecem uma reflexão histórica que efetua um diálogo direto entre a literatura e o saber psicanalítico. Tomando a escrita ficcional como aporte documental principal, este capítulo propõe aproximar os campos da História, da Literatura e da Psicanálise para compreender alguns detalhes da dimensão da vida afetiva da sociedade brasileira entre o final do século XIX e o início do século XX. Escritos por Clodoaldo Freitas, os romances-folhetins analisados contemplam diferentes espaços, nos quais prevaleceram as regiões correspondentes ao Piauí e o Maranhão – seja nas cidades ou em áreas interioranas –, mas espraiando-se também para o interior de Pernambuco. Essa proposta interdisciplinar com História, Literatura e Psicanálise permitiu vislumbrar um caminho possível para capturar a especificidade do discurso literário e estabelecer ligações com o mundo real, entendendo a produção literária como uma forma de apreensão da subjetividade do conhecimento e até mesmo capaz de tentar identificar um prazer inconsciente.

Essa forma de pensar a escrita histórica é resultante de um longo processo percorrido pela História enquanto ciência, na qual diferentes gerações de historiadores debateram as perspectivas e limitações possíveis do fazer histórico em sua relação com o real. Esse saudável debate pode ser identificado inicialmente quando a História escolheu pertencer ao campo científico, rechaçando, desde modo, qualquer aproximação com mitos, fábulas, lendas e/ou memórias pretensamente constituintes de um imaginário popular. Em meados do século XIX alguns historiadores privilegiaram com maior intensidade uma dimensão política e uma preocupação com fontes documentais que estivessem comprometidas em alcançar os fatos reais do passado, por outro lado, essa forma de fazer história tentou evitar qualquer aproximação com uma dimensão ficcional. Entretanto, este ponto de vista não era um consenso entre os historiadores, ainda havia aqueles que insistiram na possibilidade de prosseguir em uma reflexão sobre a relação entre ficção e a escrita do historiador, suas contribuições e imprecisões teóricas e

metodológicas, o que culminou em diferentes possibilidades de encarar a História e sua relação com o real.<sup>336</sup>

As últimas gerações de historiadores testemunharam a cientificidade e a veracidade da história apontadas como principais elementos desse constante debate, oportunizando uma reflexão sobre a dimensão dada ao papel criador do historiador, na concepção de Michel de Certeau.<sup>337</sup> Questionava-se, sobretudo, até que ponto o produto gerado pela narrativa história contemplava a realidade do passado.

Ao exercer o seu ofício, o historiador obtém como resultado um produto, a sua escrita, seara de todas as suas pesquisas realizadas. Nessa escrita histórica, o historiador acaba assumindo um papel criador, que mantém a preocupação com o documento e o método de pesquisa, ao tempo que está consciente que nesse produto está imbricada a presença de uma dimensão artística.

Michel de Certeau compreende a operação historiográfica como um misto entre ciência e arte. Nesse caso, o historiador consegue através da pesquisa e da escrita, transformar seu objeto de estudo alcançando, desse modo, um produto. Ao executar essa operação, o ponto de partida do historiador não diz respeito apenas analisar partes do passado com o objetivo de alcançar uma compreensão do presente, mas o “parte de uma formalização (um sistema presente) para dar lugar aos ‘restos’ (indícios de limites e, portanto, um passado que é produto do trabalho).”<sup>338</sup> Desse modo, entendo que o ato de escrever é uma operação compreendida como uma junção entre escrita, um lugar social e as práticas científicas. A relevância da escrita está não apenas no conteúdo que ela carrega, mas na maneira como a mesma é promovida, uma vez que ao analisar a escrita alcanço o contexto daquela produção e o lugar social que o autor ocupa.

Para chegar nessa proposta de estudo que envolve as relações entre História, Literatura e Psicanálise mergulhei em uma abordagem histórica que trata a ficção como uma fonte possível para os historiadores. Partindo de uma perspectiva suscitada pela Nova História Cultural, ao abordar a narrativa escrita não desconsidero seus aspectos formais, tampouco o lugar e a prática dessa escrita, uma vez que a experiência do autor

---

<sup>336</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 2002; HARLAN, David. A História Intelectual e o retorno da literatura. In: RAGO, Margareth. (Org.). *Narrar o passado, repensar a História*. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2014. p.15-62.

<sup>337</sup> CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

<sup>338</sup> CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015. p.78.

influencia diretamente o processo da escrita e, conseqüentemente, na interpretação que o historiador faz do passado.<sup>339</sup>

É possível pensar um produto ficcional não apenas por um viés estético, mas como um possível da história, ao tempo que a ficção sob os seus mais variados gêneros e estilos, oferece um olhar histórico de um passado. O historiador tem consciência que, apesar dos seus esforços, não pode retornar ao passado; o que ele produz é uma narrativa sobre esse passado. Nesse caso, ao usar um texto literário o historiador pode considerá-lo como expressão de formas de pensar e agir dos indivíduos em determinado espaço. Tais fatos narrados não se apresentam como um resgate de dados acontecidos no passado, mas como possibilidades, posturas, comportamento e sensibilidade, dotadas de credibilidade e significância.<sup>340</sup>

A narrativa é, de fato, a matéria prima do historiador. Conseqüentemente, a literatura pode ser concebida como uma forma de acesso ao passado, mas sem deixar de considerar que a ficção, em nenhum momento, possui a pretensão de representar o real, uma vez que pretende apenas dar forma ao real. Ao ponderar acerca da relação entre literatura e narrativa histórica, Antonio Paulo Resende destaca que:

Dialogando com a literatura, o historiador mantém o espaço do maravilhar-se e do encantamento, sua narrativa não fica restrita à escravidão das provas. A cultura é feita também com toques, olhares e afetos, e não somente com o aço e o cimento dos edifícios das metrópoles. [...] A palavra desencantada é o anúncio da morte da narrativa. Quem gostaria de viver a vida sem poder contá-la? Quem imagina a ausência da linguagem na instituição da cultura? A mais doce ilusão e o mais amargo desamor só existem porque, um dia, os nomeamos e mesmo com hesitações, construímos as suas narrativas da nossa memória, entrelaçando lembranças com esquecimentos, ouvindo os versos silenciosos de um anjo que quis ser *gauche* na vida.<sup>341</sup>

A literatura vai muito além de uma forma de arte, espaço de fruição e deleite. Ela também pode ser um espelho das experiências humanas. Fornece elementos necessários para entender as configurações acerca das formas de vivência da sexualidade e das

---

<sup>339</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 2002.

<sup>340</sup> PESAVENTO, Sandra J. História e Literatura. Uma velha-nova história. *Nuevo Mundo, Mundo Nuevos*, n.6, 2006.

<sup>341</sup> RESENDE, Antônio Paulo de Moraes. A literatura e a narrativa histórica. In: XXIV Simpósio Nacional de História: História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos, 2007. *Anais...* São Leopoldo; UNISINOS, 2007. p. 7-8.

construções dos papéis sociais de gênero que estavam sendo delineados na chamada família burguesa e que representam o escopo deste trabalho.

Ao eleger como objeto deste estudo a sexualidade e os papéis de gênero no conjunto literário de Clodoaldo Freitas a partir de uma perspectiva psicanalítica, amplio as possibilidades de compreensão dos sentimentos, das formas de prazer, das perversões e daquilo que mobiliza o autor e que, possivelmente, pode estar recalcado em seu inconsciente do autor. O interesse sobre a maneira como o indivíduo constrói sua relação com o prazer não é recente. Mais precisamente no final do século XIX, o médico psiquiatra Sigmund Freud transformou o tema relação sujeito/desejo como um dos objetos de estudo. Apesar das críticas que eram contemporâneas ao pensador alemão e as que seguem sendo elaboradas pelo atual campo científico, suas teorias tiveram um papel essencial para o entendimento da vida psíquica e como esta afeta diretamente a saúde física do indivíduo.

No âmbito da História, as contribuições teóricas da psiquiatria enquanto ciência encontraram terreno fértil, uma vez que os historiadores sentem a necessidade de contemplar análise sobre o corpo, a sexualidade e os sentimentos. As experiências afetivas integram a área de interesse dos historiadores efetivamente desde as Escola dos Annales, ainda no início do século XX. Os historiadores contemplaram análises sobre a cultura doméstica, a vida privada, a maternidade, a infância, o casamento, as regras de namoro e até mesmo prostituição, e avançaram ainda em estudos das sensibilidades, dos prazeres, dos impulsos, dos corpos desejanter ou dos conflitos da psique humana. Esse avanço nas abordagens temáticas se deve a ofertas documentais e suportes teórico metodológico para materializar as pesquisas tornando possível uma análise sobre a subjetividade do sujeito.<sup>342</sup>

O encontro entre História e Literatura está firmado do ponto de vista teórico e metodológico. São disciplinas que dão conta de formas de narrativas e que expressam, cada uma a seu modo, as maneiras de externar o discurso dos sujeitos sociais. A pesquisa recorre a fontes literárias para alcançar a meta proposta, por entender que ficção se constitui como indicadora de possíveis que não foram concretizados e de desejos ocultos dos indivíduos, que as fontes tradicionais dificilmente conseguem traduzir para os

---

<sup>342</sup> CERTEAU, Michel de. *História e Psicanálise: entre ciência e ficção*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

historiadores.<sup>343</sup> Dessa maneira, os romances de Clodoaldo Freitas flagram uma escrita que expressa os sonhos, os desejos íntimos, as angústias e as frustrações amorosas capturadas no ambiente social do autor.

O conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas auxilia a problematizar as tensões da constituição dos papéis sexuais a partir do momento em que a narrativa literária se localiza como uma forma de registro de vida. A meta é ampliar as possibilidades de análise acerca das formas de sexualidade burguesa tomando os folhetins publicados nos primeiros anos do século XX como objeto deste estudo.

Percorrendo simultaneamente os campos da História, Literatura e Psicanálise foi possível abrir caminhos para um entendimento da psique humana. Identificar repostas que ajudem a explicar questões difíceis de serem interpretadas referentes à vida privada e, especialmente, aqueles referentes aos sentimentos íntimos, às questões individuais relacionadas ao corpo e à mente. O objetivo deste estudo foi aproximar História, Literatura e Psicanálise enquanto espaços que permitam a constituição de uma subjetividade, uma vez que a narrativa contempla a possibilidade do sujeito (narrador) resgatar os seus próprios desejos internos. Na perspectiva de desenvolver este estudo, elejo uma parte do conjunto ficcional do literato piauiense Clodoaldo Freitas para realizar uma observação psicanalítica. A análise se concentrou nos contos *A Besta Humana* (1908), *As Taras* (1912) e *Os Burgos* (1913) e nos romances *Memórias de um Velho* (1905-1906) e *Coisas da Vida* (1907-1908). A escolha se justifica pelo conteúdo narrativo em comum: o perfil do narrador, um sujeito masculino que possui características que se aproximam do próprio autor Clodoaldo Freitas, e pelas frequentes descrições de relações amorosas que movimentam as tramas e aludem a possíveis desejos internos do próprio Clodoaldo Freitas.

#### 4.1 O desejo na ficção: o controle do corpo

O mundo criado em romances-folhetins é o caminho percorrido nesse estudo. Aparentemente, esse parece ser um caminho duvidoso para um historiador seguir, mas levo em consideração as críticas resultantes da relação entre ficção e história, o quanto a

---

<sup>343</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

primeira comprometeria em uma sujeição da narrativa histórica ao estatuto da verdade. O historiador avança sobre o campo da literatura da mesma maneira que percorre outras ordens de documento histórico: de maneira meticulosa, pragmática e lançando mão de aportes metodológicos próprios. Nesse caso, seria oportuno reafirmar que a escolha do historiador ao analisar uma narrativa ficcional precisa considerar a escrita do texto, o autor e o lugar social do qual o escritor fala, como nos lembra Michel de Certeau.<sup>344</sup> Isto posto, existe uma história possível a partir da dissecação de Clodoaldo Freitas feita sobre o casal Burgos em seu romance homônimo; da prazerosa narrativa do encontro de Plínio com as delícias do céu em *Coisas da vida*; da paixão pervertida do desajustado Bernardino de *A Besta Humana*.

A pretensão não é retirar a estética da produção ficcional e muito menos esvaziar a literatura do seu sentido original de fonte de prazer. O que orientou a constituição desta pesquisa histórica é o fato de que a ficção pode ser tomada como um documento que aponta caminhos possíveis para a cultura. Peter Gay, em *Represálias Selvagens*, ao analisar o fazer literário de escritores realistas do século XIX aponta que “[...] os romances têm muito a dizer aos historiadores. Mesmo quando apresentam as coisas do modo errado, eles podem fazê-lo de maneiras instrutivas, lançando luz sobre atitudes de classe ou preconceitos religiosos típicos.”<sup>345</sup> Gay chama a atenção para a maneira como a ficção deve ser observada com atenção pelo historiador, uma vez que o escritor não produz apenas o irreal; ao escrever, ele se preocupa com a imaginação sem se afastar demais do contexto histórico, da fidelidade aos fatos históricos e biográficos.

Ao considerar a ficção como objeto histórico o historiador avalia o romance em questão, mas também faz ponderações acerca do seu criador e da sociedade desse escritor. Partindo dessa perspectiva, é plausível contemplar uma análise também para a mente do romancista. Observar seus desejos e ansiedades inconscientes formam um desafio histórico ao tempo que cumpre uma tentativa de compreender os pequenos detalhes da vida social no que se refere à família, os papéis de gênero, a sexualidade, ou seja, elementos integrantes de um objeto histórico que exige um detalhamento dos seus meandros. A sociedade, a arte e a psicologia individual são elementos que podem ser

---

<sup>344</sup> CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

<sup>345</sup> GAY, Peter. *Represálias Selvagens: Realidade e Ficção na Literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 20.

considerados para análise, mas não como camadas isoladas, ao contrário, eles fluem uma para dentro do outra, tornando o ato da criação literária um processo complexo.

O estudo das chamadas operações psíquicas humanas sempre foi área de interesse de intelectuais de diferentes áreas. As origens para o entendimento sobre o mental remontam à Antiguidade, especialmente entre os filósofos que se dedicaram em interpretar esse chamado mundo das ideias.<sup>346</sup> Esse processo histórico de desenvolvimento de estudos sobre o comportamento humano é composto de diferentes fases, passando por uma concepção sobrenatural para tentar explicar as doenças psíquicas<sup>347</sup> até chegar aos domínios do que foi chamado de Psiquiatria moderna, quando surge uma posição mais humanista que privilegia o cuidado e o tratamento em detrimento da prática do isolamento social forçado em asilos.<sup>348</sup>

Destaco dois aspectos que delimitam o distanciamento da psiquiatria moderna em relação à sua antecessora. O primeiro deles reside em um posicionamento interpretativo e terapêutico dos sintomas das doenças mentais. Em vez de dar seguimento a uma forma de tratamento baseada exclusivamente na exclusão social, os especialistas do final do século XIX optaram por estudar, categorizar e elaborar possibilidades de cura para seus pacientes e permitir que aquele sujeito fosse reintegrado à sociedade. Outro aspecto que molda diretamente essa nova fase da psiquiatria era considerar o inconsciente como objeto de estudo. Tradicionalmente, os estudos sobre a psicologia até então se ocupavam apenas da experiência mental consciente e desprezavam as sensações, os delírios e qualquer outro pensamento que remetesse à imaginação do paciente.

Entender os processos não conscientes e as origens dos sintomas histéricos remete a mais do que uma compreensão do que seria essa imaginação neurótica, mas também a possibilidade de contemplar uma análise acerca de possíveis expressões de traumas psicológicos não acessíveis à consciência. É justamente nesse ambiente fértil de novas ideias que se encontra Sigmund Freud (1856-1939). Médico neurologista vienense, apontado como um dos maiores nomes da medicina da era contemporânea. Suas teorias,

---

<sup>346</sup> FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica*. Perspectiva: São Paulo, 1978.

<sup>347</sup> Uma perspectiva religiosa e/ou mística para explicar como determinadas pessoas eram afetadas pelas chamadas doenças do espírito. Cf.: FOUCAULT, 1972.

<sup>348</sup> A partir dos séculos XIX e XX ocorre um profundo investimento em prol da classificação das doenças mentais. Termos como manias, delírios, melancolias, idiotias, afasia, demência e histeria passam a ocupar o vocabulário de psiquiatras, neurologistas, antropólogos e demais interessados em interpretar a complexidade da mente humana e apresentar possíveis tratamentos para as patologias existentes. Destaco os nomes de Jean-Martin Charcot, Pierre Janet, Emil Kraepelin, Cesare Lombroso como estudiosos que atuaram decisivamente para o desenvolvimento de teorias essenciais para a compreensão da psique humana.

a maior parte delas revolucionárias, não foram recebidas com confiança por seus pares, todavia foram debatidas, algumas até rechaçadas e reinterpretadas por diversos setores da Medicina. A psicanálise de Freud surgiu justamente de uma necessidade compreender as chamadas perturbações nervosas, usando técnicas baseadas na observação e na escuta para uma compreensão mais completa do indivíduo.<sup>349</sup>

A extensa teoria formulada pelo psicanalista contempla vários temas para a compreensão da psique humana, dentre eles, a histeria, as perversões sexuais, a sexualidade infantil, a hipnose e os traumas psicológicos. A pretensão de Sigmund Freud para as suas teorias era buscar o maciço reconhecimento de outros especialistas. Apesar das críticas, até hoje muito frequentes, a psicanálise se tornou um campo fértil para a compreensão da mente humana e que é também possível outras disciplinas aproveitarem da sua leitura. A História não se distancia dessa possibilidade e os historiadores abraçam, com resultados satisfatórios, as teorias freudianas às suas pesquisas.

A interminável e constante busca pela felicidade é uma das constatações freudianas a despeito do indivíduo. Em *O Mal Estar na Civilização*<sup>350</sup>, Sigmund Freud argumenta que a mente humana seria composta basicamente de viver as formas de prazer. De maneira instintiva, a mente humana impele o sujeito ininterruptamente a buscar e saciar o prazer, entretanto, determinados aspectos internos e externos acabam controlando essa necessidade de alcançar o prazer. Para Freud a mente humana é complexa e ele mesmo admite que faltavam-lhe na época meios para alcançar a profundidade da psique humana e entender sua essência, o seu funcionamento.

Sigmund Freud inicia sua carreira ainda no final do século XIX, mas começa a fazer publicações a partir de 1900, com *A Interpretação dos sonhos*. Em suas investidas em torno da psique humana Freud levantou a hipótese de que havia algo a mais nos traumas de seus pacientes, ao entender que o processo de ab-reação – uma volta às memórias do passado que causa uma grande emoção – não funcionaria, de maneira isolada, para reduzir e até mesmo eliminar a neurose de um paciente.

Partindo desse princípio, o médico vienense elaborou noções que foram muito caras ao aprofundamento do estudo do inconsciente, bem como à sua futura teoria psicanalítica. O inconsciente, a noção de recalque, a utilização da associação livre e do método interpretativo e o investimento dos sonhos e fantasias dos pacientes como material de

---

<sup>349</sup> GAY, Peter. *FREUD: uma vida para nosso tempo*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

<sup>350</sup> FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

análise foram algumas das contribuições de Freud, ideias duplamente marcadas pela sedução da novidade e pela controvérsia de suas teorias a um público que não estava acostumado a levar a sério os delírios de um determinado paciente.<sup>351</sup>

Ainda que surpreendente para os seus contemporâneos a noção de inconsciente não era uma invenção de Freud. Desde a Antiguidade falava-se na ideia de inconsciente e muito provavelmente foi na Filosofia que o autor buscou as bases para delimitar os seus conceitos sobre o tema. O desenvolvimento dos seus estudos trouxe à Freud o amadurecimento da ideia de inconsciente e trauma, uma vez que em suas experiências fez uma relação direta entre a sintomatologia neurótica do paciente e o ato de trazer à tona as recordações traumáticas.<sup>352</sup>

Em seus primeiros trabalhos Freud propôs uma divisão dual para a mente: consciente e inconsciente. Na primeira se encontrava elementos superficiais da personalidade humana, enquanto no inconsciente estavam reservados de maneira oculta todos os comportamentos instintivos de um ser humano. Somente nos anos 1920 ele aperfeiçoa a sua teoria sobre a composição da psique em *Além do Princípio do Prazer* (1923), ao propor uma forma de compreender a mente a partir de uma categorização que integra a mente do indivíduo em três aspectos: *Id*, *Ego* e *Superego*.<sup>353</sup>

Na teoria freudiana essas são as três partes da mente que determinariam o comportamento humano. *Id* se refere ao impulso, à libido; é inato ao ser humano e é a primeira parte a se desenvolver. É caracterizado como um princípio do prazer que age por estímulos instintivos; nessa parte da mente a característica amoral prevalece. O *Ego* está relacionado ao consciente do indivíduo, diz respeito ao princípio da realidade, cuja moral já pode ser identificada com clareza e é responsável pela relação entre o sujeito e o mundo. Segundo Freud o *Ego* é responsável por mediar *Id* e *Superego*, numa tentativa de alcançar o equilíbrio. O *Superego* é o último aspecto a se formar na mente humana, caracterizado por ser um instrumento inibidor; é essencialmente uma hipermoral com regras de conduta apreendidas no meio social que traz um caráter de inibição às condutas do homem perante o mundo.

---

<sup>351</sup> LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertand Lefebvre. *Vocabulário da Psicanálise*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

<sup>352</sup> LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertand Lefebvre. *Vocabulário da Psicanálise*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

<sup>353</sup> NAKASU, Maria Vilela Pinto. *Sublimação, Pulsão de Morte, Superego: O Papel das Teses Freudianas Sobre a Cultura na Elaboração das Concepções Metapsicológicas*. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Tese. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009. 262 f.

É importante entender a complexa mente humana a partir da teoria freudiana porque se o indivíduo é um ser que instintivamente busca o prazer e a felicidade, o mundo real liquidaria as chances dessa conquista do prazer ocorrer. Em *O Mal Estar na Civilização*<sup>354</sup>, Sigmund Freud aprofunda essa afirmação sugerindo que os contínuos progressos do mundo moderno, o chamado processo civilizatório, estariam anulando qualquer chance do indivíduo experienciar os seus instintos. Em consequência, o indivíduo estaria sujeito a determinados insucessos que poderiam causar insatisfações, sofrimentos: seriam os traumas psicológicos, que em casos mais graves precisariam ser resolvidos com o auxílio da psicanálise.

Ao contrário do que se imaginava antes das teorias freudianas, a mente humana se altera de acordo com interferências externas e internas. O problema é que as questões que envolvem o entendimento do Eu são tão complexas que construir argumentos definitivos é agir precipitadamente.

Normalmente nada nos é mais seguro do que o sentimento de nós mesmo, de nosso Eu. Este Eu nos aparece como autônomo, unitário, bem demarcado de tudo o mais. Que esta aparência é enganosa, que o Eu na verdade se prolonga para dentro, sem fronteira nítida, numa entidade psíquica inconsciente a que denominamos Id, à qual ela serve como uma espécie de fachada – isto aprendemos somente com a pesquisa psicanalítica, que ainda nos deve informar muita coisa sobre a relação entre o Eu e o Id. Mas ao menos por fora o Eu parece manter limites claros e precisos. Só é diferente num estado – por certo extraordinário, mas que não pode ser condenado como patológico. No auge do enamoramento, a fronteira entre Eu e objeto ameaça desaparecer.<sup>355</sup>

De acordo com a teoria freudiana a psique não permanece a mesma desde a origem até o final da vida do indivíduo. Determinados estímulos ou até mesmo a ausência deles podem afetar o sujeito na sua vida psíquica e na sua relação com o mundo. Nesse caso, as patologias foram tomadas por Sigmund Freud como uma possibilidade de interpretar como a vida psíquica pode ser problemática e como determinados elementos (internos e externos) corroboram para estabelecer estados clínicos passíveis de tratamento terapêuticos.

As peculiaridades da vida psíquica são de fato difíceis de serem analisadas, mas para Freud é possível formular algumas suposições, especialmente aquelas que se referem

---

<sup>354</sup> FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

<sup>355</sup> FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p.9.

a maneira como o indivíduo se relaciona com o seu passado. Do ponto de vista científico, era difícil para o médico vienense mensurar até que ponto existia uma conservação do passado na vida psíquica. O passado permanece como um influenciador, entretanto, inconscientemente os traumas vivenciados na infância podem apagar totalmente ou parcialmente esse passado. Esta argumentação pode ser útil a partir do momento em que relacionamos esta suposição a outra hipótese de Freud: o princípio do prazer que estabelece a finalidade da vida.<sup>356</sup>

Durante todo o decorrer da vida humana o prazer se faz presente. Seria um princípio que domina o desempenho do aparelho psíquico desde o começo. Na infância, incluindo o bebê lactante, isso não é diferente. Para Freud, esse prazer se referia à relação da criança com o próprio corpo e não com outro indivíduo. Nesse caso, seu objeto de prazer seria o seio da mãe, que além de alimento, proporciona satisfação ao se configurar como a sua principal fonte de contato com o mundo. Posteriormente, há uma reformulação na relação entre o sujeito e o prazer. O desenvolvimento humano e a vivência de experiências sociais e morais sugerem que o indivíduo busque outras formas de prazer que não sejam instintivas, dentre elas: a tentativa de liquidar os instintos para alcançar a felicidade da quietude, o uso de narcóticos para fugir do sofrimento, ou satisfazer o prazer a partir da sublimação dos instintos. Nesse último caso, a alternativa seria o indivíduo elevar o ganho de prazer a partir das fontes de trabalho psíquico e intelectual, na maneira como um artista se satisfaz com as suas criações pode ser um exemplo dessa forma de sublimação. Contudo, essa satisfação pela arte não é suficiente, é passageira. Para Freud, “A sensação de felicidade ao satisfazer um impulso instintual selvagem, não domado pelo Eu, é incomparavelmente mais forte do que a obtida ao saciar um instinto domesticado.”<sup>357</sup>

Peter Gay é um dos maiores leitores da teoria freudiana e um dos primeiros historiadores a incorporar esse enquadramento psicanalítico em sua pesquisa histórica. Gay argumenta que Sigmund Freud oportuniza analisar com mais propriedade a sociedade burguesa, uma vez que este era um meio social que se constituiu oprimido por regras e costumes sociais baseados numa moralidade. Dentro do lar, as relações afetivas e os papéis de gêneros eram enquadrados em rígidos aspectos morais que estabeleciam

---

<sup>356</sup> FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

<sup>357</sup> FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 23.

modelos de feminilidades e masculinidades baseados na virtude. Nesse aspecto, enunciar a ideia de desejo sexual seria interdito, silenciado pela ideia de moralidade.

Todavia, essa negação da existência do prazer não condiz com a ideia de que o ser humano é movido por suas pulsões. Na realidade, esse ambiente social moralizado provocaria formas de instabilidades psíquicas, uma vez que, ao negar seus instintos, o homem se desumaniza, a infelicidade se instala e a ideia de permanecer nessa realidade parece ser insuportável ao indivíduo. Como é praticamente impossível executar uma recusa total em seguir padrões sociais o sujeito parte para alternativas que permitam alcançar um equilíbrio: buscar uma postura dual ao manter uma conduta moral e simultaneamente estar livre para investir na busca da saciedade do prazer.

Clodoaldo Freitas pertence a um contexto temporal no qual as regras de uma moralidade burguesa estavam devidamente delineadas. Em suas narrativas, o literato fala de uma sociedade do início do século XX que foi instituída a partir de valores sociais defendidos pela moral católica e que esses padrões morais eram difíceis de serem redefinidos. Foi na arte que Freitas escapou dessa rigidez de conduta: o desejo era expresso através da linguagem; sua ficção emitia impressões sobre o desejo sexual e permitem identificar a ideia de que mesmo em um quadro social que possui uma moral supostamente rígida, o prazer se faz presente. Para Peter Gay, uma narrativa ficcional ligada à libido pode indicar que a chamada era de Freud – esse recorte que se refere ao final do século XIX e ao início do século XX – está embebida pela ideia de uma ansiedade burguesa, cujo desejo sexual é constantemente reprimido, mas que as maneiras de fugir dessa repressão são igualmente burladas, mesmo que simbolicamente.

A ficção pode revelar pequenos flagrantes da vida burguesa e o olhar psicanalítico sobre a arte permite construir a ideia de que a Literatura pode exercer uma dupla influência: abrandar os desejos não saciados do escritor e também de seus leitores. Essa hipótese é levantada a partir de uma interpretação freudiana acerca do desejo que não pode ser saciado. Freud apresenta a ideia de que o indivíduo com desejo sexual reprimido pode ter essa pulsão sublimada para a arte. O artista consegue espelhar em sua escrita seus desejos inconscientes e também aludir aos desejos de um grupo social. Deste modo, a psicanálise emerge como um essencial método de investigação da psique humana.

Registros eróticos da sociedade podem ser difíceis de serem capturados pelos historiadores. Mas não é uma tarefa impossível, tendo em vista a produção literária que permite compreender as formas de experiências amorosas por uma sociedade burguesa em formação. Ao analisar as representações de gênero de algumas obras literárias do

escritor piauiense Clodoaldo Freitas que circularam no início do século XX, este estudo buscou entender a respeito de uma escrita que é predominantemente masculina. No conjunto ficcional do autor, o protagonista é sempre um homem: seja ele um jovem, um homem maduro ou um idoso, o enredo sempre gira em torno de uma figura masculina. Nesse momento do estudo, verticalizo a análise sobre a maneira como a masculinidade é significada a partir da sexualidade explorada na ficção. Foi possível observar como Clodoaldo Freitas dá sentido ao prazer sexual masculino ao afirmá-lo como existente e aceitável fora dos quadros matrimoniais na sociedade em que estava inserido.

Existe um ponto em comum que diz respeito às duas narrativas de Clodoaldo Freitas abordadas neste estudo: *Memórias de um velho* e *Coisas da vida*. As referidas tramas apresentam um narrador que relata sua trajetória de vida para o leitor a partir de uma idade avançada, suscitando a ideia de que o narrador-personagem é alguém que detém sabedoria suficiente para oferecer um aprendizado ao seu leitor. É a partir da narrativa de um homem maduro que o narrador produz um relato que se propõe para os mais jovens: uma possibilidade de instruir, de ser modelo de experiência de vida.

A escrita prescritiva se faz presente no conjunto ficcional de Freitas, para apresentar aos leitores, quais as relações amorosas eram legitimadas socialmente e quais eram as posturas desejadas, para homens e para mulheres, dentro de um relacionamento. Também é possível compreender de que maneira as narrativas dos fatos dessas duas obras de Clodoaldo Freitas se configuram como escritas masculinas, que remetem ao posicionamento do autor frente aos temas por ele abordados. Existe entre os dois protagonistas – Milo (*Memórias de um velho*) e Plínio (*Coisas da vida*) – um perfil comum: homem branco, heterossexual, culto, pertencente a uma família de grupos médios da sociedade, detentor de ideais políticos, republicano e anticlerical e que valoriza a virtude do trabalho masculino e a beleza moral feminina. Todos estes elementos apontam para um modelo burguês de masculinidade, cada vez mais frequente não apenas nos textos ficcionais como também na realidade social.<sup>358</sup>

*Memórias de um velho* é um romance-folhetim publicado no jornal *Pátria* de Teresina durante dois meses, entre os anos de 1905 e 1906. A análise da obra permite compreender o conceito gênero pensado como uma categoria de análise que recusa o

---

<sup>358</sup> GAY, Peter. *O século de Schnitzler: a formação da cultura da classe média. 1815-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

caráter fixo e permanente das identidades.<sup>359</sup> Os personagens dos romances de Clodoaldo Freitas não estão presos a um único modelo de gênero; seus personagens se posicionam, para além de qualquer modelo fixo e não se resumem a apenas um modelo de masculinidade e feminilidade. Neste estudo, as generalizações dos papéis de gêneros devem ser evitadas, uma vez que as representações masculinas e femininas tratadas não cabem em formulações previamente dadas, pelo contrário, elas transbordam os seus limites e revelam a historicidade dos modelos de masculinidade e feminilidade.<sup>360</sup>

Emílio/Milo é o protagonista de *Memórias de um velho*. A narrativa foca em sua trajetória de vida, desde a infância até à velhice, e está ambientada em diferentes cenários do Brasil da segunda metade do século XIX. *Memórias de um velho* é um típico romance-folhetim com um enredo marcado por reviravoltas e uma sequência de infortúnios que dão forma a uma narrativa rocambolesca. No início do enredo, o narrador anuncia o seu propósito: no auge da sua velhice deseja partilhar as mais surpreendentes e amargas experiências que vivenciou para servir de aprendizado para aqueles que se proporem a ler as narrativas.

Vou escrever algumas linhas sobre minha vida.

Hoje, que a velhice me gelou o sangue nas veias, eu me sinto, mau grado meu, arrastado para o nada, curvado ao peso da idade, a rival da morte, quero deixar, na lembrança dos que ocuparem o meu lugar na terra, o histórico de minha existência, que não deixará de ser instrutivo.

Nestas páginas escritas sem pretensão, sem esmero, encontrarão, os que se derem ao trabalho de as ler, uma lição profícua e, talvez, uma regra para se modelarem nas emergências da vida, que há de seguir necessariamente o caminho, que lhe derem, livre das vistas ou dos desígnios arbitrários do céu.<sup>361</sup>

*Memórias de um velho* integra uma forma de fazer romance que pertence à cultura literária dos oitocentos: a consciência de que a narrativa carrega em si um peso moral. Acreditava-se que um romance poderia influenciar o comportamento dos seus leitores e, não por acaso, persistia ainda a preocupação e também a restrição de determinados tipos

<sup>359</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, n 16, v 2, jul./ dez. 1990; MATOS, Maria Izilda Santos de. Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: SOHIET, Rachel; MATOS, Maria Izilda Santos de. SAMARA, Eni Mesquita (Org.). *Gênero em debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUSC, 1997.

<sup>360</sup> BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

<sup>361</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008. p.6.

de romances que eram considerados imorais, a exemplo dos famosos *Madame Bovary*,<sup>362</sup> *O crime do Padre Amaro*<sup>363</sup> e *A Carne*.<sup>364</sup> O romance seria encarado por diferentes setores da sociedade, especialmente Igreja e intelectuais, como perigoso e um potencial fator de alienação, principalmente para as mentes suscetíveis das mulheres. Escrever um romance naquele contexto significava ter a ciência de que a leitura poderia ter uma concepção pedagógica e que o escritor possuiria a capacidade de moralizar o consumidor de romances. Deste modo, incutir valores morais e atitudes honestas em um enredo era um importante parâmetro para a crítica literária julgar a qualidade de uma obra.

Clodoaldo Freitas segue os similares parâmetros morais para a escrita de *Memórias de um velho*. No decorrer do enredo, algumas passagens do romance sugerem um desvio de caráter quando Milo toma algumas atitudes que remetem à uma desonestidade moral, todavia, o autor sai em defesa de seu protagonista ao observar que nem todas as regras morais poderiam ser respeitadas pelo homem, especialmente àquelas que estão associadas às convicções religiosas. Após vivenciar experiências dolorosas<sup>365</sup> o protagonista Milo é surpreendido por uma “paixão violenta” ao vivenciar um romance com Josefina. Mesmo sendo esta, uma mulher casada, Milo não hesitou em se entregar a uma relação que, aos olhos da sociedade, seria considerada ilícita. Para o personagem, no entanto, era o amor que deveria prevalecer diante da lei:

Dessa noite em diante o tempo que Josefina podia roubar ao marido, vinha passar comigo. Algumas vezes narcotizava-o. O nosso amor encrudescia cada vez mais e o gozávamos sem remorsos [...]. A sociedade impõe um absurdo. Nos revoltamos contra ela. Quem tem razão: a lei? o uso? a moral? Não: o amor. O amor é o laço do casamento, mas torná-lo eterno e aquele temporário, é inverter a essência da própria natureza das coisas.<sup>366</sup>

<sup>362</sup> *Madame Bovary* narra a história de Emma, uma mulher casada e insatisfeita com a sua vida monótona. Para fugir daquela condição tediosa, Emma busca o amor e a felicidade nos braços de Léon e Rodolphe. O romance foi escrito pelo francês Gustave Flaubert (1821-1880) no ano de 1856. Apesar do sucesso Flaubert chegou a ser processado pelo conteúdo amoral do romance.

<sup>363</sup> Romance realista escrito pelo português Eça de Queiroz (1845-1900) no ano de 1875. *O Crime do Padre Amaro* conta a história de amor entre o pároco e Amélia. Para evitar o escândalo os dois decidem manter a relação em segredo.

<sup>364</sup> Romance escrito pelo brasileiro Júlio Ribeiro (1845-1890) no ano de 1888. *A Carne* apresenta o romance entre Lenita e Manuel, um homem separado. A obra causou polêmica por trazer ao enredo sensualidade e uma forte conotação sexual.

<sup>365</sup> Milo perde os pais e irmãos durante uma epidemia que assolou o interior do Piauí, para liquidar os negócios do pai, o jovem se vê forçado a abandonar os estudos e se separar do seu primeiro amor, Santinha. Sozinho e pobre, Milo decide participar da Guerra do Paraguai. Ao retornar a São Luís depois da guerra, reencontra Santinha, que, muito debilitada acaba morrendo em seus braços.

<sup>366</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Memórias de um velho*. Imperatriz: Ética, 2008. p.39.

Para Clodoaldo Freitas, as convenções sociais como o casamento não deveriam ser cristalizadas, mas adaptadas às necessidades dos homens. Em casos como o de Josefina e de seu marido Jorge, quando a ligação se baseava apenas em um relacionamento social normalizado, o matrimônio acabava se constituindo num empecilho para o amor e até mesmo num estorvo para um dos cônjuges.

Freitas constrói uma narrativa em que o adultério feminino se apresenta visível e abre a possibilidade de que haveria uma dissolução de valores morais. A narrativa literária evidencia que em determinados momentos da vida as pulsões podem ser irresistíveis e fatalmente haverá uma recusa do indivíduo em seguir os padrões sociais. Independentemente da sua formação moral o sujeito pode se permitir conduzir pelas paixões e criará maneiras de vivenciar a satisfação desse prazer. No entanto, é possível vislumbrar o permanente conflito entre prazer e realidade, do qual Sigmund Freud trata. O protagonista almeja ceder aos apelos do desejo, contudo recua e silencia sobre os seus sentimentos diante da sociedade para resguardar a moral.

Em *Coisas da vida*,<sup>367</sup> publicado em forma de folhetins no jornal *Diário do Maranhão* entre os anos de 1908 e 1909, a quantidade de episódios relacionadas à vivência da sexualidade de casais chama a atenção. A trama se passa em algumas cidades do Brasil como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, e ainda, o interior do Piauí e de Pernambuco. Esta obra potencializa possibilidades de chaves de leitura ao realçar a narrativa em uma intrincada relação de um jovem estudante de Direito piauiense em meio a belas jovens de um engenho em Pernambuco.

*Coisa da vida* é a materialização de uma fantasia do próprios Clodoaldo, uma vez que permite perceber como um literato – no seu lugar de sujeito masculino – compreendia os amores de juventude, pois era durante essa vivência juvenil que se deveria experimentar os prazeres proporcionados pelo amor. Esse romance de Clodoaldo Freitas trata dessa possibilidade de fantasia sexual masculina, se posicionando como uma escrita prescritiva ensinando aos homens de sua época a desfrutar de momentos sublimes sem extrapolar os limites, ou seja, mantendo as aparências sociais.

---

<sup>367</sup> Romance publicado pela primeira vez em folhetins no jornal *Diário do Maranhão* da cidade de São Luís entre 16 de dezembro de 1908 e 23 de janeiro de 1909. Em 2009 a obra foi relançada na forma de livro. Ver: FREITAS, Clodoaldo. Clodoaldo. *Coisas da vida*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2009. Deste ponto em diante utilizaremos a sua publicação mais recente para fazer referência a esta obra no texto.

O autor aponta em sua narrativa quando as práticas sexuais eram aceitáveis e quais tipos femininos poderiam ser facilmente manipulados. Logo no início do enredo, o narrador aponta três jovens que possuíam uma vida marcada pela rotina calma do engenho e sem nenhuma instrução que lhes preparasse o espírito, figuras potencialmente favoráveis a se deixar influenciarem por paixões juvenis.

[...] As senhoras divertiam-se durante o dia, no trabalho ou lendo algum romance dos mais sentimentais e devotos que o comendador escolhia, entre outros, *Graziela, Regina, Rafael, Paulo e Virgínia, Atala*. Nessas leituras prejudiciais, funestas aos espíritos juvenis, sem o contrapeso de uma educação séria, as três moças saturavam-se de impressões violentas e carnavais. A vida para elas era de uma uniformidade embrutecedora. Levantavam-se cedo, às seis em ponto, às sete tomavam a primeira refeição e sentava-se à costura até às dez, quando iam para o banho, e, depois para o almoço.<sup>368</sup>

A descrição acima se refere à jovem Camila, segunda esposa do comendador Herculano e às donzelas Anica e Carlota, filhas do distinto proprietário do engenho. Esta é uma constatação de uma possível ignorância feminina feita pelo protagonista e narrador do romance Plínio. O personagem principal desse romance surge como convidado de Netário, filho de Herculano, para passar as férias no engenho da família. A chegada do jovem moço encanta os componentes da família, especialmente as jovens donzelas que não estavam acostumadas à convivência de homens de fora do seu pequeno círculo familiar e social.

Clodoaldo Freitas criou um cenário ideal para a vivência das paixões da juventude. Um ambiente bucólico, favorável a encontros particulares e ocupado por jovens e belas mulheres. A narrativa prescreve relações amorosas que deveriam ser preferencialmente vivenciadas seguindo o princípio de equidade: com mulheres jovens, de igual posição social, movidas pelo sentimento de ambos. Outro componente chave para uma aventura amorosa exitosa era a discrição, desenroladas sempre no momento certo, distante de olhares curiosos, evitando compromissos futuros e permitindo que outros amores pudessem aflorar. Destarte, não haveria problemas que impedissem a consumação das paixões, mesmo com mulheres casadas, como era o caso de Camila, a esposa do comendador Herculano. Clodoaldo Freitas acaba fazendo de *Coisas da Vida* um manual de fantasia masculina, ao reunir em suas linhas o erotismo intercalado com camadas de

---

<sup>368</sup> FREITAS, Clodoaldo. Clodoaldo. *Coisas da vida*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2009. p.7-8.

civilidade do protagonista que, ao agir com perspicácia, consegue consumir o seu desejo sexual sem receber uma condenação moral.

A paixão por Camila era uma relação que se diferia das outras não apenas por configurar um adultério feminino, mas porque não havia interesse de Camila em romper o matrimônio. Apesar de ter quase a mesma idade das filhas do marido, Camila não demonstrava interesse em abandonar o marido, pelo contrário, aconselhava Plínio a construir uma família escolhendo uma futura esposa. Os encontros fugazes e a própria posição de mulher casada de Camila permitiam o estreitamento da relação sem que suspeitas fossem levantadas durante todo o enredo.

Simultaneamente, Plínio também pôde desfrutar secretamente de encontros amorosos com Carlota, que era enteada de Camila, e ainda com as jovens Rosina e Hortência, que surgem no enredo para aquecer o romance. Plínio passa todo o enredo extasiado com as possibilidades amorosas que vão surgindo e festeja cada uma das suas experiências sexuais. Ele as descreve com todo o entusiasmo provocado pelas impressões voluptuosas deixadas pelas suas companheiras. Nesse momento, percebe-se que há uma exaltação do prazer, de que o amor deveria ser vivenciado resultando em momentos que se definissem abençoados.

Peter Gay ao abordar a experiência burguesa no século XIX, aponta que o período de noivado de um casal poderia oferecer oportunidades para a experimentação sexual sem que isso fosse compreendido como algum tipo de desonra. Segundo o autor, „a inocência era algo relativamente elástico”.<sup>369</sup> Em outras palavras, as práticas sexuais poderiam ser efetivadas a partir de um modelo de pensar que permitisse ampliar a definição de moralidade, pelo menos para quem se dispusesse a compreender que os desejos sensuais também deveriam ser vivenciados.

As jovens mulheres da trama aceitaram vivenciar a paixão surgida pelo fascínio produzido pelo belo estudante de direito. Entretanto, a consumação desse desejo tem seu preço, pois a mulher daquele contexto social vivia num mundo onde existia uma idealização de uma feminilidade socialmente aceitável. Valorizava-se a mulher virtuosa e honesta – no sentido moral e sexual. Em nenhum momento Plínio não recusava o amor oferecido por Camila, Hortência, Carlota e Rosina, mas não deixou de defini-las como mulheres caprichosas, sedutoras e voluptuosas. O personagem não conseguia resistir em

---

<sup>369</sup> GAY, Peter. *A educação dos sentidos: a experiência burguesa da rainha Vitória à Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. v.1. p. 68.

aproveitar os sabores da vida e considerava que a sua juventude era o momento certo para experimentar os prazeres produzidos pelos breves encontros amorosos. Seja no interior ou na cidade, as ocorrências de entrevistas combinadas eram recorrentes e Plínio se regozijava de todas. Curiosamente, tudo acontecia com a mais absoluta discrição, secretamente cada uma das jovens mulheres vivenciava o seu amor com Plínio e este apenas se desdobrava em contentar a todas e manter as aparências. A narrativa de *Coisas da vida* permitia encontros amorosos com mais facilidade e a prática discursiva acerca da masculinidade reforçava a ideia de permissibilidade das práticas sexuais fora do casamento como algo aceitável entre os homens.

As passagens que descrevem as aventuras amorosas de um jovem estudante sugerem o quanto a burguesia poderia estar envolvida com a noção de prazer sexual. Plínio seguia dissimulando seus momentos íntimos sem ser repreendido. Assim, seus encontros transcorriam sem impedimento algum com Camila no quarto de hóspedes: “Agarrei-a com ímpeto, estreitei-a nos braços e Deus nos abençoou, porque durante esses dois minutos de gozo não fulminou-nos. Ela depois saiu, prometendo voltar à noite”<sup>370</sup> Ao narrar seu encontro com Carlota e Hortência, Plínio se referiu com animação. Ao lado de Carlota: “Deus sabe que a carne humana tem leis inflexíveis e palpites irresistíveis em certos momentos há verdadeira transfiguração, nós entramos corpo e alma nas delícias do céu”.<sup>371</sup> Por fim, ao lado da tola Hortência que: “não teve coragem de lutar contra a fúria do amor, cedeu e caiu, e como as outras, tomou gosto pelo amor”.<sup>372</sup>

Em todas as passagens mencionadas, o personagem Plínio exaltava a mocidade como o momento de desfrutar do belo e do prazer. E essa ideia acaba contemplando até mesmo aquelas mulheres definidas por um modelo de feminilidade ideal, cujo recato, virtude e moralidade eram questionados, pois estas estariam apenas dissimulando os seus internos desejos eróticos.

Eu não quero insistir nas extravagâncias, que fizemos durante essas últimas quatro noites. Era preciso contentar as quatro e me multiplicava em furor erótico, em ternuras e carinhos como um nabuco louco, desperdiçando os diamantes do meu coração no regaço dessas fadas. Mulheres! Mulheres! E há ainda quem se iluda com risos de inocência, com esses gestos de pudor! De todas elas a mais bela e voluptuosa era Rosina. Que criatura soberba de carneação e volúpia!<sup>373</sup>

<sup>370</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Coisas da vida*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 51-52.

<sup>371</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Coisas da vida*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 72.

<sup>372</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Coisas da vida*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 75.

<sup>373</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Coisas da vida*. Imperatriz: Ética, 2009. p.78.

A mulher que no discurso dominante teria seu papel no sexo subordinado a uma postura passiva, agora era realçada não somente como uma presença ativa, mas que também buscava prazer e que poderia levar um homem a se desvirtuar. Esta é uma das contribuições principais dos estudos de gênero na pesquisa histórica, ao permitir perceber a heterogeneidade quanto às formas masculinas e femininas, auxiliando à sua compreensão.<sup>374</sup>

É impossível manter as mulheres do romance *Coisas da vida* presas a um único modelo. Elas se posicionavam para além de qualquer modelo fixo e generalizá-las a apenas um modelo de feminilidade seria incorrer em uma análise superficial. Deve-se lembrar que essa característica instável é própria da forma como se define as identidades de gênero. Estas estão em estado permanente de transformação, não sendo uma concepção que subordina papéis masculinos e femininos em uma homogeneidade.<sup>375</sup>

Apesar de o amor ser uma presença constante nas juras trocadas em praticamente todos os eventos da narrativa, o que afinal prevaleceu para Plínio foi um casamento arranjado. As moças com quem o protagonista se relacionou, apesar de pertencerem ao mesmo círculo social que ele, não representavam o modelo de esposa desejado pelo estudante, afinal elas sucumbiram moralmente às seduções juvenis. A mulher ideal que o protagonista almejava casamento somente é apresentada no final da narrativa. Ainda na infância, a família de Plínio fez um compromisso de casamento entre ele e Adélia, uma jovem amiga da família. Após aproveitar as experiências amorosas, Plínio regressa para sua terra natal e assume a promessa de casamento. A narrativa de *Coisas da vida* finaliza sem uma descrição de como seria a vida marital do novo casal, sugerindo a ideia de que dentro do matrimônio prevaleciam relações moralmente aceitas e não relações voluptuosas.

O casamento pela escolha pessoal e movido pelo amor surgiu nas últimas décadas do século XIX se contrapondo ao modelo tradicional de escolher o futuro cônjuge por interesses financeiros e familiares. A emergência do amor romântico é um dos elementos promotores dessa transformação das regras do mercado sentimental, entretanto os

---

<sup>374</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de. Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: SOHIET, Rachel; MATOS, Maria Izilda Santos de. SAMARA, Eni Mesquita (Org.). *Gênero em debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUSC, 1997. p. 107.

<sup>375</sup> LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

matrimônios consumados sem a consideração da paixão e do sentimento ainda prevaleciam nas classes alta e média da sociedade.<sup>376</sup> Nesse sentido, a rejeição de Plínio pelas jovens com quem teve iniciações sexuais está longe de ser encarado como uma contradição, pois ele estava inserido em um modelo familiar burguês que prescrevia papéis definidos para cada membro familiar.

O lugar de fala dos protagonistas de *Memórias de um Velho* e *Coisas da vida* é de alguém que narra a sua experiência de mocidade do alto da sua maturidade, ou seja, Milo e Plínio delineiam a história de seus amores quando estava em idade avançada, e, cada fato narrado por ele deveria ser compreendido para seu público leitor como uma lição de vida.

A definição de moral apresentada na literatura de Clodoaldo Freitas é direcionada para ambos os sexos. Para as mulheres, especialmente as jovens em idade de se casar, a narrativa funciona como um ensinamento para o que não deve ser feito em um relacionamento. Josefina, Carlota, Rosina, Camila e Hortência escolheram vivenciar as suas paixões, mas todas pagaram um preço por isso. Josefina e Camila praticaram adultério e foram abandonadas; Rosina foi assassinada pelo seu ex-noivo; Carlota morreu vítima de um atropelamento; Hortência falecera em consequência de um aborto. Apesar de todas passarem por experiências amorosas, elas são punidas moralmente por fugirem do modelo tradicional de feminilidade que exigia da mulher uma postura virtuosa antes e depois do casamento. A narrativa do romance conduz a ideia de que as paixões impulsivas poderiam ter duplo efeito: serem simultaneamente irresistíveis e, sobretudo, perniciosas para o sexo feminino.

A sexualidade das personagens femininas também foi cerceada pelas impressões do autor, que buscavam operar um saber-poder normatizador, através dos discursos por ele elaborados. Enlaces amorosos mal resolvidos encaminhavam-se para uma instância punitivista no qual seriam penalizados aqueles que não seriam merecedores de uma proteção moral. É possível perceber ainda o quanto o fenômeno da himenolatria ainda era recorrente entre a sociedade no limiar do século XX. Reparar um corpo desonrado seria, então, uma forma de amenizar o mal que uma iniciação sexual fora dos padrões morais poderia representar ao colocar em risco a integridade moral da família, posto que a honestidade feminina ainda não era pensada como algo individual, mas sim ligada ao coletivo.

---

<sup>376</sup> DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000. p. 157.

Escrituravam-se preceitos que ordenavam a sexualidade, e, esta deveria ser exercida preferencialmente dentro do casamento, no seguro porto que era a família, restringindo os relacionamentos sexuais indevidos à esfera do irregular. De semelhante maneira, ainda era considerada anormal o prazer sexual feminino, que somente seria alcançado legitimamente dentro do matrimônio e no exercício da maternidade.

Outra hipótese que pode ser considerada na análise do desfecho dessas narrativas literárias está associada a ideia de recalçamento depositada no próprio autor da obra ficcional. Para Sigmund Freud, o recalçamento é um mecanismo do inconsciente, um processo mental que elimina da consciência partes internas da vida afetiva. A ideia de recalçamento não diz respeito a uma supressão das excitações, mas a suposição de que as excitações são desviadas do seu objeto e se manifestam como sintomas.<sup>377</sup> Neste caso específico, existe a ideia de que na impossibilidade de poder continuar a experimentar essa vida sexual, o narrador simplesmente externa um desejo de morte. Ainda que não pratique qualquer tipo de ação violenta contra suas parceiras o narrador se beneficia da morte das jovens para evitar a pulsão sexual. Se não existem corpos desejantes, não existe a angústia e o conflito para evitar o desejo, a chamada paixão irresistível. A literatura analisada espelha um grupo social médio, que possui uma necessidade de preservar seus valores morais. Esta é uma sociedade puritana demais para ceder aos apelos do corpo e tornar este fato público. Uma vez manifestada, a repressão leva o indivíduo a inconscientemente agredir a todos a sua volta, um resultado direto do recalçamento.

As relações amorosas furtivas dos homens durante a juventude se configuram como algo aceitável na sociedade do início do século XX. Esta seria, ao lado da erudição, da sensibilidade e da paternidade, um dos elementos afirmadores da masculinidade, por isso, os encontros amorosos quando possibilitados deveriam ser vivenciados pelos homens para dar legitimidade a sua virilidade, já que as atitudes grosseiras e violentas como características masculinas estavam cada vez mais desvalorizadas.<sup>378</sup> O romance de Clodoaldo Freitas lembra que as paixões, principalmente as masculinas, poderiam ser praticadas livremente. Entretanto, era necessário vivenciá-las a partir de um modelo de racionalidade. As práticas sexuais aceitáveis na juventude deveriam ser realizadas com

---

<sup>377</sup> FREUD, Sigmund. *Obra Completa*. Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade. Análise Fragmentária de uma Histeria (“O Caso Dora”) e Outros Textos. (1901-1905). São Paulo: Companhia das Letras, 2016. v. 6.

<sup>378</sup> CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Masculinidades Plurais: a construção das identidades de gênero em obras literárias. *História UNISINOS*. São Leopoldo, v. 9, n. 2, maio/ago, 2005.

mulheres disponíveis, ou seja, com aquelas que não se enquadravam ao modelo de esposa ideal.

Longe de ser apenas uma dissimulação, podemos compreender que o romance de Clodoaldo Freitas tem a característica de ser uma exaltação das paixões da mocidade masculina, mas controladas dentro dos limites da razão,<sup>379</sup> sem fugir aos modelos de gênero idealizados.

Os estudos desenvolvidos pelo médico Sigmund Freud conquistaram grande relevância no cenário mundial justamente por difundirem a ideia de que seria imprescindível compreender os sentimentos internos porque somos movidos pelo nosso próprio inconsciente. Nossas atitudes no meio social, em especial aquelas ações bloqueadas por motivos emocionais, resultariam de memórias e desejos reprimidos, que estão ocultos no inconsciente e que são desagradáveis demais para serem lembrados. A literatura de Freitas permite constatar que nunca a prática de voltar as atenções para o lado íntimo da vida havia sido tão solicitada como na era burguesa.<sup>380</sup>

A repressão à sexualidade parece ser um fato indiscutível do período correspondente ao início do século XX. Momento em que ainda persistiam as repressões sociais – de maneira informal ou institucionalizada –, que se voltavam contra o conhecimento do próprio corpo e, principalmente do prazer que este poderia produzir ao indivíduo.<sup>381</sup> Entretanto, seria inadequado afirmar que não havia lugar para o desejo ou que as práticas sexuais eram inibidas e/ou proibidas. Na verdade, ocorriam formas diversificadas de exprimir os desejos e nesse ponto a produção ficcional acerca do erotismo masculino é significativamente maior do que em relação aos desejos femininos.

#### 4.2 O lugar da perversão: o desejo externado

As dimensões da escrita são imensuráveis, todavia os historiadores da cultura têm se esforçado para alcançar, ou pelo menos, se aproximar de cada uma delas. Uma das estratégias para se chegar a uma compreensão do lugar da escrita está na ideia de que a

---

<sup>379</sup> GAY, Peter. *A educação dos sentidos: a experiência burguesa da rainha Vitória à Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. v.1. p. 85.

<sup>380</sup> FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 19 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

<sup>381</sup> COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 79-151.

mesma possui uma perspectiva para além de ser um simples registro gráfico do oral, a partir do momento em que se contempla o tema a partir de uma leitura psicanalítica. Destarte, a escrita pode ser interpretada como uma referência ao registro da experiência do inconsciente do indivíduo.

Ao observar as camadas correspondentes ao campo literário, é possível perceber que a literatura, apesar de estar intrinsecamente associada à fantasia, traz em si um registro de uma subjetividade do seu autor, remete a um processo que é específico desse sujeito, daquilo que é constitutivo da sua própria personalidade. Longe de parecer uma narrativa meramente escapista o discurso literário consegue realizar ligações profundas com o mundo real à medida que traz para a cena o espelho da sociedade, com suas virtudes e com seus vícios. A literatura com sua carga de emoções registra o íntimo do autor e também da sociedade para a qual ele se dirige, materializando a partir da escrita aquilo que seria indizível e até inenarrável dentro de uma determinada realidade social com seus respectivos cerceamentos morais e religiosos. Mais uma vez, a tríade autor-obra-público consegue ser a protagonista da análise do discurso literário à medida que se estabelece a importância que essa relação imbricada possui ao se levar em consideração o fato de que os temas eleitos por um autor em sua narrativa não falam apenas dele, mas alcançam igualmente o seu público.

Reforço a ideia de que a História, Literatura e Psicanálise conseguem urdir uma trama de inúmeras formas, haja vista que ambas se comprometem em entender a constituição de um sujeito e do seu universo social. Para conseguir tal ambição de conhecimento, estas disciplinas se lançam no estudo de memórias, dos mitos, das fantasias e de qualquer registro que ofereça a possibilidade de conhecer o seu objeto de estudo, seguindo logicamente seus respectivos aportes teóricos e metodológicos.

Partindo dessa perspectiva, esta etapa da tese aponta como objetivo o aspecto do abjeto na literatura, mais precisamente quando o autor elege como tema de suas narrativas os aspectos que ultrapassam os limites do comum, do normal, tomam a proporção do que seria socialmente apontado como estranho e até mesmo patológico. Uma parte da produção ficcional de Clodoaldo Freitas possui temas considerados obscuros que trazem um aspecto sombrio para a narrativa e se adequam, em certa medida, ao que era considerado comum para a literatura da época, devidamente repousada sobre a escola do Realismo.<sup>382</sup> Mais uma vez, identifica-se um diálogo do autor com a forma de fazer

---

<sup>382</sup> CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

literatura daquele momento, na qual é marcada por aspectos que primam pela descrição de tipos sociais, pela preocupação em abordar o real ao denunciar as hipocrisias morais da sociedade – usando em grande medida os discursos da ciência (determinismo social) para fundamentar a sua narrativa – e pela clivagem da idealização das relações afetivas ao descortinar para o leitor as falhas morais, a exemplo do frequente tema do adultério que alimenta as narrativas mais famosas da época – um exemplo clássico seria *Madame Bovary*.

Nessa perspectiva, os temas reportados nos romance-folhetins de Freitas que mereceram uma análise sobre o aspecto de uma possível subversão de valores sociais são o incesto e a necrofilia. O critério de escolha para a eleição de tais temas se deve à necessidade de avaliar o desejo sexual quando o mesmo extrapola os limites do que era considerado socialmente como normal. Em geral, estas temáticas são julgadas dentro do que é chamado de perversões sexuais, impregnadas de um caráter criminoso, patológico, bestial e, sobretudo, esvaziada de humanidade. Para adentrar nesse mundo literário tão obscuro, prossegui a análise a partir de um olhar psicanalítico, no qual recorro a Sigmund Freud para ajudar na reflexão análise dos seguintes romances de Clodoaldo Freitas: *A Besta Humana* (1908), *As Taras* (1912) e *Os Burgos* (1912).

Em *História da Sexualidade*,<sup>383</sup> Michel Foucault tece algumas considerações acerca da hipótese repressiva, na qual haveria um regime de repressão ao sexo que dominaria a sociedade capitalista a partir do século XIX. No decorrer de sua análise, Foucault rebate essa ideia de que a burguesia vitoriana teria encerrado a sexualidade a partir de um discurso moralizador, normatizador e, principalmente, medicalizado, suscitando o surgimento de uma sociedade que interdita o sexo. O que na realidade emerge ao se olhar as relações entre poder e sexo é que aquela sociedade puritana e hipócrita tomava insistentemente a sexualidade em seu discurso. Para Michel Foucault, cabe inquirir porque a referida sociedade “[...] obstina-se em detalhar o que não diz, denuncia os poderes que exerce [...]”<sup>384</sup> e impacta as gerações seguintes sobre a maneira como ela se relaciona com a sexualidade: continuamente reprimida.

Nessa intenção de entender melhor esse mundo discursivo de supostas interdições ao sexo Michel Foucault explorou as formas de sexualidade que não estavam submissas

---

<sup>383</sup> FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 19 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009. v.1.

<sup>384</sup> FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 19 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009. v.1. p.15.

ao sentido da economia da reprodução: as chamadas atividades infecundas, os prazeres paralelos que não tinham como objetivo a reprodução humana. Ainda no século XVIII o discurso religioso, médico e jurista moldou e disseminou códigos que regiam as práticas sexuais desejáveis tendo como objetivo maior a legitimação das relações matrimoniais. Destarte, a monogamia heterossexual, o dever conjugal, as prescrições quanto à frequência, a vigilância e a interdição de carícias e atos inúteis para garantir a reprodução convergiram para uma tentativa de normatização da experiência sexual e, conseqüentemente, um discurso de disciplinarização e controle dos corpos.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que se depositava um esforço na construção de um vocabulário para nominar as ações e sujeitos que praticavam alguma irregularidade sexual, multiplicava-se a sexualidade que se localizava para além da fronteira do ilícito. Entram em cena aqueles que já circulavam em séculos anteriores, nomeados em geral de libertinos, e que representavam o mundo da perversão, ao se contraporem às leis naturais, a exemplo do sodomita, do incestuoso, do homossexual, do sádico, do hermafrodita. Conquistam também atenção aquelas formas condenadas de perversão sexual, tais como o adultério, a sodomia, o sadismo, a sedução de mulheres virgens, a violação de cadáveres e o ato de casar com um parente próximo. A perversão sexual implica em uma forma de contestação da ordem vigente e potencializa a produção de novos modos de relações entre si e com os outros, à medida que houve uma proliferação de práticas discursivas, sobretudo da medicina, com a intenção de construir e classificar toda uma patologia em torno do mundo dos perversos.

Michel Foucault destaca que não houve necessariamente uma interdição dessa forma de sexualidade inadequada, mas sim uma constante nomeação e problematização das sexualidades aberrantes. Nesse ínterim, as relações de poder que atravessam o sexo paralelamente interditam e potencializam o prazer.

[...] O poder que, assim, toma a seu cargo a sexualidade, assume como um dever roçar os corpos; acaricia-os com os olhos; intensifica regiões; eletriza superfícies; dramatiza momentos conturbados. Açambarca o corpo sexual. Há, sem dúvida, aumento da eficácia e extensão do domínio sob controle, mas também sensualização do poder e benefício de prazer. O que produz duplo efeito: o poder ganha impulso pelo seu próprio exercício; o controle vigilante é recompensado por uma emoção que o reforça; a intensidade da confissão relança a curiosidade do questionário; o prazer descoberto refluí em direção ao poder que o cerca. [...] O poder funciona como um mecanismo de apelação, atraí, extrai essas estranhezas pelas quais se desvela. O prazer se difunde

através do poder cerceador e este fixa o prazer que acaba de desvendar.  
385

O que ocorre de fato é que os discursos – medicina, psiquiatria, pedagogia – em torno do sexo aparentemente negam qualquer tipo de sexualidade improdutiva, mas na verdade agem para tornar possível os mecanismos de dupla incitação: prazer e poder. De um lado, o prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espia, revela o poder; e, por outro lado, o prazer que se amplia cada vez mais por ter que escapar, ludibriar a esse poder. No outro extremo, tem-se ainda o poder “[...] que se deixa invadir pelo prazer que persegue e, diante dele, poder que se afirma no prazer de mostrar-se, [...] ou resistir.”<sup>386</sup>

Esse universo das chamadas ações humanas infames é ricamente explorado em diferentes áreas da filosofia, religião, da medicina e também da literatura ocidental. Élisabeth Roudinesco chama a atenção para o tema com *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*,<sup>387</sup> no qual a autora desenvolve uma argumentação acerca da figura do sujeito perverso que atravessou a história da humanidade com relatos insólitos de flagelantes, sodomitas, homossexuais, nazistas, pedófilos e outros tipos de experiências que suscitam paralelamente a ojeriza e a avidez do público leitor por histórias cada vez mais detalhadas de um universo no qual a ordem natural do mundo estaria abalada.

A intenção de Roudinesco ao se reportar a esse tema é repensar a maneira como o conceito de perversão se ressignificou ao longo dos séculos. Houve um deslocamento do domínio do sagrado para o campo da patologia, no qual no mundo medieval a flagelação funcionava como uma possibilidade de salvação da alma e as libertinagens e crimes hediondos resultariam de manifestações demoníacas, enquanto, a partir da era moderna, explicam-se os atos perversos por razões que remetem à própria natureza humana e, conseqüentemente, a problemas de ordem mental, passível de análise patológica. Mais do que um comportamento inadequado, para Élisabeth Roudinesco é preciso compreender as formas de perversão como atos que de certa maneira atendem uma necessidade coletiva de demonstrar o quanto o indivíduo pode ter uma face cruel, ainda que oculta.

---

<sup>385</sup> FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 19 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009. v.1. p.52.

<sup>386</sup> FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 19 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009. v.1. p.53.

<sup>387</sup> ROUDINESCO, Elisabeth. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Zahaar, 2008.

A perversão, portanto, é um fenômeno sexual, político, social, psíquico, trans-histórico, estrutural presente em todas as sociedades humanas. E se todas as culturas partilham atitudes coerentes – proibição do incesto, delimitação da loucura, designação do monstruoso ou do anormal –, a perversão naturalmente tem seu lugar nessa combinatória. Porém, pelo seu status psíquico, que remete à essência de uma clivagem, ela é igualmente uma necessidade social. Ao mesmo tempo em que preserva a norma, assegura à espécie humana a subsistência de seus prazeres e transgressões. Que faríamos sem Sade, Mishima, Jean Genet, Pasolini, Hitchcock, e muitos outros, que nos deram as obras mais refinadas possíveis? Que faríamos se não pudéssemos apontar como bodes expiatórios – isto é, perversos – aqueles que aceitam traduzir em estranhas atitudes as tendências inconfessáveis que nos habitam e que recalcamos?

Sejam sublimes quando se voltam para a arte, a criação ou a mística, sejam abjetos quando se entregam às pulsões assassinas, os perversos são uma parte de nós mesmos, uma parte de nossa humanidade, pois exibem o que não cessamos de dissimular: nossa própria negatividade, a parte obscura de nós mesmos.<sup>388</sup>

Sendo uma circunstância humana, que atravessa todas as culturas, a perversão acaba sendo alvo de discursos religiosos, morais, pedagógicos e médicos, que tentam defini-la a partir de parâmetros maniqueístas, no âmbito da transgressão social e da anomalia. O perverso gradativamente deixa o discurso religioso para se tornar objeto de ciência, mais precisamente da psicanálise, a partir do século XIX. A fascinação suscitada pelos prazeres mais excessivos acaba designada como inversão, libertinagem, sodomia, anormalidade, bestialidade, dentre outras nomeações que tentam delimitar tais práticas a um universo supostamente inenarrável. Todavia, a análise da narrativa literária é uma via possível para identificar o quanto o prazer incontrolável e incessante integra a história da literatura ocidental.

Ao se falar de literatura erótica, indiscutivelmente o nome do Marquês de Sade<sup>389</sup> acaba sendo enunciado. O escritor francês abraçou uma proposta impudica de narrativa escrevendo romances eróticos que traziam libertinos envolvidos com mulheres puras e religiosas e que, juntos, protagonizaram cenas sexuais descritas detalhadamente. Mas a singularidade da obra não está na simples menção ao sexo, está nos múltiplos atos libidinosos e violentos dos seus personagens que foram repetidas vezes mencionados em

<sup>388</sup> ROUDINESCO, Elisabeth. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Zahaar, 2008. p.12-13.

<sup>389</sup> Donatien Alphonse François de Sade (1740-1814). Filósofo, escritor e libertino francês. Suas obras privilegiam o erotismo e a fantasia sexual centrada na violência, tortura, sodomia e blasfêmia. O escândalo da sua obra foi inevitável entre os seus contemporâneos. Principais obras: *Justine, Juliette, Os 120 dias de Sodoma* e *A Filosofia na Alcova*. Cf.: ROUDINESCO, Elisabeth. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Zahaar, 2008.

suas narrativas. Ao explorar o lado obscuro da natureza humana, a partir das perversões sexuais, o Marquês de Sade não apenas enumerava práticas voluptuosas possíveis, mas proporcionava também uma proposta de filosofia do prazer. Nessa construção de um ideal libertino, o escritor considerava que a libertação das leis religiosas poderia ser realizada através do ato sexual totalmente livre de preceitos morais, sociais e religiosos. A literatura depravada de Sade ajudou a sociedade a deslocar o sentido do prazer, antes designado como uma influência demoníaca para a constituição de uma sensibilidade que seria inerente ao próprio homem.

A partir do momento em que se lança o desejo de compreender o campo da literatura, é interessante que se atente para a especificidade de uma obra literária, uma vez que esta jamais pode ser considerada original. Compartilho da ideia de que uma obra literária não é resultado de uma criação inédita, na realidade uma obra é parte integrante de uma rede de relações, na qual ela está ligada a ela mesma e a outras produções do mesmo escritor. Não se deve desconsiderar também que a existência dessa rede relações alcança os aspectos temporais, espaciais da referida obra e dialoga diretamente com produções designadas por semelhante gênero literário.<sup>390</sup>

A partir dessa perspectiva é que desenvolvo o argumento de que uma obra literária está diretamente relacionada com produções antecessoras e contemporâneas a ela. Ao analisar algumas narrativas literárias de Clodoaldo Freitas identifiquei a importância que determinados romances da literatura ocidental tiveram na produção ficcional do literato piauiense. A presença de personagens mais próximos de situações do mundo real, reduzindo qualquer idealização e concedendo características humanas a eles, a exemplo de defeitos, manias e fraquezas ocupa espaço considerável em diferentes autores e gêneros literários. Especialmente dentro do Realismo, registram-se textos ficcionais envolvidos por uma narrativa ligada a uma atmosfera obscura, na qual a tragédia, a dor, o crime e a morte são elementos encontrados com persistência. Não por acaso, Clodoaldo Freitas alude em seus folhetins por repetidas vezes personagens e enredos marcados por esse domínio do insólito.

---

<sup>390</sup> TODOROV, Tzevetan. *As Estruturas Narrativas*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

A exemplo do tema da relação incestuosa Edgar Alan Poe<sup>391</sup> e Eça Queiroz<sup>392</sup> podem ser citados como nomes que conferiram em suas respectivas obras o peso de uma narrativa que subverte os valores sociais e morais da sexualidade. Do primeiro autor, destaco seus romances policiais mas, nesse momento, prefiro concentrar atenção no conto *A queda da casa de Usher* (1839). Edgar Alan Poe traz para a sua narrativa temas insólitos que envolvem o terror e o fantástico. No enredo, o narrador – que não tem seu nome revelado – é convidado pelo velho amigo, Roderick Usher, a visitá-lo em sua propriedade. Ao chegar à mansão, o narrador se surpreende com o frágil estado de saúde de Roderick e de sua irmã Madeline. No decorrer dos dias é revelado que os irmãos estavam apaixonados e mantinham um relacionamento secreto. Em seu desfecho, os irmãos morrem juntos e o desaparecimento dos dois se materializa com a desintegração da mansão diante dos olhos incrédulos do narrador.<sup>393</sup>

*Em Os Maias* (1888), Eça de Queiroz apresenta em um dos seus maiores clássicos a trama da família que dá o título do livro. Ambientado em Lisboa durante a segunda metade do século XIX, o romance narra a história da família Maia no decorrer de três gerações, marcados por disputas familiares, adultérios e tragédias. O protagonista Carlos da Maia vive uma grande paixão com a bela estrangeira Maria Eduarda. Mesmo após a revelação de que a mulher por quem estava apaixonado era, na realidade, sua irmã legítima, Carlos decide guardar segredo, inclusive de Maria Eduarda, e mantém a relação incestuosa ao conviver maritalmente com ela. Desgostoso com a notícia de que o neto

---

<sup>391</sup> Edgar Alan Poe (1808-1849). Escritor norte-americano. Principais obras: *O corvo*, *O gato preto*, *Os assassinos da Rua Morgue*, *A Máscara da Morte Escarlata*, e *A queda da casa de Usher* (1839).

<sup>392</sup> José Maria de Eça de Queiroz (1845-1900). Escritor português, um dos principais representantes do Realismo. Principais obras: *Os Maias*, *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio*, *A Relíquia*, *O Madarim*, dentre outros.

<sup>393</sup> Edgar Alan Poe destaca em sua narrativa o caráter psicológico dos personagens, com manifestações de palidez, catalepsia e histeria. A morte de Madeline apenas agrava visivelmente o estado de saúde de Roderick: “E agora, passados alguns dias de grande amargura, uma visível mudança operou-se no aspecto do distúrbio mental do meu amigo. As suas maneiras habituais alteraram-se. As ocupações ordinárias foram descuradas ou esquecidas. Vagava de sala para sala com passos apressados, desiguais, e como que sem destino. A lividez do seu rosto tomara um tom ainda mais cadavérico [...]. Havia ocasiões, na verdade, em que eu julgava que a sua mente incessantemente agitada estava em luta com algum segredo opressivo, para cuja divulgação ele procurava a coragem necessária. Às vezes, eu era forçado a tudo explicar com os inexplicáveis caprichos da demência, pois o via de olhar perdido e fixo durante longas horas, numa atitude que denotava a mais profunda atenção, como se estivesse escutando algum som imaginário. Não era de admirar que o seu estado me inspirasse terror; que quase me contagiasse.” POE, Edgar Alan. *A Queda da Casa de Usher*. São Paulo: Melhoramentos, 2014. p.16.

continuar a manter conscientemente relações incestuosas, Afonso da Maia acaba falecendo.<sup>394</sup>

Nas duas obras citadas anteriormente o incesto é um dos pontos-chaves da trama. Dentro de um aspecto histórico, essas relações sempre integraram a história da humanidade, todavia foram gradativamente proibidas atendendo a preceitos morais, religiosos e biológicos. Do ponto de vista antropológico, a interdição da relação sexual entre parentes consanguíneos pode ser interpretada como um dos marcos no desenvolvimento de espécie humana, já que configura o estabelecimento de uma cultura à medida que há uma construção contínua na regulação entre os sexos. A proibição de contatos entre indivíduos do mesmo grupo familiar levou a humanidade a passar do estado natural para o cultural, uma vez que permitiu a ampliação da exogamia que conferia um intercâmbio maior entre grupos humanos distantes e, conseqüentemente uma gradual produção de regras para o exercício da sexualidade.<sup>395</sup>

Na tentativa de dirimir os tradicionais costumes endogâmicos as leis eclesiásticas exerceram papel fundamental na domesticação da sexualidade no ocidente cristão. A partir de uma legislação punitiva aplicada por autoridades e órgãos judiciais, o clero se esforçou em delimitar um único modelo de vida sexual tolerável. Na base desse discurso prescritivo estaria o casamento monogâmico, indissolúvel e alicerçado em uma forma de sexualidade direcionada estritamente à procriação. Para aqueles que ainda não ingressaram ou não podiam acessar o matrimônio, o discurso eclesiástico direcionava a castidade e a preservação da virgindade entre os solteiros como caminho mais próximo para alcançar a santidade do corpo. Não por acaso, a disseminação de histórias de trajetórias de vida de santos e santas foram amplamente divulgados e consumidos através da hagiografia para reforçar o discurso de que homens e mulheres poderiam alcançar a santidade se soubessem preservar também a pureza do corpo.<sup>396</sup>

Durante séculos, a legislação eclesiástica e secular lançou medidas para a restrição do incesto, classificando-o na categoria de crimes de perversões sexuais, todavia, não houve a eliminação do mesmo da prática social. No contexto brasileiro, o que se vê ao analisar o assunto consultando acervos históricos diversos – processos eclesiásticos e judiciários, tradição oral, periódicos e fontes literárias – é a insistência de casos de prática

---

<sup>394</sup> QUEIROZ, Eça de. *Os Maias*. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1888.

<sup>395</sup> FOX, Robin. As condições da evolução sexual. In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André. (Orgs.). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.9-24.

<sup>396</sup> FOUCAULT, Michel. O combate da castidade. In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André. (Orgs.). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.25-38.

de relações sexuais consanguíneas, ainda que houvesse proibições morais e legislações para restringir esses atos.<sup>397</sup> Apesar da gravidade do tema quando se incluem a presença de crianças e jovens, os casos persistem sobre a proteção do lar doméstico e longe dos olhos vigilantes das autoridades. Historicamente, esse quadro silencioso de práticas sexuais ilícitas ocorre na longa duração e infelizmente ocupam os noticiários da imprensa atual. Nesses episódios, a sociedade se depara com os crimes inenarráveis e é forçada a se deparar com a ideia de que a perversão não pertence apenas ao passado, mas integra o presente e revela essa parte obscura do homem.

No conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas, o incesto é representado a partir de relações sexuais entre irmãos. Apresentamos para análise dois contos escritos por Freitas que fazem emergir a presença dessas perversões: *As Taras*<sup>398</sup> e *Os Burgos*.<sup>399</sup> Ao explorar esse material literário, busquei refletir sobre a maneira como os desejos incestuosos foram abordados dentro da literatura e identifiquei o quanto o tema pode ser atravessado por valores sociais e culturais relacionados à formas de pensamento reproduzidas no períodos que se refere à virada do final século XIX para o início do século XX.

No que se refere ao conto *As Taras*, o tema da relação incestuosa é mencionado brevemente, mas de modo suficiente para refletir acerca da diversificação de tipos de relações conjugais existentes no interior das famílias brasileiras. A trama apresenta o reencontro entre dois amigos de infância: o rude comerciante Feitosa e o culto advogado Dr. Armênio. Durante uma viagem pelo sertão piauiense, ocorre o encontro casual entre os dois homens que no passado conviveram juntos em um internato em Teresina. No decorrer da conversa, Feitosa confessa ao amigo de longa data todos os dissabores que a vida o havia oferecido desde a última vez em que estiveram juntos. Antes de prosseguir

---

<sup>397</sup> CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda; GOMES, Álvaro Cardoso; GODOY, Marília Gomes Ghizzi. O incesto na Literatura e na História. *Revista Humanidades*, Fortaleza, v.31, n.1, jan./jun. 2016. p.252-272.

<sup>398</sup> Conto publicado pela primeira vez em folhetins na revista *Litericultura* da cidade de Teresina no mês de junho de 1921. Em 2009 foi relançado dentro da coletânea *Um segredo de família e outros contos* que reúne uma parte do conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas. Ver: FREITAS, Clodoaldo. *As Taras*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 103-125. Deste ponto em diante utilizaremos a sua publicação mais recente para fazer referência a esta obra no texto.

<sup>399</sup> Conto publicado pela primeira vez em folhetins na revista *Litericultura* da cidade de Teresina no decorrer de três edições da revista, entre janeiro e abril do ano de 1912. Em 2010 foi relançado dentro da coletânea *Os Burgos e outros contos* que reúne uma parte do conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas. Ver: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010. p. 119-156. Deste ponto em diante utilizaremos a sua publicação mais recente para fazer referência a esta obra no texto.

com a análise, cabe primeiramente esclarecer como Clodoaldo Freitas estabelece o lugar social de cada um dos protagonistas.

A narrativa de *As Taras* foi construída a partir das concepções do realismo enquanto gênero literário, uma vez que Freitas apresenta ao leitor a trajetória familiar de Feitosa como um estudo de caso. As posições ocupadas entre os personagens são logo deslindadas nas primeiras linhas com as suas respectivas descrições. O advogado Armênio era retratado desde a infância como bom e inteligente, sendo que o passar dos anos o tornaram um “[...] rapaz alvo, delicado, de pequeno bigode preto, maneiro e simpático. [...]”<sup>400</sup> Armênio representava a figura do bacharel-intelectual que reunia em si as características desejáveis para uma nova masculinidade: um homem civilizado que usa a razão e o conhecimento científico para se guiar na vida. Justamente a figura oposta apresentada por Feitosa, um simples sertanejo que atuava como um negociante ambulante. Na infância era um menino “[...] calado, grosseiro, estúpido e mau. [...]” e chegara à idade adulta como “[...] um homem muito barbado, alto, corpulento e de má dentadura. [...]”<sup>401</sup> Chama a atenção a maneira como o autor tenta construir um discurso maniqueísta sobre uma masculinidade ideal ao desenvolver a noção de que os valores culturais de uma sociedade urbana e capitalista ajudaram a produzir um novo homem, tomado pela racionalidade, que estava em vistas de substituir a figura masculina paralela a ele: o sertanejo, rude, preso às superstições e à uma cultura religiosa. Feitosa seria o fruto de um meio rural provinciano e atrasado enquanto Armênio representa o novo, o conhecimento que chegava ao sertão para afastar todas as ignorâncias que atrasavam aquela sociedade.

Uma vez os papéis devidamente apresentados – Dr. Armênio assume as vias de cientista e Feitosa, o estudo de caso – a narrativa é desenrolada com o negociante confessando ao seu velho amigo de infância todos as traições, assassinatos e crimes que atormentavam a sua consciência. Clodoaldo Freitas apresenta em sua narrativa que as origens para essa sequência de desventuras na vida de Armênio estavam associadas ao amor fatal entre ele e sua irmã Mimi. Ao retornar do colégio interno, Armênio acaba se apaixonando por Mimi, e esta por sua vez, corresponde aos sentimentos do irmão. A relação incestuosa é segredada da sociedade pela reclusão dos dois na propriedade rural

---

<sup>400</sup> FREITAS, Clodoaldo. *As Taras*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 103.

<sup>401</sup> FREITAS, Clodoaldo. *As Taras*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 103.

da família. Todavia, o relacionamento encontra seu desfecho fatal com a morte de Mimi em consequência de um aborto. Deste ponto em diante, as adversidades na vida de Armênio se tornam constantes: o infortúnio do incesto leva à morte a mãe de Armênio, impactada pelo destino trágico da filha; anos depois Armênio apaixona-se pela esposa do irmão, Paulina, e os dois amantes decidem matar Chiquinho envenenado para viverem juntos; após uma passagem de anos Armênio descobre a traição de Paulina, como vingança, assassina o seu amante e oferece veneno para Paulina, repetindo o mesmo ato que tinha feito com o próprio irmão anos antes.

No decorrer do conto, Armênio escuta atentamente as histórias desvirtuosas do amigo e investiga as origens das fatalidades de Feitosa, apontando elementos decisivos que explicam essa concentração de crimes. Dr. Armênio argumenta:

[...] Que sei eu desses temerosos problemas da vida? Fora dos limites da ciência nada podemos saber. O que o vulgo chama destino é o que herdamos dos nossos antepassados. Trazemos no nosso sangue todas as profecias de nosso destino através da existência. Nascemos com todos os estigmas do crime gravados dentro de nós. Nossos nervos possuem, em maior ou menor escala, a carga elétrica que domina todos os homens, faz de nós um sábio, um virtuoso, um escravo, um bandido, um herói, um louco. Nós não fazemos mais do que aproveitar e desenvolver essas tendências orgânicas. As causas misteriosas de tudo isto, o que herdamos, em uma insignificante vesícula, todas as taras dos nossos antepassados, ninguém sabe, porque ninguém sabe o porquê das coisas.<sup>402</sup>

A narrativa acima de Clodoaldo Freitas apresenta uma prática discursiva, na qual a ciência conseguia se afirmar com cada vez mais força. Especificamente nessa narrativa, há uma referência aos chamados ideais eugenistas que circulavam no país e estavam em consonância com o fascínio que os intelectuais e a sociedade nutriam pelas descobertas científicas da virada do século XIX para o início do século XX.<sup>403</sup> Essa era uma realidade no Brasil, mas também na Europa. A ciência passou a ser considerada como a mais elevada manifestação da inteligência humana cuja missão era esclarecer a origem dos

---

<sup>402</sup> FREITAS, Clodoaldo. As Taras. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 105.

<sup>403</sup> O século XIX é, de fato, um período especial para o mundo contemporâneo, no qual acontece a Segunda Fase da Revolução Industrial, o fortalecimento das ciências e, também, o lançamento da obra *A origem das espécies* (1859) de Charles Darwin, um marco para as gerações futuras e essencial para o desenvolvimento da Genética. Cf.: SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Fio Cruz, 2006.

problemas que dificultavam a vida social e prescrever os caminhos que a humanidade deveria seguir rumo ao desenvolvimento da civilização.

Nesse cenário, qualquer forma de conhecimento que almejava alcançar alguma reputação e objetividade ao seu discurso deveria apresentar-se como científica. É possível identificar a consolidação da ciência como um discurso quando se percebe que houve uma ampla disseminação da ciência em todas as camadas da sociedade. Através de uma vulgarização do conhecimento científico, a ciência tornou-se presente em conferências, artigos da imprensa, exposições e também no campo literário com a divulgação de romances científicos ou de ficção científica.

Uma das vertentes do discurso médico que obteve grande aceitação entre os intelectuais da época estava na disseminação de uma ciência eugênica que se preocupava em estabelecer quais seriam os fatores de risco que provocariam a degeneração da espécie humana. Na realidade, a abordagem desse tema da eugenia tinha um ponto de vista pedagógico dentro do romance-folhetim: demonstrar, a partir da ficção, como hábitos nocivos praticados no meio social e reproduzidos durante a infância poderiam ter importância capital no determinismo psíquico dos indivíduos. Nesse caso, as consequências seriam uma libido disfuncional e uma tendência irresistível ao crime.<sup>404</sup>

Freitas traz ao seu público leitor um protagonista cuja trajetória de vida está marcada por delitos que vão desde atos criminosos a práticas sexuais ilícitas. Durante a narrativa Feitosa revela tendências sexuais localizadas além da fronteira do normal, a exemplo da paixão incestuosa por Mimi, e insinua também a existência de um amor secreto ainda nos tempos de internato por outro aluno. Ao revelar que Bentinho teria sido a primeira paixão de Feitosa, Clodoaldo Freitas enfatiza que o protagonista possuía tendências para desejos insaciáveis e, conseqüentemente define as relações homoafetivas dentro dessa concepção de perversão sexual.

Ao final do conto, Clodoaldo Freitas formula uma ideia de que essas perversões do protagonista têm origens endógenas, são frutos de uma herança familiar que tornam o crime uma fatalidade por natureza. O caminho mais viável seria interromper a continuidade daquela linhagem para impedir que semelhante destino trágico voltasse a fazer mais vítimas para as gerações futuras. O personagem Dr. Armênio reforça o seu papel de intelectual que baseia suas ideias a partir da ciência e sintetiza o resultado de sua análise durante a etapa final do encontro com Feitosa:

---

<sup>404</sup> COSTA, Jurandir Freire. *História da Psiquiatria no Brasil*. São Paulo: Garamond, 2007.

[Dr. Armênio] – As fatalidades mais evidentes são as da raça, do meio e da educação. Não tiveste assassinos em tua família?

[Feitosa] – Tive diversos. Meu bisavô foi acusado de várias mortes; meu avô tornou-se célebre por um crime que cometeu; meu pai ainda andou pela cadeia por causa da morte de um escravo; dois tios meus, foram criminosos e assassinos.

[Dr. Armênio] – Eis a fatalidade que te impele. Tens as taras dessa geração de assassinos, e isso explica por que, desde pequeno, tinha instintos maus e belicosos.<sup>405</sup>

No desfecho da narrativa, a condição fatal de Feitosa é novamente apontada como algo imanente e irreversível. Em sua assertiva final, Armênio dá a voz à ciência ao receber do velho amigo um convite para o seu casamento. Imediatamente, Armênio lança o diagnóstico para o leitor do conto: “[...] – Coitado! E não cogita na prole criminosa que vai formar.”<sup>406</sup> A fala final revela um parecer baseado na ciência e Clodoaldo Freitas utiliza a narrativa ficcional para proliferar ideias que eram frutos de uma sociedade que demonstrava uma obstinação pelo conhecimento científico.

O conto *Os Burgos* pode ser apontado como mais um dos romances-folhetins de Clodoaldo Freitas onde o tema das perversões sexuais é mais uma vez apresentado. A narrativa, ambientada na cidade de São Luís (MA) na segunda metade do século XIX, apresenta a história de amor entre Burgos e Cristina, dois irmãos de uma rica família da capital maranhense. Após uma temporada estudando na Europa, Burgos retorna para sua casa e inicia uma relação amorosa com Cristina. Para evitar o escândalo, os irmãos gradativamente abandonam a movimentada vida social da residência da família com novenas, banquetes e bailes e isolam-se com seus escravos para evitar o falatório.

Clodoaldo Freitas descreve os irmãos como duas figuras encantadoras. Burgos era um homem de trinta anos, rico, celibatário, falava diferentes línguas, pintava e tocava piano. Enquanto Cristina “[...] teria vinte e cinco anos. Era alva, esbelta, alta; tinha os olhos grandes e negros, cabelos negros; boca pequena, dentes admiráveis. Era uma mulher bonita. Tinha muitos traços de semelhança com o irmão e a mesma bondade angélica no semblante.”<sup>407</sup> Eis aí uma diferença entre a trama apresentada anteriormente: o personagem Feitosa de *As Taras* trazia em si características físicas proporcionais a um

<sup>405</sup> FREITAS, Clodoaldo. *As Taras*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 113.

<sup>406</sup> FREITAS, Clodoaldo. *As Taras*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2009. p. 114.

<sup>407</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010. p. 121.

tipo social degenerado – feio, moreno e corpulento – enquanto o casal protagonista de *Os Burgos* apresentam feições delicadas, esteticamente desejáveis para os padrões sociais da época – jovens, brancos, cultos e ricos. Nesse último conto, o discurso científico não é aplicado para explicar a relação incestuosa. Em *Os Burgos*, Clodoaldo Freitas prefere tomar o caminho das explicações filosóficas e atribui o amor a razão principal para o enlace entre Burgos e Cristina. No decorrer de toda a narrativa as declarações amorosas são uma constante e apresentam para o leitor uma relação baseada em sentimentos sinceros. Ao relembra-rem juntos o início daquele romance, Cristina faz a seguinte observação:

[...] No dia que chegastes da Europa, depois de tamanha ausência, eu senti por ti um estranho afeto que nunca mais acabou, e ao contrário, foi sempre crescendo no dia-a-dia com a impetuosidade de uma enchente. Era o amor, Neném, o amor que devia dulcificar-me a vida inteira, absorver-me a alma, fazer-me a mais feliz das mulheres. Eras tão belo, tão amável, tão bom, que não pude conter-me dentro dos limites do amor fraterno. Amei-te com todas as paixões da minha carne, como a esposa ama o marido. Que me importava, na minha paixão carnal, o crime, a vergonha, a desonra?<sup>408</sup>

É importante compreender as entrelinhas apresentadas nessa história de amor. Se as razões científicas, as teorias eugenistas e a degeneração social não são levantadas como elementos que explicam as origens desse relacionamento, então a quais fatores se pode atribuir uma forma de perversão sexual ocorrida entre pessoas de uma elite social aparentemente instruídas? Primeiramente, é preciso considerar o mercado sentimental como um todo. No contexto do século XIX, a literatura apresentou um modelo ideal de união, no qual havia a prevalência do discurso do amor romântico para consolidar os vínculos matrimoniais. No advento dessa nova cultura, os interesses financeiros e familiares perderiam gradativamente a sua influência na escolha de possíveis pretendentes, cabendo a escolha pessoal como principal razão para contrair núpcias. O amor seria, de fato, elemento preponderante para a escolha de um parceiro, todavia, as razões práticas não eram totalmente descartadas. Ao lado do amor, a união ideal somente seria possível se fosse realizada entre iguais.<sup>409</sup>

<sup>408</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010. p. 121.

<sup>409</sup> MACFARLANE, Alan. Amor e capitalismo. In: MACFARLANE, Alan. *A cultura do capitalismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

Durante o decorrer da história da família no Brasil, eram frequentes as queixas entre as famílias abastadas em encontrar pretendentes disponíveis em similares condições financeiras e sociais para seus filhos solteiros.<sup>410</sup> O receio de dissipar o patrimônio familiar mobilizava os núcleos familiares a tomarem as devidas providências. Na Colônia, a saída mais viável para o problema era a realização de casamentos intrafamiliares: uniões entre primos de primeiro e segundo graus, entre tios e sobrinhos e demais indivíduos com parentesco eram quase uma regra. De fato, o incesto cometido no âmbito doméstico seria uma prática culturalmente aceita. Apesar das legislações vigentes tipificarem o incesto como delito grave, episódios de relações incestuosas se repetiam em diferentes grupos sociais.<sup>411</sup>

Outra consideração possível de ser feita para a compreensão do amor entre Burgos e Cristina está no fato de que, segundo o discurso psicanalítico, os desejos incestuosos são imanescentes ao indivíduo. Em *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*,<sup>412</sup> Sigmund Freud assevera que ainda na infância, o primeiro objeto de desejo de um menino é incestuoso, sua mãe ou sua irmã, todavia estes são objetos proibidos. À medida que o indivíduo alcança um estágio de desenvolvimento psíquico há uma libertação desse desejo e o sujeito encontra outros objetos de desejo fora do meio familiar.

Segundo o discurso psicanalítico, a sexualidade é um elemento integrante do indivíduo durante toda a sua vida, inclusive durante a sua infância. Em seus ensaios, Sigmund Freud elaborou a ideia de que existe uma forma de sexualidade infantil, só que a mesma não está exclusivamente relacionada aos órgãos genitais. Em seu processo de desenvolvimento psicosssexual, a criança atravessa estágios distintos: fase oral, fase anal e a fase fálica. A fase oral corresponde ao primeiro ano de vida, a pulsão sexual se satisfaz no próprio corpo: o contato prazeroso de sucção com a boca do bebê ao seio da mãe, gera uma dupla satisfação, biológica, sanando a fome, e erógena, com o movimento de sucção. A fase anal diz respeito à importância erógena atribuída ao ânus, em seu controle muscular para cumprir funções primárias na medida em que a criança começa a ter

---

<sup>410</sup> DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.

<sup>411</sup> CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda; GOMES, Álvaro Cardoso; GODOY, Marília Gomes Ghizzi. O incesto na Literatura e na História. *Revista Humanidades*, Fortaleza, v.31, n.1, jan./jun. 2016. p.252-272.

<sup>412</sup> FREUD, Sigmund. *Obra Completa*. Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade. Análise Fragmentária de uma Histeria (“O Caso Dora”) e Outros Textos. (1901-1905). São Paulo: Companhia das Letras, 2016. v. 6.

controle sobre os esfíncteres e aprende a lidar com as frustrações do desejo de fazer as suas necessidades de maneira imediata.

Na fase fálica, a libido tem seu foco nas regiões genitais, e na concepção de Freud, o pênis é colocado como órgão mais importante e desejado, tanto para os meninos, quanto para as meninas. Nessa fase também há a descoberta da diferença sexual entre homens e mulheres pela criança e há a realização da teoria edipiana, quando as crianças, naturalmente, em suas primeiras fantasias sexuais, fazem com que os pais ocupem o papel principal dessa fantasia. No complexo de Édipo<sup>413</sup> a tríade pai-mãe-filho é constituída por um desejo incestuoso inconsciente por parte da criança por um dos pais do sexo oposto. Esse desejo está vinculado ao desejo de morte do progenitor do mesmo sexo, que representaria o seu rival: para o menino, o pai se configura como interditor da realização desse desejo, enquanto a menina vê no pai aquele que pode satisfazer os seus desejos. Para resolver esse conflito, a renúncia é adotada como saída: o menino renuncia à mãe como seu objeto de desejo para evitar o castigo e a castração; por sua vez, a menina renuncia ao pai de forma gradativa, ao adquirir um sentimento de inferioridade em relação ao pai, que tem um pênis e não pode lhe dar um filho. A menina vivencia uma série de frustrações até perder o interesse. Ao renunciar a satisfação dos seus desejos incestuosos, ocorre na criança o desenvolvimento do superego – aquele que inibi os impulsos do Id com sua natureza sexual e agressiva.

Somente após superar essa fase, o indivíduo ingressa no estágio de latência, que coincide com o início da puberdade. Na latência, ocorre a sublimação das pulsões sexuais em atividades intelectuais e também em relacionamentos interpessoais, fora da estrutura familiar de origem. À medida que o indivíduo vai se desenvolvendo, ocorre a renúncia aos seus primeiros objetos de desejo, possibilitando que ele consiga criar vínculos afetivos com pessoas de fora do seio familiar.

O complexo de Édipo ajuda a entender a própria constituição do incesto enquanto tabu. Antropologicamente, as comunidades primitivas estabeleceram regras de convívio social para que a convivência em sociedade seja possível. As origens da interdição do incesto possuem raízes nesses primeiros clãs familiares humanos, assunto abordado em *Totem e tabu* (1912-1913).<sup>414</sup> Nesse estudo, Sigmund Freud explora o método analítico para compreender as origens das mais importantes instituições humanas: organização

---

<sup>413</sup> Na tragédia grega de Sófocles (496-406 a.C), Édipo, o rei de Tebas, matou o seu pai e desposou a mãe.

<sup>414</sup> FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu e outros trabalhos*. [s.n: s.d], 1913. v.13.

política, moral, religião, e, especificamente, a interdição do incesto. Preocupados com a disputa de poder entre os seus componentes, instituem-se regras para impedir a aproximação sexual entre familiares e, por consequência, evitar contendas que culminariam com a morte de um dos membros do clã. Para Freud, o convívio social só foi possível pelas limitações impostas à satisfação dos instintos sexuais primitivos dos indivíduos.

Historicizar esse processo de domesticação da sexualidade a partir de fatores sociais e psíquicos ajuda a entender a rejeição às relações incestuosas, comumente tratadas no aparelho jurídico como delitos graves e no discurso médico como patologias que remetem à noção de perversão sexual. A análise realizada sobre a sexualidade informa que o discurso psicanalítico colide com essas propostas anteriores e apresenta as relações incestuosas como constituintes do próprio desenvolvimento psíquico do indivíduo. Quando essas chamadas perversões se apresentam na vida adulta estão relacionadas a noção de que a sexualidade nesses indivíduos (histéricas, neuróticos e incestuosos) permanece em um estado infantil.<sup>415</sup>

Ao retomar a análise da narrativa ficcional de Clodoaldo Freitas, compreende-se mais claramente que na ausência de barreiras psíquicas e impedimentos sociais, o relacionamento de Burgos e Cristina se originou e manteve-se firme por anos. Todavia, é necessário lembrar que o conto *Os Burgos* é uma obra ficcional produzida em um campo literário que preconizava essa forma de narrativa ficcional a um discurso pedagógico, em um compromisso imanente com os valores morais. Ainda que os sentimentos entre os irmãos fossem os mais sinceros e intensos, havia um público leitor que esperava receber a correção moral. Nesse caso, quaisquer relações amorosas realizadas fora do matrimônio recebiam uma punição moral dentro do romance. Portanto, a narrativa de *Os Burgos* segue em um alinhamento prescritivo para padronizar as relações sexuais.

O caso amoroso entre Burgos e Cristina desenrolou-se por anos, secretamente, até que a descoberta de uma gravidez faz o casal repensar a maneira como ocultavam aquela união. As expectativas da chegada de um filho reafirmaram os ânimos entre os irmãos em prosseguir com o relacionamento. Emocionados, Burgos e Cristina trocam juras de amor diante daquela gestação:

---

<sup>415</sup> JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da Psicanálise de Freud à Lacan*. As bases conceituais. 6 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. v.1.

[Burgos]: [...] – A responsabilidade de tudo, bem sei, cairá sobre mim. Mas te amo tanto, que receberia com prazer um filho teu, um laço a mais de nossa união e um hino a mais para nossa felicidade. Temes o mundo. É que teu amor é menor que o clamor do mundo. O meu é muito maior e, tão grande, que não o sente, não o ouve, não o teme. Deixe o mundo falar no seu preconceito. Abraão, que é um santo, foi casado com Sara sua irmã. A história nos menciona centenas de fatos de homens ilustres, amantes das irmãs. Porque eu havia de acovarda-me diante de um preconceito social, que já foi legal e há de ser ainda, mais cedo ou mais tarde? O que me preocupa é o teu medo. Temo por ti.

[Cristina]: – Tens gosto de criar o nosso filho? Pois criemo-lo. Não tratarei mais de abortivos. Será o que Deus quiser. Tu não te importas com o mundo? Nem eu: vamos enfrenta-lo impavidamente, sem corar. Amamo-nos. O amor santifica tudo, porque o amor é uma santificação.

O Burgos recitou:

*Da razão é lei sublime  
O que manda a natureza  
Não se pode chamar crime  
O céu mesmo é quem imprime  
Em nosso peito esse almo ardor  
Longe o fanático horror  
Que a tantos povos ilude  
Não é crime, antes virtude  
O crime que causa amor<sup>416</sup>*

As expectativas daquele amor foram frustradas. Secretamente e auxiliada por uma escrava Cristina deu à luz uma criança que morreu logo após o nascimento. Nos anos seguintes, a irmã teve mais quatro gestações e todas tiveram o mesmo triste fim. As crianças eram todas enterradas no jardim e apenas os escravos da casa tomavam conhecimento do que realmente se passava naquela, agora triste, residência. Os anos de segredo chegaram ao fim no último parto de Cristina, na ocasião ela ficou gravemente doente e precisou receber cuidados médicos. Desde então, em São Luís os cochichos se tornaram ruidosos e o escândalo virou um inquérito policial: Cristina e Burgos foram acusados de infanticídio para ocultar o seu relacionamento incestuoso. Diante das provas coletadas no jardim e dos testemunhos dos vizinhos, a investigação avançou bastante. Ao ser comunicada de sua prisão pelo chefe de polícia, Cristina se envenena com arsênico para evitar um possível julgamento.

No trecho final apresentado a seguir, Burgos vela o cadáver da amante.

---

<sup>416</sup> FREITAS, Clodoaldo. Os Burgos. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010. p. 135-136.

O Burgos ordenou que todos saíssem, trancou-se por dentro, só com o cadáver da irmã, mudou-lhe a roupa, vestiu-lhe um vestido preto, deitou-o na cama e deitou-se ao lado dele. – Não era para isto que tu querias que eu vivesse, Cristina? – disse ele beijando-a na testa. – Viverei para chamar-te durante o resto da minha vida, a disputar contra a morte a tua memória.

Levou a noite toda sem pregar os olhos a soliloquiar frases amorosas ao cadáver e a beijá-lo. – Tu morreste, criatura adorada, para o mundo e fizeste bem em morrer, porque das misérias e injustiças dele nada mais sofrerás. Para ti encerrou-se o livro do destino e abriu-se para mim a primeira folha dele. Não cogito do modo porque ele será cheio. Pouco importo-me saber disto. O que sei é que serás chorada durante toda a minha vida. Não era isto que tu desejavas?<sup>417</sup>

Ainda que abordasse o tema de uma perversão com a narrativa da relação incestuosa, Clodoaldo Freitas oferece ao leitor de *Os Burgos* um folhetim alinhado com a valorização e a manutenção de valores morais. Destarte, a vivência de uma sexualidade fora do matrimônio teria sempre a punição como destino e, para as mulheres o peso desse castigo era geralmente maior: a morte.

A escrita prescritiva se faz presente no conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas para apresentar aos leitores quais as relações amorosas eram legitimadas socialmente e quais eram as posturas desejadas, para homens e para mulheres dentro de um relacionamento. No conto *A Besta Humana*<sup>418</sup> Freitas constrói uma narrativa em torno da paixão desmedida de Bernardino por Etelvina. A trama, cujo cenário tem a cidade de Parnaíba (PI), apresenta a história de uma professora contratada para educar os filhos de Bernardino: um comerciante, cristão e frequentador de missas. Passado algum tempo, o homem se encanta pela professora e propõe um relacionamento entre os dois. Como convém a um bom romance de folhetim, o drama inicia a partir do momento em que há uma rejeição. Etelvina prefere respeitar seus preceitos morais e rejeita de todas as maneiras as investidas do patrão.

Um aspecto nesse enredo que merece atenção é o lugar que o desejo sexual ocupa. Bernardino apresenta uma obsessão pela posse da professora. Apesar das imposições morais e das sucessivas rejeições, a manifestação do desejo sexual não arrefece. A narrativa literária evidencia que em determinados momentos da vida as pulsões podem

---

<sup>417</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Os Burgos e outros contos*. Imperatriz: Ética, 2010. p.154-155.

<sup>418</sup> FREITAS, Clodoaldo. *A Besta Humana*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2009. p. 45-55.

ser irresistíveis e fatalmente haverá uma recusa do indivíduo em seguir os padrões sociais. Independentemente da sua formação moral, o sujeito pode se permitir conduzir pelas paixões e criará maneiras de vivenciar a satisfação desse prazer.

Bernardino não se cala diante dos apelos do seu desejo sexual e deixa de lado as convenções sociais para sanar aquela paixão irresistível. O ápice da narrativa é a revelação de que aquele desejo se configura como uma perversão sexual a partir do momento em que o personagem declara que mesmo se Etelvina se transformasse em cadáver, ela permaneceria como o seu objeto de desejo.

A paixão sexual é retratada como algo incontrolável e Bernardino assume o papel de um sujeito perverso. Impaciente, Bernardino faz a ameaça final:

[...] Hoje, amanhã e depois de amanhã à noite, irei procurar a resposta em teu quarto ou onde quer que estiveres e se teus lábios proferirem uma palavra de recusa, a um não que pronunciare, mesmo chorando de joelhos a meus pés, eu te matarei e em teu cadáver ainda quente, lavado em sangue, no teu corpo estrebuchando nas convulsões da morte, eu te gozarei, te beijarei e serei teu amante, embora uma única vez, em um único minuto. Agora, fica em paz e nada tenho que dizer.<sup>419</sup>

Na concepção psicanalista, a necrofilia é apresentada como comportamento desviante, à medida que essa prática sexual não possui o objetivo genital, ou seja, o intuito da reprodução.<sup>420</sup> A perversão é designada nos termos psicanalíticos como um conjunto de comportamento psicosssexual no qual o orgasmo é obtido a partir de objetos sexuais que fogem à “normalidade”<sup>421</sup> social – homossexualidade, pedofilia, zoofilia, necrofilia. Nesse caso, o corpo inerte se constitui como objeto de desejo do indivíduo, fato que ajuda a explicar o clímax de *A Besta Humana*: a consumação do desejo do protagonista através de um cadáver.

Etelvina repele de todas as maneiras os avanços do seu patrão e se dispõe a perder a própria vida para resguardar a sua moral. A professora não cede às ameaças e Bernardino cumpre a promessa fatal ao matar Etelvina a tiros com um rifle. Em uma

---

<sup>419</sup> FREITAS, Clodoaldo. *A Besta Humana*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2009. p.49.

<sup>420</sup> LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertand Lefebvre. *Vocabulário da Psicanálise*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

<sup>421</sup> O que confere a genitalidade o seu papel normativo? O estudo sistemático das perversões desenvolvido por Freud inovou ao sugerir um rompimento com a ideia tradicional de constituir normalidade a todo ato sexual relacionado às funções genitais propriamente ditas. As ditas perversões sexuais, a exemplo da homossexualidade, seriam deslocadas de uma categoria patológica para uma constituição normal da sexualidade. Cf.: LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertand Lefebvre. *Vocabulário da Psicanálise*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

sequência de cenas violentas, Clodoaldo Freitas narra o desfecho final daquele desejo subversivo com a violação do cadáver de Etelvina.

O Bernardino apagou a lâmpada que iluminava o quarto fúnebre e abraçou-se com o cadáver. Ouviam-se perfeitamente os seus beijos e as palavras ternas murmuradas nos seus loucos afagos. Aquela paixão intensa e desordenada, que fora até o homicídio, se saciava estupidamente num cadáver ainda quente. A polícia, afinal, avisada apareceu e separou o monstro da sua vítima mutilada, com o corpo coberto de equimoses e apresentando nas roupas e nas carnes dilaceradas sinais evidentes do ultraje supremo[...] <sup>422</sup>

A narrativa de *A Besta Humana* finaliza com uma descrição dos ritos fúnebres e da comoção social provocada na cidade de Parnaíba pela morte de Etelvina. Mais uma vez, o autor sugere a ideia de que o desejo sexual somente poderia ser atendido dentro do casamento, fora disso, as relações amorosas são classificadas como anormais. Este conto de Clodoaldo Freitas pode ser classificado dentro do que se pode denominar como romance prescritivo. Ainda que usando uma narrativa trágica, o intuito do autor também é ensinar. Apontar para o público leitor feminino que mesmo em situações delicadas, a escolha pela preservação da honra seria o melhor caminho e Etelvina é a donzela que representa o respeito pela honra. A definição de moral apresentada na literatura de Clodoaldo Freitas é direcionada para ambos os sexos. Para as mulheres, especialmente as jovens em idade de se casar, a narrativa funciona como um ensinamento para o que não deve ser feito em um relacionamento.

O ofício do historiador cumpre a missão de fazer perguntas. Questionamentos que nem sempre receberão de volta uma resposta a contento, destarte uma vez lançados, os questionamentos do historiador atuam como instrumentos para construir uma narrativa histórica.<sup>423</sup> Ao explorar parte do universo ficcional de Clodoaldo Freitas, levei comigo demandas acerca da experiência desse universo dos romances-folhetins em páginas de jornais piauienses e maranhenses, ao tempo que descortinava aspectos peculiares de uma narrativa ficcional voltada para um público específico: leitores ávidos por romances e um grupo específico de intelectuais comprometidos em desenvolver a sua própria tradição literária.

---

<sup>422</sup> FREITAS, Clodoaldo. *A Besta Humana*. In: FREITAS, Clodoaldo. *Um segredo de família e outros contos*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz: Ética, 2009. p. 55.

<sup>423</sup> BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Os contos *A Besta Humana*, *As Taras* e *Os Burgos* e os romances *Memórias de um Velho* e *Coisas da Vida* são romances-folhetins que guardam em comum o interesse do autor pelo prazer. No decorrer dessa análise, foi possível identificar quando uma narrativa ficcional, vinculada em valores da cultura burguesa, mergulha sobre temas como o amor, o desejo e o sexo, assumindo um papel dogmático. Ao compor narrativas que se organizam em torno de uma tentativa de prescrever quais condutas seriam adequadas, quais relações seriam moralizadas e quais formas de amar eram normalizadas, Clodoaldo Freitas constrói um sentido pedagógico e normativo para sua narrativa.

Nas três narrativas apresentadas, o romance-folhetim conduz a ideia de que as paixões impulsivas poderiam ter duplo efeito: serem simultaneamente irresistíveis e perniciosas; encantadoras, mas também patológicas. O encontro entre história e literatura permite o historiador acessar formas de entender a sexualidade de uma sociedade. Ainda que esta se designe como recatada e moralizada, as narrativas ficcionais funcionam como um caminho possível para entender como o desejo sexual era afetado de discursos normativos. Ao explorar o tema do desejo, por exemplo, o autor suscita um real, que deve ser disciplinado a partir dos valores sociais e culturais que ele considera apropriado, ou que pelo menos seja prescrito enquanto um vir a ser, uma vez que, “a narrativa que fala em nome do real é imperativa; ela ‘faz conhecer’, à maneira como se dá uma ordem.”<sup>424</sup>

---

<sup>424</sup> CERTEAU, Michel de. *História e Psicanálise: entre ciência e ficção*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta principal desta tese se concentrou em compreender a produção ficcional do literato piauiense Clodoaldo Freitas. A análise contemplou a constituição de uma rede de sociabilidades entre os intelectuais e as nuances possíveis de uma escrita prescritiva apresentadas por Freitas em sua narrativa literária. Desenvolvida ao longo de três capítulos, este estudo observou o universo literário brasileiro existente entre o final do século XIX e o início do século XX. Para contemplar tal proposta, foi necessário efetuar um recorte acerca de qual tipo de produção literária seria considerada. Nesse caso, optei por me dedicar ao então prestigiado romance-folhetim. Reproduzidos geralmente ao pé da página dos jornais, essa literatura emergiu nos jornais franceses na década de 1830 e alcançou grande reconhecimento no restante da Europa. Os jornais da época, maciçamente composto de matérias de cunho político, precisavam criar outros atrativos a fim de vender mais exemplares e conquistar mais assinaturas para manter o funcionamento de suas atividades com regularidade. Para resolver tal questão e atrair o interesse de um público leitor maior, novas seções foram adicionadas, trazendo blocos de variedades, crônicas da vida cotidiana e também o romance de folhetim. Os jornais logo descobriram na literatura uma possibilidade real de garantir não apenas novos leitores, mas um público consumidor permanente, ávido por essas tramas rocambolescas. A fórmula desse sucesso literário repousava justamente no estilo apresentado dos folhetins: melodramas carregados de situações mirabolantes e geralmente caracterizados pela presença de personagens típicos (um herói que busca a justiça e que na maioria das vezes está em conflito com um vilão que inspirava medo e revolta nos leitores).

Não por acaso, os moldes desse romance de folhetim se perpetuam em pleno século XXI. Todavia, devidamente adaptados às demandas do leitor contemporâneo e empregando outras formas de consumo a exemplo das telenovelas, seriados e, claro, dos rentáveis *best-sellers* de romances históricos que dominam as prateleiras das livrarias. O fato é que essa estrutura literária que reúne romance, leves cenas de erotismo e enredos instigantes que literalmente prendem a atenção do leitor possuem uma longa história e voltar ao passado para compreender esse universo da escrita literária abre possibilidades para interpretar a perenidade desse gosto por romances que reproduzem cenas da cultura burguesa.

Ao aprofundar análise acerca dessas narrativas ficcionais considerei aspectos que são fruto das reflexões produzidas pela relação estabelecida entre História e Literatura. Deste modo, no capítulo inicial dessa tese realizei uma abordagem sobre uma dimensão teórica e metodológica que envolve a relação complexa entre autor e sociedade. O destaque sobre a relação entre escritor e o seu campo literário predominaram em grande medida, pois ao investir sobre a compreensão da relação que o autor constrói com o meio intelectual, do qual tenta fazer parte, obteve-se um entendimento das complexas redes de poder que integram esse universo das letras. Para se lançar no ofício da escrita, não bastava demonstrar experiência sobre estilos de literatura e domínio no ofício das letras, era necessário também assumir um lugar social específico, legitimado pelas relações pessoais e sacralizado por determinadas instituições culturais.

O autor, a escrita e a sociedade formam um elo cuja composição não pode ser interpretada isoladamente. Uma obra literária está irreversivelmente conectada ao seu autor, porque nela estão reunidas as concepções filosóficas, políticas e ideológicas de seu produtor. Dessa maneira é improvável interpretar uma obra a contento sem observar o contexto literário do qual ela faz parte: a escrita não é produzida isoladamente, ela integra um campo literário que se soma a outras obras contemporâneas àquele momento analisado. Destarte, estudar a produção folhetinesca de Clodoaldo Freitas constituiu-se como um exercício interpretativo não apenas de sua ficção, mas também um entendimento do campo literário no qual o autor piauiense integrou.

O intelectual ocupou um significativo espaço em um país que tinha pouca ou nenhuma tradição no mundo das letras. Com o fim de apresentar os aspectos constitutivos dessa figura social analisei a atuação dos intelectuais dentro de uma rede de relações que oportunizavam tanto o seu reconhecimento literário como também os meios de trabalho em uma sociedade, na qual as ligações política poderiam garantir, ou não, formas de ocupação e até mesmo de sobrevivência destes intelectuais. Em um primeiro momento desta tese, analisei a trajetória de Clodoaldo Freitas enquanto intelectual e inserido em um campo literário que movimentou a produção cultural piauiense, especialmente nas primeiras décadas do século XX.

Clodoaldo Freitas alcançou essa posição de intelectual devido às suas condições familiares e as boas relações que possuía. Freitas não era um homem rico, mas, possuía uma rede familiar composta de parentes que financiaram toda a sua vida educacional. Graças a esse apoio, ele conseguiu frequentar não apenas aulas de primeiras letras ministradas por mestre-escola, mas também conseguiu dar continuidade com os estudos

até se formar como bacharel pela Faculdade de Direito de Recife. Reafirmo o caráter excepcional dessa trajetória de Freitas no mundo das letras. Em que pese todas as dificuldades – próprias no interior de uma província em meados do século XIX – de acessar uma educação escolar funcionando ainda que minimamente e com regularidade, a incipiente cultura de manter os filhos na escola e, por consequência, as barreiras financeiras próprias do acesso à instrução de nível superior, Clodoaldo Freitas conseguiu acessar um lugar social que poucos conseguiam.

Todas essas adversidades da instrução, seja ela pública ou particular, corroboram para a formação e manutenção de uma elite intelectual. Durante a virada do final do século XIX para o início do século XX tornou-se prática cada vez mais comum entre as famílias piauienses de médio e alto poder aquisitivo o investimento na escolarização dos filhos. Estes, por sua vez, eram acompanhados desde cedo por professores particulares que ministravam as primeiras letras – quando não havia ainda escolas que suprissem a demanda de alunos – até serem enviados para concluir os estudos fora do estado, formando-se em cidades maiores como Rio de Janeiro, Recife e Salvador. No entanto, a ampliação da escolarização até o ensino superior era uma prática reservada principalmente para os homens da família.

Essa distinção entre a definição de educação para homens e para mulheres era originada logo na infância. Os filhos de famílias abastadas, em geral, passavam mais tempo na escola do que as filhas de igual posição social. A razão dos anos a mais dedicados aos estudos estava baseada na ideia de que estes seguiriam para o ensino superior, enquanto para as meninas essa perspectiva dificilmente seria alcançada. Destarte, é possível compreender que as alteridades na educação dos gêneros podem ser observadas logo nos anos iniciais escolares. A divisão dos alunos por sexo (ensinavam noções de geometria aos garotos e lições de costura e bordado para as garotas) incutia nas crianças a ideia de que o aprendizado escolar seria aplicado em suas vidas futuras: aos meninos o ensino superior e trabalho; às meninas, o lar e as prendas domésticas. Não obstante, os papéis familiares destinados para homens e mulheres estariam devidamente traçados desde a mais tenra idade para ambos os sexos.

Acrescente-se que a organização dessa formação escolar não existiu de forma rígida. Pelo contrário, algumas famílias não enviavam seus filhos ao ensino superior não somente por dificuldades financeiras, mas também por razões de outra ordem. A busca pela formação intelectual e cultural do indivíduo era um fenômeno relativamente recente. Considerável número de famílias empenhava-se em educar os filhos apenas com a

educação de primeiras letras e a instruí-los com o ofício que muitas vezes era ensinado por algum parente – pai ou o tio – dando continuidade a possíveis tradições familiares como o de alfaiate, comerciante ou até mesmo na administração de fazendas, quando a família vivia em meio rural.

Destarte, uma elite intelectual tomava forma primeiramente, a partir daqueles que acessavam algum tipo de educação formal. Professores, bacharéis, escritores, jornalistas e funcionários públicos podem ser relacionados como membros de um grupo seletivo de sujeitos que consumiam, produziam e estabeleciam algum tipo de atividade com o campo literário do qual faziam parte. Ao definir a figura do intelectual que foi encontrada neste estudo superei uma ideia fechada apenas no sentido de quem possuía o domínio do saber. Na realidade, a concepção de intelectual passa por um exame dos campos literário, cultural e político, uma vez que, ele está sempre atuando, mobilizando capitais simbólicos, articulando relações de poder e disputando espaço em lutas internas dentro do próprio campo literário. Acrescente-se que dentro de um campo literário existe um grupo de produtores literários – escritores, críticos, literatos e um conjunto de receptores, que constituem os diferentes tipos de público leitor.

Nesse meio social em que a elite intelectual atuava é possível falar ainda das relações constituídas entre os seus membros. Falando especificamente das redes sociais as quais Clodoaldo Freitas adentrou, a produção literária detinha uma importância significativa. O retorno dos estudantes, agora como bachareis, dos grandes centros urbanos para as suas cidades de origem mobilizou a cena literária até então. A capital piauiense, gradualmente se descolava de um aspecto provinciano e criava oportunidades para solidificar as bases de uma cultura letrada. Fatos como o notável crescimento da comunidade de leitores, além da ampliação das tipografias e multiplicação de títulos de jornais e revistas que passaram a circular podem ser apontados como indícios consistentes de uma mudança nesse ambiente literário.

Os intelectuais que atuavam no início do século XX consideravam a produção literária piauiense ainda incipiente e sentiam-se instigados a incrementar esse cenário literário. Movidos pela vontade de produzir uma literatura que pudesse ser também reconhecida a nível nacional e alimentando a ambição de terem seus respectivos nomes laureados e eternizados no universo literário, diferentes intelectuais atuaram em movimentos e agremiações literárias que animavam a vida no cenário cultural piauiense com a realização de reuniões, saraus, palestra e formação de clubes e agremiações estudantis. Gradualmente, ocorreu o que pode ser chamado de uma formação de uma

tradição literária, com a produção e publicação de romances, contos, novelas, poesias, crônicas, traduções e críticas literárias em meios comuns para aquele período: dentro de veículos da imprensa noticiosos e artísticos e, quando possível em brochuras, folhetos e livros confeccionados nas tipografias locais ou encomendadas em cidades maiores.

Ao analisar esse cenário que reunia essa elite intelectual piauiense identifiquei a manifestação de uma tradição literária resultante das atividades dos escritores, ao tempo que, se integravam em um mesmo sistema literário. Esse sistema demandava espaços específicos para expandir a influência cultural que aqueles intelectuais teriam em relação à sociedade e para reproduzir a noção do quanto o conjunto literário piauiense seria um bem coletivo a ser gozado e respeitado por todos. Surge então a necessidade de tentar repetir experiências de sucesso em outras partes do país com a criação de uma academia de letras. A fundação de instituições culturais como essa possuía a finalidade de preservar a memória daquela tradição literária. Simultaneamente, isso reforçou o lugar que os membros daquela instituição possuíam naquele momento presente. A Academia Piauiense de Letras nasce em 1917 como instituição que preservaria essa memória, e, os seus fundadores – Clodoaldo Freitas, João Pinheiro, Felton Ferreira Castelo Branco, Jonatas Batista, Edison Cunha, Benedito Aurélio de Freitas, Higino Cunha, Antônio Chaves, Lucídio Freitas e Celso Pinheiro – instituíam aqueles que deveriam ser lembrados. Deste modo, a fabricação da APL funcionava como mais uma instância de consagração do trabalho intelectual.

No capítulo posterior, apresentei o ambiente no qual a produção ficcional de Clodoaldo Freitas se notabilizou: a imprensa. Ao compreender a história da imprensa piauiense pude localizar a sua trajetória e estabelecer diferenças e semelhanças que essa produção jornalística possuía com o que era apresentado no restante do país. Nesse caso, identifiquei que havia similar sistemática em relação à preferência por publicações de reproduções de obras e autores estrangeiros em jornais piauienses. Com a conseqüente ampliação da imprensa – fundação de novos jornais, revistas e aumento do número de tiragens – ocorreu ainda no final do século XIX a exploração do folhetim por autores piauienses. Ainda que o foco deste estudo seja a face ficcional de Clodoaldo Freitas seria improvável ignorar as outras vias que este literato tomou. Freitas também investiu sua escrita na política, na religião, no cotidiano, no direito e também na história. Lembro que a figura do intelectual na época remetia a um indivíduo que dominava todas as áreas da cultura, das ciências e das artes. Freitas enquadrava-se exatamente nesse sentido tão amplo que era o homem de letras.

Tomei os romances-folhetins como documento sobre o imaginário de uma época com o potencial de revelar os ideais de gênero nos quais Clodoaldo Freitas se baseou, para conceber os valores morais e sociais sobre uma feminilidade correspondente ao final do século XIX e início do século XX. Do ponto de vista metodológico, os romances alinham-se, como fontes, e oferecem uma rara oportunidade de ter contato com grupos sociais que desapareceram no passado. Como documentos históricos que na verdade são, os romances permitem que se interprete a complexidade das relações sexuais do passado e oportunizam reflexões acerca dos modelos de relações sexuais.

Ao fabricar suas narrativas literárias Clodoaldo Freitas delineia modelos específicos que são atribuídos a cada gênero. Nesse momento, a categoria gênero teve suma importância no decorrer da análise, à medida que ela permite uma desnaturalização dos comportamentos e dos sentidos em relação ao sexo masculino e feminino. Historicamente, determinadas construções sociais agiram para moldar os papéis sociais e os espaços sociais permitidos para atuação de homens e mulheres reforçando uma divisão binária entre os sexos no meio social. Destarte, a categoria gênero foi usada neste estudo para estabelecer que especialmente as formas de feminidade pensadas por Freitas não devem ser interpretadas como produtos de uma possível natureza feminina – inerentes e imutáveis a ela –, mas como representações formuladas a partir de construções socioculturais.

Ao analisar os contos *A Predestinação*, *A Besta Humana*, *A Beata* e o romance *Memórias de um Velho* percebi que Clodoaldo Freitas reproduz de maneira diferente seus personagens femininos em relação aos seus personagens masculinos. O autor compôs figuras femininas com características específicas, sendo que a própria natureza feminina implicaria em lhe transformar em um ser suscetível, facilmente influenciada pelas emoções, enquanto as construções dos perfis masculinos são marcadas pelo protagonismo das narrativas e a inteligência dos seus personagens homens. Para se ter uma noção mais exata, o profissional mais frequentemente citado em suas narrativas ficcionais era sempre o bacharel em Direito, dotado de inteligência, quase sempre apontado como o personagem que vai estabelecer a justiça, a verdade e a ordem que a trama demandava.

Semelhante interpretação não era realizada entre as personagens femininas. Em geral, não são cultas, pelo contrário, são ingênuas e tão influenciáveis que cometem erros capazes de colocar em risco a sua própria honra. Curiosamente, a trajetória pessoal de Clodoaldo Freitas estava repleta de mulheres que possuíam alguma relação com atividades intelectuais. Mãe, avó e tias maternas atuavam como professoras. Freitas

creceu ao lado delas, mas optou por reproduzir parcamente essa imagem feminina associada à docência. A ausência da figura da mulher professora ou mulher estudante chamam a atenção na narrativa ficcional de Clodoaldo Freitas e a sua experiência familiar aparentemente não afetou a maneira como ele construiu um cenário de vida social e familiar em sua ficção. O autor externa uma visão de mundo no qual estudantes, professores, poetas, bacharéis, funcionários públicos e literatos atuam em um espaço intelectual pretensamente e exclusivamente masculino.

Clodoaldo Freitas elegeu as beatas como figuras femininas frequentes em seus enredos. As razões para tal escolha dizem respeito ao contexto social analisado. No final do século XIX observou-se no cenário literário brasileiro uma quantidade significativa de publicações de cunho antirreligioso. Clodoaldo Freitas ingressou nesse tipo de produção literária e estabeleceu interlocuções com uma literatura nacional na qual o romance-folhetim foi utilizado como uma ferramenta em uma disputa político e religiosa entre grupos anticlericais e grupos católicos. Em *Memórias de um velho* e no conto *A Beata* foi possível observar a maneira como o literato teceu críticas severas em relação às mulheres religiosas que seriam vítimas fatais do fanatismo religioso.

Em linhas gerais, a fonte literária pode ser usada para compreender a ordem familiar e conjugal em seus diversos aspectos sociais ou culturais, dominados por uma ordem repressiva, conduzida por uma formação cristã e por uma moral burguesa. Na literatura de Clodoaldo Freitas os discursos ficcionais referentes ao feminino corresponderam a um momento de transição da definição do que seria e do que se desejava de uma mulher. Apesar das possibilidades trazidas pelo advento da cultura burguesa e pelo progresso da instrução pública a narrativa ficcional ainda privilegiava a figura feminina ocupando os papéis de esposa e de mãe.

No último capítulo busquei na psicanálise elementos para realizar o meu ofício como historiadora ao estabelecer uma interlocução entre História e Literatura. A ideia principal era compreender as dimensões da vida afetiva e sexual da sociedade brasileira entre o final do século XIX e o início do século XX a partir dos romances-folhetins. O resultado desta análise mostrou que essa proposta interdisciplinar com História, Literatura e Psicanálise permitiu vislumbrar um caminho possível para capturar a especificidade do discurso literário e estabelecer ligações com o mundo real entendendo a produção literária como uma forma de apreensão da subjetividade do conhecimento e até mesmo capaz de tentar identificar um prazer inconsciente. Além disso, a análise demonstrou diferentes possibilidades, a partir de uma perspectiva psicanalítica, de compreender os sentimentos,

as formas de prazer – educadas ou aquelas designadas como perversões – e quaisquer aspectos que mobilizem o autor a abordar determinados temas os quais possivelmente podem estar recalcados em seu inconsciente.

Nesse momento final, o encontro entre História, Literatura e Psicanálise permitiu explorar uma análise sobre a narrativa ficcional que contempla a possibilidade de o autor/narrador resgatar os seus próprios desejos internos. Destarte, os contos *A Besta Humana*, *As Taras* e *Os Burgos* e os romances *Memórias de um Velho* e *Coisas da Vida* foram escolhidos para a análise por possuírem conteúdos narrativos em comum: as descrições de relações amorosas que movimentam as tramas e narrativas ficcionais que aludem a possíveis desejos internos do próprio Clodoaldo Freitas e que, conseqüentemente, são compartilhados com os seus leitores.

A cultura literária dos oitocentos, na qual Clodoaldo Freitas está situado, constituiu a sua forma narrativa a partir de uma perspectiva de que a escrita poderia não apenas ter uma função escapista e de ofertar prazer ao seu leitor, como também, a escrita poderia se configurar a partir de aspectos morais. Os romancistas precisavam ter a consciência que a sua produção teria o poder de influenciar o comportamento dos seus leitores. Não por acaso, existia uma classificação entre as leituras convenientes aos valores familiares e aquelas consideradas amorais, portanto, impróprias para o consumo especialmente do público leitor feminino que seria facilmente influenciável.

O conjunto ficcional de Clodoaldo Freitas enquadra-se nessa concepção pedagógica ao inculcar valores e atitudes morais a partir das narrativas e das conseqüências que seus personagens sofriam quando assumiam seguir um caminho fora dos padrões morais. Essa narrativa com um sentido educativo pode ser vista nos romances *Memórias de um velho* e *Coisas da Vida*, mas com maior força em relação às personagens femininas quando se comparado aos personagens masculinos. No desenrolar do enredo, o autor acaba condenando as personagens mulheres (a exemplo de Josefina, Camila e Rosina) que preferiram satisfazer os seus desejos sexuais ao invés de silenciar sobre os seus desejos para resguardarem a sua honra. Elas amaram e foram amadas mas, ao vivenciarem suas paixões fora dos preceitos morais, especialmente do casamento, elas sofrem uma punição moral dentro do enredo aos olhos do leitor. São abandonadas, caem no vício do álcool, enlouquecem ou sofrem uma morte violenta. Todos estes desfechos são artifícios narrativos usados pelo autor para tentar apresentar como corretas as formas de pensamento e comportamentos dentro de princípios morais que Freitas considerava moralmente aceitáveis. Essa preocupação com a narrativa dos romances-folhetins oferece

a dimensão que ponto de vista discursivo, a literatura se sentia na obrigação de ser mais moral do que a própria sociedade para quem o autor estava direcionado o seu texto.

A literatura possui uma ligação profunda e inegável com a fantasia, no entanto, a literatura também deve ser analisada considerando toda a subjetividade do seu autor – seus sentimentos, seus valores, sua personalidade – que está inerente em sua escrita. O discurso literário capta o mundo real à medida que pode ser encarado como um reflexo da sociedade, trazendo à cena todos os seus valores, mas também os seus vícios morais. Portanto, quando um autor elege um determinado tema para ser inserido em sua narrativa, não há apenas uma menção sobre o autor, mas igualmente de todo o público leitor.

Partindo dessa perspectiva, o aspecto do abjeto na literatura de Clodoaldo Freitas foi eleito como tema a ser desenvolvido. Em tramas específicas, o autor explora aspectos que ultrapassam os limites do que era considerado normal. Fundamentado no Realismo, Freitas aproximou-se de uma forma de fazer literatura que priorizava a descrição e análise de tipos sociais, fazia menção aos discursos científicos correntes na época e destacou as falhas morais dos seus personagens que praticam uma subversão de valores ao se exporem em casos de adultério, incesto e necrofilia. Para adentrar nesse mundo das chamadas perversões sexuais, lancei análise sobre *A Besta Humana*, *As Taras* e *Os Burgos*.

As chamadas perversões sexuais são designadas como formas de sexualidade que não estavam relacionadas ao sentido da reprodução humana. Com base nesse preceito, discursos religiosos, médicos e jurídicos elaboraram e disseminaram códigos que regiam as práticas sexuais desejáveis tendo como fim a legitimação e a preservação das relações matrimoniais. Estes discursos culminaram em subseqüentes tentativas de normatização da experiência sexual, num esforço de disciplinar e controlar os corpos. Nessa perspectiva, conceitos como monogamia, heterossexualidade, obrigações conjugais com fins reprodutivos, controle dos tipos de atos sexuais a partir da interdição de carícias inúteis à procriação eram constantemente reproduzidos em uma tentativa de controlar a sexualidade dos sujeitos.

Ao explorar as relações incestuosas entre irmãos em suas narrativas, Clodoaldo Freitas assume duas posturas: uma ficção com foco na observação clínica e outra narrativa que explica a fatídica relação motivada por razões sentimentais. Em *As Taras* há o discurso científico atravessa vários pontos do conto. Apontando o quanto as perversões sexuais do personagem Feitosa eram tributárias de uma herança familiar que sempre teve o crime em sua natureza. Em *Os Burgos* prevalece uma narrativa que prioriza o amor romântico, puro e desvinculado de qualquer interesse financeiro, mas impedido de ser

vivenciado por rígidas regras sociais. Em ambas as narrativas, Clodoaldo Freitas apresenta seus personagens como vítimas das situações, sejam elas por razões patológicas, sejam por questões que ultrapassam as razões da consciência humana.

Por fim, em *A Besta Humana* mais uma vez as relações sexuais que não eram enquadradas dentro do casamento e seguiam os fins reprodutivos eram exemplarmente punidas. Ao ser rejeitado repetidas vezes por Etelvina, Bernardino comete uma atrocidade. Mata a amada para em seguida copular com o seu cadáver. A necrofilia é apresentada como comportamento desviante, à medida que esse ato sexual não possui fins reprodutivos. Em uma perspectiva psicanalítica, essa forma de perversão é designada como um conjunto de comportamento psicosssexual no qual o orgasmo é obtido a partir de objetos sexuais que fogem à normalidade social. O conto *A Besta Humana* se une a outras narrativas ficcionais de Clodoaldo Freitas que se esforçam em estabelecer um discurso moral, no qual o desejo sexual somente poderia ser contemplado dentro do casamento. Nessa perspectiva, quando as relações sexuais eram materializadas fora do matrimônio e fora dos preceitos morais, os personagens eram penalizados. A punição teria na narrativa ficcional um sentido prescritivo: mostrar aos seus leitores, principalmente às mulheres, o que não poderia ser feito dentro de um relacionamento sob pena de decair moralmente.

Ao elaborar esta tese busquei estabelecer no decorrer dos seus capítulos a presença de uma ideia que me é muito cara como historiadora, na qual toda escrita está em profunda harmonia com o seu meio ao se articular com seu lugar de produção socioeconômico, político e cultural. A escrita está ligada ao seu autor de maneira visceral, portanto, o escritor registra em suas linhas aspectos relacionados à sua formação, à sua concepção política e filosófica, ou seja, à sua forma de ver o mundo. É improvável não encontrar nessa escrita os indícios da intencionalidade Clodoaldo Freitas, uma vez que ao escrever ele dialoga com o seu meio social e espera, mesmo que inconscientemente, que haja uma resposta para seu ato criativo. Essa resposta pode ser materializada a partir do ingresso daquele texto escrito e de seu autor em um campo literário: quando a obra circula, quando ela é consumida por um grupo de leitores, quando recebe uma crítica, elogiosa ou não, por outros pares intelectuais, e até mesmo quando obra/autor são de certa maneira sacralizados, são inseridos em um cânone literário que delimita aquilo que seria ou não literatura.

Assim como a tríade autor/obra/leitor pode ainda apresentar um potencial analítico para os historiadores, existe outro aspecto que merece similar atenção: a obra literária lida

a partir de um olhar psicanalítico. Essa postura metodológica oferece aos historiadores a possibilidade de apreender experiências sociais a partir da ficção. Respeitando as articulações próprias do romance ficcional com a arte, o historiador consegue vislumbrar valores culturais, preceitos morais, influências religiosas, pensamentos políticos e demais aspectos da mentalidade individual do autor. Especificamente neste estudo, o desejo foi observado enquanto uma possibilidade de compreender o quanto o autor fala de sexualidade dentro de sua escrita literária. As narrativas, imbricadas às fantasias do autor, falam de formas inconscientes do desejo, sejam elas tidas como normalizadas ou não.

Clodoaldo Freitas compôs seu conjunto ficcional para uma sociedade que pouco falava sobre o prazer sexual, motivada por padrões morais e religiosos existentes. Contudo, ao explorar a erotização em sua literatura o autor deixa refletir em sua escrita não apenas seus prazeres inconscientes, mas também aquilo que o meio social apreendia acerca do amor, do sexo e da interdição do desejo.

## REFERÊNCIAS

### 1 INSTITUIÇÕES DE PESQUISA

ARQUIVO PÚBLICO CASA ANÍSIO BRITO

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA DA BIBLIOTECA NACIONAL

BIBLIOTECA PÚBLICA BENEDITO LEITE – ACERVO DIGITAL

COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO – ACERVO DIGITAL

### 1.1 FONTES

#### 1.1.1 Veículos de imprensa

*Jornal do Recife* (Recife-PE)

*Jornal Pequeno* (Recife-PE)

*Pacotilha* (São Luís-MA)

*Diário de São Luís* (São Luís-MA)

*O Imparcial* (São Luís-MA)

*Folha do Povo* (São Luís-MA)

*O Jornal* (São Luís-MA)

*Pátria* (Teresina-PI)

*Jornal de Notícias* (Teresina-PI)

*Litericultura* (Teresina-PI)

*Revista da Academia Piauiense de Letras* (Teresina-PI)

#### 1.1.2 Romance-folhetins

*A Predestinação* (1903)

*A Besta Humana* (1908)

*Memórias de um velho* (1905-1906)

*Coisas da vida* (1908-1909)

*A beata* (1909)

*O palácio das lágrimas* (1910)

*Os Barretos* (1912)

*As Taras* (1912)

*Os Burgos* (1912)

*Os Primos* (1917)

## REFERÊNCIAS

ABREU JUNIOR, José Maria; MIRANDA, Aristóteles G. Camilo Salgado e suas três faculdades de medicina. *Revista Pan-Amaz Saúde*, v.5, n.4, 2014.

ABREU, Regina. *A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Lapa/Rocco, 1996.

ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS. *Os fundadores*. 2 ed. Teresina: Piauí, 2018.

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *Instrução pública no Brasil (1500-1889)*. 2 ed. São Paulo: EDUSC, 2000.

ARAÚJO, Adriana Gama de. *Em nome da cidade vencida: a São Luís republicana em José do Nascimento Moraes (1889 a 1920)*. Dissertação. Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2011. 134f.

ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André. (Orgs.). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

AVELINO, Jarbas Gomes Machado. *A Escrita dos Bacharéis: a Ciência e o Direito como mediadores para a construção de uma sociedade republicana*. Dissertação Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2010. 193f.

BADINTER, Elisabeth. *As Paixões Intelectuais: desejo de glória (1735-1751)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v.1.

BADINTER, Elisabeth. *As Paixões Intelectuais. Vontade de poder. (1762-1778)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. v.3.

BARRA, Sérgio Hamilton da Silva. A Impressão Régia do Rio de Janeiro e a Criação do Novo Império Português na América. *Revista História*, São Paulo, n.173, p.253-276, jul.-dez., 2015.

BARROS, Fransuel Lima de. *Teresina Moderna e Civilizada: as sociabilidades teresinenses sob o olhar dos cronistas (1900-1930)*. Teresina: Cancioneiro, 2021.

BATISTA, Zito. *Alcides Freitas*. Teresina: Imprensa Oficial, 1913.

- BATISTA, Zito. Alcides Freitas. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 19, n.15, 1939, p.142-158.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo Companhia das Letras, 1986.
- BETTELHEM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 40 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- BEVILÁCQUA, Clóvis. *História da Faculdade de Direito do Recife*. 3 ed. Recife: EDUFPE, 2012.
- BIRMAN, Joel. *Cartografias do Averso: escrita, ficção e estética de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- BOHLEBER, Werner. Recordação, trauma e memória coletiva: a luta pela recordação em psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v.41, n.1, p. 154-175. 2007.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BORGES, Rilton Ferreira. *Zola e as percepções do tempo: Naturalismo e História em Germinal*. São Paulo: Alameda, 2018.
- BORRALHO, José Henrique de Paula. *Terra e céu de nostalgia: tradição e identidade em São Luís do Maranhão*. São Luís: n.d, 2000.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1965.
- BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. *As Escolas Históricas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. 11 ed. Campinas: Papyrus, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre o Estado: Cursos no Collège de France (1989-1992)*. São Paulo: Cia das Letras, 2014.
- BRAGA, Flávia Bruna Ribeiro da Silva. *“Ditadura”, Abolição e República: A propaganda da geração positivista em Pernambuco (1857-1889)* Dissertação. Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2017.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma História Social da Mídia: de Gutenberg à Internet*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BRANDÃO, Tânia Maria Pires. *A Elite Colonial Piauiense: Família e Poder*. 2 ed. Recife: EDUFPE, 2012.

BRITO, Nercinda. *O Experienciar da Morte: comportamentos frente à finitude em Teresina de 1900 a 1930*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012. f.21.

BULST, Neitnhard. Sobre o Objeto e o Método da Prosopografia. *Politeia: História e Sociedade*. Vitória da Conquista, v.5, n.1, p.47-67, 2005.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales 1929-1989: a revolução francesa da historiografia*. 3 ed. São Paulo: UNESP, 1991.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda; GOMES, Álvaro Cardoso; GODOY, Marília Gomes Ghizzi. O incesto na Literatura e na História. *Revista Humanidades*, Fortaleza, v.31, n.1, jan./jun. 2016. p.252-272.

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

CARDOSO, Elizângela Barbosa. *Múltiplas e Singulares*. História e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930-1970). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 2003.

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial/ Teatro das sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres Plurais: a condição feminina em Teresina na Primeira República*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Masculinidades Plurais: a construção das identidades de gênero em obras literárias. *História UNISINOS*. São Leopoldo, v. 9, n. 2, maio/ago, 2005.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *História e Masculinidades: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas do início do século XX*. Teresina: EDUFPI, 2008.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho; CARDOSO, Elisangela Barbosa. Homens de Deus: sacerdócio católico e masculinidades no Piauí no século XIX. *Outros Tempos*, São Luís, v. 17, n. 29, p.240.-259.

CATANI, Afrânio Mendes... [et al.]. (Orgs.). *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2005.  
v. 1.

CERTEAU, Michel de. *A Cultura no Plural*. Campinas: Papirus, 1995.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

CERTEAU, Michel de. *História e Psicanálise: entre ciência e ficção*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

CIARLINI, Daniel Castelo Branco. *Literatura, Imprensa e Vida Literária em Parnaíba*. Parnaíba: SIEART, 2016.

CIARLINI, Daniel Castelo Branco. *Imprensa e Literatura Piauiense na República Velha: gênese de um campo e circuitos literários*. (Tese) Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019.

CHARTIER, Roger. Uma trajetória intelectual: livros, leituras, literaturas. In: ROCHA, João Cezar de Castro. (Org.). *Roger Chartier: a força das representações: história e ficção*. Chapecó: Argos, 2011. p. 21-61.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 2002.

CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: UNESP, 2014.

CHAVES, Joaquim (Mons.). *Obra Completa*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2007.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Orgs.). *História da Virilidade: A virilidade em crise? Século XX-XXI*. Petrópolis: Vozes, 2012. v. 3.

COSTA FILHO, Alcebíades. *A Escola do Sertão: ensino e sociedade no Piauí, 1950-1899*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006.

COSTA FILHO, Alcebíades. *A Geração de Crispim: um estudo sobre a constituição histórica da piauiensidade*. Tese. Doutorado em História Social. Universidade Federal Fluminense, 2010.

COSTA, Carlos. *A revista no Brasil do século XIX. A história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

- COSTA, Jurandir Freire. *História da Psiquiatria no Brasil*. São Paulo: Garamond, 2007.
- COSTA, Mara Lúcia Fernandes. *A Escrita e o Desejo: as relações de gênero na produção literária de Clodoaldo Freitas*. Dissertação. 2010. Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina. 2010.
- COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- CUNHA, Higino. Clodoaldo Freitas (sua vida e sua obra). *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, n. 8, p. 28-54, dez 1924.
- CUNHA, Higino. *Memórias: traços autobiográficos*. Teresina: Imprensa Oficial, 1939.
- DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.
- DEL PRIORE, Mary. *A mulher na história do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Contexto. 1989.
- DEL PRIORE, Mary. (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.
- D'INCAO, Maria Ângela. (Org.). *Amor e Família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989.
- DOSSE, François. A biografia à prova da identidade narrativa. *Escritas do Tempo*. Marabá (PA), v.2, n.4, mar./jun. 2020. p. 7-36.
- EL FAR, Alessandra. Ao gosto do povo: as edições baratíssimas de finais do século XIX. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: UNESP, 2010. p.89-99.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma perspectiva de comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- ENGEL, Magali G. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica*. Perspectiva: São Paulo, 1978.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 19 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009. v.1.
- FREITAS, Clodoaldo. A beata. *Diário do Maranhão*, São Luís, ano 40, 18 a 24 ago. 1909.
- FREITAS, Clodoaldo. Coisas da vida. *Diário do Maranhão*, São Luís, ano 39, 16 dez 1908 a 23 jan. 1909.

FREITAS, Clodoaldo. Memórias de um velho. *Pátria*, Teresina, 30 nov. 1905 a 9 fev. 1906.

FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses: apontamentos biográficos*. 2 ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

FREITAS, Clodoaldo. *História de Teresina*. 2 ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. *Obra Completa*. Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade. Análise Fragmentária de uma Histeria (“O Caso Dora”) e Outros Textos. (1901-1905). São Paulo: Companhia das Letras, 2016. v. 6.

FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu e outros trabalhos*. [s.n: s.d], 1913. v.13.

GAY, Peter. *A educação dos sentidos: a experiência burguesa da rainha Vitória à Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. v.1.

GAY, Peter. *O cultivo do ódio: a experiência burguesa da Rainha Vitoria a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. v. 3.

GAY, Peter. *O século de Schnitzler: a formação da cultura da classe média. 1815-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GAY, Peter. *Represálias Selvagens: Realidade e Ficção na Literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GAY, Peter. *FREUD: uma vida para nosso tempo*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, erotismo e amor nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *História e gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Antologia da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: [s.n.], 2007.

GOUVEIA NETO, João Costa. *Ao som de pianos, flautas e rabecas... Estudo das vivências musicais das elites na São Luís da segunda metade do século XIX*. Dissertação. Centro de Ciências Humanas e Letras. Programa de Pós-graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. 2 ed. Petrópolis: Vozes. 2017.

HOBBSBAWN, Eric. *A era dos impérios*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

- IMPÉRIO DO BRASIL. Constituição Política do Império do Brasil. Brasília: Planalto do Governo. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao24.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm). Acesso em 09 mar. 2020.
- JONES, Ernest. *A Vida e a Obra de Sigmund Freud. A maturidade (1901-1919)*. Rio de Janeiro: Imago, 1989. v. 2.
- JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da Psicanálise de Freud à Lacan. As bases conceituais*. 6 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. v.1.
- JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da Psicanálise de Freud à Lacan. A clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. v.2.
- KELL, Maria Rita. *Deslocamentos do Feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertand Lefebvre. *Vocabulário da Psicanálise*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto*. 4 ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5 ed. Campinas: UNICAMP, 2003.
- LEITE NETO, Leonardo. *Catálogo biográfico dos senadores brasileiros: de 1826 a 1986*. Brasília: Senado Federal, 1986.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, História e Educação. Construção e desconstrução. Educação e Realidade*, Porto Alegre, jul./dez. 1995.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MACFARLANE, Alan. *A cultura do capitalismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Literatura piauiense: horizontes de leitura e crítica literária. (1900-1930)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.
- MARTINS, Elias. *Fitas*. Teresina: Tipografia do Jornal de Notícias, 1920.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. *Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades*. In: SOHIET, Rachel; MATOS, Maria Izilda Santos de. SAMARA, Eni Mesquita (Org.). *Gênero em debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUSC, 1997.

- MENDONÇA, Simone Cristina. *Letras e Livros em Belém (1822-1850)*. São Paulo: Scortecci, 2016.
- MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: Uma História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MEZAN, Renato. *Freud: A Conquista do Proibido*. 3 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- MEZAN, Renato. Freud e a psicanálise: “um trabalho de civilização”. In: ALMEIDA, Jorge de; BADER, Wolfgang (Orgs.). *O pensamento alemão no século XX: grandes protagonistas e recepção no Brasil*. São Paulo: Cosac Naify, 2009. v. 1. p. 39-65.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MOURA, Iara Guerra de Miranda. *Historiografia Piauiense: relações entre escrita histórica e instituições político-culturais*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2015.
- NAKASU, Maria Vilela Pinto. *Sublimação, Pulsão de Morte, Superego: O Papel das Teses Freudianas Sobre a Cultura na Elaboração das Concepções Metapsicológicas*. Tese. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009. 262 f.
- NUNES, Odilon. *Pesquisas para a História do Piauí. A independência do Brasil, especialmente no Piauí. Manifestações republicanas. A ordem*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2007. v.2.
- OLIVEIRA, Camila de Macêdo Nogueira e Martins. *As Representações Femininas na Literatura de Clodoaldo Freitas*. Programa de Pós-Graduação em História. Dissertação. Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2019. 207f.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas Literaturas: Escolha e Valor na Obra Crítica de Escritores Modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PESAVENTO, Sandra J. História e Literatura. Uma velha-nova história. *Nuevo Mundo, Mundo Nuevos*, n.6, 2006.
- PINHEIRO, Áurea da Paz. *As ciladas do inimigo: as tensões clericais e anticlericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.
- PINHEIRO, João. *Literatura Piauiense: esboço histórico*. 3 ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2014.
- PINHEIRO FILHO, Celso. *História da Imprensa no Piauí*. 3 ed. Teresina: Zodíaco, 2007.

- POE, Edgar Allan. *A Queda da Casa de Usher*. São Paulo: Melhoramentos, 2014.
- QUEIROZ, Eça de. *Os Maias*. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1888.
- QUEIROZ, Teresinha. *Do singular ao plural*. Recife: Bagaço. 2006.
- QUEIROZ, Teresinha. *História, Literatura, Sociabilidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.
- QUEIROZ, Teresinha. *Os Literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011.
- QUEIROZ, Teresinha. *Economia Piauiense: da Pecuária ao Extrativismo*. 3 ed. Teresina: EDUFPI, 2006.
- QUEIROZ, Teresinha. *Educação no Piauí (1880-1930) Imperatriz: Ética*, 2008.
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- RAGO, Margareth. (Org.). *Narrar o passado, repensar a História*. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2014.
- RÊGO, Ana Regina Barros Leal. *Imprensa Piauiense: atuação política no século XIX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.
- REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. A literatura e a narrativa histórica. In: XXIV Simpósio Nacional de História: História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos, 2007. *Anais...* São Leopoldo; UNISINOS, 2007. p. 7-8.
- REZENDE, Antônio Paulo. *(Des)Encantos Modernos: histórias das cidade do Recife na década de vinte*. Recife: EDUFPE, 2016.
- RIBEIRO, Luís Felipe. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária/ Fundação Biblioteca Nacional, 2008.
- ROUDINESCO, Élisabeth. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Zahaar, 2008.
- SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Fio Cruz, 2006.
- SÁ PINTO, Surama Conde. CASTRO, Tatiana de Souza. O Poder Judiciário na Primeira República: revisitando algumas questões. *Locus: Revista de História*. Juiz de Fora, v. 25, n.2, p. 37-58, 2019.
- SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. *Evolução Histórica da Economia Piauiense*. 2 ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2001.

- SANTOS, Cristian. *Devotos e Devassos: Representação dos padres e beatas na literatura anticlerical brasileira*. São Paulo: EDUSP, 2014.
- SCHWARTZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: Triste Visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, n 16, v 2, jul./ dez. 1990.
- SAFATLE, Vladimir. *O Circuito dos Afetos: Corpos Políticos, Desamparo e o Fim do Indivíduo*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, vol. 20, n.1, p.65-82, 2008.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura e trauma. *Pro-Posições*, Campinas (SP), vol. 13, n. 3, ano 39, set./dez.2002.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo. Sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SEVCENKO, Nicolau. (Org). *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3.
- SILVA, Augusto César Acioly Paz. *Maçonaria e República: confrontos, conflitos, tensões e atuação sociopolítica de maçons em Pernambuco nas Décadas de 1930 e 1940*. Tese. Programa de Pós-Graduação em História. Doutorado em História, Recife, 2013. 227f.
- SILVA, Hebe Cristina da. A Ascensão do Romance no Brasil – considerações acerca da presença do gênero em anúncios do *Jornal do Comércio*. In: ABREU, Márcia. (Org.) *Trajatória do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: FAPESP, 2008.
- SILVA, Ronyere Ferreira da. *O Teatro em Teresina: produções artísticas e tensões culturais (1890-1925)* 2017. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.
- SILVEIRA, Mona Ayala Saraiva da. O cotidiano das relações conjugais no Piauí Oitocentista por meio de processos judiciais. In: II Simpósio de História do Maranhão Oitocentista. Disputas Políticas e Práticas de Poder. *Anais...* Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, junho 2011.
- SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: SIRINELLI, Jean-François; RIOUX, Jean-Pierre. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René. (Org.). *Por uma história política*. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-269.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. *Moça Educada, Mulher Civilizada, Esposa Feliz: relações de gênero e história em José de Alencar*. Bauru: EDUSC, 2012.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. Representações Textuais da Masculinidade: O Celibato Clerical de Ex-Homem de José de Alencar. *Projeto História*, São Paulo, n.45, p.61-85, dez. 2012.

SOARES, Nildomar Silveira. (Org.). *Livro do Centenário da Academia Piauiense de Letras*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2017. p.96.

SOARES, Ubirathan Rogerio. *Os Processos de Divórcio Perpétuo nos séculos XVIII e XIX: entre o sistema de alianças e o regime de sexualidade*. Tese. Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006. 313f.

SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana. (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1989.

SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: VAINFAS, Ronaldo. CARDOSO, Ciro F. (Orgs.). *Domínio da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus. 1997.

SOUSA, Ana Cristina Meneses de. *Escrita de si, intelectualidade e distinção em A. Tito Filho*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2018.

SOUSA, Paulo Gutemberg de Carvalho. *História e Identidade: as narrativas de piauiensidade*. Teresina: EDUFPI, 2010.

SOUSA NETO, Marcelo de. *Entre Vaqueiros e Fidalgos: sociedade, política e educação no Piauí (1820-1850)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2013.

TINHORÃO, José Ramos. *Os Romances em Folhetins no Brasil: 1830 à atualidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1994.

TOBIAS, José Antônio. *História da Educação Brasileira*. 2 ed. São Paulo: Juriscred, 1979.

TODOROV, Tzevetan. *As Estruturas Narrativas*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

TORRES, Milton. *O Maranhão e o Piauí no espaço colonial*. São Luís: Instituto Geia, 2006.

VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro Flamarion. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. p. 127162.

VILHENA, Gustavo Henrique Ramos. *Os Fazedores de Cidade: uma história da mudança da capital no Piauí (1800-1852)*. Tese. Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2016. 273 f.

WILLIAMS Raymond. *O campo e a cidade na História e na Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WILLIAMS, Raymond. A fração *Bloomsbury*. *Plural-Sociologia USP*. São Paulo, n. 06, 1999.

WOLKMER, Antonio Carlos. A magistratura brasileira no século XIX. *Sequência: Estudos Jurídicos e Políticos*, UFSC. Florianópolis, v.18, n. 35, p. 24-30, 1997.